

DM
ALEIXO

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA
APLICADA

TESE DE DISSERTAÇÃO PARA O MESTRADO EM
PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

AS IDENTIFICAÇÕES NA LATÊNCIA:

AS RELAÇÕES DE/COM OBJECTO(S)

- O MÉTODO C.A.T. -

ORIENTADOR: Prof. Dra. Maria Emília Marques

Teresa A. M. Pinto M. Aleixo

Janeiro/1999



Centro de Documentação do I.S.P.A.
Telf. 361 17 00

Reg. 11760

Descritores

Imagens parentais

Período de Latência

Método CAT

Identificação Confusão

Parentalidade

Ao meu filho André

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Emília Marques. O seu saber posto no ensino, sempre estimulante e de rigor, e a sua amizade, fizeram com que este trabalho ganhasse forma e (trans)formaram o meu pensar sobre a Psicologia Clínica.

À Dra. Maria José Vidigal, com quem tenho tido o privilégio de aprender a *olhar*, de uma outra forma, para as crianças.

À Dra. Maria Ercília, pelo cuidado que colocou na revisão do texto e sobretudo, pela sua amizade.

Às crianças que alegremente participaram neste trabalho e sem as quais ele não teria sido possível.

Ao Pedro, por TUDO.

A todos, o meu muito obrigado.

ÍNDICE

Introdução	8
1. Sobre as Identificações	
1.1. A Identificação: do sujeito. Entre o Édipo e o super-ego	13
1.2. Da Identificação à Identificação Projectiva: do sujeito ao objecto. Do pénis ao seio	23
1.3. Identificação e Desenvolvimento: do sujeito com o objecto. Da dependência à independência	35
1.4. Entre as Identificações: entre o ser e o realizar	46
1.5. Das Identificações na latência	55
2. Objectivos	70
3. Amostra	74
3.1 Caracterização	74
3.2 Recolha	76
4. Instrumento	77
5. Procedimentos	85

6. Análise dos Protocolos

6.1. Relação com a figura materna, paterna e casal parental nas Raparigas	91
6.2. Relação com a figura materna, paterna e casal parental nos Rapazes	123
6.3. Função materna, paterna e parental nas Raparigas	154
6.4. Função materna, paterna e parental nos Rapazes	163

7. Discussão e Interpretação dos Protocolos

7.1. Relação com a figura materna, paterna e casal parental nas Raparigas	172
7.2. Relação com a figura materna, paterna e casal parental nos Rapazes	178
7.3. Evolução da função nas raparigas	182
7.4. Evolução da função nos rapazes	185
7.5. Síntese	188

Conclusões	192
------------------	-----

Referências Bibliográficas	202
----------------------------------	-----

Anexo I - Índice de Graffard	209
------------------------------------	-----

Anexo II - Protocolos C. A. T.	Volume II
-------------------------------------	-----------

RESUMO

O objectivo deste trabalho é estudar a natureza dos *processos de transformação das imagos parentais na latência* e os reajustamentos psíquicos daí decorrentes, na constituição e construção do *ser* em desenvolvimento.

A percepção das *imagos parentais* é apreendida a partir dos dados obtidos pela administração da prova projectiva C.A.T. a 30 crianças "normativas", das quais 15 são rapazes e 15 são raparigas, com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos.

O nosso estudo mostra que o processo de *construção da expansão e autonomia* - processo que caracteriza a latência -, se desenvolve em estreita ligação com os objectos parentais, objectos que, no decurso da latência, se (des)mitificam e (des)mistificam, isto é, se humanizam e interiorizam com novas qualidades e atributos, encontrando-se a expressão deste processo diferente nos dois grupos.

Os resultados mostram também que, no decorrer da transformação da relação com os objectos parentais, nunca se vivenciam sentimentos de perda (do amor

dos pais) mas antes, *evolução relacional*. É esta evolução que firma e alarga as vias para as relações com objectos extra-familiares, o que implica conciliar e integrar as diferenças de sexo e de geração, conciliando e integrando ainda os modelos do passado nos modelos do presente.

Foi, assim, possível concluir que estes diversos movimentos - movimentos que se interpenetram, imbricam, conjugam, unem e integram uns nos outros -, só foram possíveis de realizar devido a previamente se ter estabelecido uma activa e consistente *vinculação com os pais*, vinculação que abriu as vias ao desenvolvimento de processos diversos e complexos, processos que culminaram na formação e firmação, no final da latência, de uma *relação de cooperação*.

INTRODUÇÃO

A ligação inter-humana, fundada na vinculação, no amor, no desejo, na compreensão, mas também no ódio e na oposição, constitui a essência da condição humana. Essência que a psicanálise procurou reflectir, com uma inscrição inicial nos modelos pulsionais, em Freud, e que, com a formulação da sua segunda tópica, e a crescente importância dada ao mecanismo *identificação*, concede particular relevo à dimensão relacional como fundamento de todos os processos psíquicos.

Esta dimensão impôs-se claramente no decurso da evolução histórica da psicanálise. Os trabalhos de Klein sobre a «*identificação projectiva*», e respectivos desenvolvimentos, realizados por Bion, transformaram-na no mecanismo fundamental para o aparecimento e desenvolvimento do psiquismo, dado estar na base da comunicação humana, que começa logo na comunicação mãe-bébé. Estes autores, bem como Winnicott, Mahler, Bick e Meltzer, entre os principais, e a importância que todos atribuíram à relação mãe-bébé, ou melhor, à *inter-relação*, conduziram, a partir de vértices muito diversos, a psicanálise para uma centração na problemática da

relação. Relação do sujeito com o objecto, relação entre sujeito e objecto mas, também, de objecto a sujeito.

É a interiorização do objecto e da relação *ao* (*com o*) objecto, no decurso das primeiras fases do desenvolvimento, que tem um papel organizador do psiquismo. As relações de objecto são, assim, simultaneamente, os conteúdos do aparelho psíquico e os seus elementos organizadores. Com a interiorização crescente de objectos, o mundo interno torna-se um espaço de vida, realização e criação, onde os vários objectos, com funções muito diversas, comunicam, têm e criam relações e significações.

Porque os primeiros objectos são as pessoas significativas, designadamente os pais, é a forma como o sujeito os capta, assimila e constrói no seu interior que se torna fundamental para a sua organização, modelando a actividade do sujeito. "Constrói", porque se trata de uma "representação", isto é, uma outra apresentação, mítica e fantasmática, dos objectos reais. Esta representação designa-se por *imago*. Dada a sua natureza - representação mítica e fantasmática das pessoas significativas do mundo da criança, em particular os pais, e que perdura mais ou menos pela vida fora -, a *imago* vai constituir um dos alicerces sobre o qual se vai construir e reconstruir todo o psiquismo humano. Construir e reconstruir na infância, e depois, de igual modo, também na adolescência. Entre um período do desenvolvimento e outro, a latência.

A latência, como período do desenvolvimento, que, tal como classicamente é referido, decorre entre o declínio do conflito edipiano e o início da puberdade, foi caracterizada pelo estado de amainamento/adormecimento dos conteúdos de natureza sexual e dos conflitos que lhe estão ligados.

E se, em Freud, e depois dele, a latência é considerada um período calmo, de repouso - porque desprovido de acontecimentos significativos -, mais recentemente, há autores que consideram a latência como um período de expansão e de autonomia para novos objectos e novos objectivos. A latência é, então, tempo para o alargamento do mundo inteligível e do mundo afectivo (C. Matos, 1993). E, por isso mesmo, há, necessariamente, reajustamentos/transformações dos conteúdos psíquicos. E, entre estes, encontram-se os conteúdos que, na primeira infância, foram os organizadores do psiquismo: as *imagos* parentais. Mas, será que estas também se transformam? E como ocorrerá este processo? E, se as *imagos* se transformam, que implicações terão estas transformações no psiquismo?

Porque não sabemos como ocorrem todos estes processos de reajustamentos/transformações, e porque nos parece que são processos que se intersectam, inter-relacionam e, portanto, se influenciam mutuamente, desenvolvemos um estudo em que procuramos explicitar a natureza da transformação das *imagos* parentais no decurso da latência e como é que esta transformação se liga com o processo de autonomização e de expansão.

Com o objectivo de aprofundarmos os diversos processos enunciados, procedemos, no primeiro capítulo, a uma revisão teórica sobre os percursos da identificação desde a infância mais precoce até à latência, tal como aparecem estudados e descritos na literatura.

Assim, na primeira parte, centrámo-nos nos desenvolvimentos da noção de identificação em Freud, desenvolvimentos que vão a par da "pedra angular" da sua teoria: o Édipo, a sexualidade infantil e o modelo pulsional.

Na segunda parte, tentámos acompanhar os desenvolvimentos da noção de identificação que, com a introdução da noção «*identificação projectiva*», por M. Klein, se aprofundaram. Estes desenvolvimentos deslocam a centração no Édipo e no pénis (fálico), para a centração no seio e na incorporação.

Na terceira parte, abordámos o alargamento desta última explicitação para a relação seio/mãe/bébé. Nesta perspectiva, percorremos os caminhos de um espaço determinado: o «*espaço transitivo*». E porque este é o espaço do «*objecto transitivo*», passámos a seguir outros percursos: o percurso que vai do «*objecto subjectivo*» ao «*objecto objectivamente percebido*». E continuámos noutro percurso: o que vai da «*simbiose*» ao «*processo de separação-individualização*». Nestes percursos, e para que eles ocorram, mostrámos a importância fulcral de um objecto: a mãe.

A centração na relação entre este objecto, a mãe, e o bebé - relação que Bion formula através da relação dinâmica «*continente-conteúdo*» -, irá ser desenvolvida na quarta parte. No seio desta relação, mostrámos a necessidade de identificação à função continente da mãe; mostrámos a importância da identificação projectiva na comunicação humana; mostrámos, ainda, outra identificação: a «*identificação adesiva*».

Finalmente, a quinta parte procura revelar os percursos da identificação na latência, percursos marcados pela descoberta de novos objectos - os objectos extra-familiares -, e novos objectivos - a curiosidade, o(s) saber(es) e a socialização.

No sentido de discutirmos os diversos processos que nos propusemos

estudar, concebemos e realizámos, a seguir, um estudo com uma população normativa. Como instrumento de pesquisa utilizámos o C.A.T., dada a sua especificidade: é um instrumento privilegiado na abordagem da representação da relação com o materno, o paterno e o fraterno, nas suas funções fundamentais - do continente à rivalidade; da cena primitiva à ternura -, permitindo também situar a criança nos diversos processos de maturação.

1. SOBRE AS IDENTIFICAÇÕES

1.1. A IDENTIFICAÇÃO: DO SUJEITO. ENTRE O ÉDIPO E O SUPER-EGO

O conceito de identificação assumiu, decisivamente, na obra de Freud, um valor central com a segunda tópica, em que as instâncias psíquicas são especificadas pelas identificações de que derivam. No entanto, Freud utilizou o conceito de identificação muito precocemente, principalmente a propósito dos sintomas histéricos, no "caso Dora", descrito em *Fragmentos de uma Análise de um Caso de Histeria* (1895/1969), e ainda em *Interpretação dos Sonhos* (1900/1969), onde refere que a identificação não é uma simples imitação, mas antes, uma apropriação.

O facto de ser uma apropriação, e não uma imitação passiva, apropriação comandada por uma lógica do *ser como*, em que o próprio é o outro, e em que um é igual a dois, mostra a parte activa da identificação, cujos mecanismos postos em jogo são, na sua quase totalidade, inconscientes.

Mais tarde, em *Sobre o Narcisismo: uma introdução*, Freud (1914/1969), definindo o narcisismo como um investimento libidinal original do Ego, esboça a dialéctica que liga a escolha narcísica de objecto - o objecto é escolhido segundo o modelo da própria pessoa, - à identificação - o indivíduo, ou qualquer das suas instâncias, é constituído segundo o modelo das suas instâncias anteriores, os pais e outras pessoas do seu meio. Em *Luto e Melancolia* (1917/1969), Freud mostra a importância da identificação na génese da melancolia, em que o indivíduo deseja incorporar em si o objecto perdido e, porque regride à relação de objecto característico da fase oral, quer fazê-lo devorando o objecto. Como resultado desta fantasia de devoração, acaba por sentir que tem o objecto concretamente dentro de si, e que o objecto existe não apenas no mundo externo, mas também no interno. Isto significa que, de alguma forma, ele acabou por se vivenciar "como" sendo o objecto. Preocupado com o mundo dentro de si, criado pela identificação, o melancólico retira-se do mundo externo.

Com a elaboração da segunda teoria do aparelho psíquico, o enriquecimento e a importância da identificação consolidam-se, e, mais do que um mecanismo psicológico entre outros, Freud eleva a identificação a uma operação pela qual o indivíduo humano se constitui (Laplanche e Pontalis, 1967/1985).

Com efeito, em *O Ego e o Id*, Freud (1923/1969) precisa que as identificações decisivas para a consolidação do Ego e formação do Super-Ego - instância que reúne as funções de interdição e ideal -, derivam da introjecção dos pais no declínio do complexo de Édipo. Esta identificação é secundária, sendo precedida pela identificação primária. Esta

identificação primária é descrita por Freud (1921/1969), em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, como tendo uma grande importância desde o início da vida, sendo considerada como a mais precoce manifestação do laço afectivo com outra pessoa e como organizadora do cenário para o complexo de Édipo. «A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história do complexo de Édipo. Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer como ele, ser como ele e tomar o seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal. Este comportamento nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina em relação ao pai (ou aos indivíduos do sexo masculino em geral); pelo contrário, é tipicamente masculina. Combina muito bem com o complexo de Édipo, cujo terreno ajuda a preparar. Ao mesmo tempo, ou pouco depois, o menino começa a desenvolver um investimento de objecto verdadeiro em relação à mãe, de acordo com o tipo (anaclítico) de ligação. Apresenta, então, dois laços psicologicamente distintos: um investimento de objecto sexual directamente para com a mãe e uma identificação com o pai, que toma como modelo» (op. cit., p. 115).

De facto, como explicitou Freud, embora querendo ser como o pai, anteriormente investiu anacliticamente a mãe, com a qual também se identifica. Refere, assim, que a identificação primária é anterior (quando muito contemporânea) à escolha objectal. Trata-se, pois, na realidade, de dois processos psíquicos diferentes: o pai é o que o rapaz quer ser (identificação); a mãe quem ele queria ter (investimento objectal e relação de objecto). É a dialéctica entre o *ter* (desejo mais primitivo) e o *ser* (desejo mais evoluído). Estes dois processos - identificação e investimento do objecto -

quando relacionados com os dois objectos parentais (pai e mãe), coexistem durante algum tempo sem grande interferência mútua, coexistem numa relação dita «angular» (A. M. Matos, 1993), em que o sujeito está no vértice de um ângulo do qual partem movimentos afectivos diferentes dirigidos ao pai e mãe, e não ainda triangular, no qual o sujeito se preocupa com a relação entre o pai e a mãe, para, em seguida, os conjugar, dando origem à conflitualidade do complexo de Édipo. Esta conflitualidade evolui de forma diferente consoante se trate de um menino ou de uma menina.

No menino, ao mesmo tempo que descobre que há seres com pénis e outros não - diferenciação sexual -, surge atracção pela mãe e uma certa hostilidade para com o pai. Mas há o receio de que o pai se vingue, exerça represálias, tirando-lhe o pénis - angústia de castração. Porque tem também sentimentos ambivalentes (com hostilidade) em relação à mãe e sentimentos positivos para com o pai, identifica-se, então, a este, para poder seduzir a mãe, tarefa em que o pai foi bem sucedido. A identificação com o progenitor do mesmo sexo é o fenómeno mais significativo e construtivo da evolução edipiana.

A menina não tem «angústia de castração», mas «sentimentos de castração». A constatação de que existem seres com pénis e outros não, entre os quais ela, conduz ao sentimento de ser castrada, pelo que sente «inveja do pénis», inveja que se manifesta de diversas formas, tais como fantasias de crescimento de um pénis e adopção de propósitos masculinos. Porque a mãe, que é o primeiro objecto libidinal, faz parte dos seres que não têm pénis, é sentida como desvalorizada e ainda como rival junto do pai, por quem se sente cada vez mais atraída. A inveja do pénis é progressivamente substituída pelo desejo de ter um filho do pai, que é a reparação possível

da ausência de pénis. Perante a realidade, vai perdendo a esperança e reaproxima-se da mãe, identificando-se com certas atitudes e comportamentos seus, o que conduz à identificação feminina.

Assim, no rapaz aparece primeiro o conflito edipiano e, secundariamente, a angústia de castração, enquanto na rapariga aparece primeiro o sentimento de castração e depois o conflito edipiano. O declínio do complexo de Édipo é, então, marcado pela angústia de castração no rapaz e pelo medo de perder a mãe ou o amor da mãe, na rapariga.

Ora, se a identificação organiza o cenário para o complexo de Édipo, vimos que, para Freud, também é a causa da sua resolução. De facto, a resolução da conflitualidade do complexo de Édipo, a solução do "dilema" do Édipo, está na identificação da criança aos pais. Esta identificação vai exercer uma influência permanente no psiquismo da criança, agindo como uma espécie de «*genitor interno*» (Caper, 1988/1990), levando à instalação e consolidação do Super-Ego. De facto, em *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*, Freud (1933/1969) refere que a instalação do Super-Ego pode ser descrita como um exemplo bem sucedido de identificação com a instância parental. «*O Super-Ego, que assim assume o poder, a função e até mesmo os métodos da instância parental, é, porém, não simplesmente o seu sucessor, mas também, realmente, o seu legítimo herdeiro. Provém directamente dele, e verificamos agora por que processo*» (op. cit., p. 68). Mais à frente Freud explicita que, com o abandono do complexo de Édipo, a criança tem de renunciar aos intensos investimentos objectais que depositou nos pais, e é como compensação por essa perda de objectos que há uma tão forte intensificação das identificações com os pais,

identificações essas que já há muito tempo estavam presentes no seu Ego.

O Ego, o Super-Ego, o Id e as relações entre as diversas instâncias são, assim, constituídas por interiorização, no decurso do desenvolvimento, das relações com as pessoas significativas do meio, objectos do desejo, objectos de identificação. A dinâmica das relações entre objecto do desejo e objecto de identificação, que ordena o conflito edipiano, é estruturante da personalidade, já que, como vimos, o Super-Ego é o herdeiro do conflito edipiano.

E, se esta diferenciação de instâncias, a partir da interiorização de relações vividas, efectivamente confere um papel importante às experiências reais do desenvolvimento, à realidade dos objectos, Freud (1933/1969) precisa que a identificação constitutiva do Super-Ego não deve ser entendida como uma identificação com pessoas. *«Se os pais realmente impuseram a sua autoridade com severidade, facilmente podemos compreender que a criança desenvolva, em troca, um Super-Ego severo. Contrariando as nossas expectativas, porém, a experiência mostra que o Super-Ego pode adquirir essas mesmas características de severidade inflexível, ainda que a criança tenha sido educada de forma branda e afectuosa, e se tenham evitado, na medida do possível, ameaças e punições»* (op. cit., p. 68).

Freud considera, assim, a identificação, e o seu produto mais importante, o Super-Ego, como resultado da combinação das realidades interna e externa. Como explicita Caper (1988/1990), no âmago do pensamento de Freud sobre o psiquismo está uma dialéctica que varia entre a fantasia e a realidade externa: uma parte da realidade externa funde-se com uma fantasia

inconsciente para formar a realidade psíquica. A fantasia inconsciente deve ter a natureza da "realização do desejo", o que significa que deve ser um derivado, próximo ou distante, de uma pulsão pulsional. É essa dialéctica que produz uma realidade interna, que passa a ter vida e sentido psicológico próprios.

É por causa dessa dialéctica que o que é interiorizado e que, portanto, vai povoar o psiquismo, não são os objectos reais, nem reflexos mais ou menos deformados do real; são, antes, representações fantasmáticas das pessoas significativas do mundo da criança, em particular, os pais. São as *imagos*.

A noção *imago* foi introduzida por Jung (in V. Thibaudier, 1986) na psicanálise, definindo-a como uma representação antropomórfica oriunda do inconsciente pessoal do sujeito, e que, se bem que inserida no inconsciente colectivo - matriz de toda a representação psíquica -, é tecida a partir das percepções que a criança tem dos seus pais. Daqui resultam as descrições feitas por Jung das *imagos materna, paterna e fraterna*. E, tal como Freud se referiu à «instância parental», estas representações designam-se por *imagos parentais*. Tanto em Jung como em Freud, as *imagos* elaboram-se, assim, na infância, a partir da percepção dos pais reais, e, fundamentalmente, dos desejos e das projecções.

É a importância da projecção que é também sublinhada por Kohut (1978/1984), quando se refere à constituição da «*imago parental idealizada*», decorrente do narcisismo originário da criança. De facto, para Kohut, tal como para Freud, inicialmente a criança vive num estado de «narcisismo primário», que vai ser perturbado por faltas inevitáveis dos objectos com que se relaciona. Ora, a organização psíquica da criança lida

com estas perturbações criando novos sistemas de perfeição: a «*imago parental idealizada*», que decorre de um deslocamento da perfeição perdida (do próprio) para um «Self-Objecto», admirado e onipotente; ou então, estabelecendo uma imagem grandiosa e exibicionista do Self, o «Self grandioso». No decurso do período pré-edípiano e edípiano, a «*imago parental idealizada*» é perdida, conduzindo à formação do Super-Ego, o qual, devido à introjecção maciça das qualidades idealizadas do objecto, é considerado, por Kohut, como o veículo do Ideal do Ego. «*Poderemos dizer que durante o período pré-edípico ocorre normalmente uma perda gradual da imago parental idealizada e um concomitante acréscimo da estrutura reguladora dos instintos do Ego, enquanto que a perda maciça durante o período edípico contribui para a formação do Super-Ego. Cada falha detectada nos pais idealizados conduz a uma correspondente preservação interna da qualidade externamente perdida do objecto. (...) O facto de o genitor idealizado ser o portador da perfeição e da onnipotência originalmente narcísicas, tem importância agora para a onnipotência, a onisciência e a perfeição do Super-Ego*» (op. cit., p. 12/13).

Deste modo, para Kohut, a *imago* idealizada dos pais torna-se, em circunstâncias favoráveis, integrada na personalidade, como Ideal do Ego. Tal como Freud considerou em *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1933/1969), onde o Super-Ego surge como uma estrutura englobante que compreende as funções de auto-observação, consciência moral e ideal, Kohut considera também o Ideal do ego como um aspecto do Super-Ego que corresponde à introjecção das qualidades idealizadas do objecto, constituindo-se como um elemento importante na organização psíquica, conduzindo o indivíduo a objectivos ideais.

De referir, também, que para Lacan (in Bleichmar & Bleichmar, 1989/1992), o que conduz o indivíduo para objectivos ideais é o Ego Ideal. Este autor diferencia, assim, o Ideal do Ego do Ego Ideal. O Ego Ideal é uma *imago* antecipatória prévia, o que não somos mas queremos ser: um herói, um génio, uma personagem lendária, poderosa, perfeita, ou algo de semelhante. Como formação essencialmente narcísica, tem a sua origem na «fase do espelho» e pertence ao registo do imaginário - um dos três registos que, juntamente com o real e o simbólico, definem o sujeito. O Ideal do Ego, pelo contrário, surge da inclusão do sujeito no registo simbólico. A impossibilidade de se tornar um herói, um génio, ou outra versão do processo imaginário, leva o sujeito a aceitar fazer parte de uma cadeia, da qual é um elo, cujo papel é transmitir a lei: o homem entregará aos seus filhos o nome (e as normas) que, por seu turno, recebeu do seu pai, que as recebeu do seu próprio genitor, e assim sucessivamente.

Para Lacan (in A. Lemaire, 1977/1982), a fase do espelho, que decorre entre os seis e os dezoito meses, assinala a constituição do primeiro esboço do ego, sendo a matriz das identificações ulteriores. Com efeito, para Lacan, inicialmente haveria uma representação fantasmática do corpo, em que este aparece fragmentado - *imago* do corpo fragmentado -, só mais tarde se constituindo como unidade. Para esta constituição, salienta a importância do outro - outro pelo qual, desde o início, a criança tem um fascínio muito grande. Desta forma, a criança percebe na imagem do semelhante, ou na sua própria imagem especular, uma forma (*gestalt*) em que antecipa - daí o intenso júbilo face ao espelho - uma unidade corporal que objectivamente lhe falta. Esta unificação opera-se por identificação com essa imagem, indiciando

um caminhar progressivo para uma consciência de si como entidade. O estágio do espelho realiza, assim, a conquista da totalidade do corpo próprio, mas através de uma identificação narcísica com a imagem de si e dos outros.

Da identificação narcísica, na ordem imaginária, até à identificação simbólica, com a «*Lei do pai*», percorre-se o complexo de Édipo. Entre estes dois pontos, situa-se o momento em que a relação diádica com a mãe marca a criança, definindo a sua identificação com o outro, ou melhor, com o desejo do outro. De facto, *ser* o que anula a falta da mãe protege o sujeito de qualquer abandono, de qualquer separação da mãe. Mas essa identificação, por mais vantajosa que seja, necessita de ser superada. É o pai que, ao interpor-se entre a mãe e o filho, separa um do outro, produzindo uma falta, uma falta simbólica, portanto. É a *Lei do Pai*, lei da castração, que, ao inaugurar o desejo em torno do falo, vai inaugurar uma outra dialéctica: o desejo, em vez de se equacionar em torno do verbo *ser*, vai equacionar-se em torno do verbo *ter*. Está aberto o jogo de identificações, onde meninos e meninas vão tomar posições diferenciadas, segundo o seu sexo.

Assim, para Lacan, o complexo de Édipo desenvolve-se em três momentos. A fase do espelho constitui o primeiro momento, e, nesta fase, a criança identifica-se com uma *imago* antecipatória de si mesmo. Num segundo momento, fá-lo com o desejo da mãe. Finalmente, ao assumir a castração e ao compreender que nem o seu pai, nem ela, são o falo, que apenas o podem transmitir de geração em geração, ingressará na ordem simbólica, aceitará a lei. Este último momento consistiria no que, tradicionalmente, é designado como a dissolução do complexo de Édipo. Para Lacan, no entanto, os três estilos de identificação coexistem, misturando-se durante toda a vida.

1.2. DA IDENTIFICAÇÃO À IDENTIFICAÇÃO PROJECTIVA: DO SUJEITO AO OBJECTO. DO PÊNIS AO SEIO

O modelo de Freud sobre a formação do Super-Ego é, como vimos, correlativo do declínio do complexo de Édipo, cuja dinâmica passa pela transformação do investimento dos pais em identificação com os pais. Ora, esta relação entre a formação do Super-Ego e o complexo de Édipo, juntamente com o facto de a evolução da conflitualidade do complexo de Édipo masculina ser diferente da feminina - enquanto, no rapaz, o complexo de Édipo esbarra irrevogavelmente na ameaça da castração, na rapariga, pelo contrário, o complexo de castração, em vez de destruir o complexo de Édipo, prepara o seu aparecimento, o qual só é resolvido muito tarde e de forma incompleta -, vai repercutir-se no Super-Ego, cuja formação, e, principalmente, afirmação, será diferente entre os sexos. Com efeito, para Freud, o Super-Ego da rapariga não atinge o poder e independência que atinge o do rapaz. Como consequência deste modelo, Freud considerava que as mulheres, quando comparadas aos homens, tinham um sentido mais fraco de justiça e eram mais dependentes de outras pessoas. Mas, como refere Caper (1988/1990), embora Freud tivesse consciência da inadequação deste modelo para o complexo de Édipo,

quando o considerou a parte mais fraca da sua psicologia, não conseguiu melhorá-lo, talvez porque era fundado essencialmente na reconstrução dos dados decorrentes de análises de adultos.

Foram as investigações de M. Klein sobre o desenvolvimento psicológico das crianças pequenas que lhe permitiram ampliar, complementar, e, finalmente, reformular o modelo de Freud. Com efeito, para Klein, o complexo de Édipo inicia-se na primeira infância e passa por um desenvolvimento complexo que dura anos, antes de alcançar o zénite aos quatro anos - idade do complexo de Édipo clássico, descrito por Freud. *«O complexo de Édipo começa no primeiro ano de vida e desenvolve-se em linhas semelhantes em ambos os sexos. A relação com o seio da mãe é um dos factores essenciais que determinam todo o desenvolvimento emocional e sexual. Portanto, utilizo a relação com o seio como o meu ponto de partida na seguinte descrição sobre o início do complexo de Édipo em ambos os sexos»* (M. Klein, 1945/1992, p. 407/408).

Parte da relação com o seio porque, para Klein, este é o primeiro objecto de relação. Objecto que, como precisa B. Brusset (1988), é mais do que um objecto pulsional, é um parceiro objectal: muito mais que um objecto da pulsão oral, ele concede satisfações objectais que supõem as ligações à mãe na ordem de relação interpessoal, apesar da mãe só ser reconhecida e representada como uma pessoa mais tarde.

Porque o nascimento acarreta medo e ansiedade decorrentes da perda da segurança e calor do útero da mãe, o Ego - Klein (1946/1987) refere que, na altura do nascimento, já existe um Ego que, embora imaturo e desorganizado, impulsionado por instintos, já é capaz de usar mecanismos

de defesa e formar relações de objecto na fantasia e na realidade - vai projectar estes sentimentos no único objecto que conhece, o seio, que é também fonte de nutrição e da boa unidade pré-natal perdida com a mãe. Assim, para Klein, ocorre uma clivagem muito inicial, quando o objecto originário é dividido em bom e mau, de modo a que o Ego mantenha a pequena integridade que possui no momento. Daqui resulta uma intrincada relação de fantasias e ansiedades ligadas ao bom seio (aquele que gratifica) e ao mau seio (aquele que frustra), cujo equilíbrio relativo estimula, em ambos os sexos, o desejo de ter uma alternativa: o "seio bom" cria a expectativa de novos objectos; o "seio mau" é um estímulo para os procurar.

Com esta disposição, o bebé, menino ou menina, volta o seu desejo para novos objectos, começando pelo pai, que é visto, conforme o modelo do seio, como um objecto alternativo de gratificação oral, isto é, como algo semelhante a um bico de seio que pode sugar. O relacionamento com o pai é, ainda, de objecto parcial, numa posição receptiva - «*posição feminina*», comum a ambos os sexos - e constitui, para Klein, a concepção primária do bebé sobre o pénis. Porque a descoberta psicológica do pénis se mostra incapaz de trazer gratificação ilimitada, as atitudes conflituais em relação ao seio são transportadas para a nova relação. O bebé tem, agora, dois objectos idealizados e dois objectos perseguidores, pelo que aumenta a possibilidade de sucesso da clivagem - da qual depende a relativa estabilidade da posição esquizoparanóide -, necessária para assegurar a presença de um objecto idealmente bom (seio ou pénis), enquanto se evita um objecto muito mau (seio ou pénis), o que faz com que o bebé dirija o seu amor alternadamente, com a mesma probabilidade e a mesma facilidade, para um dos pais e depois para o outro.

Porque mesmo nesta fase inicial de objecto parcial, o bebé sente que os pais se relacionam, dependendo do predomínio dos sentimentos de amor ou ódio, de satisfação ou frustração, igualmente sente que ambos se combinam para produzirem coisas boas um para o outro e para ajudá-lo a enfrentar as frustrações e os impulsos destrutivos, ou sente que os pais estão a dar leite e todas as outras coisas boas um ao outro, privando-o delas com maldade. E, se os impulsos destrutivos predominam, sente que os pais se transformaram em dois objectos maus, que se atacam, envenenam e destroem mutuamente.

De referir que a criança tem outras fantasias, que se relacionam com o corpo da mãe, fantasias de que o corpo da mãe está cheio de coisas boas, tais como leite, alimento, fezes mágicas, bebés e o pénis do pai, que é imaginado como sendo incorporado pela mãe durante a relação sexual entre ambos, ou antes, porque na fase de objecto parcial, a fantasia é a de que os seus órgãos sexuais se encontram entrelaçados e em permanente relação sexual - «*casal parental combinado*» -, relação que a princípio a criança crê ser oral. Em fantasia, esse corpo e as suas riquezas são desejados, atacados e roubados, e às vezes os ataques destrutivos e invejosos são motivados mais por ódio do que por desejo. Há também fantasias de reparar e restaurar o corpo da mãe. «*Os ataques derivados de todas as outras fontes de sadismo logo são vinculados com esses ataques orais (fantasias de devorar e escavar o corpo da mãe), desenvolvendo-se duas linhas principais de fantasias sádicas. Uma delas – principalmente oral – sádica e vinculada à voracidade, é esvaziar o corpo da mãe de tudo o que possa ser bom e desejável. A outra forma de ataque fantasiado – predominantemente anal – é encher o corpo dela de substâncias más e partes do Self expelidas e projectadas nela. Estas são*

principalmente representadas pelos excrementos, que se convertem no modo de danificar, destruir ou controlar o objecto atacado. Ou então o Self inteiro – sentido como o Self “mau” – penetra no corpo da mãe e assume o controlo dele» (Klein, 1952/1987, p. 68).

M. Klein confirma, assim, não só a existência de fantasias primárias em crianças pequenas, como Freud havia referido, como ainda que estas fantasias ocorrem desde o início da vida e são violentas, aterrorizadoras e bizarras. Estas fantasias são a expressão mental dos instintos, e encontram-se subjacentes aos mecanismos de introjecção e projecção. É por isto mesmo que o Ego tem possibilidade de estabelecer relações objectais. «O desenvolvimento da criança é regido pelos mecanismos de introjecção e projecção. Desde o começo da vida, o Ego introjecta "bons" e "maus" objectos, cujo modelo, tanto num caso como no outro, é o seio da mãe - modelo dos bons objectos quando a criança os recebe, dos maus, quando lhe falta. Mas é porque o bebé projecta a sua própria agressividade nestes objectos que ele os sente como maus, e não unicamente porque eles frustram os seus desejos: a criança concebe-os como efectivamente perigosos, como perseguidores que ela receia que a devorem, que esvaziem o interior do seu corpo, o cortem em bocados, o envenenem - - em resumo, que eles premeditem a sua destruição por todos os meios que o sadismo pode inventar. As imagens, quadros fantasmaticamente deformados dos objectos reais a que se referem, estabelecem-se não só no mundo exterior, mas, pelo processo da incorporação, igualmente no interior do Eu» (Klein, 1935/1992, p.262).

São estes objectos, vivenciados em momentos variados, com características fantasmaticamente boas e fantasmaticamente más - *imagos* -, isolados ou

em vários tipos de combinações que, ao serem incorporados no interior, vão formar o núcleo do Super-Ego: «*As imagos do seio e do pénis do pai estabelecem-se no Ego para formar o núcleo do Super-Ego. À introjecção do seio bom e da mãe boa e má corresponde a introjecção do pénis bom e mau e do pai bom e mau. Por um lado, eles tornam-se os primeiros representantes de figuras protectoras e prestativas; por outro lado, de figuras internas retaliadoras e perseguidoras, sendo as primeiras identificações que o Ego desenvolve*» (Klein, 1945/1992, p. 409).

M. Klein, ao considerar as *imagos* como «*fantasmas sofisticados auto-construídos*» (Grotstein, 1981/1985), mostra claramente a importância da fantasia inconsciente desde o início da vida, bem como a importância do inter-relacionamento entre esta e a realidade externa; mostra, ainda, a importância da projecção e introjecção, enquanto mecanismos que regulam a interacção do indivíduo com a realidade externa, estando, portanto, entre os primeiros processos psíquicos que operam desde o nascimento, e que levam à formação do mundo interno. Assim, o que se internaliza através da introjecção é função de uma interacção entre as qualidades reais dos objectos e as qualidades a eles atribuídas através da projecção.

Para M. Klein, as *imagos* têm características diferentes consoante o nível de desenvolvimento: «*Acompanhando a evolução da libido, estas imagos são introjectadas sob a influência dos pontos de fixação. O super-Ego, porém, como um todo, é constituído pelas várias identificações adoptadas nos diferentes níveis de desenvolvimento cuja marca trazem*» (1929/1992, p. 204).

O Super-Ego surge, portanto, não da dissolução do complexo de Édipo, mas no seu início. Substitui, assim, a ideia de Super-Ego de Freud, resultante da introjecção do Super-Ego dos pais, por um conceito de Super-Ego precoce, formado pela introjecção de objectos primitivos, que sofrem sucessivas transformações, e que seriam a origem do mundo dos objectos internos.

Mas, se para M. Klein, nos estádios iniciais do complexo de Édipo, se observam os mesmos processos - de identificação e de escolha do objecto libidinal - descritos por Freud no declínio do complexo de Édipo e entrada no período de latência, os objectos visados são, contudo, diferentes: os pais (a mãe e o pai) como objectos totais e bem individualizados, para Freud; o interior do corpo da mãe, que contém diversas coisas, entre as quais o pénis do pai, portanto, objectos parciais e não separados, para Klein.

De referir que o reconhecimento da relação objectal com o corpo da mãe, em particular o seio - para o qual, como vimos, o bebé dirige (projecta) a libido, a agressão e a pulsão epistemofílica -, levou à descoberta da identificação projectiva, conceito que estabelece a ligação entre a projecção enquanto mecanismo mental e a identificação enquanto relação objectal primitiva. *«Nessas várias fantasias, o Ego toma posse, pela projecção, de um objecto externo – antes de mais nada, a mãe – e transforma-o numa extensão do Self. O objecto, em certa medida, transforma-se num representante do Ego, e esse processo de transformação, em minha opinião, é a base da identificação por projecção ou “identificação projectiva”. A identificação por introjecção e a identificação por projecção parecem ser processos complementares. Parece que os processos subjacentes à identificação projectiva já estão em acção na relação mais primitiva com o seio. (...) Por conseguinte, a identificação projectiva terá início em*

simultâneo com a introjecção oral-sádica voraz do seio» (Klein, 1952/1987, p. 68/69).

E, porque para M. Klein (1955/1987) a identificação projectiva age como um anexo da clivagem, a interacção de ambos os mecanismos permite separar e manter separadas as duas classes de objectos internos, permitindo ao Ego emergir do caos e ordenar as suas experiências - as experiências do bom e do mau. Assim, de um ponto de vista ontogenético, a identificação projectiva e a clivagem são os mecanismos essenciais para a formação e desenvolvimento do psiquismo, estabelecendo as primeiras relações de objecto. De facto, ambos os mecanismos são característicos da posição esquizo-paranóide e, porque protegem o Ego de ansiedades muito intensas, tornam-se fundamentais para a entrada na próxima etapa de desenvolvimento, a posição depressiva. Para este desenvolvimento ocorrer, torna-se necessário que as experiências boas predominem sobre as más, já que aquelas, porque levam introjecção de um objecto bom, favorecem a projecção de sentimentos bons no exterior, e, num movimento de re-introjecção, reforçam o sentimento de possuir um bom objecto interno. O resultado de todo este processo é uma integração cada vez maior do Ego e dos objectos - o Super-Ego também se torna cada vez mais integrado -, integração que ocorre num movimento dialéctico.

É no âmago desta dinâmica integrativa que a criança começa a temer a perda dos seus objectos amados - como consequência do ódio e agressividade dirigidos a eles -, o que produz culpa, tristeza e remorso, constituindo, portanto, a ansiedade da posição depressiva, pelo que desenvolve fantasias de reparação. E é em relação a estas fantasias de

reparação que os impulsos e as fantasias genitais aparecem pela primeira vez. *«Embora ainda ofuscados pela libido oral, uretral e anal, os desejos genitais logo se misturam com os impulsos orais da criança. Os primeiros desejos genitais, bem como os orais, são dirigidos para a mãe e para o pai. (...) No menino, as sensações genitais (...) implicam a busca de uma abertura onde inserir o seu pénis, isto é, são dirigidos para a mãe. As sensações genitais da menina, correspondentemente, preparam o desejo de receber o pénis do pai na sua vagina»* (Klein, 1945/1992, p. 409).

E, como refere M. Klein (1932/1986; 1945/1992), se até ao aparecimento dos impulsos genitais o desenvolvimento edipiano era essencialmente bissexual, agora começa a bifurcar-se, seguindo caminhos separados.

No menino, no início do complexo de Édipo, o pénis sucede ao seio, e, tal como o seio satisfaz a sua fome, enchendo-o de leite, ele sente-o capaz de satisfazer os seus desejos sexuais, enchendo-o de crianças. A evolução desta primeira posição edipiana do menino - *«posição feminina»* - decorre de uma relação predominantemente positiva, e passivamente homossexual com o pénis do pai, relação esta que, ao ajudar a diminuir o terror que o pai o castre, lhe permite enfrentar melhor o seu ódio e rivalidade edipianos em relação ao pai, fazendo surgir uma identificação com o pai "bom" do seu interior. Dominado por fantasias de reparação, o menino quer usar o seu pénis, identificado com o pai "bom", como uma forma de desfazer o dano, que ele sente ter sido causado pelo ódio, no interior da mãe.

Na menina, uma relação oral positiva com a mãe conduz à concepção de que o seio da mãe e, mais tarde, o corpo inteiro, está repleto de riquezas. Da mesma forma, uma relação oral positiva com o pénis do pai

faz com que ela o sinta como um bom órgão de alimentação, o que dá origem à fantasia de que o pénis alimenta a mãe, enchendo-a de riquezas e bebés. Ao identificar-se com a mãe, a menina fantasia que o seu próprio corpo «*contém crianças em potencial que ela sente como sendo o seu bem mais precioso. O pénis do pai, como fornecedor de crianças e equiparado com crianças, passa a ser o objecto de desejo e admiração para a garotinha*» (Klein, 1945/1992, p. 413). Assim, diferentemente do menino, a menina não sai da «*posição feminina*»; pelo contrário, retém-na como parte do seu desenvolvimento sexual definitivo.

Para M. Klein, a resolução do complexo de Édipo depende de o amor da criança conseguir superar (ou diminuir) o ódio pelo rival edipiano, depende da integração bem sucedida entre o amor e o ódio pelos pais, permitindo, assim, ao genitor que é amado e ao que é odiado (o rival) a prerrogativa de se unirem. Mas, para que isso ocorra, torna-se necessário que os aspectos bons e maus do objecto se unam, se integrem, para formar um objecto total. É a elaboração da posição depressiva. Se inicialmente as figuras dos pais reais eram intensamente desfiguradas pelas projecções fantasmáticas que as crianças faziam sobre elas, o que produzia objectos internos aterrorizadores e diabólicos, ou intensamente idealizados, com a elaboração da posição depressiva os objectos internos materno, paterno e o casal parental combinado, adquirem características mais de acordo com a realidade.

A partir da noção de objecto interno, Klein mostra-nos, assim, o mundo interno como um lugar que é também um «*espaço de vida*» (Meltzer, 1984), espaço habitado por objectos com qualidades e significações diversas e desempenhando «*funções parentais e divinas*» (Mancia, 1987/1991),

objectos criados e recriados através da clivagem, identificação projectiva e identificação introjectiva. Objectos que trazem a marca da interacção entre dois mundos, o mundo interno e o mundo externo, entre a fantasia inconsciente e a realidade dos objectos.

Mas Klein mostra, ainda, a simultaneidade e a ligação entre a posição depressiva e o complexo de Édipo. Mostra que a posição depressiva não pode ser elaborada sem que se elabore o complexo de Édipo, e vice-versa. Mostra que a integração da posição depressiva conduz ao desenvolvimento da capacidade para a formação de símbolos e do pensamento racional. Mostra que o desenvolvimento da nossa apetência para o conhecimento - a pulsão epistemofílica - é consideravelmente influenciado pelas experiências iniciais da situação edípica.

Ora, é sobretudo a «*pulsão epistemofílica e a construção da identidade sexual*» que C. Matos (1993) considera, de facto, existirem na infância. Para ele, a psicosexualidade infantil não é propriamente sexualidade de instinto, impulso e desejo, mas, antes, uma forte curiosidade sexual, «... *um desejo de conhecer a coisa sexual, a realidade ("palpável") sexual - a matéria, a cena, o cenário e a intenção sexuais - que impregna o mundo imediato, próximo e familiar infantil*» (op. cit. p. 9).

C. Matos considera, assim, que há uma «*realidade visível*», - no próprio e nos outros - , que se impõe com veemência, que é o existirem seres com pénis e testículos e seres com vulva, e uma «*realidade intuída, fantasiada e observável/observada*» - a realidade da procriação e do intercurso sexual.

O reconhecimento da primeira realidade sexual - o sexo próprio e a diferença

dos sexos -, que se estabelece na denominada «*fase genital precoce*» (entre os 16/18 e os 24/36 meses de idade), conduz ao que designa por processo de «*identificação idiomórfica*»: construção da identidade em torno do reconhecimento da própria forma (das características pessoais, na concepção geral deste processo identificativo).

O conhecimento da outra realidade sexual - que corresponde ao interesse e inquietação pela classicamente conhecida «*cena primária*» -, é adquirido de uma forma lenta e progressiva, no decurso da denominada «*fase edipiana*» ou «*fase genital infantil*» (entre os 2,5/3 e os 5/6 anos). Neste período, a identificação sexual realiza-se predominantemente por um processo de identificação com o modelo que C. Matos denomina de «*identificação xenomórfica ou alotriomórfica*» (identificação ao estranho), em que o indivíduo imagina ou procura fazer como pensa ou sabe que faz o outro, o seu modelo - aquele que escolhe como ideal a imitar e seguir.

Para C. Matos, estes dois processos de identificação/construção da identidade sobrepõem-se em parte, interpenetram-se e conjugam-se; são tempos/movimentos imbricados. E, se a «*identificação xenomórfica*» conduz sobretudo a uma identidade dinâmica, de função - realizar a cópula como o congénere do mesmo sexo -, a «*identificação ideomórfica*» tem como resultado principal uma identidade estática, de formato - isto é, ter um pénis ou uma vagina.

1.3. IDENTIFICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO: DO SUJEITO COM O OBJECTO. DA DEPENDÊNCIA À INDEPENDÊNCIA

Se Freud introduz as relações de objecto, tanto com o tema do narcisismo, como, de forma mais acentuada, com a segunda tópica, - o Super-Ego, por exemplo, tem, como vimos, conexões com os vínculos interpessoais, a cultura e o complexo de Édipo -, a sua teorização, sob o peso do ponto de vista económico, onde predominam as ideias de tensão, descarga e equilíbrio, não se conseguiu autonomizar completamente das ciências naturais e físicas do século XIX, pelo que o vínculo com o objecto surge por efeito da pulsão, isto é, o objecto é, fundamentalmente, procurado para descarregar ou satisfazer a pulsão. E, embora M. Klein procurasse, pelo menos inicialmente, conciliar os seus novos conceitos com a teoria estrutural de Freud, a noção de objecto interno e a teoria da relação de objecto, ao privilegiarem o vínculo, a ligação e a desligação, vão dar ao objecto externo, enquanto objecto real, objectivado na realidade, uma importância muito maior do que em Freud. Contudo, Klein privilegia a actividade fantasmática em detrimento da realidade do objecto. Este privilegiar é tal que Bleichmar & Bleichmar (1989/1992) colocam o problema de se poderem negligenciar características dos pais reais, que

são determinantes no desenvolvimento mental dos filhos.

São as teorias que acentuam as características reais dos pais como definitórias no estado psíquico da criança que, por vezes, com a sua tendência exagerada para o ambientalismo, se contrapõem aos aspectos relacionados com a realidade interna. Entre os autores destas teorias, destaca-se Winnicott. E, se inicialmente, sob influência de Klein, atribui importância às fantasias inconscientes, mais tarde atribui ao meio ambiente um papel crucial para o desenvolvimento psíquico. «(...) Tanto Freud como Klein evitaram a implicação plena da dependência e, portanto, do factor ambiental. Se a dependência significa realmente dependência, então a história de um bebé, individualmente, não pode ser escrita apenas em termos do bebé. Tem de ser escrita também em termos da provisão ambiental que sustenta a dependência ou que nisso fracassa» (Winnicott, 1971/1975, p. 102).

Esta «provisão ambiental», que se refere a todos os cuidados prestados pelo meio e que asseguram o cumprimento satisfatório e adequado das necessidades fisiológicas e psicológicas da criança, no período inicial da vida, no «período de absoluta dependência», Winnicott (1979/1988) designa-a por «holding»: «O holding protege da agressão fisiológica. Leva em conta a sensibilidade cutânea do lactente - tacto, temperatura -, sensibilidade auditiva, sensibilidade visual, sensibilidade à queda (acção da gravidade) e a falta de conhecimento do lactente da existência de qualquer coisa que não seja ele mesmo. Inclui toda a rotina de cuidados ao longo do dia e da noite, que não é a mesma em duas crianças diversas, pois faz parte delas e não há duas crianças iguais. Acompanha também as mudanças quase

imperceptíveis que, dia a dia, vão tendo lugar no crescimento e desenvolvimento da criança, mudanças tanto físicas como psicológicas. (...) O holding inclui especialmente o holding físico do lactente, que é uma forma de amar. (...) Tudo isto leva a, inclui e coexiste com o estabelecimento das primeiras relações objectais do lactente e com as suas primeiras experiências de gratificação instintiva» (p. 48/49).

Winnicott considera, assim, como absolutamente fundamental, o investimento materno, investimento que se expressa, inicialmente, através da prestação de cuidados físicos e da disponibilidade psíquica. Refere-se, então, à importância de uma mãe «*normalmente devotada ao seu bebé*», capaz de se colocar no seu lugar e de responder às suas necessidades; no fundo, capaz de identificação empática. Esta identificação empática decorre de uma condição psicológica de apurada sensibilidade, que se inicia no final da gravidez e que atinge a sua intensidade máxima após o nascimento, mantendo-se durante algumas semanas, condição designada por «*preocupação maternal primária*».

« *Holding*», «*preocupação maternal primária*», «*mãe com apurada sensibilidade*», «*mãe normalmente devotada ao bebé*», «*investimento materno*», «*identificação empática*»: várias formas de expressar uma linha de pensamento que coloca, como central, o vínculo entre o recém-nascido e a mãe.

É a evolução deste vínculo diádico que abre as vias para o desenvolvimento, que passa pela tendência natural à activação dos processos de «*integração*», de «*personalização*» e de «*adaptação à realidade*». Estes processos não são consecutivos, mas interdependentes e,

embora havendo sobreposição entre eles, não são consolidados ao mesmo tempo. A integração é o processo de unificação do Eu, processo este que é parte integrante de um processo mais vasto que se chama «personalização», cujo objectivo é a aquisição do sentimento de viver no seu próprio corpo, a tornar-se viva no soma, adquirindo, assim, uma unidade «psico-somática». O processo seguinte é alcançar a «adaptação à realidade» e, neste processo, Winnicott mostra a importância da dialéctica ilusão/desilusão e dos «fenómenos» e «objectos transitivos».

De facto, para Winnicott, a primeira condição para que um bebé se movimente do princípio do prazer para o princípio da realidade, ou no sentido, e para além da identificação primária, é a existência de uma «mãe suficientemente boa», capaz de, num primeiro tempo, efectuar uma adaptação quase completa às necessidades do bebé, de forma a propiciar-lhe a oportunidade de criar a ilusão de que o seio que ela lhe oferece faz parte dele, de que está sob o seu controlo mágico. *«A adaptação da mãe às necessidades do bebé, quando suficientemente boa, dá a este a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua capacidade de criar. Por outras palavras, ocorre uma sobreposição entre o que uma mãe fornece e o que a criança poderia conceber. (...) O bebé percebe o seio apenas na medida em que um seio poderia ser criado exactamente ali e naquele então. Não há intercâmbio entre a mãe e o bebé. Psicologicamente, o bebé recebe de um seio que faz parte dele e a mãe dá leite a um bebé que é parte dela mesma»* (Winnicott, 1971/1975, p. 27).

É, assim, esta «criatividade primária», porque criadora do primeiro objecto - o «objecto subjectivo» -, que vai propiciar ao bebé a ilusão de unidade com a mãe - a «ilusão da subjectividade pura» -, o sentimento de

«*ser o mesmo*» - «*identificação primária*».

Considerando a existência de um «*elemento feminino puro*» e de um «*elemento masculino puro*» em ambos os sexos, esta identificação primária decorre da relação do elemento feminino puro com o primeiro objecto, o "seio", no sentido de o bebé *se tornar o seio*, no sentido de que *o objecto é o seio*. A relação de objecto do elemento feminino puro estabelece, assim, o que Winnicott (1971/1975) designa como a «*experiência de ser*»: «*Estudos de identificação, baseados na introjecção ou na incorporação, constituem estudos da experiência de elementos masculinos e femininos já mesclados. O estudo do elemento feminino puro conduz-nos a outra área. O estudo do elemento feminino, puro, destilado e não contaminado, conduz-nos ao ser, e constitui a única base para a auto-descoberta e para o sentimento de existir (e, depois, à capacidade de desenvolver um interior, de ser um continente, de ter a capacidade de usar os mecanismos de projecção e introjecção, e relacionar-se com o mundo em termos da introjecção e da projecção). Correndo o risco de ser repetitivo, desejo reafirmar: quando o elemento feminino no bebé ou elemento masculino ou feminino encontra o seio, é o Eu (Self) que é encontrado*» (p. 117).

São a experiência desta relação com o objecto subjectivo e a vivência gradual da separação do objecto, a vivência do objecto como não-eu, que abrem as vias para a relação de objecto do elemento masculino com o objecto. Esta, por sua vez, ao acentuar a separação, conduz à objectivação do sujeito.

No percurso que vai da subjectividade pura à objectividade, da criatividade

primária ao reconhecimento da realidade do outro, Winnicott mostrou a importância dos «fenómenos» e dos «*objectos transitivos*», e, de uma maneira mais geral, do «*espaço transitivo*», no sentido de servirem de ponte entre a mãe e o bebé, no sentido de se constituírem como um símbolo de união entre ambos, no tempo e no espaço em que se inicia a separação. «*De um estado de sentir-se fundido com a mãe, o bebé passa a um estado de separá-la do Eu (Self), enquanto a mãe diminui o grau da sua adaptação às necessidades do bebé (tanto em consequência de se ter recuperado de um alto grau de identificação com ele, como devido à sua percepção da nova necessidade dele, a necessidade de que ele seja um fenómeno separado)*» (op. cit., p. 149).

Para Winnicott, esta passagem de um estado de fusão para o de crescente separação, exige uma facilitação particular da parte da mãe, exige um fracasso gradual na adaptação, ou uma desadaptação gradual, a ocorrer no contexto de uma adaptação, que é proporcionada pela capacidade da mãe em sentir a possibilidade do bebé empregar novos mecanismos mentais.

Podemos, assim, dizer que é porque houve amplas oportunidades para a ilusão que, gradualmente, a mãe pode corrigir esta ilusão, ou instaurar a desilusão de modo adequado ao desenvolvimento psíquico - - desmame psicológico -, para que este possa entrar em contacto com a realidade.

Ora, esta "habilidade" da mãe em fracassar na adaptação, ou em corrigir ilusões, corresponde, como Winnicott referiu, a uma "recuperação" do estado de preocupação maternal primária.

O objecto transitivo situar-se-ia, assim, no momento em que a mãe se encontra em transição de, no psiquismo do bebé, estar fundida com ele, e, alternativamente, ser experimentada como um objecto a ser percebido - «*objecto objectivamente percebido*» -, de preferência a ser concebido - «*objecto subjectivo*». O «*objecto transitivo*» conduz, assim, a que a continuidade se transforme em contiguidade, leva à progressiva diferenciação entre sujeito e objecto, entre o eu e o outro.

Este espaço de troca, para aquém de toda a diferenciação sujeito-objecto, eu-outro, - mas, ao mesmo tempo, condição necessária para essa diferenciação -, feito desta boa adaptação mútua, substitui, com inegável vantagem, a noção de um «*narcisismo primário anobjectal*», descrito por Freud - caracterizado pela total ausência de relações com o meio e de que a vida intra-uterina seria o protótipo -, noção que se aproxima da «*fase autística primária*» de Mahler (1965/1984) descrita como um estado de «*narcisismo primário absoluto*» -, caracterizado por uma ausência de consciência do agente maternal, por uma total ausência do investimento objectal. Substitui-se, assim, também, e com toda a vantagem, a esta noção/fase de Mahler .

Mas, diferentes de Klein, Winnicott e Mahler aproximam-se , ao destacarem, como factor dominante no desenvolvimento do psiquismo, a importância do ambiente, o papel fulcral da mãe. Esta, e sobretudo a sua capacidade de cuidar emocionalmente da criança, é, para ambos, o factor principal na determinação do psiquismo.

Aliás, Mahler (1979/1982) vai buscar a Winnicott os conceitos de «*holding*» e de «*preocupação maternal primária*» para se referir à importância da mãe

no desenvolvimento, em particular na organização da segunda fase do desenvolvimento, a fase simbiótica, fase que decorre do segundo ao quarto ou quinto mês. O termo «*simbiose*», como acentua Mahler, é uma metáfora, não descrevendo, como o conceito biológico de simbiose, o que acontece entre dois indivíduos. «*Foi escolhido para descrever aquele estado indiferenciado de fusão com a mãe, no qual o "eu" ainda não está diferenciado do "não-eu", e em que "dentro" e "fora" estão gradualmente a começar a ser percebidos como diferentes*» (op. cit., p. 67). De facto, se inicialmente a mãe não é percebida como objecto, quando termina a fase simbiótica a criança investe a mãe, e, portanto, esta transforma-se num objecto, ainda que parcial. É a criação de um vínculo específico entre o bebé e a mãe que constitui a principal realização psicológica da fase simbiótica. E é este vínculo, facilitado pelo «*holding*», que funciona como "trampolim" para a fase de desenvolvimento seguinte, a fase de «*separação-individualização*».

Esta fase, embora denominada fase de «*separação-individualização*», consiste em dois processos distintos, ambos ocorrendo, geralmente, simultânea e coordenadamente. Um, é o processo de separação intrapsíquico, que acompanha a trajectória da diferenciação, o distanciamento, a formação de limites e a desvinculação da mãe; o outro, é o processo da individualização - a evolução da autonomia intrapsíquica -, que compreende a aquisição, por parte da criança, das suas próprias características individuais.

Iniciando-se por volta do quinto mês e terminando, geralmente, por volta dos três anos, a «*fase de separação-individualização*» divide-se

em quatro sub-fases: «*diferenciação*»; «*período de exploração*»; «*reaproximação*»; «*constância objectal*».

A primeira, a «*diferenciação*», inicia-se com o processo, adequadamente designado por "romper a casca", e é conceptualizada como a emergência da auto-representação - início do reconhecimento da imagem corporal -, da união simbiótica com a mãe. O bebé deixa o estado crepuscular da simbiose e volta-se para o mundo fora de si e da sua órbita simbiótica, o que lhe vai possibilitar, gradualmente, perceber a delimitação entre o "eu" e o "não-eu". Este processo introduz, assim, o período de diferenciação, que se estende, aproximadamente, até aos nove ou dez meses.

A segunda sub-fase, designada por «*período de exploração*», estende-se dos nove ou dez meses até aos dezasseis ou dezoito meses. Resultando do domínio de certas habilidades locomotoras e do desenvolvimento de algumas capacidades cognitivas, a criança inicia uma actividade exploratória do mundo circundante, ao mesmo tempo que apresenta uma relativa independência emocional do objecto de amor. Contudo, por vezes, ocorre uma reaproximação da mãe, parecendo ser movida por uma procura de "reabastecimento emocional", que lhe vai permitir continuar a exploração solitária e prazerosa do mundo e dos objectos do mundo que consegue controlar e dominar com o exercício crescente das funções motoras do corpo - - é o ponto culminante do narcisismo infantil.

A terceira sub-fase, a «*reaproximação*», inicia-se por volta do décimo quarto mês e termina, aproximadamente, aos vinte e quatro meses. Com o desenvolvimento das capacidades cognitivas - enriquecimento da linguagem e do jogo simbólico -, e da diferenciação crescente da sua vida

emocional, esta fase caracteriza-se pelo desenvolvimento de um padrão que alterna entre a procura de uma relação próxima com a mãe, e um afastamento/fuga desta. Para Mahler, este comportamento ambivalente exprime a luta que se trava no seu interior: embora deseje reunir-se à mãe, teme ser absorvida por esta, e, conseqüentemente, ser impedida a sua evolução diferenciadora em direcção à individualidade. Torna-se, por isso, necessário que a mãe não seja "abandonante" nem "intrusiva", isto é, que tenha a capacidade de acolher a criança quando ela necessita e que a deixe ir, quando o que a impulsiona é o desejo de independência.

A sub-fase da «*constância objectal*», que decorre entre o vigésimo quarto e o trigésimo sexto mês, aproximadamente, caracteriza-se pela aquisição de uma imagem estável de si mesmo, o que pressupõe a percepção clara das fronteiras do Eu. Paralelamente, há a aquisição de uma constância de objecto, expressa na manutenção da representação mental do objecto afectivo (mãe) e, fundamentalmente, na unificação das suas características "boas" e "más" numa única representação total.

De referir que, para Mahler, apenas nesta última fase, por volta dos três anos, é que se dá a reunião dos aspectos "bons" e "maus" dos objectos, enquanto, para M. Klein, essa reunião ocorre com o desenvolvimento da posição depressiva, na segunda metade do primeiro ano de vida.

Considerando que a relação objectal intrapsíquica apenas se consolida por volta dos três anos, afasta-se claramente de outras teorias do desenvolvimento que consideram que o bebé tem, desde o começo da vida, a possibilidade de estabelecer relações com objectos externos e internos. Afasta-se,

irremediavelmente, das investigações desenvolvidas por Tom Bower (1977/1983), D. Stern (1985/1989) e T. Brazelton (1990/1992), entre outros, sobre as competências do recém-nascido, que mostram que, desde o nascimento, o estado psíquico do bebé tem momentos de abertura a um modo de relação já objectal, como, aliás, Klein também estabeleceu. De facto, estas investigações não apoiam, em absoluto, o conceito de "autismo primário", como fase normal de desenvolvimento, apoiando, antes, as teorias que consideram a existência, desde o nascimento, de relações de objecto. E, porque o "objecto" de que nos fala Mahler é, sobretudo, o objecto externo, considera, como vimos, que é a relação com este que possibilita que se estabeleçam, progressivamente, os limites entre o Eu (Self) e o objecto. Isto afasta-a das teorias que fazem referência, predominantemente, às relações com o objecto interno, mas também a distancia dos exageros das teses "ambientalistas" que sustentam o problema da doença mental como decorrendo, fundamentalmente, da falha materna. Mahler defende, em compensação, a interação de factores internos e externos

1.4. ENTRE AS IDENTIFICAÇÕES: ENTRE O SER E O REALIZAR

Entre os defensores das teorias que dão particular relevo à interacção entre ambos os fenómenos - factores internos e externos -, encontra-se Bion, que descreve a importância de, desde o início da vida, haver um vínculo emocional muito profundo entre o bebé e a mãe. Considera que o bebé tem necessidades corporais, mas também psicológicas e que, dentro destas últimas, uma é a necessidade de um objecto externo no qual possa colocar sensações e sentimentos que despertam ansiedade e sofrimento. E, se a mãe tiver determinadas capacidades emocionais - «*capacidade de rêverie*», isto é, capacidade de pensar com amor sobre o seu bebé -, poderá absorvê-las, metabolizá-las, desintoxicá-las, devolvendo ao bebé um temor leve e suportável e, portanto, mais assimilável. Na base desta "comunicação" está a «*identificação projectiva*» que, em Bion, se insere num contexto interpessoal, assumindo ambos os protagonistas um papel fundamental.

Ao considerar a existência de um grau normal de identificação projectiva - por oposição a um grau excessivo, sem definir os limites onde se situa essa

normalidade - , Bion (1962/1991) amplia, assim, o alcance deste processo: *«Se a mãe e a criança estão ajustadas uma à outra, a identificação projectiva desempenha um papel importante; o bebé é capaz, através da operação de um senso de realidade rudimentar, de comportar-se de tal modo que a identificação projectiva - normalmente uma fantasia onipotente - funciona como um fenómeno realista. Estou inclinado a crer que esta seja a condição normal. Quando Klein fala da identificação projectiva "excessiva", penso que o termo "excessiva" deve ser entendido como aplicando-se não apenas à frequência com que a identificação projectiva é empregue, mas ao excesso de crença na onipotência. Como actividade realista, a identificação projectiva manifesta-se como um comportamento que premeditadamente visa despertar na mãe sentimentos dos quais o bebé deseja livrar-se. Se o bebé pensa que está a morrer, pode despertar na mãe o sentimento de que está a morrer. Uma mãe bem equilibrada pode aceitar este temor e responder terapêuticamente, ou seja, de uma maneira que faz o bebé sentir que está a receber de volta a sua própria personalidade amedrontada, mas numa forma que ele pode tolerar - os temores são manejáveis pela personalidade do bebé»* (p. 188/189).

Este sofrimento, sentido concretamente e que o bebé tem necessidade de expulsar, Bion (1962/1987) designa-o por *«elementos β »* - elementos não psíquicos e, portanto, não utilizáveis para o desenvolvimento psíquico -, e a estes *«elementos β »*, metabolizados, desintoxicados pela capacidade receptiva e elaborativa da mãe (*«função α »*) e reintrojectados pelo bebé, Bion chama *«elementos α »* - elementos do pensamento onírico, do sonho e do simbolismo.

É no seio desta relação, que Bion formula através da interacção dinâmica «*continente-conteúdo*» ($\hat{O} - \hat{O}$) – concebida como uma relação de identificação projectiva mútua entre o bebé e a mãe -, que o bebé desenvolve, gradualmente, o seu próprio funcionamento psíquico, internalizando a capacidade receptiva e elaborativa da mãe - «*função α* » -, isto é, desenvolve um continente e a capacidade deste em desempenhar a «*função α* ». Assim, a introjecção do continente e a capacidade deste em desempenhar a «*função α* » leva a que o processo de contenção e transformação seja interno, isto é, tenha no seu interior os meios para pensar (elaborar) os estímulos sensoriais e as experiências emocionais. Como refere Bion (1970/1991), «*Como defino o pensamento, quem não produz elementos α , não consegue pensar*» (p. 21).

São estes elementos α , processados pela função α , que, ao aderirem entre si, vão permitir a estruturação daquilo a que Bion (1962/1987) chamou «*barreira de contacto*», a qual, do mesmo modo que uma membrana semi-permeável (L. Grinberg, 1973; D. Zimmermann, 1995), cumpre a função de demarcar tanto o contacto como a separação e o intercâmbio entre o consciente e o inconsciente e entre o mundo real externo e interno, impedindo que cada um invada o outro, exercendo, portanto, uma função delimitadora da topografia da mente. Segundo Bion, a «*barreira de contacto*» está num processo contínuo de formação e a sua natureza depende da qualidade dos elementos α e da forma como estes se relacionam entre si: podem juntar-se, estar ordenados em sequência, estar ordenados logicamente ou estar ordenados geometricamente.

Para Bion, a falha na transmutação comunicativa e emocional, resultante da

falência da função α da mãe, conduz a que as sensações e os protopensamentos (elementos β), ao não serem transformados, dêem lugar à reintrojecção de um «*terror sem nome*», pelo que o bebé não terá outra alternativa senão o recurso à contínua identificação projectiva, levada a cabo com força e frequência crescentes, o que impede, obviamente, a formação da função α no bebé e, portanto, a formação da «*barreira de contacto*».

Em vez disso, a proliferação de elementos β , sob a forma de aglomeração - sem integração e vinculação entre si -, constitui o que Bion designa por «*tela β* », a qual, ao contrário da barreira de contacto, não possibilita o estabelecimento das diferenças entre o consciente e inconsciente, entre realidade interna e externa, entre vigília e sonho, entre passado e futuro, não se formando, portanto, uma verdadeira barreira delimitadora da mente e, logo, as demarcações necessárias à actividade do pensamento. Como refere C. Matos (1989), estão comprometidos a investigação da realidade (interna e externa), o desenvolvimento cognitivo, a imaginação criadora, o desenvolvimento do sonho, a compreensão e a desenvolvimento da experiência emocional.

Bion considera, assim, que para o bebé poder pensar as experiências emocionais, é necessário que a mãe tenha, previamente, realizado bem a sua «função continente». E, tal como Klein, refere que a criança expulsa, no sentido mais concreto do termo, as emoções e fantasias que não pode suportar. Mostra, no entanto, uma diferença considerável em relação a Klein (e também a Freud) ao atribuir uma grande importância à mãe "real" (o que, neste aspecto, o aproxima de Winnicott). De facto, Bion salienta as

qualidades psíquicas do objecto continente, a sua capacidade de pensar sobre as experiências emocionais. É a «*capacidade de rêverie*» - capacidade de prestar atenção, de compreensão e de atribuição de significados aos movimentos psicomotores que procuram uma razão (A. Dias, 1988) -, a capacidade da mãe sonhar o seu bebé, conferindo-lhe um valor na fantasia.

É precisamente a importância primordial de identificação a um objecto continente que Bick (1968/1991), e depois Meltzer (1975/1991), mostraram como um dos processos fundamentais para a constituição da vida psíquica. De facto, tanto Bick como Meltzer mostraram que algumas crianças carecem de um espaço interno onde possam estabelecer as suas identificações, necessitando, por isso, de manter aquilo a que Bick designou como «*identificação adesiva*».

De facto, Bick mostra que a função continente só pode ser adquirida por identificação com uma função real da mãe. Esta é inicialmente sentida como um objecto que mantém unidas as partes da personalidade - que na sua forma mais primitiva não tem nenhuma ligação entre si -, um objecto sentido concretamente como uma «*pele*», funcionando, portanto, como um objecto continente. *«A tese é que, na sua forma mais primitiva, as partes da personalidade são sentidas como não tendo nenhuma força de ligação entre si e que, portanto, devem manter-se unidas de um modo que se vivenciam passivamente - com a pele funcionando como limite. Mas esta função interna de conter as partes do Self depende, inicialmente, da introjecção de um objecto externo, sentido como capaz de cumprir esta função. Mais tarde, a identificação com esta função do objecto substitui o estado não-integrado e dá origem à fantasia de espaços internos e externos.»*

Só assim estão estabelecidas as condições para as operações de clivagem e idealização do Self e do objecto, conforme descritas por M. Klein. Até que as funções continentais tenham sido introjectadas, o conceito de um espaço dentro do Self não pode surgir. A introjecção, isto é, a construção de um objecto num espaço interno, fica, portanto, prejudicada. Na sua ausência, a função de identificação projectiva continuará necessariamente inquebrantável, e manifestar-se-ão todas as confusões de identidade. Podemos agora ver que esta etapa de clivagem e idealização do Self e do objecto assenta no processo mais precoce de contenção do Self e do objecto pelas suas respectivas peles» (Bick, 1968/1991, p. 194).

De notar que a introjecção do objecto continente, da qual depende a constituição do mundo interno, não se refere à passagem fantasmática do objecto do exterior para o interior. De facto, falar de interior e exterior pressupõe a existência de uma fronteira, mas o que Bick descreve é precisamente a construção desta fronteira, pela apropriação desta função continente exterior. Assim, o primeiro aspecto de um objecto que é interiorizado é a sua função contentora, o que permite, por sua vez, a internalização plena de um objecto externo e a construção de um espaço interno.

Também Meltzer se refere à importância da identificação com um objecto continente para se sentir contido e poder, por sua vez, construir um objecto interno com um espaço, estando, portanto, na origem da diferenciação dos espaços interno e externo. O insucesso desta identificação conduz à permanência de um estado de fusão com o objecto, conduz à «*identificação adesiva*» - estado mais primitivo do que o de «*identificação projectiva*» -, e

que é caracterizado por um modo de relação estabelecido com a superfície dos objectos e antes mesmo do objecto ser concebido como tendo um interior - interior do corpo da mãe, para o qual é dirigida a identificação projectiva.

A identificação adesiva designa, por um lado, um mecanismo identificatório primitivo que, do ponto de vista ontogenético, funciona antes de qualquer constituição de um objecto interno, e um mecanismo defensivo patológico, ao qual o psiquismo pode ter de recorrer em qualquer momento da sua evolução, e que consiste num achatamento do mundo interno-externo, achatamento que conduz ao mundo da «*dimensionalidade*» (Meltzer, 1975/1991). Um mundo sem espaço. E, sem este, não há possibilidade da identificação projectiva acontecer. Não há, no fundo, lugar para "algo" acontecer. Logo, há ausência de «*experiência*» (no sentido que Bion lhe dá). De facto, este tipo de identificação não promove o crescimento, já que, ao suprimir toda a falta, toda a distância entre sujeito e objecto, é a existência separada do objecto que não é reconhecida. Deixa, antes, o sujeito num corpo a corpo - adere, cola-se, para evitar a ameaça inerente a cada experiência de separação -, podendo este ser uma pessoa, ou não, já que a diferenciação entre aspectos humanos e não humanos não é reconhecida. São precisamente estes elementos que Tustin (1986/1990) sublinha como característicos das crianças autistas, referindo que «*a ênfase principal está nas superfícies às quais elas podem aderir, a fim de obter algum senso de definição física. Esta criança vive principalmente num mundo bidimensional. Se ela entra numa caixa, num túnel ou num armário, é a sensação de estar escondida e protegida que importa para ela. Não é o estar dentro. Na maior parte do tempo, ela tem pouca consciência da diferença entre exteriores e interiores, e também pouca consciência de tempo*

e espaço» (p.51). E, mais à frente, Tustin acrescenta: «Uma criança autista evita encontrar os olhos de outras pessoas. Ela não se relaciona com as pessoas de maneira normal. Elas são significativas para ela apenas como objectos inanimados. Se esses objectos – e as pessoas estão incluídas nisto – parecem tornar-se insubordinados (ou seja, não fazem o que a criança espera deles), provocam explosões de raiva e terror. (...) Além dessas emoções primitivas de raiva e terror, as crianças autistas não manifestam emoções associadas à sociabilidade» (op. cit. p. 51).

Vemos, assim, que quando M. Klein postula um Ego precoce que existe desde o início da vida, descrevendo as relações que este Ego estabelece com os objectos externos (e depois internos) através da identificação projectiva, ela apresenta-nos um mundo no qual já existem espaços, apresenta-nos um mundo "tridimensional". Mas, como salienta Meltzer (1975/1991), devido à onnipotência da identificação projectiva, que domina neste mundo, há ainda possibilidade de reversibilidade da diferenciação sujeito-objecto. É a redução desta onnipotência e o aparecimento da identificação introjectiva que vai conduzir o sujeito ao que Meltzer designa por "quadridimensionalidade", e ao brotar da vida psíquica. É o mundo onde a representação do espaço e do tempo se firma, um mundo onde é possível «aprender com a experiência» e, portanto, pensar.

E, tal como Bion, Bick e Meltzer concedem à função da mãe um papel decisivo na formação e desenvolvimento do psiquismo, com o que se modifica a postura original de Freud e de M. Klein que se centraram, essencialmente, nas lutas pulsionais internas, sendo a mãe, fundamentalmente, um objecto de satisfação pulsional.

Mas, qualquer que seja a perspectiva adoptada, a mãe tem, fundamentalmente, um papel de mediação, de comutação, de intersecção, de articulação da criança com a realidade externa e interna e, por isso mesmo, um papel de contenção e (trans)formação.

E, como refere E. Marques (1998), porque é nas relações *de/a/com* objecto que cada sujeito se constrói, é construído e se realiza e actualiza - o que o leva a ser *como* e *com* -, impõe-se considerar também, a relação com o paterno. Foi precisamente esta relação do materno com o paterno que Klein (1932/1986), considerou na noção «*casal parental combinado*»; relação do materno e do paterno em Winnicott (1971/1975), através das noções «*elemento feminino puro*» e «*elemento masculino puro*»; relação do materno ao paterno em Lacan (in A. Lemaire, 1977/1988), com o aparecimento da «*Lei do pai*». Relação/relações que, conforme precisa E. Marques (1988), abre(m) e alarga(m) as vias do *ser*: «*O ser aparece e constrói-se na função materna, função que contém; mas este ser deve, também, realizar, deve conter e integrar o elemento masculino. O materno abre e sustém as vias do ser, mas deve, também, permitir a abertura a novas vias do ser; o paterno separa, alarga, repara e serve também de mediador nessas novas vias, ele deve permitir a transição, a continuação, a continuidade e a realização dessas vias*» (op. cit., p. 393).

1.5. DAS IDENTIFICAÇÕES NA LATÊNCIA

No período de latência espera-se da criança uma adaptação social maior do que na idade anterior, e também maior do que no período seguinte, a adolescência, o que dá conta de que, por volta dos 6 anos, há uma viragem no desenvolvimento da criança, que se prolonga até à adolescência. Aliás, esta viragem já era conhecida de muitas culturas: na Grécia antiga era a idade em que o rapaz deixava os aposentos reservados às mulheres e, para a teologia católica, é a "idade da razão".

A designação deste período pelo termo "latência" pertence a Freud, que introduz pela primeira vez este conceito em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/s.data), definindo-o como um período em que a turbulência dos instintos amainava - os conteúdos (coisas e fenómenos) de natureza sexual adormeciam -, e que começa com o declínio do Complexo de Édipo e vai até ao despertar da puberdade, situando-se, portanto, aproximadamente entre os 6/7 e os 10/11 anos de idade. Como explicita em *Psicologia de grupo e análise do Ego*, «... essa primeira configuração do amor de criança, que nos casos típicos toma a forma de complexo de Édipo, sucumbe, tanto quanto sabemos, a partir do começo da latência, a

uma onda de repressão. O que resta dele apresenta-se como um laço emocional puro/afectuoso, referente às mesmas pessoas; porém, já não pode ser descrito como "sexual". A psicanálise, que ilumina as profundezas da vida mental, não tem dificuldade em demonstrar que os vínculos sexuais dos primeiros anos de infância também persistem, embora reprimidos e inconscientes. Dá-nos margem para afirmar que um sentimento afectuoso, onde quer que o encontremos, constitui um sucessor de uma vinculação de objecto completamente "sensual" com a pessoa em causa ou, antes, com o protótipo (ou "Imago") dessa pessoa» (Freud, 1921/1969, p. 149).

Assim, segundo Freud, esta calma/adormecimento da libido/sexualidade - e dos conflitos que lhe estavam ligados -, era devida à intervenção de um mecanismo psíquico: o recalçamento. Recalçamento que tem como consequência a «*amnésia dos primeiros anos*» - os conflitos tornam-se inconscientes. Recalçamento que se irá conjugar com o crescimento e desenvolvimento de outras defesas, designadamente as defesas ditas neuróticas, como, por exemplo, a formação reactiva e a sublimação.

O facto de a latência ser definida como um período de acalmia/adormecimento tem origem na sua conceptualização de desenvolvimento bifásico do instinto sexual, que teria como pontos altos de conflito, o Édipo - dominado pela escolha do objecto sexual infantil -, e a adolescência - caracterizado por uma segunda escolha de objecto, após a renúncia ao primeiro objecto de amor (edipiano). A latência seria, assim, um período de libido/sexualidade «*latente*», entre dois períodos de

sexualidade patente/evidente (P. Denis, 1993).

E, se para Freud é um período biologicamente programado, não deixa, contudo, de realçar a influência repressiva da educação/cultura neste processo evolutivo, chegando ao ponto de afirmar que alguns povos primitivos não passam por este período de latência. *« É durante o período de latência total ou parcial que se constituem as forças psíquicas que, mais tarde, constituirão um obstáculo aos impulsos sexuais e, como diques, limitarão o seu curso (o desgosto, o pudor, as aspirações morais e estéticas). Perante a criança nascida numa sociedade civilizada, tem-se o sentimento de que estes diques são obra da educação, e é certo que a educação contribui para que eles existam. Na realidade, porém, esta evolução, condicionada pelo organismo e fixada pela hereditariedade, pode às vezes produzir-se sem qualquer intervenção da educação. (...) Os sociólogos parecem estar de acordo ao afirmar que os processos que desviam as forças sexuais do seu fim e as empregam em novos fins, processo a que se deu o nome de "sublimação", constitui um dos mais importantes factores para as aquisições da civilização. De bom grado acrescentaremos que o mesmo processo desempenha um papel no desenvolvimento individual, e que as suas origens remontam ao período de latência sexual na criança»* (Freud, 1905 /s.data, p. 90/92).

Posições mais actuais, defendidas por autores tais como B. Bornstein (1951), P. Blos (1962/1985), T. Becker (1974), Laufer & Laufer (1984), P. Denis (1993), entre outros, vão no sentido de considerar que não há um amainar dos instintos, nem uma lentificação biologicamente pré-determinada da libido. Sustentam esta afirmação no facto de os mecanismos de defesa estarem

muito activos, o que mostra que os instintos se mantêm, por sua vez, muito activos.

É precisamente a manutenção da libido/sexualidade que B. Bornstein (1951;1953) sustém como continuando a existir durante a latência, libido/sexualidade que se expressam nas actividades masturbatória, voyeurista, exibicionista e sadomasoquista, e contra as quais a criança se procura defender, utilizando vários procedimentos defensivos. B. Bornstein refere, assim, que o Ego, durante este período, está ocupado a desviar a «*energia sexual*» das necessidades pré-genitais e está a utilizá-la para a sublimação e a formação reactiva. Evidências clínicas levaram B. Bornstein a considerar a luta contra a masturbação como o principal objectivo dos mecanismos defensivos.

Tal como B. Bornstein, também M. Klein (1932/1986) se referiu à necessidade da criança, neste período, renunciar ao onanismo e reprimir as suas fantasias masturbatórias, fazendo com que essas mesmas fantasias vigorem numa forma dessexualizada. «*Descrevemos a estabilização que se verifica no período de latência, como sendo fundamentada numa adaptação à realidade efectuada pelo Ego em convénio com o Super-Ego. A consecução desse objectivo depende de uma acção combinada de todas as forças que se opõem aos instintos do Id. É aqui que começa a batalha contra o onanismo, batalha que, para citar Freud, “consome grande parte das suas energias” durante o período de latência, e cuja força total é dirigida também contra as fantasias masturbatórias. E essas fantasias, como venho assinalando repetidamente, participam não só de todos os jogos infantis, como também das actividades escolares e de todas as sublimações posteriores*» (op. cit., p. 185).

Também Ch. Sarnoff (cit. in P. Denis, 1979) se refere às *«tentações masturbatórias»* no período de latência, contra as quais a criança se procura defender, concluindo que não há uma diminuição de ordem biológica das pulsões. Aliás, E. Kaplan (1965) também refere que a principal tarefa deste período é evitar a masturbação, que é concomitante com as fantasias incestuosas. Refere ainda que a *«gratificação libidinal e agressiva»* na latência é libertada através do sistema perceptivo motor, especialmente sob a forma de actividades motoras rítmicas. A importância dos mecanismos defensivos, no decorrer da latência, foi também sublinhada por C. Malpique (1986; 1988). Esta autora considera a sublimação como o mecanismo psicológico fundamental na latência: *«... não só desvia o fim das pulsões sexuais como leva mesmo à dessexualização, o que permite transformar em certo grau a libido objectal em libido narcísica»* (1986, p. 92). Refere-se ainda à importância da clivagem para o equilíbrio narcísico: *«o prazer de funcionamento do Eu põe ao serviço do narcisismo defesas egossintónicas, tornando este período aparentemente harmónico à custa de uma clivagem eficaz entre as fantasias inconscientes (vida pulsional) e as exigências egóicas de adaptação ao real»* (1988, p. 69).

Ch. Sarnoff (cit. in P. Denis, 1979) refere-se ainda à importância dos mecanismos de defesa neste período, assinalando a sublimação, a formação reactiva, a fantasmática, a regressão e o recalçamento. É assim que, segundo ele, as modificações que sobrevêm com a latência não se explicam por uma diminuição das pulsões mas, sobretudo, por uma modificação do seu modo de descarga: *«Os desejos do momento são satisfeitos por intermédio da fantasmática»* (op. cit., p. 297). Fenichel (cit. in P. Blos,

1962/1985) mostra a mesma ideia ao afirmar que, durante o período de latência, o que se modifica é o Ego e não as exigências dos instintos. Aliás, P. Blos (1962/1985) sustém também a ideia de que na latência não há uma diminuição dos instintos, referindo, ainda, o aparecimento de uma grande variedade de actividades do Ego, de natureza sublimatória, adaptativa e defensiva. E precisa que o critério essencial que caracteriza o período de latência é a mudança de um objecto externo para um objecto interno. Segundo ele, esta modificação deve-se ao facto de as relações objectais serem abandonadas e substituídas por identificações.

Vejamos, então, como ocorre esta modificação da relação de objecto, que preside ao processo de identificação. Modificação que, para Freud, se inicia, como vimos atrás, com a resolução parcial do complexo de Édipo, resolução parcial que conduz, através de identificações com os objectos edipianos, ao estabelecimento do Super-Ego. A dinâmica deste processo passa, assim, pela transformação do investimento em identificação com os pais. Com efeito, a constatação da imaturidade sexual funcional face aos desejos incestuosos - constatação que provoca uma «ferida narcísica» (P. Denis, 1993) -, conduz a que os fantasmas de castração, anteriormente fundados na constatação de que as meninas não têm pénis, adquirem, com esta nova realidade, uma amplitude muito maior e um novo lugar na dinâmica da vida psíquica: a criança deve reorganizar a sua concepção do mundo, e, sobretudo, a sua vida psíquica. De facto, descobrir a diferença de gerações, a diferença entre os "grandes" e os "pequenos", descobrindo e admirando o que faz do pai o objecto da mãe, leva o rapaz a protelar para o futuro o desejo de ser como ele. O pai torna-se, assim, o Ideal do Ego do rapaz. Neste sentido, o Ideal do Ego traz consigo a ideia de projecto e de

esperança - esperança em ser como o pai -, tem inscrição temporal - "um dia..." -, constituindo, assim, um elemento maturativo do Ego.

Mas o pai é também uma figura interditora do incesto, de ameaça de castração, pelo que a internalização desse objecto vai formar o Super-Ego, o herdeiro do Complexo de Édipo. Instância que, como já foi desenvolvido atrás, está intimamente ligada ao objecto parental, contendo as restrições, normas e ideais, exercendo, assim, a função de «*consciência da criança*» (A. Freud, 1947/1985). Instância que faz a síntese interna das nossas relações com os pais admirados, temidos e, mais tarde, assimilados e integrados em nós próprios. Instância que, por isso mesmo, vai presidir à adaptação à realidade.

Baseando-se no grau de autonomia do super-ego, B. Bornstein (1951) distingue dois níveis cronológicos na latência: o primeiro, dos 5 anos e meio/ 6 anos aos 8 anos - em que o Super-Ego é tão excessivamente rigoroso como ineficaz - e o segundo período, dos 8 aos 10 anos - em que o Super-Ego se torna mais firme. No primeiro período, como os mecanismos de autoregulação são ainda precários, a criança desliza pela pré-genitalidade, reinvestindo etapas anteriores de estruturação do Eu, nomeadamente pontos de fixação anais. Esta analidade é retomada nas defesas do Eu pelas formações reactivas e pela ambivalência que se manifesta na luta da criança entre a obediência e a revolta. A ritualização, os mecanismos anulatórios e a racionalização são também defesas habituais que, conjugadas com o recalçamento, mantêm no plano pré-consciente toda a sexualidade infantil do passado. E, porque o Super-Ego é excessivamente rigoroso, pode expôr a criança à

culpabilidade, da qual se procura livrar identificando-se com o agressor ou projectando a culpabilidade. No segundo período, a organização defensiva torna-se mais eficiente contra as pulsões pré-genitais. As representações ligadas aos objectos primitivos são recalcadas e o Super-Ego ganha um poder que até então não tinha. O elemento comum a ambos os períodos é o rigor do Super-Ego na avaliação dos desejos incestuosos, que encontra a sua expressão na luta contra a masturbação.

Também T. Becker (1974) salienta que o Super-Ego se mostra excessivamente rigoroso no primeiro período da latência, ao passo que, no segundo período, é menos rigoroso, facto também apontado por E. Kaplan (1965). Com efeito, segundo ela, na primeira fase da latência ocorre um conflito entre o Super-Ego e o Id, o que resulta numa ambivalência que se expressa na alternativa obediência e revolta (tal como B. Bornstein), geralmente seguida por auto-crítica. Na segunda fase, o Ego é menos conflitualizado, porque o Super-Ego é menos rígido e há menos exigências sexuais do Id.

Os desenvolvimentos de B. Bornstein e T. Becker mostram-nos, assim, que é no decurso da latência que se consolida a sequência de renúncia e autonomização do Super-Ego. E, com isso, o mundo dos conflitos anteriores (genitais e pré-genitais), vai progressivamente cair no esquecimento/recalcamento, tornando-se inconsciente e provocando a *«amnésia dos primeiros anos»*.

No que diz respeito ao desenvolvimento dos meninos e das meninas na latência, alguns autores, entre os quais se destaca P. Blos (1985), salientam

algumas diferenças significativas. Assim, para ele, no início deste período, a regressão a um nível pré-genital, como defesa, é mais característico no menino do que na menina. E, em relação ao abandono da fase edipiana, o rapaz fá-lo de uma forma mais rigorosa do que a menina, o que torna a primeira parte deste período mais difícil para ele. Ao contrário, a menina entra em maiores conflitos nos últimos anos do seu período de latência, quando o seu super-ego se mostra incapaz de conter a «onda avassaladora da pré-puberdade».

Para P. Blos, também o super-ego do rapaz e da rapariga se desenvolve de maneira diferente, sendo o do rapaz mais rígido e exigente, uma vez que os seus desejos edipianos, sobretudo agressivos, estão sujeitos a uma repressão mais maciça no início do período de latência. Como salienta P. Blos (1962/1985) «... o menino reprime de maneira mais radical os seus desejos edípicos, e em consequência adquire um Super-Ego severo. A menina, por outro lado, reprime com maior vigor os seus anseios pré-genitais, daí resultando uma afirmação rápida e inequívoca da genitalidade, logo que as tensões instintuais começam a despontar, no início da puberdade. Uma razão da repressão mais maciça pelo menino, ao entrar na latência, é certamente a sua renúncia à passividade; não há nada, na renúncia da menina à posição activa, que tenha a mesma premência» (p. 37).

No que diz respeito ao Ideal do Ego, este teria como função essencial a preservação do equilíbrio narcísico da criança (M. Laufer, & M. E. Laufer, 1984; P. Blos, 1962/1985). Como refere Chasseguet-Smirgel (cit. in C. Malpique, 1986), «a originalidade do Ideal do Ego é ser um conceito charneira entre o narcisismo primário e a objectalidade, entre

o princípio do prazer (a fusão com a mãe) e o princípio da realidade, pois resulta da cisão entre o Eu e o objecto» (p. 91).

Para M. Laufer & M. E. Laufer (1984), o Ideal do Ego, que define como a parte do Super-Ego que contém as imagens e os atributos que a criança se esforça por adquirir - e que surge no declínio do Complexo de Édipo, ao mesmo tempo que o Super-ego -, tem as suas origens em três fontes principais: a idealização dos pais, a idealização da criança pelos pais e a auto-idealização. O Ideal do Ego tem ainda, segundo estes autores, uma tripla missão: contribuir para a modificação das relações internas com os objectos primários, ajudar a controlar a regressão do Eu e favorecer a adaptação social.

A latência caracteriza-se, assim, por um processo de identificação que se fundamenta na introjecção dos objectos e na internalização dos conflitos. Processo que se enriquece e se diversifica nas suas referências à medida que a criança estabelece novas relações e reconhece que há outras figuras de autoridade. Reconhecimento que conduz a uma desidealização gradual dos pais, que vão ser avaliados de uma forma mais próxima da realidade, deixando de ser vistos/sentidos como os "todo-poderosos", pois a criança apercebe-se que também eles estão sujeitos às normas sociais e a autoridades superiores, ou seja, começa a compreender que as regras não são só para ela, são também para os outros. E assim tudo fica mais lógico e real.

Por sua vez, os sentimentos relativamente aos pais também se modificam. Como referem Mazet & Houzel (1979/1986), tudo se passa como se progressivamente houvesse uma dessexualização da relação com os pais,

podendo, portanto, subsistir e afirmar-se, sem culpabilidade, os sentimentos de afecto e de ternura, enquanto, simultaneamente, aparecem os sentimentos hostis. C. Malpique (1988) salienta também a importância dos "novos objectos", quando refere que a dessexualização das *imagos* parentais desloca o processo de identificação para outros adultos e que é no grupo de iguais que a identidade sexual se reforça. A importância do grupo é também salientada por T. Ferreira (1993), quando refere que o grupo etário é necessário ao Eu não só pela oposição ao grupo familiar como pelo reforço da identidade pessoal, permitindo outras escolhas no plano ético, social, físico e intelectual, muitas vezes opostas às dos adultos. Alargam-se, assim, os horizontes, com a procura de novos modelos de identificação.

Neste sentido, a identificação, utilizando agora novos objectos - objectos extra-familiares - como suporte, é a pedra base na construção da personalidade, pois não só as novas identificações se enriquecem como as anteriores se modificam (Mazet & Houzel, 1979/1986).

A importância de novos objectos e novas actividades já antes tinha sido sublinhada por M. Klein (1937/1992), quando refere que a inserção na escola oferece, em relação ao pequeno grupo familiar, a oportunidade à criança de fazer uma melhor separação do amor e do ódio. *«Na escola, é possível odiar algumas crianças, ou simplesmente ter-lhes antipatia, enquanto se ama outras. Desse modo, as emoções reprimidas do amor e do ódio – reprimidas por causa do conflito em torno do ódio à pessoa amada – podem encontrar uma expressão mais completa em direcções aceites pela sociedade. As crianças possuem várias maneiras de formar alianças entre si e desenvolvem*

certas regras a respeito do ponto a que pode ir a expressão do seu ódio ou antipatia pelos outros. Os jogos e o espírito de equipa, associado a eles, agem como factor regulador nessas alianças e na exibição da agressividade. O ciúme e a rivalidade pelo amor e a consideração do professor, apesar de poderem ser muito fortes, são vividos num ambiente muito diferente do de casa» (op. cit., p. 328).

Com o alargamento do mundo afectivo a novos objectos, a necessidade de aprovação e afecto é agora menos vital e a desaprovação e crítica, por parte dos pais, menos perturbadora; donde, o medo do castigo e de perda de amor dos pais diminui. Para esta maior independência da auto-estima contribui, ainda, uma competência social, intelectual e motora cada vez mais ampla. De facto, a maturidade cognitiva que a criança adquire neste período permite-lhe, por meio de uma sublimação adequada, dirigir a sua curiosidade para a aprendizagem e para a descoberta do mundo que a rodeia, apresentando-se, portanto, como um período de autonomização, de afirmação e preponderância económica do Ego, o qual se vai constituir enquanto instância independente e específica (E. Kaplan, 1965).

Erickson (in C. Malpique, 1990) diz mesmo, a propósito do domínio da aprendizagem, que a identidade se define pelo que *«a criança se sente capaz de fazer»*. Com efeito, o aparecimento de novas capacidades de raciocínio revela-se fundamental para o alargamento e domínio do meio exterior, o que leva, como referem Mazet & Houzel (1979/1986), a um reforço do Ego, que percebe cada vez melhor a realidade e controla cada vez melhor os conflitos.

É precisamente o crescente interesse pelo *«mundo inteligível e afectivo*

alargado» que caracteriza, segundo C. Matos (1986/1993), na sua essência, este período: é o início do seu percurso de exploração cognitiva de novos territórios e da aquisição-consolidação de outros atributos da sua pessoa/personalidade - o conhecimento do mundo natural e cósmico (as abelhas e as flores, os planetas e as estrelas, etc.), do social e cultural (estrutura e normas da sociedade, a história e a geografia, o cálculo e a escrita), do ético e do ideal (justiça, fraternidade e o "sexo dos anjos"). *«A criança - agora estudante - cresce em conhecimento do real, em expressão simbólica e enquadramento social. Por tudo isto, terceira e última infância; deixando para trás o "infante" (que não fala) da primeira infância, e a criança propriamente dita, o "ser falante", sempre a perguntar ou a afirmar-se, da segunda infância; e antes da entrada na adolescência, o crescer como homem ou mulher, ser político (do burgo, comunidade), sexual e determinado. É tempo para o "saber racional" (menos mítico, místico e misterioso) e para a "socialização" (aprendizagem e obediência às leis do grupo - o seu questionamento virá com a adolescência). A criança respeita, mas também vai aprendendo a fazer-se respeitar»* (op. cit., p. 8). É, portanto, tempo para a consolidação do movimento de autonomia e expansão, é tempo para a escolha e adesão a novos objectos.

A crescente inserção em grupos diversos tem, assim, uma grande importância na "dinâmica das identificações". A relação com os colegas é, de uma maneira geral, dessexualizada e de tipo narcísico. Winnicott (cit. in F. Alexandre, 1993) refere-se a este facto ao salientar que as relações, nesta idade, do ponto de vista do conteúdo manifesto, são dessexualizadas, mas sublinha que o simbolismo sexual se mantém, sob o ponto de vista latente, através dos jogos e desenhos. É precisamente o facto de o fantasiar sobre

a sexualidade se manter neste período que leva C. Matos (1993) a referir-se a ele como um período de “aparente” psicosexualidade. E é porque a relação com os pares é baseada no prazer de brincar ou trabalhar em conjunto, que estes "jogos colectivos", além do seu valor socializante, reforçam a auto-estima pelo exercício intelectual e físico que proporcionam. Como refere B. Grunberger (1980), *«... ao brincar a qualquer coisa, isto é, identificando-se com o adulto de um modo quase delirante e megalomaniaco (...), a criança vai adaptar-se progressivamente ao mundo dos adultos e, simultaneamente, retira as satisfações que o seu narcisismo não deixa de reclamar»* (p. 291).

A importância do jogo ("colectivo") é também salientada por C. Malpique (1988), quando refere: *«O período de latência seria o período evolutivo por excelência de transição de uma estrutura infantil, em que através do jogo se agem fantasias inconscientes e ainda se utilizam mecanismos de identificação projectiva, para uma estrutura adulta da personalidade, em que domina a identificação introjectiva e surge o trabalho como forma responsável e criativa de realização»* (p. 75).

O esforço do Eu consiste, assim, no final da latência, em conciliar diferentes investimentos objectais sem grande conflitualidade interna - pais, professores, irmãos, amigos, modelos, líderes, heróis -, conciliando sexos e gerações, de forma a manter a continuidade do seu ser e a estabilidade incipiente do sentimento de auto-estima.

O período de latência aparece, então, como um período importante no desenvolvimento, como uma espécie de patamar identificatório, no qual as

principais linhas de desenvolvimento do Eu se tendem a fixar (P. Denis, 1979).

Em síntese, o período de latência não é, como inicialmente se conceptualizava, um período desprovido de acontecimentos significativos, uma pausa, uma paragem no desenvolvimento que se caracteriza por uma acalmia/adormecimento dos instintos. Pelo contrário, é um período de "aparente" latência da sexualidade, período marcado por uma reorganização dos conflitos, uma reorganização dos processos defensivos e da relação de objecto; é, no fundo, um período de intensa coloração mental, em que se assiste a múltiplos reajustamentos/alargamentos psíquicos, no seu duplo movimento objectal e narcísico.

2. OBJECTIVOS

Falar de relação de objecto é falar da relação de sujeito a objecto, mas também de objecto a sujeito: relação de sujeito a objecto interno, relação entre objectos internos, relações entre objecto(s) interno(s) e objecto(s) externo(s). É falar de relações estabelecidas através do processo de projecção/introjecção, processo que F. Begóin-Guignard (1985) qualifica de «respiração psíquica». É falar de relações complexas, multiformes, diversificadas e evolutivas.

Para se falar de relação de objecto, temos que começar por falar nas relações com os primeiros objectos, relações fundadoras da vida psíquica, porque são relações que, ao serem interiorizadas, se tornam, simultaneamente, o continente e o conteúdo do psiquismo. Ora os primeiros objectos elaboram-se, constroem-se - trata-se de representações míticas e fantasmáticas -, a partir das relações intersubjectivas com as pessoas significativas do mundo relacional da criança.

Entre essas pessoas estão fundamentalmente os pais, e é a partir da relação com eles que se criam as respectivas *imagos*.

Com a crescente interiorização de objectos, o mundo interno enriquece-se, modifica-se, transforma-se, e as relações com os pais e respectivas *imagos* perduram e transformam-se: na infância, certamente; na adolescência, seguramente. Na latência... é esse o nosso objecto de estudo.

E, se em Freud a latência é tempo de espera, uma espera pasmada, vivida à sombra do recalçamento - porque desprovida de acontecimentos significativos - outros, depois dele, descreveram-na também como tempo de espera, mas de espera agitada, agitada pelos instintos que não amainam/adormecem/pasmam.

A prova está nas defesas. Fica-se até com a impressão, ao ler determinados autores, que a latência não é mais do que um reforço das defesas. Com tantas defesas, a latência torna-se um período baço, opaco. E, se antes já era caracterizada pela negativa - *diminuição* (da libido/sexualidade), *liquidação* (do complexo de Édipo), *renúncia* (ao objecto edipiano) -, a acentuação nas defesas reforça essa caracterização. São diversas formas de falar de um período de desenvolvimento que alguns consideram de pausa, de transição, de passagem, de passar rápido, porque nada, ou quase nada, acontece - quase nada, porque sempre há as novas relações, a escolaridade, a maturação cognitiva.

Outra forma de falar da latência e do seu início, outra vertente, é a centração

não na "renúncia e conseqüente necessidade de...", mas, porque «satisfeita a curiosidade sexual infantil...» (C. Matos, 1993) - conhecimento da gestação, nascimento, cópula e até fecundação -, a criança dirige-se, num movimento de expansão e de autonomia, para novos objectos e novos objectivos. É um novo tempo para a socialização e para o(s) saber(es). É um novo tempo para múltiplos reajustamentos/transformações do continente e dos conteúdos psíquicos. E, entre estes, encontram-se as *imagos parentais*, onde tudo - a vida psíquica, fundamentalmente, - começa. *Imagos* que se transformam no decurso da latência. Qualquer que seja o vértice. Mas, como é que ocorre este processo de transformação? Ocorrerá de forma diferente, dependendo do facto de ser menino ou menina? Que implicações terá no psiquismo?

Porque também aqui há uma certa opacidade, procuraremos, com o nosso estudo, explicitar a natureza dos processos de transformação das *imagos parentais* no decurso da latência e nos reajustamentos psíquicos daí decorrentes. Porque os reajustamentos psíquicos ocorrem de forma diferente, quer se trate de meninos ou meninas, procuraremos ainda explicitar as implicações ao nível das *imagos parentais*.

Centraremos, assim, o nosso estudo em dois vértices, que, parece-nos, se ligam, se intersectam e se inter-relacionam mutuamente.

No primeiro vértice, concebemos que os processos de transformação das *imagos parentais* são processos relativamente longos, lentos, que não se desenrolam de forma contínua e estável, mas, antes, onde as discontinuidades

e os pontos de desequilíbrio são inevitáveis. Mas, mais do que saber sobre a estabilidade destes processos, interessa-nos saber como é que eles se ligam com a autonomia, a afirmação e afirmação de si, isto é, com os processos de maturação.

No segundo vértice, partimos do pressuposto de que os processos de maturação apresentam uma diferença importante, se não no conteúdo, pelo menos na forma, ao nível dos meninos e nas meninas. E, se é assim, quais são as consequências e o impacto no processo de transformação das *imagos* parentais?

Com o objectivo de discutirmos a natureza dos processos de transformação da relação com as *imagos* parentais no decurso da latência e os reajustamentos psíquicos daí decorrentes, centrámo-nos numa população normativa. Esta escolha foi ditada por uma insuficiência encontrada na revisão da literatura: no mais substancial, toda a teorização sobre a latência decorria do que o exercício da prática clínica revelava, donde a importância de se observar e descrever estes processos na população para a qual esses estudos foram extrapolados.

Como instrumento de pesquisa, escolhemos o C.A.T., dada a sua especificidade: constitui um instrumento privilegiado na abordagem da representação das relações com o materno, o paterno e o fraterno, nas suas funções fundamentais - do continente à rivalidade; da cena primitiva à ternura -, permitindo também situar a criança no que diz respeito aos vários processos de maturação.

3. AMOSTRA

3.1. CARACTERIZAÇÃO

Este trabalho de investigação incide sobre uma amostra de 30 crianças, 15 rapazes e 15 raparigas, com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos, que frequentam a escola primária, e distribuídas da seguinte maneira:

	6 ANOS	7 ANOS	8 ANOS	9 ANOS	10 ANOS
Raparigas	3	3	3	3	3
Rapazes	3	3	3	3	3

O universo de recolha da amostra pertence à zona da grande Lisboa.

Os critérios utilizados na selecção da amostra foram, por um lado, as informações obtidas numa breve entrevista com as respectivas professoras, acerca do aproveitamento escolar de cada criança, do seu relacionamento

com os colegas e com a própria professora e de algumas características da sua família; por outro lado, as informações recolhidas da entrevista com a própria criança.

Assim, foram seleccionadas crianças sem insucesso escolar, que não apresentavam dificuldades de relacionamento com os colegas e com a professora, que beneficiavam de ambos os pais reais/biológicos vivos, bem como ausência de divórcio entre os mesmos, que ocupavam posições variadas na fratria e, ainda, ausência de acompanhamento psicológico ou psiquiátrico, actual ou anterior.

O nível socio-económico das famílias destas crianças foi estabelecido pelo índice de Graffard (cf. Anexo I, p. 209):

	Raparigas	Rapazes
6 anos	II, I, I	II, I, II
7 anos	I, I, II	I, I, II
8 anos	I, I, III	I, II, III
9 anos	III, II, I	I, I, II
10 anos	II, II, I	I, I, I

	I	II	III	IV	V
Raparigas	8	5	1	0	0
Rapazes	9	5	2	0	0

3.2. RECOLHA

As "sessões" decorreram em situação individual (sempre pelo mesmo examinador e no mesmo local), num gabinete do próprio estabelecimento de ensino. Começámos por realizar uma pequena entrevista cujo objectivo foi o de permitir à criança falar de um modo espontâneo, de forma a estabelecer uma relação de aliança que facilitasse, num segundo momento, a recolha do protocolo do C.A.T..

4. INSTRUMENTO

No sentido de compreender e explorar as questões que havíamos formulado, foi utilizada a técnica projectiva C.A.T. - Teste de Apercepção Temática para Crianças.

O C.A.T. foi publicado em 1949 nos E. U. A. por Leopold Bellak e Sonia Bellak como uma técnica projectiva de investigação da personalidade, destinada a crianças dos 3 aos 8/10 anos, de ambos os sexos. Este teste teve a sua origem no T.A.T. (Teste de Apercepção Temática) construído por Henry Murray em 1935, cujo material – isto é, as diversas imagens apresentadas ao sujeito - é, simultaneamente, figurativo e ambíguo. H. Murray (cit. in V. Shentoub & Al., 1990) procurou, na escolha das imagens, que estas representassem “as situações humanas clássicas”, situações que, como explicita V. Shentoub, se relacionam com os *conflitos universais*. O C.A.T., tal como o T.A.T., do qual é um «*descendente directo*» (Haworth, cit. in M. Montagna, 1989), também é constituído por um material simultaneamente figurativo e ambíguo, cujas imagens, em número de 10, representam

personagens animais em situações consideradas pelo autor como sendo das mais significativas na vida da criança: *«As cenas presentes nos cartões do C.A.T. foram escolhidas partindo de ideias preconcebidas sobre problemas, situações e papéis que eram de particular pertinência para as crianças. (...) Ao utilizar essas situações, acredita-se ser possível chegar a apreender algo sobre o contexto das preocupações, das dificuldades, dos sonhos diurnos e da imagem corporal da criança; sobre as suas escolhas identificatórias (de figuras e actividades), os seus recursos e a forma como os utiliza, e o seu funcionamento defensivo e adaptativo»* (L. Bellak & C. Adelman, 1966, p. 68).

A ideia de L. Bellak de usar animais em situações antropomórficas nos cartões tem por base a experiência clínica, tendo considerado que as crianças se identificam mais facilmente com essas figuras do que com os seres humanos, para além de suscitarem material ideográfico com maior facilidade. *«No que respeita a um teste projectivo, parte-se da suposição de que os animais oferecem algum disfarce manifesto. Os sentimentos agressivos e negativos de outro tipo podem atribuir-se com maior facilidade a um leão do que a uma figura paterna humana, e os próprios desejos inaceitáveis podem projectar-se com maior facilidade numa figura de identificação menos evidente (...). Desta forma, os animais prestam-se com maior facilidade à ambiguidade do estímulo...»* (op. cit., p. 68). Posteriormente, L. Bellak & Col., na sequência de uma análise de estudos centrados na comparação do C.A.T. com imagens humanas, estudos reconhecidos por eles como inconclusivos e com limitações mas que, porque alguns revelavam que as figuras humanas nas imagens do C.A.T. podiam ter um maior valor estimulante, nomeadamente, *«em crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 10 anos e, em especial, quando a*

sua idade mental é muito mais elevada que a sua idade cronológica» (L. Bellak & M. Hurvich, p. 100), desenvolveram uma versão humana do C.A.T. (C.A.T. – H). Estudos posteriores, alguns recentes como o desenvolvido por D. Gardner & C. Holmes em 1990 (in M. Boekholt, 1993), revelaram que não havia diferenças significativas entre o C.A.T. e o C.A.T. - H. Este facto, aliado às razões acima evocadas, condicionaram a utilização desta versão fora dos E.U.A. de tal modo que, como refere M. Boeckolt, é praticamente desconhecido em França. Razões que levaram também L. Bellak & M. Hurvich (1966) a referirem-se ao C.A.T. como *«o primeiro instrumento a considerar»* (p. 100).

Mas os estudos sobre o C. A. T. não se ficaram pelas comparações entre versões. De facto, nos anos seguintes à sua criação, os estudos sobre o C.A.T. foram conduzidos nos E.U.A. por Bellak & Col., e desenvolveram-se no sentido de estudarem as modalidades perceptivas das respostas que reflectissem as características adaptativas da criança face à situação C.A.T. Na base destes estudos está a proposição de que *«a percepção é uma função da personalidade total, e que é o estudo das diferenças individuais nas respostas percebidas nos estímulos que nos leva a compreender a personalidade do sujeito. (...) Em grande medida, os tipos de deduções baseiam-se na teoria da personalidade que sustenta o psicólogo»* (L. Bellak & C. Adelman, 1966, p. 68). L. Bellak elege a teoria psicanalítica como quadro de referência teórico para dar sentido às histórias das crianças - - convida-se, na instrução, a que a criança “imagine uma história a partir de cada cartão”. Como método de interpretação das histórias, propõe que se considerem 10 categorias principais de análise, que servirão como “marco de referência”, categorias que podem ou não estar presentes em cada história:

tema principal; herói principal; principais necessidades do herói; concepção do meio ambiente; figuras percebidas como...; conflitos significativos; natureza das ansiedades; principais defesas; adequação (severidade) do Super-ego; integração do Ego. Segundo L. Bellak & C. Adelman (1966), as três primeiras variáveis permitem uma descrição da estrutura psíquica e das necessidades inconscientes da criança; a quarta e quinta variável mostra a concepção do mundo e das figuras significativas que a rodeiam; as últimas cinco dão-nos indicações sobre as respectivas dimensões da personalidade.

Foi na mesma linha teórica que, em França, se desenvolveram os estudos sobre as técnicas temáticas - T.A.T. e C.A.T. -, estudos que aprofundaram os seus referenciais psicanalíticos. Entre outros, destacamos, em primeiro lugar, os estudos desenvolvidos por Shentoub, 1969 (in M. Montagna, 1989) em relação ao T.A.T. aplicado a crianças, que propõe uma análise dos protocolos centrada nas possibilidades do Ego na resolução dos conflitos. Considera relevantes os seguintes aspectos: características manifestas da produção; factores de rigidez; factores de labilidade; factores de progressão da narrativa; factores que paralisam a narrativa. Nesta perspectiva, o ênfase da interpretação é colocado na forma como o sujeito se confronta com a situação T.A.T., situação que pode ser assimilada a uma situação geradora de conflito dadas as particularidades que envolve: o *material* que evoca situações conflituais e geradoras de angústia; a *instrução*, que convida a imaginar, mas mantendo uma relação com o estímulo apresentado; por fim, a presença do *psicólogo* que suscita movimentos transferências. É assim que a história T.A.T. e também a história C.A.T. - **porque ambas as situações são similares** -, ou melhor, os protocolos, dão conta do compromisso realizado pelo sujeito nestas situações de conflito, situações que, como explicita V. Shentoub (1983) a propósito da

situação T.A.T., é uma «situação de conflito entre as estruturas conscientes/pré-conscientes e as estruturas inconscientes e os respectivos modos de funcionamento» (op. cit. p. 25) e, por isso mesmo, revela o sujeito na sua singularidade e individualidade. De facto, V. Shentoub (1969, in M. Montagna, 1989), refere que «avaliar a organização apresentada pela criança é apresentar as suas potencialidades, o que nos leva a um momento particular da evolução entre diferentes instâncias da personalidade, com particular referência à noção de integridade das funções do ego, às características da organização defensiva e à apreciação da sua rentabilidade» (op. cit., p.28).

Foram, no entanto, os estudos desenvolvidos por C. Chabert (1980), N. Rausch de Traubenberg (1982) e M. Boekolt (1993) que aprofundaram e estabeleceram de forma clara a análise do C.A.T. baseada (e inspirada) na teoria psicanalítica. Este modelo visa, partindo das características manifestas do material - conteúdo manifesto -, aceder à diversidade de registos de conflitualização veiculadas/reactivadas de forma latente - conteúdo latente. Cada cartão pode reactivar sucessivamente ou simultaneamente vários registos de conflitualização na mesma criança. Para C. Chabert (1980), os conteúdos manifesto e latente do C.A.T. são:

Cartão 1

Conteúdo Manifesto: Três pintos sentados à volta de uma mesa em cima da qual está uma malga cheia. Ao lado, um pouco apagada, uma galinha grande.

Conteúdo Latente: Referência a uma relação com a imagem materna no domínio da oralidade.

Cartão 2

Conteúdo Manifesto: Um urso grande puxa por uma corda que é puxada do outro lado por outro urso grande com um ursinho atrás.

Conteúdo Latente: Referência à relação triangular num contexto agressivo e/ou libidinal.

Cartão 3

Conteúdo Manifesto: Um leão com um cachimbo e uma bengala está sentado num cadeirão. Em baixo à direita, está um ratinho num buraco.

Conteúdo Latente: Reenvia à relação com uma imagem de poder fálico.

Cartão 4

Conteúdo Manifesto: Um canguru grande com um chapéu, um saco e uma cesta com uma garrafa de leite. Tem no saco ventral um bebé-canguru que segura um balão. Atrás dele, uma criança-canguru numa bicicleta.

Conteúdo Latente: Reenvia para uma relação com a imagem materna num contexto de rivalidade fraterna.

Cartão 5

Conteúdo Manifesto: Num quarto escuro uma caminha com dois ursinhos. Por trás, uma cama grande cujos lençóis pareciam levantados por alguma coisa.

Conteúdo Latente: Referência à curiosidade sexual e aos fantasmas da cena primitiva.

Cartão 6

Conteúdo Manifesto: Uma gruta onde se vêem, mais ou menos, dois ursos.

À frente um urso pequeno, de olhos abertos e algumas folhas.

Conteúdo Latente: Referência à curiosidade sexual e aos fantasmas da cena primitiva.

Cartão 7

Conteúdo Manifesto: Na selva, um tigre salta em direcção a um macaco. O macaco parece agarrado a umas lianas.

Conteúdo Latente: Referência a uma relação carregada de agressividade (versus devoração ou castração).

Cartão 8

Conteúdo Manifesto: Dois macacos grandes sentados num canapé bebem por chávenas. À direita, um macaco grande, sentado num "pouf", estende um dedo para um macaquinho.

Conteúdo Latente: Temática da culpabilidade ligada à curiosidade e à transgressão na relação pais/filhos.

Cartão 9

Conteúdo Manifesto: Um quarto escuro cuja porta está aberta. Uma cama de criança com um coelho dentro dela, sentado.

Conteúdo Latente: Problemática da solidão e/ou abandono.

Cartão 10

Conteúdo Manifesto: Um cãozinho deitado de barriga para baixo nos joelhos de um cão grande. À direita uma retrete e toalhas de quarto de banho.

Conteúdo Latente: Referência a uma relação agressiva e/ou libidinal pais/crianças num contexto de analidade.

Neste sentido, o C.A.T. revela-se um instrumento rico de significação, na medida em que reenvia para a representação das relações e dos conflitos fundamentais; permite situar a criança no que diz respeito aos processos de individualização, diferenciação e identificação; permite traçar as grandes linhas da sua organização defensiva, avaliar o registo dos conflitos e a capacidade de os elaborar.

Relativamente ao nosso estudo, o C.A.T. revela-se como um instrumento extremamente útil, na medida em que nos fornece dados importantes sobre as identificações, os conflitos, as angústias na relação com as *imagos* parentais, através dos papéis inferidos e atributos com que a criança qualifica cada uma das personagens que as representam, bem como dados sobre a capacidade da criança em estabelecer relações com essas personagens.

5. PROCEDIMENTOS

Tendo em conta os objectivos do nosso estudo, o método de análise dos protocolos do C.A.T. inscreve-se no racional, consagrado pela escola francesa, mas, porque considerámos também, e fundamentalmente, as concepções referidas na revisão teórica, procedemos a uma ligeira modificação face aos procedimentos mais frequentes. Com base na análise de cada história, salientámos as actividades aí referidas e as consequências que delas resultam; indicámos as personagens que nela estão envolvidas e analisámos as suas características mais importantes, bem como o tipo de relação estabelecida entre as personagens.

Nesta perspectiva, os dados do C.A.T. serão analisados nas seguintes vertentes:

1 - Delimitação de categorias de análise:

* Figuras presentes - corresponde às personagens que a criança nomeia na história, mesmo quando há omissão de personagens presentes no cartão, e introdução de personagens que nele não figuram.

* Tipo de relação/acção estabelecida entre as personagens que fazem parte da história.

* Atributos - definidos, aqui, como as características (positivas ou negativas) que qualificam as personagens da história.

* Afectos - a expressão de qualquer estado afectivo, agradável ou desagradável, relacionado ou atribuído a qualquer uma das personagens da história.

A razão da escolha destas categorias decorre da necessidade de se analisar o processo de identificação, os conflitos na relação com as *imagos* parentais e os afectos daí resultantes, através dos papéis inferidos e dos atributos com que cada criança qualifica cada uma das personagens.

2 - As categorias de análise atrás expressas serão usadas nas relações com: a figura materna, a figura paterna e o casal parental.

A análise dos vários tipos de relações estabelecidas, nomeadamente a relação com a figura materna e paterna, implica necessariamente a centração na função materna e paterna. Estas duas funções, difíceis de separar, uma vez que harmonicamente se completam e imbricam no decurso da evolução biopsicológica da criança - na relação com o casal parental -, devem estar asseguradas, e são necessárias para um bom desenvolvimento.

Embora difíceis de separar, algumas distinções são possíveis de fazer. Assim, segundo Parsons (in C. Malpique, 1990), a mãe terá uma função predominantemente expressiva e protectora, pela sua solicitude e afecto; mas,

no entanto, num período inicial, tem ainda um papel instrumental com o seu bebé, uma vez que lhe presta cuidados que asseguram a sobrevivência física, ajudando-o a sentir-se como objecto desses cuidados, ou seja, a esboçar a consciência de si próprio (formação do Eu). No que diz respeito à função paterna, para Parsons e H. Biller (in C. Malpique, 1990) ela é predominantemente instrumental, isto é, cabe ao pai estimular a criança na sua destreza e aquisição de competências - encorajando a curiosidade e estimulando a resolução de problemas - e, ao mesmo tempo, contribuir para dar segurança no domínio e exploração do meio ambiente.

Contudo, segundo estes autores, esta função instrumental do pai seria predominantemente para com o filho - exigente na resolução de problemas concretos e adaptação ao meio exterior -, ao passo que, para com a filha, seria predominantemente expressivo - admirando-a, elogiando-a e apoiando a sua capacidade de sedução.

Finalmente, para estes autores, a função paterna contribui ainda para o auto-domínio, uma vez que é ela que veicula as interdições morais - "critério moral" (C. Malpique, 1990) -, as regras de vida em sociedade e o património cultural. Este ponto é sublinhado por Lacan (cit. in A. Lemaire, 1977/1982), quando refere que é a função paterna que permite o acesso à ordem simbólica, à lei e, portanto, à estruturação das instâncias psíquicas.

Em síntese, podemos dizer que por *função materna* entende-se o que diz respeito aos cuidados e protecção; a *função paterna* diz respeito à promoção do desenvolvimento. Da forma como estas duas funções estão asseguradas, vai depender a relação estabelecida com o *casal parental*.

3 - Os dois critérios atrás expressos serão usados na expressão cartão a cartão, tendo em conta os conteúdos manifesto e latente dos mesmos.

Relação com a figura materna

Cartão 1: O reconhecimento da imagem materna na sua função alimentadora e da qualidade da relação que é estabelecida com esta.

Cartão 4: O reconhecimento da relação de dependência/ independência, face à figura materna, o que está directamente relacionado com o desenvolvimento da criança na sua dimensão do "crescer/não crescer".

Cartão 9: A capacidade da criança em estar só e em lidar com os sentimentos de solidão, ressaltando os afectos depressivos e um sentimento de abandono, ligados à separação da figura materna.

Cartão 10: Reconhecimento da modalidade relacional dominante com a figura parental (habitualmente a mãe), num contexto libidinal e/ou agressivo.

Relação com a figura paterna

Cartão 3: O reconhecimento da diferença forte/fraco e, simultaneamente, a forma como o "mais fraco" se situa perante uma imagem de poder. Importante, ainda, o tipo de relação que se estabelece entre as personagens.

Cartão 7: Reconhecimento da diferença forte/fraco e, numa relação que é claramente agressiva, torna-se importante notar as soluções do conflito.

Relação com o casal parental

Cartão 2: Situação triangular, em que é importante o reconhecimento das personagens, nas suas diferenças e semelhanças. Importante, ainda, o contexto em que se desenvolve a relação, a qual poderá ser de rivalidade sem destruição - identificação.

Cartão 5: A "percepção" da aproximação libidinal do casal parental pode sugerir, por um lado, o sentimento de solidão ou de abandono face a este casal; por outro lado, os fantasmas infantis ligados à sexualidade e a culpabilidade ligada à curiosidade sexual.

Cartão 6: A aproximação libidinal do casal parental está, aqui, mais patente (não apenas sugerida simbolicamente, como no cartão 5), o que nos reenvia para as mesmas problemáticas que o Cartão 5. Do mesmo modo, a situação triangular é aqui mais evidente.

Cartão 8: Situação enquadrada num contexto familiar, em que se verifica uma luta entre a culpabilidade e o desejo de transgressão. É ainda de referir a transmissão e aceitação/ interiorização de normas.

Assim, para os 10 cartões, a divisão ao nível da relação é feita da seguinte forma:

- 1: Figura materna
- 2: Casal parental
- 3: Figura paterna
- 4: Figura materna
- 5: Casal parental
- 6: Casal parental
- 7: Figura paterna

8: Casal parental

9: Figura materna

10: Figura materna

Em síntese, temos que: para a relação com a figura materna vamos analisar os cartões 1, 4, 9 e 10; com a figura paterna, os cartões 3 e 7; e com o casal parental, os cartões 2, 5, 6 e 8.

6. ANÁLISE DOS PROTOCOLOS

6.1. RELAÇÃO COM A FIGURA MATERNA, PATERNA E CASAL PARENTAL NAS RAPARIGAS

RAPARIGAS – 6 A

Relação com a figura materna

Cartão 1

M: A figura materna não cumpre a função alimentadora, sendo esta cumprida por uma substituta: «... foram a casa de outra senhora e esta senhora deu-lhes sopa».

R: Não há a construção de uma verdadeira história. A presença da mãe é apenas assinalada, não lhe sendo atribuída qualquer actividade ou característica.

A: A mãe é sentida como cumprindo a função alimentadora, sendo-lhe atribuídas características positivas: «... fez um bolo... para os pintainhos comerem e eles gostaram muito... comeram o bolo todo».

Cartão 4

M: Foge ao conflito proposto pelo cartão. Não faz nenhuma referência à figura materna, falando apenas numa «família de cangurus».

R: Foge ao conflito proposto. A acção decorre num contexto banal, «de compras», em que a mãe oferece uma prenda ao bebé.

A: Foge ao conflito proposto pelo cartão, descrevendo a acção num contexto banal: tudo se passa num piquenique.

Cartão 9

M: Medo de estar só, o que tem a ver com a relação de dependência face à figura materna - «... depois a mãe teve um filho e pôs num quarto sozinho e ele chorou muito e a mãe foi lá para ao pé...» -, mas com a esperança de, no futuro, conseguir ser mais independente e ser capaz de estar só: «... mas quando cresceu, já ficou sozinho no quarto».

R: Incapacidade de estar só, não sabendo como preencher a sua solidão - «... não sabia o que havia de fazer...» -, mas, apesar de tudo, consegue adormecer - «... e depois adormeceu sem dar por isso».

A: Não consegue estar só, mas resolve a sua solidão convidando os amigos: «... convidou os amigos e fez um doce delicioso e pôs-se à espera das visitas».

Cartão 10

M: Foge ao conflito proposto pelo cartão, construindo uma história fora do conteúdo manifesto.

R: É uma história muito colada aos elementos do conteúdo manifesto. A relação estabelecida com a figura parental (mãe), é num contexto

libidinal - «... a cadela que está a pegar ao colo o cachorrinho...» -, negando a dimensão agressiva da relação.

A: A figura parental presente é a mãe. Face a uma contrariedade, a filha adopta comportamentos de oposição - «... um dia deu banho à filha, mas como a filha era muito malandra, salpicou o chão todo porque estava farta de estar em casa...»; quando a mãe lhe satisfaz os desejos, ela já adopta uma atitude de cooperação - «... mãe, vamos tomar banho».

Relação com a figura paterna

Cartão 3

M: Foge ao conflito proposto pelo cartão e centra o problema numa "divisão de poderes" entre "iguais" - «Era uma vez um rei leão; depois um dia ele mandou ir lá muitos leões a ver se algum queria ser rei, e queriam ser dois reis (...) ganharam os dois e ficou um numa terra e outro noutra». O rato não é referido (anulado).

R: O ratinho sente-se impotente perante o mais forte, que está zangado, e perante o qual mantém uma atitude passiva, limitando-se a observar - «... e o ratinho estava a ver o leão zangado» -, não havendo, portanto, relação entre ambos.

A: O conflito joga-se mais ao nível da solidão. A imagem de poder está muito só e triste - «... ele não tinha ninguém para brincar com ele e ficou muito triste». Não há qualquer referência ao ratinho (anulação do ratinho).

Cartão 7

M: A problemática parece jogar-se ao nível da diferença forte/fraco,

adulto/criança. A imagem de poder e força está relacionada com o indivíduo adulto : «... quando crescer vou comer um e depois quando foi crescido deu aos filhos e comeu ele».

R: É apenas mencionada a situação do tigre que persegue o macaco, sem qualquer atributo ou solução final: «... tigre, quer apanhar o macaco, se calhar... o macaco pendura-se nas árvores... e o tigre foi atrás do macaco...».

A: O conflito é centrado numa relação entre um perseguidor e um perseguido «assustado», em que o primeiro (tigre) acaba por desistir - «... "se eu pudesse subir às árvores é que era bom"; e o tigre foi-se embora à procura de mais macacos...» -, e o segundo (macaco) resolve nunca mais enfrentar o perigo - «... muito contente desceu e foi para casa ter com os filhos e disse o que se tinha passado e daí nunca mais saiu de casa».

Relação com o casal parental

Cartão 2

M: Não há diferenciação do sexo nem da geração das personagens: «Eram uns ursos...». O contexto é de jogo e competição, em que vencem as duas partes - «... fizeram um jogo a ver quem ganhava (...). Depois ganharam os dois...».

R: Não há diferenciação das personagens ao nível da diferença de sexos ou de gerações - «Os ursinhos...». Nega a agressividade da relação : «... estão a brincar... são amigos senão não estavam a brincar...».

A: O contexto da história é de brincadeira, mas as personagens acabam por se zangar - «... um urso que andava a brincar com uma corda e um dia

veio outros dois que também queriam brincar com a corda e começam a puxar a corda... e partiram a corda e um urso ficou muito zangado».

Cartão 5

M: O conflito parece jogar-se ao nível da solidão e abandono face à figura materna, que não liga ao apelo do bebé: «... o bebé chorava muito e a mãe não se importava» -, pondo também em jogo a dependência em relação à mãe. Há, contudo, a esperança de, no futuro, esta dependência ser ultrapassada - «... depois o bebé quando cresceu, já foi para o quarto sozinho». De referir, também, uma certa competição em relação à figura materna (também há-de ser mãe), identificando-se com ela - «... e teve também um bebé quando já era crescida».

R: O conflito parece centrar-se na evocação da cena primitiva: nega a presença dos pais - «... não vejo aqui a mãe nem o pai...» -, para aliviar a ansiedade que a situação lhe provoca; por outro lado, algo os perturba - «... tinham medo do escuro... depois acenderam a luz».

A: Reconhecimento do conteúdo latente do cartão - «... De repente eles acordam e um ursinho tinha medo do escuro...» -, mas a culpabilidade face à curiosidade sexual faz com que o ursinho recorra à ajuda do irmão e não dos pais - «... "eu não vou dizer aos pais porque senão eles depois ralham de nós estarmos acordados».

Cartão 6

M: Foge ao conflito proposto pelo cartão e constrói uma história longe da imagem: «Eram os caçadores que queriam matar os pássaros...».

R: Não reconhece a situação triangular, mencionando apenas a mãe e o filho.

Não há qualquer interação entre eles, encontrando-se numa atitude passiva: «... estão a dormir».

A: Substitui a presença do pai por outro filho - «a mãe mais os filhos...» -, para, deste modo, negar a situação que lhe provoca ansiedade: situação triangular. Aponta também para o sentimento de abandono face à figura materna, sendo o irmão mais velho que a substitui: «... e o irmão mais velho disse para ele ir para a cozinha comer mel...».

Cartão 8

M: Reconhecimento das personagens no duplo eixo da diferença de sexos e de gerações. Evocação da transgressão - «... o filho portava-se muito mal...» -, e da punição - «... depois a mãe ralhou com ele...».

R: Diferenciação das personagens ao nível da diferença de sexos e de gerações. Inferência da figura materna pelo papel assumido: repreender - «... Estou a tentar descobrir qual é que é a mamã (...) é esta porque está a ralhar com o filho...».

A: Reconhecimento das personagens ao nível da diferença de sexos e de gerações. Relação mãe-filho num contexto em que as normas são transmitidas através de conselhos: «... agora tens de te portar bem...» -, normas estas que o filho parece aceitar - «... e o filho respondeu: "está bem"».

RAPARIGAS - 7A

Relação com a figura materna

Cartão 1

J: Não elabora uma verdadeira história. Apenas descreve o que vê e de uma forma muito restrita. Não refere a figura materna directamente, no entanto, quem fez a «sopa», fê-la muito bem: «... a sopa era muito boa...».

Ma: As associações dão-nos conta de uma relação mãe-filhos, em que a primeira se mostra autoritária e os segundos submissos (obedecem): «... vão todos para a mesa comer a papa (...) agora vão brincar».

Mo: A imagem materna é reconhecida na sua função alimentadora, havendo uma inversão de papéis ao nível do impedimento, ou seja, são os filhos que impedem a mãe de comer: «Depois a mãe foi sentar-se à mesa a comer e já não tinha lá comer nenhum... ».

Cartão 4

J: História muito colada ao conteúdo manifesto, em que descreve apenas o cartão, não abordando o conflito proposto.

Ma: História muito descritiva, onde não há conflito e tudo parece estar bem: «... foram para casa e lá viveram muito felizes».

Mo: O conflito, aqui, parece jogar-se ao nível da rivalidade fraterna: «... o que ia na bolsa, ia contente porque a mãe lhe tinha comprado um balão e não precisava de andar... o que ia na bicicleta já ia a chorar porque tinha de esticar as pernas que doíam muito».

Cartão 9

J: A problemática parece centrar-se numa temática de solidão e abandono face à figura materna, e no medo da situação reactiva: «... ele estava sozinho e a porta estava aberta e ele tinha muito medo...».

Ma: O conflito parece estar centrado na temática de solidão e abandono face à figura materna - «Era uma vez um coelhinho que estava sozinho... ele queria ter uma mamã...». Introduce a figura paterna, mas esta não substitui a falta da mãe.

Mo: Por um lado, temos a coelhinha que é mãe - «... casou-se com um coelhinho e teve muitos filhinhos...» -, o que nos dá conta da rivalidade face à figura materna; por outro, a culpabilidade face a esta rivalidade com a mãe leva-a a afastar-se do coelho - «... ficou tão feliz que até fugiu de felicidade (...) "eu não quero que brinques comigo só porque eu tive filhinhos" e ele disse: "não interessa, vem" (...) e viveram felizes para sempre».

Cartão 10

J: A relação estabelecida com a figura parental (a mãe) é sentida como agressiva, já que o contexto é de punição: «... um cãozinho que se tinha portado mal e a mãe deu uma palmada e ele ficou a chorar».

Ma: Situa a relação pai-filho num contexto de brincadeira, mas em que há "sustos" e muita agressividade dissimulada: «... o pai brincava muito com o filho (...) quando o filho ia a sair o pai assustou-o (...) o filho tinha um balão e com uma agulha rebentou o balão do pai (...) o pai viu a agulha e também rebentou o do filho».

Mo: Relação pai-filho num contexto de agressividade e provocação por parte do filho, acabando com o suicídio deste, ao mesmo tempo que faz uma identificação com a mãe: «... a mãe não havia, tinha morrido (...) o filho tinha

estado a matar moscas e a encher sanitas com moscas. Quando o pai viu (...) ficou tão zangado que começou a dar tau-tau. Ele riu-se, já estou como a mamã, agora vou-me embora. E o filho ficou tão triste que matou-se como a mamã». De referir que as associações parecem dar-nos conta de que o suicídio não é mais do que uma mudança (afastamento), tal como a mãe parece ter feito, donde o filho ter procurado afastar-se do pai para ir ter com a mãe.

Relação com a figura paterna

Cartão 3

J: A história é muito descritiva, não havendo qualquer interacção entre as personagens. Há, no entanto, um pormenor importante, que é o facto de o rato ser percebido como algo "depreciativo" e indesejável - «... e a casa tinha ratos...».

Ma: A problemática, aqui, parece jogar-se em termos do crescimento, que, se por um lado leva à independência, por outro, implica também o confronto com a perda dos pais.

Mo: A história gira em torno de um leão que quer casar - «... ele queria ter uma mulher e então abriu o castelo e foram lá muitas leas para ele ver se queria alguma...». O rato é apenas referido como espectador - «... um rato estava na parede a ver e começou a contá-las...».

Cartão 7

J: A história desenrola-se ao nível de uma relação perseguidor/perseguido, não havendo uma solução final: «... era de noite... o leão tinha uns dentes muito grandes... não sei mais».

Ma: O leão é inicialmente descrito como mais forte do que o macaco, mas o macaco parece ser o mais esperto: «... mas o leão estava tão triste, tão triste que não tinha que comer e então ficou tão triste, e não viveu feliz para toda a vida».

Mo: A interação é estabelecida num contexto de um perseguidor ameaçador e de um perseguido assustado, que consegue fugir: «... encontrou o tigre e ficou tão arrepiado, que pôs-se logo a fugir». Mas este perseguidor acaba por se mostrar uma personagem fraca, que não luta pela sua sobrevivência: «... mas como não conseguiu apanhar, já não tinha mais forças para apanhar outras coisas e ficou tão magro, que morreu cheio de fome».

Relação com o casal parental

Cartão 2

J: Não elabora uma verdadeira história, limitando-se a descrever o que vê, sem entrar, sequer, no conflito proposto. No entanto, há diferenciação ao nível da dimensão grande/pequeno: «... um era mais pequeno, outro era maior e outro era também maior».

Ma: O filho associa-se ao pai contra o "outro", mas, mesmo assim, perdem - «... o outro tirou-lhe a corda». As associações mostram que há um reconhecimento de gerações, parecendo, ainda, que os sexos só aparentemente é que não são reconhecidos. Na verdade, o "outro" parece ser a mãe, mas não é explicitado para não haver culpabilidade por se associar ao pai, contra a mãe - «... três lobos e um era o mais pequenino... os grandes. Um estava a puxar para o lado e o outro, para o outro...». Por sua vez, o facto de este "outro" ganhar tem também a ver com uma tentativa de diminuir a culpabilidade.

Mo: A situação triangular é reconhecida: «Era uma vez três ursos, pai, mãe e o

bébé...». Numa situação de "briga", ele separa o pai e a mãe e alia-se ao pai, contra a mãe - «... tinham-se zangado os dois (...) então eles queriam fazer uma casa separada, duas casas (...) começam briga. O pai com o filho e a mãe sozinha...». Mas a culpabilidade (por ter separado o casal parental) é tão grande que ele tenta reparar a situação: «... quando viu que a corda tinha rebentado, ficam tão tristes que voltam a ficar juntos».

Cartão 5

J: Há um reconhecimento do conflito proposto, mas este provoca-lhe uma certa ansiedade, daí que, para a evitar, por um lado, negue a presença do casal parental - «... os pais não estavam lá na cama...» -, e, por outro, passe a descrever o conteúdo manifesto - «... a cama era branca...».

Ma: O conflito parece estar centrado na curiosidade sexual - «... eles levantaram-se da cama e foram para debaixo da cama dos pais e assustaram-nos quando eles acordaram...».

Mo: Afastamento do conflito proposto pelo cartão, centrando toda a problemática numa temática de abandono face às figuras parentais - «... e os pais tinham abandonado ele, então não resultou nada os gritos...» -, o que faz surgir afectos de tonalidade depressiva - «... mas como aquela casa era já velha e arruinada...».

Cartão 6

J: História construída muito próximo do conteúdo manifesto. Faz, no entanto, uma alusão ao sentimento de abandono face aos pais: «... o filho estava acordado e os pais estavam a dormir».

Ma: Negação de um desejo que ela tem mas não quer admitir, o desejo de sair

de casa - «... mas o filhinho gostava tanto do pai e da mãe, tanto, tanto, que nunca fugia de casa». E, não tendo coragem para o fazer, só sai com autorização dos pais: «... "queridos papás, deixam-me ir para a rua?"; "deixamos sim"... ».

Mo: A problemática desenrola-se num forte desejo de independência, mas sem soluções para realizar esse desejo - «... quem me dera ir para aqueles montes...». Incentivado por alguém (aranha) que lhe diz que os pais "não mandam nele", vai. Contudo, os pais, ao darem pela sua falta, se inicialmente têm dificuldade em reconhecer essa "fuga" - «... não acredito, ele é trapalhão mas não havia de fugir...» -, acabam por ir procurá-lo. Encontram-no, porque ele também chamou por eles, mas já não era o mesmo: tinha-se transformado (por ter comido umas amoras), deixando de ser "trapalhão", isto é, tornou-se mais independente, apesar de ficar com os pais.

Cartão 8

J: Apesar de ser referida «Uma família de macacos», o problema centra-se mais ao nível da relação da figura materna com o filho, num contexto de desobediência e repreensão: «... o filho não queria ir para a cama e a mãe estava a ralhar com ele».

Ma: Foge ao conflito proposto pelo cartão, elaborando uma história onde não há conflito e em que as relações estabelecidas entre as personagens são banais.

Mo: Por um lado, a evocação das regras por parte da mãe, que o filho aparentemente parece aceitar mas não interiorizar - «... "filho, cala-te, tens que te portar bem"; e o filho disse: "está bem mamã, está bem"...». Por outro lado, joga-se a questão do crescer, que leva ao afastamento das figuras parentais e ao estabelecimento de novas relações extra-familiares - «... cresceu (...) foram os

dois crescendo e namorando. E então tiveram filhinhos (...) e nunca faltou uma coisa: um filho trapalhão como o pai dele...».

RAPARIGAS - 8A

Relação com a figura materna

Cartão 1

A: A figura materna cumpre a função alimentadora e as associações dão-nos conta de uma mãe cujos atributos são positivos: «... um dia ela fez uma salada e os pintainhos gostavam muito de salada».

I: A figura materna é sentida como cumprindo a sua função alimentadora: «Vejo uma galinha a dar de comer aos pintainhos...».

V: História muito pegada aos elementos do conteúdo manifesto. As personagens interagem através do alimento e parecem estar felizes: «... estão a rir os três pintainhos... porque estão contentes que vão comer...». É referida a figura paterna: «...Está aqui um galo... ».

Cartão 4

A: História colada aos elementos do conteúdo manifesto. No entanto, é de salientar o reconhecimento da função protectora da figura materna: «...encontrou um lobo que disse: "dá-me o canguru bebé" e ela respondeu: "não dou", e foi a correr para casa».

I: História muito colada aos elementos do conteúdo manifesto, descrevendo apenas o que vê. Não é abordado nenhum conflito.

V: História muito colada aos elementos do conteúdo manifesto, descrevendo pormenorizadamente todos os elementos: «... um balão, tem comer dentro do cestinho... tem duas pernas...». Não há abordagem directa do conflito.

Cartão 9

A: A história fala-nos de um coelhinho assustado (porque está só?), e a única companhia que aparece é um fantasma - «..."quem está aí?... ", e o fantasma respondeu: "sou eu o fantasma dos teus sonhos"...».

I: História muito restritiva, mas onde se percebe um contexto depressivo na forma como lida com a solidão: «... tem a porta aberta e ela está a olhar para o que está fora, sem ser no quarto dela...».

V: Evitamento do conflito proposto pelo cartão, centrando-se numa descrição exhaustiva dos elementos do conteúdo manifesto: «Vejo uma porta, uma cama, uma janela, um cortinado, um espelho... ».

Cartão 10

A: História muito restrita, em que a figura parental escolhida é a mãe, com quem é estabelecida uma relação agressiva: «... um cãozinho... que tinha ido brincar e tinha partido muitas coisas (...) a mãe soube de tudo (...) e bateu-lhe».

I: História muito restrita, onde é descrita uma relação agressiva mãe-filho: «... a mãe cadelinha sentada num banco e a dar algumas palmadas ao filho...».

V: A problemática dá-nos conta de uma mãe muito triste, que o filho tenta animar - «Vejo dois cães: um é a mãe, outro é o filho. A mãe está sentada num

banco, está triste, e o filho está em cima da mãe a rir-se com a boca à mostra...». Contudo, a aproximação corporal é rejeitada pela mãe - «... está com um ar muito sério porque não gosta que o filho esteja em cima dela (...) tem os olhos muito tristes...».

Relação com a figura paterna

Cartão 3

A: A figura paterna aparece desvalorizada: «... um dia, quando ele já estava velho...». O conflito parece estar centrado ao nível da solidão, mas acaba por ser resolvido através da presença dos amigos - «... disse aos amigos da cidade para virem. Depois convidou-os para ficarem com ele e ele foi muito feliz até ao fim da vida». A presença do rato não é referida (anulação).

I: História muito descritiva, em que nos surge um leão «com mais idade» e numa atitude passiva - desvalorização da figura paterna -, e um rato que apenas é mencionado enquanto observador/espectador: «... um ratinho a olhar para o rei».

V: História muito descritiva e pegada aos elementos do conteúdo manifesto, não sendo possível elaborar uma verdadeira história. Dá-nos conta de um leão numa atitude passiva - «... está sentado... », e de um ratinho observador - «... e o ratinho está a ver o leão».

Cartão 7

A: Relação agressiva num contexto de perseguidor/ perseguido, em que, apesar do macaco ser «muito esperto», acaba por ser apanhado pelo tigre: «... o

tigre apanhou o macaco e comeu-o e nunca mais, nunca mais apareceu macaco tão esperto como aquele».

I: A interação decorre num contexto de perseguidor/perseguido, mas sem que se conheça o desfecho da história: «... o macaco vai escorregar as mãos e ele vai cair e o tigre está a ver e pensa que ele vai comer».

V: Relação agressiva num contexto de perseguidor/ perseguido, em que surge um perseguidor que ataca - «... o tigre está a fazer mal ao macaco...» -, e um perseguido "corajoso" que quer ripostar - «... o macaco quer dar-lhe uma chapada...». No entanto, o final da história é vago: «... o tigre vai com os dentes à mostra para morder ao macaco... não sei mais».

Relação com o casal parental

Cartão 2

A: A situação triangular não é reconhecida. Não há diferenciação de sexos nem de gerações - «... uma família onde havia um urso bom e um urso mau...». Quem ganha o "jogo" é o urso bom.

I: A situação triangular é reconhecida. Há, no entanto, uma relação privilegiada com a figura materna, em oposição ao pai. O contexto é o de medição de forças, não sendo definido quem é o mais forte (não há resolução do conflito).

V: A situação triangular é reconhecida. A relação privilegiada é com a figura paterna, em oposição à mãe. A história não tem solução, descrevendo os elementos do conteúdo manifesto, para não dizer quem vence (não há resolução do conflito) - «... têm duas orelhas, uma boca... ».

Cartão 5

A: Foge ao conflito proposto pelo cartão, contando uma história fora do conteúdo manifesto, ou melhor, no passado, (para não se centrar no conflito), de tal modo que, quando chegam a casa, já tudo aconteceu e foram dormir : «... almoçaram, brincaram um bocadinho e depois chegou hora do jantar e a seguir ao jantar, foram dormir».

I: História muito colada ao conteúdo manifesto, não chegando a contar nenhuma história. Descreve apenas o que vê. Não há elaboração do conflito proposto, embora haja uma referência às camas: «Vejo uma caminha toda arrumadinha (...) e uma caminha de bebé».

V: História colada aos elementos do conteúdo manifesto, descrevendo apenas o que vê. Embora haja uma referência aos elementos significativos, não há nenhuma elaboração do conflito: «Vejo uma cama grande... outra pequena...».

Cartão 6

A: Foge completamente ao conflito proposto. Há anulação das figuras parentais: «Era uma vez um ursinho que vivia numa caverna na montanha... ».

I: O conflito parece estar centrado numa temática de solidão e abandono, face à exclusão da relação do casal parental: «... deitado com os olhos abertos a olhar para as folhas e para o dia que está... e os pais estão a dormir».

V: A situação triangular não é reconhecida, sendo apenas «dois ursos» (anulação da figura paterna) -«...um é a mãe , outro é o filho...». Há, no entanto, um sentimento de abandono face à figura materna: «... o pequeno está com os olhos abertos... a comer (...) o grande está a dormir...».

Cartão 8

A: Por um lado, está patente um desejo de independência, que é de algum modo refreado pelo "perigo" daquilo que está fora de casa. Por outro lado, a presença de um super-ego materno que o avisa: «... nunca mais saís de casa sem avisar a mãe porque pode ser perigoso para ti».

I: História colada aos detalhes do conteúdo manifesto. Descreve os dois planos do cartão, e a tónica é colocada num diálogo entre mãe e filho - «... a mãe do macaquinho a falar com ele, e o macaquinho a olhar para a mãe, a ouvir o que ela está a dizer» -, não abordando, no entanto, nenhum conflito.

V: Evocação do secreto - «... estava a dizer segredinhos ao marido...» - e da transgressão, que, no entanto, não é dada de forma directa, por um lado, e, por outro, quem assume o papel de "repreensão" é um irmão mais velho: «... o mano mais velho (...) tinha o dedo apontado para ele e tinha a mão a segurar nele...».

RAPARIGAS - 9A

Relação com a figura materna

Cartão 1

D: A mãe é reconhecida na sua função alimentadora. A criança parece identificar-se com o «pintainho» do meio - «... não quis comer e fez uma grande birra...»; a mãe acaba por ceder à exigência do filho, não deixando, contudo, de fazer valer o seu papel: «... está bem, podes ir brincar com eles mas, quando fores para a cama tens que beber um copo de leite».

A: A figura materna é reconhecida na sua função alimentadora, e são atribuídas características positivas: «... uma mãe que tinha feito um bolo muito bom que os filhos gostavam».

C: Dúvidas quanto aos atributos da figura materna: por um lado, parecem ser negativos e os filhos adoptam um comportamento de oposição - «... pareciam que não gostavam da comida porque estavam todos de boca fechada...»; mas, por outro lado, acabam por ser positivos - «... parece que desta vez gostaram...». Parece também haver uma insegurança por parte da mãe, que não tem a certeza de ser suficientemente boa na sua função alimentadora: «... o que será que faltava na comida, será que era sal ou pimenta?».

Cartão 4

D: Por um lado, estão dependentes de uma mãe que protege, mas verifica-se a possibilidade de independência quando, no final da história, são os filhos que vão proteger a mãe: «... e a casa dela... tinha caído. Depois os filhos dela foram crescendo e tornaram-se uns grandes construtores de casas».

A: Descrição de uma situação que, à partida, parece ser "aborrecida" e cheia de contrariedades para todos: «... a mãe que ia carregada...»; «... "Ai mãezinha, estou com tanto sono"... ».

C: Surge uma figura materna pouco disponível, que não tem tempo para dar atenção ao filho, e, por outro lado, uma mãe frustrante, que não reforça positivamente o filho: «... ela deve é estar com pressa para entregar cartas ou encomendas (...) "Ai que bom, já consegui andar de bicicleta", disse o filhinho, e a mãe então disse: "pois, mas agora estou muito apressada, tenho de entregar algumas encomendas». Revela, por outro lado, uma autonomia do filho, que consegue aprender sem a ajuda da mãe.

Cartão 9

D: A história parece girar em torno de um desejo de se tornar independente - «... gostava tanto de ser passarinho para estar em cima das árvores e para voar no céu...» -, e as dificuldades levantadas pela mãe em o deixar tornar-se independente - «A mãe coelhinha entrou no quarto e disse: "olha o que eu achei, um passarinho ...».

A: As dificuldades em lidar com a solidão são superadas pela introdução de um objecto transicional (boneco), oferecido pelos pais, necessário para a criança dormir, o que dá conta do início da interiorização da função continente - «... "eu não quero dormir porque não tenho boneco" (...) E a mãe deu-lhe o boneco e ele disse: "que bom" (...) foi mostrar ao pai e ele disse: "que bonito, toma também este" ...».

C: Confrontação com o facto de estar só. Contudo, esta solidão é quase vivida de uma forma "grandiosamente só" - «... mas onde será que se meteu a empregada? Ah, eu hoje dei-lhe um dia de folga...» -, tratando-se mais de uma autonomia forçada (ou pseudo-autonomia), do que de uma verdadeira autonomia - «... Por que será que eu lhe dei um dia de folga?... Ah! Já me lembro, tenho de ir a uma festa (...) Tenho de me despachar imediatamente, está quase na hora...». Esta pseudo-autonomia está bem patente nas dificuldades em escolher as roupas, o que, por sua vez, denota dificuldades ao nível da diferenciação sexual - «... Pronto, já me vesti. Será que este vestido me fica mal? Acho que o outro ficava melhor, porque o outro é azul, eu sou um rapaz. Se calhar era melhor o outro, porque o outro é cor-de-rosa... ». Este facto parece ser explicado pela ausência da figura materna, que aparece ainda desvalorizada (empregada).

Cartão 10

D: Dá-nos conta de uma relação mãe-filho num contexto libidinal-agressivo, onde a dimensão agressiva surge um pouco "disfarçada"- «... agora vais merecer umas belas estaladinhas...».

A: A relação com a figura parental (mãe) surge num contexto de aproximação corporal, dando-nos conta de uma figura materna que cuida, protege e alimenta.

C: A relação estabelecida com a figura materna é de agressividade. No entanto, há uma tentativa de dissimular essa agressividade - «... O que será que a mãe está a fazer ao filho?... a bater... a enxugá-lo.... a despir... desta vez é que acertei» -, que, depois, acaba por surgir - «... a mãe deu-lhe tau-tau porque se comportou muito mal».

Relação com a figura paterna

Cartão 3

D: Há um forte desejo do rato de afastamento da relação com o leão (sentida como demasiado próxima) - «A única pessoa que ele gostava era do ratinho (...) certo dia o ratinho fugiu...» -, que é confirmado pelo facto de lhe arranjar uma parceira - «... o ratinho voltou e trouxe uma ratinha e disse assim: "estás a ver, trouxe-te uma ratinha como tu querias e agora pode ficar para tua mulher" ...». Este facto também nos dá conta de que o leão não é sentido como uma figura de poder, forte e autónoma, pois não consegue arranjar uma "leoa", mas apenas uma ratinha (ainda por cima arranjada pelo rato).

A: A história dá-nos conta de um leão triste, que nem dá pela presença do rato. No entanto, é este que o vai ajudar a ficar feliz - «... e então o rato

começou a fazer cócegas e o leão começou a rir...» -, o que parece dar conta de uma idealização do próprio.

C: O leão aparece-nos como uma figura desvalorizada: «... rude (...) velho (...) cansado...» -, que desiste sempre das actividades a que se propõe, mesmo tendo uma ajuda exterior («cozinheiro» e «padeiro»). A solução que ele encontra, é dormir. O ratinho é apenas mencionado como "alimento": «Ah! Estou ali a ver um ratinho, vou chamar o meu cozinheiro...».

Cartão 7

D: O tigre quer ser o «rei da selva», mas o macaco não lhe confere essa posição de poder, desacreditando-o. Essa atitude provoca uma acção de perseguição por parte do tigre, que, no entanto, sai frustrada: «... o macaco foi-se embora e o tigre ficou muito arreliado e foi atrás dele a correr, tropeçou numa pedra e o macaco subiu para cima de uma árvore. O tigre nunca mais voltou a se meter com o macaco».

A: A história gira em torno da satisfação oral, mas num contexto de amizade e inter-ajuda entre o leão e o macaco: o macaco salva a vida do leão - «... o macaco viu e disse: "olha que a cobra é venenosa..." -, e este dá-lhe comida: «... "então dá-me uma banana", e o leão deu-lhe».

C: A história desenrola-se num contexto de perseguidor/perseguido, em que este último (macaco) consegue fugir, surpreendendo a mãe, personagem frustrante que desvaloriza as aprendizagens feitas pelo filho no sentido de se autonomizar - «... mas fiquei admirada, como é que tu conseguiste trepar às árvores? (...) se calhar até subiste muito mal, mas eu vou-te ensinar melhor... ». A criança identifica-se com o macaquinho, caracterizando-se este por uma certa onipotência: «... eu como sou o maior malabarista cá da selva,

consigo escapar sempre, sempre... »).

Relação com o casal parental

Cartão 2

D: A problemática gira em torno da diferença grande/pequeno, forte/fraco - «... então eu fico de um lado porque sou o mais velho, tenho mais força do que vocês os dois...». A agressividade da relação é negada, situando a história num contexto lúdico - «Era uma vez três ursos que estavam a passear e então disseram se queriam ir jogar ...» que é confirmado no fim da história, quando o vencedor divide o prémio com os que perderam: «... não se preocupem, eu vou-vos dar também o mesmo prémio do que eu...».

A: Reconhecimento da situação triangular, em que o filho se associa à mãe contra o pai - «... o pai era sozinho e a mãe e o filho eram os dois» -, não havendo resolução do conflito: «... "a corda é minha", "não, é minha"... ».

C: Reconhecimento da situação triangular, em que o filho se associa à mãe, contra o pai. O pai é quem tem mais força, mas a mãe, com a ajuda do filho (idealização do próprio), acaba por vencer. A agressividade da relação é negada quer no início - «... estavam a fazer um jogo...» -, quer no fim da história - «... mas todos ficam felizes».

Cartão 5

D: Não aborda o conteúdo latente, situando a história num contexto de prestação de cuidados: «Num dia de chuva, no quarto da Manuela, estavam dois ursinhos muito doentes porque tinham apanhado uma constipação muito

grande».

A: Evocação dos fantasmas da cena primitiva: «... os dois irmãos dormiram juntos porque estava muita trovoadas e eles tiveram medo... ». Os pais surgem numa função protectora, tentando acalmá-los - «... os pais ouviram e disseram: "não tenham medo que isto não faz mal"...» -, mas, porque a ansiedade é muita intensa, não conseguem - «... De manhã, eles acordam com um trovão e os dois dizem ao mesmo tempo: "Ai!"... ».

C: O conteúdo latente do cartão é reconhecido, apesar de haver várias tentativas de o negar: por um lado, pela negação da presença dos pais - «A mãe e o pai urso foram passear e deixam os dois ursinhos em casa...»; por outro lado, pelo conteúdo da própria história.

Cartão 6

D: A problemática gira em torno de um desejo de autonomia e independência face ao casal parental, e as dificuldades em concretizar esse desejo - «Abriu a porta da casa e foi-se embora, mas começou a sentir frio e voltou a casa e pôs-se na cama». Por sua vez, surge a culpabilidade face a este desejo de sair de casa, o que faz com que, por um lado, ele negue a saída quando a mãe lhe pergunta: «... "Saíste daqui?"; "não"; "então por que é que estás de casaco vestido?"; porque eu senti frio e vesti o casaco...» e, por outro lado, o sair outra vez de casa mas apenas para ir buscar uma prenda para a mãe - «O filho saiu outra vez e desta vez foi buscar um ramo de flores para a sua mãe...».

A: O que parece estar aqui em jogo é o desejo de interromper a relação do casal parental, procurando afastar o pai, para conseguir ter a sua atenção: «Está tão a chover e eu não posso ir para a rua. Vou acordar o meu pai. "Oh pai! leva-me à rua". (...) Oh pai! olha tantas flores", e o pai: " é Primavera,

filho", e foram os dois ver as flores».

C: O conflito parece estar centrado num sentimento de abandono face ao casal parental, mas que parece acabar por ser ultrapassado: «... e o filho muito triste ficou a pensar como seria se ele estivesse o tempo todo a dormir (...). A pouco e pouco, foi fechando os olhos e adormecendo».

Cartão 8

D: Situação na qual o castigo tem o papel principal. As defesas apontam, por um lado, para um evitamento tanto da culpabilidade, como de uma mãe que castiga - «... não aconteceu nada, foi só a bola que caiu...». Por outro lado, quando estas defesas já não são eficazes, porque o castigo é inevitável, dá-se uma identificação com a mãe na sua função super-egóica: «A mãe ralhou muito com ele e ele nunca mais jogou bola porque tinha medo que partisse outro vidro».

A: Por um lado, temos uma relação mãe-filho num contexto de repreensão - «... o macaquinho estava a fazer diabruras e a macaca chamou-o e disse: "está quietinho que estão aí os teus tios"...». Por outro lado, em segundo plano, um pai que não acredita nas diabruras do filho e que fica muito triste quando constata que verdade.

C: O conflito está centrado na explicação das normas - «... a mãe agora está-lhe a explicar (...) não se pode fazer macaquices...» -, que parecem ser aceites - «... Então, ele seguiu as instruções, não, como se diz?... os conselhos da mãe... » -, o que nos dá conta da interiorização das normas.

RAPARIGAS - 10A

Relação com a figura materna

Cartão 1

C: A figura materna é referida na sua função alimentadora - «Era a mãe que estava a dar o comer aos pequeninos... ».

S: A problemática gira em torno da necessidade de receber alimento e da grande dificuldade para a espera - «... então os pintainhos esperaram muito e aborreceram-se e começaram logo a servir». As associações dão-nos conta de uma figura materna que alimenta, mas que, ao mesmo tempo, demora a satisfazer os filhos e, por isso, os filhos têm que a enganar - «Quando a mãe chegou, eles tinham já rapado o prato todo e parecia limpinho, então a mãe serviu-lhes de novo... ».

E: A mãe é vista na sua função alimentadora, mas "alimenta" exageradamente, até os filhos ficarem doentes - «... e o médico disse que deviam ter comido demais e agora estavam com dores de barriga...» -, o que dá conta de uma mãe que não cuida suficientemente bem.

Cartão 4

C: Foge ao conflito proposto pelo cartão, colando-se aos detalhes do conteúdo manifesto.

S: Nesta história, parece haver um "esboço" de tentativa de independência face à figura materna - «... o canguru mais velho não gostava nada de ir aos saltinhos e por isso pegou na sua bicicleta e lá foi com a mãe e o irmão mais novo».

E: Foge ao conflito proposto pelo cartão, situando a história num

"piquenique", em que algo ou alguém pretende perturbar a mãe e os seus dois filhos - «... viram a mexer atrás dos arbustos, as folhas, e foram ver o que era, era uma lebre que estava lá e ela ficou muito aliviada pois julgava que fosse uma raposa ou outro animal feroz».

Cartão 9

C: A problemática parece centrar-se ao nível da dependência face à figura materna, associada a uma incapacidade (e medo) de estar só - «O coelhinho bebé está à espera que a sua mãe o vá adormecer ao seu colo e depois deitá-lo na sua caminha... ».

S: A incapacidade de estar só faz com que se sinta doente e pense que não consegue resolver o seu problema: «... um coelhinho que estava doente e essa doença não tinha cura...». Para a ajudar a lidar com a sua solidão, recorre a uma figura idealizada, que não uma figura parental, que a vai ajudar também a crescer: «... um tio que era cientista um dia voltou da América (...) o tio conseguiu arranjar um remédio para aquela doença traiçoeira (...) e assim o coelhinho nunca mais teve doenças e viveu muito feliz para sempre».

E: O conflito está nitidamente centrado na incapacidade de lidar com a solidão e, inclusivamente, no medo de estar só - «... ele ao pé de outra pessoa não tinha medo, porque é que ele sem uma pessoa ao pé tinha medo...». No entanto, este medo da solidão acaba por ser ultrapassado, graças à ajuda de uma figura substituta da figura materna, que serve de objecto continente destes medos: «... a senhora da casa ao lado (...) foi para casa do coelhinho, pôs um colchão no chão e dormiu ali para ver se ele ao pé dela não tinha medo (...) logo depois de adormecer foi para casa (...) e então, desde aí, ficou a dormir sozinho sem medo nenhum».

Cartão 10

C: A relação estabelecida com a figura parental (pai) é mais num contexto libidinal, tentando, a todo o custo, não dar a expressão directa da agressividade - «O pai do cãozinho está a tentar agarrá-lo para ele ir tomar banho (...) resolve metê-lo dentro da banheira para ele se refrescar e aproveita e lava o pêlo» -, numa tentativa de negar o conflito proposto.

S: A problemática gira em torno da agressão e do castigo. Projecta o conflito triangular (acrescentando o pai) numa situação onde é habitual surgir uma relação do tipo mãe-filho: «... levou uma grande tarefa da sua mãe. Quando o pai chegou a casa, ficou muito zangado e deu-lhe logo outra tarefa muito grande». Parece não haver interiorização das regras, mas, antes, a utilização de uma estratégia de reparação (de forma megalomaniaca) para não ser castigado: «... como ele queria ser cientista começou logo a fazer experiências (...) E foi inventando coisas para se fizesse mais alguma diabrura, arranjar facilmente. Mas ele continuava sempre a fazer diabruras...».

E: Relação mãe-filho num contexto de agressividade. Quando a mãe se zanga a "sério" e o castiga, ele resolve não fazer mais diabruras, o que dá conta de uma interiorização das normas: «... bateu-lhe a sério, deu-lhe castigo e ficou muito zangada com ele. Como isto aconteceu, o cãozinho nunca mais fez o mesmo».

Relação com a figura paterna

Cartão 3

C: O conflito parece jogar-se mais ao nível da solidão - «... o leão estava a pensar o que é que havia de fazer naquela tarde... » -, dando-nos conta de

um leão triste, sozinho e sem nada para fazer. A presença do rato não é mencionada. No entanto, é introduzida outra personagem (uma criada) que contraria os planos do leão - «... quando resolveu ir passear no campo, a criada foi-o chamar para irem comer e o leão ficou todo triste... » -, o que nos dá conta de um leão com pouco poder.

S: A imagem do leão é, de certa forma, desvalorizada - «Um leão muito velho que já era avô e tudo...». A relação que se estabelece entre o leão e o «ratinho malandro» é de perseguição, sendo introduzida uma personagem que auxilia o leão nesta perseguição - «... a vizinha era muito amiga dele... », - acabando o ratinho por ser apanhado.

E: A imagem do leão que nos é transmitida é uma imagem autoritária, que não liga ao que os outros dizem e só faz o que quer. O rato não é mencionado, mas são introduzidas outras personagens - «um empregado, outro empregado, muita gente» -, que contestam a atitude do leão e conseguem modificá-la: «... vinham reclamar porque o rei fazia o que queria e nunca ouvia a opinião dos outros (...) e nos outros dias, já fazia aquilo que os outros queriam e (...) aprendeu a lição».

Cartão 7

C: Estabelecimento de uma relação agressiva entre um perseguidor «com fome» e um perseguido «aflito», em que o primeiro consegue apanhar o segundo: «... o macaco caiu e o tigre irá apanhá-lo e comê-lo...».

S: A interacção estabelecida entre o tigre/leão e o macaco é num contexto agressivo de perseguidor/perseguido, em que o primeiro persegue o segundo, acabando, no entanto, por ceder aos apelos do último: «... por favor, por favor, não me mate que eu ainda sou pequenino...». Estabelece-se, então, uma relação mais amistosa entre todos: «Então, viveram os macacos e

todos os animais em paz».

E: A interação processa-se entre um perseguidor e um perseguido provocador - «... o macaco gostava muito de o ir chatear mas sabia que corria perigo, pois o tigre podia atacá-lo...». Depois de ter sido provocado, o tigre perseguiu o macaco, que conseguiu fugir, mas ficou tão assustado que nunca mais o provocou - «... ele nunca mais lá foi acordá-lo».

Relação com o casal parental

Cartão 2

C: Não há o reconhecimento da situação triangular. História muito próxima do tema banal - «Eram uns ursinhos que estavam a brincar com uma corda...» -, em que há uma negação da agressividade da relação, que volta a ser confirmada no final da história - «... para eles ganharem esta brincadeira». Não há diferenciação das personagens no duplo eixo da diferença de sexos e de gerações: «uns ursinhos».

S: A história é baseada num contexto de rivalidade fraterna - «... zangaram-se e então o mano mais velho e o mano mais novo ficam de um lado e o irmão do meio ficou noutra lado». Quem vence este "jogo" são os que estão em maioria: «... e ganharam os dois irmãos, o mais velho e o mais novo, porque eram dois».

E: Reconhecimento da situação triangular: relação privilegiada com a mãe, em oposição ao pai: «... ficou o pai de um lado e a mãe e o filho do outro...». O contexto da relação é lúdico - «... o jogo era puxar a corda...» -, e quem ganha o jogo é o pai - «... e o pai puxou, e a mãe e o filho caíram e o pai continua a puxar e teve que ganhar...».

Cartão 5

C: Reconhecimento da situação triangular. Porque a situação lhe provoca ansiedade, nega a presença dos pais - «... mas os pais não estão lá...» - , para o aliviar da tensão que o conflito lhe provoca - «... e eles os dois estão a brincar».

S: "Desloca" a cena, para aliviar a ansiedade que a situação lhe provoca, contando uma história fora do conteúdo manifesto do cartão.

E: Evocação dos fantasmas da cena primitiva : «... ouviam barulho e não sabiam de onde vinha...».

Cartão 6

C: A situação triangular é reconhecida. A história parece abordar uma temática de abandono face ao casal parental - «Eles estão a aconchegar-se do frio, pois ali estão mais quentes do que cá fora, ao vento e chuva».

S: Por um lado, verifica-se um desejo de afastamento em relação ao casal parental - «Só que o ursinho pequenino não queria hibernar e então foi lá para fora...» -, associado a uma "conquista" de autonomia - «... a mãe do ursinho, costumava-lhe sempre tapar para ele ficar quentinho, mas como a mãe dele estava muito sossegadinha a dormir e o pai também, ele deitou-se sozinho».

E: A situação triangular é reconhecida. Parece haver um sentimento de ambivalência face ao desejo de "crescer" e de se tornar independente: por um lado, ela quer afastar-se do casal parental - «... o urso bebé fugiu de casa e a mãe e o pai andaram à procura dele por todo o lado e não o encontraram» -, mas, por outro lado, ainda não "cresceu" o suficiente para o fazer - «... era o filho dele a chorar porque não sabia o caminho de volta a casa...».

Cartão 8

C: Apesar de ser referida «a família macaco», o acento é posto sobretudo na relação da mãe com o pequeno macaquinho, num contexto de evocação de regras e normas: «... está a dizer para ele não andar a correr tanto ao pé de todos, para ele se portar bem...».

S: Os elementos estruturantes em relação ao conteúdo latente estão presentes: diferenciação das personagens ao nível da diferença de sexos e de gerações, evocação das regras - «... um menino macaco que gostava muito de fazer diabruras e a mãe estava sempre a ralhar com ele» -, que parecem ser interiorizadas - «... e o filho dele portou-se muito bem desde esse dia»; e a evocação do secreto - «A tia também era muito vaidosa e andava sempre a dizer segredos ao seu marido».

E: A problemática desta história parece estar centrada na transgressão. A relação da figura materna com o macaquinho gira em torno da transmissão de regras - «A mãe viu que ele estava a preparar uma partida e foi falar com ele e o macaquinho ficou muito envergonhado e chateado porque a mãe tinha descoberto o que ele andava a fazer...» -, e da sua interiorização - «... aprendeu a lição, não pregar partidas a pessoas maiores que ele».

6.2. RELAÇÃO COM A FIGURA MATERNA, PATERNA E CASAL PARENTAL NOS RAPAZES

RAPAZES – 6A

Relação com a figura materna

Cartão 1

A: A mãe é vista na sua função alimentadora. As associações parecem dar-nos conta de uma boa relação com a figura materna, cujos atributos são positivos - «... hoje é empadão (...) mãe, gosto tanto de empadão» -, e que satisfaz os filhos - «... almoçaram muito bem...».

P: A história é construída longe da imagem, com introdução de personagens: «Era uma vez uma menina...». Quando se centra nas personagens do cartão - «Depois veio uma galinha e três pintainhos...» -, parece que não reconhece a galinha na sua função materna, mas sim como se fosse mais um dos 3 pintainhos - «... foram comer a sopa e a galinha disse: "alguém comeu um pouco da minha sopa" e todos disseram: "a mim também"» - e, inclusivamente, na história que ele vai buscar, "O polegarzinho", são todos irmãos.

F: A figura materna cumpre a sua função alimentadora. Contudo, a forma como esta é cumprida parece dar conta de que o objectivo desta função é para satisfação das suas necessidades narcísicas, não permitindo a relação através do brincar - «... e a mãe não deixou brincar (...) disse assim para dizer aos miúdos para comerem: "assim ficam como os bebés, uns anões (...) se comerem muito é que ficam grandes". E a galinha gostou de ver que eles já são grandes».

Cartão 4

A: A problemática parece centrar-se ao nível da dependência em relação à figura materna: «... como a mãe não tem sítio para todos os filhinhos, um vai de bicicleta, outro vai na bolsa...». Justifica o facto de ir de bicicleta, não porque já é mais crescido, mas sim porque não cabe na bolsa da mãe, o que dá conta de uma autonomia "forçada".

P: História muito restritiva, não entrando sequer no conflito. A figura materna não é referida, não havendo qualquer diferenciação ao nível dos sexos e gerações: «... três cangurus».

F: A figura materna é vista como descuidada: «... tem cuidado mãe, estou na bolsa, não vês que eu caio?...». O perigo é o poder ser comido por um lobo (introdução de uma personagem): «... e o lobo ficou zangado porque queria comer aqueles cangurus».

Cartão 9

A: Só por si, a descrição do quarto reenvia para uma temática de solidão/abandono: «Era uma vez um quarto que estava vago...». A dificuldade em lidar com a solidão, leva-o a procurar segurança na mãe - «... foi dizer à

mãe: "não consigo adormecer", e foi-se deitar e fechou os olhos e conseguiu adormecer».

P: Parece haver uma inversão de papéis: o que era suposto era descrever a atitude/sentimentos do filho e não da mãe: «... a coelha apanha um susto porque a porta estava aberta e pensava que os filhos estavam mortos por causa da raposa». Esta descrição parece mostrar-nos os receios do filho em ficar só mas, porque se sente abandonado, quer culpar a mãe por esse facto, levando-a a apanhar um susto.

F: As associações dão-nos conta de uma certa dificuldade em lidar com a solidão: «... viu umas coisas estranhas com olhos (...) foi logo para casa...».

Cartão 10

A: A relação pai/filho desenrola-se num contexto de agressividade, em que o pai repreende e castiga o filho: «... "não voltes a ir para aí", e deu três palmadas no rabo do cãozinho».

P: Temática agressiva num contexto de analidade, claramente evocada: «... fez cócó nas calças e diz que se faz na sanita e depois levou tarefa do pai».

F: Relação agressiva mãe-filho num contexto de punição: «... a mãe estava muito zangada e ele tinha medo porque deu uma chapada porque ele fez mal».

Relação com a figura paterna

Cartão 3

A: O reconhecimento da diferença grande/pequeno é nítido: surge um grande e

poderoso - «o leão é o rei da selva e tem um castelo muito grande feito de pedra, lá dentro tem um trono...», e um pequeno e fraco - «... com um buraco com um ratinho a espreitar...». Por outro lado, a relação entre as duas personagens é caracterizada pela indiferença do leão perante um ratinho tão insignificante: «... e o leão nem notava que ele estava a espreitar».

P: Começa por questionar o poder do leão: «É o rei? Não sei se é o rei... deixa cá pensar...». Constrói seguidamente uma história onde introduz personagens - um leopardo que depois passa a monstro, monstro este que assusta o coelho, pelo que vai avisar o rei leão. O rei, numa atitude "corajosa" «... foi procurar e não o viu...», limita-se a avisar os "outros", não conseguindo, portanto, resolver o problema.

F: Aparece-nos uma figura paterna zangada e que quer apanhar o rato. Porque não consegue, pede auxílio externo (guardas). Este revela-se ineficaz, porque o rato era muito forte: «... mas eles disseram que não podiam porque o rato era muito forte...».

Cartão 7

A: A problemática gira em torno de uma relação perseguidor/perseguido, em que, apesar do leão ser «feroz», o macaco consegue fugir: «... e foi atrás dele e o macaco fugiu pelas árvores da selva».

P: A problemática gira em torno de uma relação perseguidor/perseguido, em que o tigre acaba por desistir da perseguição: «... e o tigre ficou sempre a saltar e cansou-se e foi para casa».

F: A problemática gira em torno de uma relação perseguidor/perseguido, num contexto de oralidade muito marcada, sendo introduzidas várias

personagens: «...leão, macaco, macaco-pai, cinco leões, cinco macacos, etc...». Os leões, porque são mais fortes, acabam por comer os macacos todos: «... e depois deu uma dentada e ficaram zero (macacos), os leões não morrem porque são muito fortes».

Relação com o casal parental

Cartão 2

A: A situação triangular é reconhecida: o filho associado à mãe contra o pai. O pai é o vencedor: «... e quem tem mais força é o pai e o pai fica com a corda».

P: Não há reconhecimento e identificação das personagens no duplo eixo da diferença dos sexos e das gerações - «uns ursos» -, não havendo qualquer referência aos mais fortes e/ou aos mais fracos: «... e rompeu-se e caíram».

F: A dimensão forte/fraco, grande/pequeno, encontra-se aqui definida de uma forma muito clara: ao mais pequeno é atribuída uma característica de fraco e sem força, aos maiores, as características de força e de potência: «... olha, vês que não tenho força pai, eu sou tão pequeno que não tenho força». Há, contudo, a esperança de vir a ter força: «... foi treinar outras coisas (...) se tu treinares outras coisas e a corda, ainda ficas com os músculos fortes...». A diferenciação dos sexos e das gerações está bem patente.

Cartão 5

A: A referência ao «quarto da mãe», só por si dá conta da negação da triangulação, excluindo o pai. Depois, continua fazendo referência a uma relação privilegiada com a mãe - «... e o bebé tinha ido passear com a mãe...»,

marcando, ainda, com esta descrição, a negação do conflito.

P: Evocação da cena primitiva - «... uma trovoada muito grande...» -, mas, por outro lado, porque lhe provoca muita ansiedade, tenta denegá-la, através da exclusão dos pais - «... e os pais dos ursos não estavam lá». Contudo, a ansiedade é de tal maneira que a única defesa é fugir da situação, necessitando, para tal, de introduzir uma personagem - «... e vem um fantasma e depois deixou cair a cama abaixo e fugiram e fugiram...».

F: O reconhecimento da cena primitiva provoca-lhe uma certa ansiedade, daí o procurar negá-la, não vendo nada - «Não há nada...». A ansiedade está patente na luta que o «filho e a filha» travam depois de acordarem: «... abriram os olhos e depois os miúdos começaram a lutar e o pai e a mãe acordam...».

Cartão 6

A: Para fugir ao conflito proposto, constrói uma história fora da imagem: «... uma coisa a rolar, o que é isto? É um remoinho, e caíram lá dentro».

P: Referência à situação triangular. No entanto, porque esta situação lhe provoca uma certa ansiedade, vai anulá-la, pela introdução de personagens que "afastam" os pais - «Era uma vez uns caçadores que mataram o pai do urso e a mãe...». Porque a morte dos pais lhe gera uma grande culpabilidade inconsciente, vai vingar-se da sua morte, através de uma atitude de onnipotência, o que é uma forma de se desculpabilizar - «... o urso mais novo foi a correr e saltou por cima deles, ficaram todos arranhados e foram para o hospital».

F: A problemática aqui parece centrar-se no facto do filho ser/sentir-se excluído da relação do casal parental: «... Oh pai, eu não gosto de dormir aqui; se não

gostas vai para outro lado (...) não te assustes que nós não fomos embora».

Cartão 8

A: Indiferenciação das personagens, no duplo eixo da diferença de sexos e de gerações. Referência à analidade: «... e os macacos foram para casa das pessoas e ficou tudo sujo com os macacos que eram uns porcalhões». A troca de identidades parece permitir a transgressão.

P: Mãe castigadora: «... vais de castigo porque não interrompesses...», mas, ao castigar, sem motivo aparente, impede a relação - «... e o macaco só queria falar com eles e eles só falavam com a mãe».

F: História muito restritiva, em que a figura materna surge como interditora do diálogo (e da relação) - «... ele queria dizer qual as coisas mas ela (mãe) não queria».

RAPAZES - 7A

Relação com a figura materna

Cartão 1

F: História muito descritiva, com apego aos elementos do conteúdo manifesto. A figura materna é referida numa função observadora - «... e a galinha a vê-los», não sendo referida qualquer outra relação.

J: Não faz referência à figura materna. Não elabora uma verdadeira história,

colando-se muito aos detalhes do conteúdo manifesto.

P: Nesta história aparece, por um lado, uma mãe que, apesar de cumprir a função alimentadora, parece um pouco afastada da relação; por outro lado, há a introdução de uma personagem - o pai -, com atributos autoritários e que castiga ferozmente a voracidade de um dos filhos: «... ralhou com o comilão e depois expulsou-o de casa». Por sua vez, está patente a rivalidade fraterna que surge na dicotomia "pastelão/comilão". Neste sentido, temos que a intensa voracidade, incrementada pela rivalidade fraterna, leva a uma situação na qual o castigo tem o papel principal.

Cartão 4

F: História muito restritiva e pegada ao conteúdo manifesto. Há, no entanto, a salientar a introdução de uma figura masculina : «... e está um homem ao pé da casa».

J: Tal como a história anterior, é muito descritiva e colada ao conteúdo manifesto. De salientar também a introdução de uma figura masculina: «... havia um homem ao pé da casa».

P: A figura materna não é sentida como protectora: «Depois na feira, brincavam com o bebé da senhora canguru. E depois, foi perdido e foi apanhado por um lobo... ».

Cartão 9

F: Não elabora nenhuma história, limitando-se a descrever os detalhes do cartão. Esta descrição tão pormenorizada - «... e tem uma janela aos tracinhos, e à saída do quarto, uma madeira às riscas» - parece dar-nos conta de uma certa

ansiedade da criança face ao conflito proposto pelo cartão, evitando, deste modo, abordá-lo.

J: Não elabora nenhuma história, limitando-se a descrever os detalhes do cartão. Esta descrição, embora não tão pormenorizada como a anterior, parece também dar-nos conta da mesma situação, a saber, dificuldades em lidar com o sentimento de solidão.

P: A história dá-nos conta de uma mãe desvalorizada e funcional, e com quem não é possível estabelecer relação: «... depois a criada andava sempre a limpar (...) e depois a coelhinha foi-se embora (...) de casa». Apesar desta relação, a projecção num futuro mais feliz é possível, embora as associações mostrem algumas falhas ao nível do narcisismo: «... Foi para uma terra cheia de lindo, cheia de flores, de árvores, a casa era mais linda (...) namorou com um coelhinho e tiveram dez filhos e duas filhas e viveram felizes...».

Cartão 10

F: A problemática gira em torno da relação mãe-filho, num contexto de repreensão: «Isto a mãe do cãozinho a puxá-lo para ele não ir fazer coisas mal feitas, porque ele quer fugir da mãe».

J: Não há diferenciação das personagens, são «dois cães». A relação entre eles não é muito explícita, mas parece estar inserida num contexto de aproximação corporal: «Havia um cão que estava deitado no grande».

P: A figura parental é identificada como sendo a mãe. A agressividade da relação é negada e a mãe mostra-se tolerante em relação ao que o filho faz: «... foi fazer chi-chi à casa de banho e depois caiu na sanita e ficou todo sujo, e a mãe deu-lhe banho (...) chegou outro dia e o cãozinho fez outra vez, e a mãe

limpou com uma toalha...». A consequência desta tolerância da mãe (possível graças à ajuda de uma «criada»), é a interiorização das regras: «... nunca mais voltou a fazer aquilo (...) e a mãe ficou feliz com o cãozinho... ».

Relação com a figura paterna

Cartão 3

F: História muito colada aos elementos do conteúdo manifesto. O leão é portador de atributos "viris" - bengala e cachimbo. Faz apenas referência ao ratinho - «... tem aqui um ratinho na madeira da parede» -, não havendo qualquer relação entre as duas personagens. Introdução de um movimento no meio da descrição - «... tem a cauda a bater no chão... » -, o que parece denotar uma certa impaciência.

J: História muito colada aos elementos do conteúdo manifesto. O leão também é portador de atributos "viris" - bengala e cachimbo. Tal como na anterior, não há referência a qualquer interacção entre as duas personagens: «... lá na parede estava um rato».

P: Aparece-nos uma figura paterna que tem aspirações ao poder - «Era uma vez um Sr. leão que queria mandar na cidade...» -, mas que não tem força suficiente - «dinheiro», o que sublinha o carácter anal desta força - para as conseguir.

Cartão 7

F: A acção desenrola-se entre um perseguidor e um perseguido, este último cheio de medo. Não há uma solução final: «... o macaco está com muito medo

porque o tigre está a saltar de uma árvore com folhas e muitos paus».

J: História muito descritiva em relação a alguns elementos do conteúdo manifesto. Surge uma relação entre um perseguidor «ameaçador» e um perseguido, mas sem solução final: «... o leão tinha os dentes muito grandes... e lá nas árvores tinha muitas folhas...».

P: Começa por haver uma anulação da agressividade: «Era uma vez um leão que queria brincar com um macaco...». Depois, há uma fabulação fora da imagem - «... vem um furacão e levou o macaco à terra das asas...» -, terminando a história com "tudo muito lindo": «... o tigre já tinha morrido (...) e tinha levado a namorada, casaram e tiveram filhos e foram felizes para sempre».

Relação com o casal parental

Cartão 2

F: Não constrói uma verdadeira história, descrevendo apenas o cartão. Não há diferenciação das personagens no duplo eixo da diferença de sexos e de gerações: «São os ursos a fazer uma competição».

J. Negação da agressividade - «Era uma vez três ursos que estavam a fazer ginástica». Não há identificação das personagens no duplo eixo da diferença de sexos e de gerações.

P: Nega a agressividade da relação através de uma situação lúdica: «... um lobo e dois lobinhos e depois fizeram um jogo de corda». Contudo, a agressividade surge, embora provocada por um terceiro (o sol) - «... discutiram e já não foram

amigos...» -, mas, no final, graças à intervenção de terceiros (as pessoas da cidade), há a reparação, ficando tudo "bem".

Cartão 5

F: Evocação da cena primitiva - «É um ursinho a dormir no quarto e está a rebolar...» -, o que lhe causa alguma ansiedade, pelo que muda o rumo à história, passando apenas a descrever os elementos do conteúdo manifesto.

J: História muito descritiva, havendo, no entanto, referência aos elementos mais significativos: «... numa cama pequenina (...) e havia uma cama grande que não estava ninguém».

P: A evocação da cena primitiva - «... o pai e a mãe ficaram escondidos debaixo da cama por causa da trovoada» - provoca tal ansiedade que há necessidade de pôr termo à relação do casal parental: «... o lobo apareceu e roubou um ursinho e o urso mais bebé gritou. A mãe ouviu e foi a correr...». O desejo de se afastar da relação do casal parental surge depois, ao mesmo tempo que sublinha as possibilidades de crescimento: «... os ursinhos cresceram e a cama já não servia e depois compraram outra e ficaram mais felizes».

Cartão 6

F. Negação da terceira personagem. O ambiente é de perigo e eles estão sózinhos: «... estão com medo de cair lá para baixo porque deve ser muito perigoso».

J: Faz referência às três personagens. No entanto, situa a mais pequena num contexto algo abandonico em relação ao casal parental. Os grandes estavam a dormir um ao lado do outro».

P: A relação é estabelecida entre uma mãe e dois filhos: «... uma senhora urso (...) teve dois filhos...». Há, depois, uma fabulação afastada da imagem, com introdução de várias personagens (lobo, habitante, galo, abelha e borboletas), onde as relações são pautadas por uma grande agressividade, cujo carácter oral é bem patente - «... lobo que quer comer (...) a abelha picou o lobo e cortou a mãe dos ursinhos e depois fez uma papa de mel para pedir obrigado...». No fim, tudo acaba bem - «... e foram muito felizes: a mãe, os ursinhos, a abelha e as borboletas».

Cartão 8

F: História muito descritiva, ao nível do conteúdo manifesto: «... o sofá (...) é pequenino, branco e com risquinhas pretas». Evocação das regras: «... a mãe está a falar com o filho para ele não fazer nada».

J: História muito descritiva, não havendo abordagem do conflito proposto. A única interacção que se verifica entre as personagens é de brincadeira: «... e um grande estava a brincar com o pequenino».

P: Há diferenciação das personagens ao nível da diferença de sexos e de gerações. A relação triangular está patente. Contudo, são de sublinhar as dificuldades em estabelecer relações futuras fora da família, expressas na verbalização, sem modulação, do desejo de ficar com a mãe: «... o macaquinho discutiu com a macaquinha e não foram felizes, o pai e a mãe é que foram. Depois o macaquinho já era grande e queria namorar com a mãe. Depois foram felizes». Este facto parece ficar a dever-se a falhas ao nível do narcisismo: «... a avó achou que o filho era muito feio (...) escorraçou ele da casa dela e o macaco foi ao cabeleireiro e ficou todo bonito...».

RAPAZES - 8A

Relação com a figura materna

Cartão 1

N: História muito descritiva, sem entrada no conflito. Não há referência à figura materna, sendo referidas apenas «as galinhas». Estas, no entanto, cuidam de si próprias: «... guardanapos para não sujar (...) pano para não haver micróbios».

R: A figura materna é vista na sua função alimentadora, sendo-lhe atribuída uma característica positiva: «era a comida que eles gostavam mais».

T: A mãe cumpre a função alimentadora, à qual os filhos não parecem dar grande importância - «... estavam todos na brincadeira em vez de comer a sopa» -, adoptando uma atitude de desobediência, à qual a figura materna não se impõe.

Cartão 4

N / R: Embora identificando claramente a figura materna e os dois filhos, ambos fogem ao conflito proposto pelo cartão. Colam-se, assim, ao conteúdo manifesto, «chegam e fizeram um piquenique...», e tudo está bem.

T: A acção decorre num ambiente de competição, «Estavam três cangurus a fazerem uma corrida», em que vence a mãe - «ganhou o canguru maior».

Cartão 9

N: Muito colada aos elementos do conteúdo manifesto. Não elabora uma

verdadeira história, limitando-se a descrever. Há , no entanto, alguns pormenores interessantes na sua descrição - «... a terra lá fora...» -, o que denota alguma tonalidade depressiva face ao abandono e ao facto de estar só - «os outros coelhos estão a dormir».

R: A referência a algo que acordou o coelho - «ouve a porta a abrir-se e não viu ninguém a abrir a porta» -, parece reactivar uma problemática relacionada com os fantasmas da cena primitiva, que ele resolve de uma forma que não lhe permite ver e/ou ouvir mais nada que o possa perturbar: «... fechou a porta e voltou para a cama e continuou a sua sesta».

T: O facto de estar só é tão difícil de suportar que ele fica doente. Quando precisa de ajuda, são os mais novos que o vão ajudar, e não a mãe: «... os coelhos mais novinhos vão ver o que aconteceu», o que reenvia para uma problemática de solidão e abandono face à figura materna.

Cartão 10

N: Referência a uma relação pai-filho num contexto libidinal - «é o pai que está a brincar com o filho e está a dar festinhas ao filho» - e onde há uma tentativa de negar a dimensão agressiva da relação: «está a puxar o filho para o banho».

R: Referência a uma relação agressiva mãe-filho, em que a mãe repreende o filho e ele interioriza a norma estabelecida: «... depois salpinhou a mãe e a mãe bateu-lhe e ele nunca mais fez isso».

T. Referência a uma relação pai-filho num contexto de agressividade: «... a bater no filho que tinha chegado do banho (...) o cão pequenino tinha estragado... o shampoo e roído o sabonete... ».

Relação com a figura paterna

Cartão 3

N: História construída próxima do conteúdo manifesto, apenas descreve o que vê, atribuindo, no entanto, características "viris" ao leão: «o leão está com o cachimbo... a bengala ...». A alusão ao rato deixa transparecer alguma fraqueza: «um ratinho aqui... um buraquinho, a casa dele». Não há um contexto relacional entre as personagens.

R: A situação forte/fraco inverte-se e é o mais forte que necessita da ajuda do mais fraco (relação de dependência). E, assim, o leão «que pensava que podia fazer tudo sozinho», percebe que precisa da ajuda dos outros (até dos mais "fracos").

T: Apesar de ser «o rei dos animais», não lhe são atribuídas outras características de poder, permanecendo numa atitude passiva: «... estava sentado numa cadeira», permitindo que o mais fraco troce dele - «... e um ratinho estava a fazer pirraça dele...».

Cartão 7

N: Relação de agressividade marcada pela oralidade entre o tigre e o macaco - «O leão quer morder o macaco (...) está com a boca aberta (...) para comê-lo» -, em que este último consegue fugir - «... e o macaco está a fugir muito depressa».

R: Começam os dois por partilhar a mesma actividade - perseguidores - «Um leopardo esfomeado tentando caçar (...) encontra um macaquinho também a fazer o mesmo» -, até que a situação se altera e passa a ser

uma interação perseguidor/perseguido. Mas o "perseguido" consegue fugir e vinga-se desta perseguição: «... e amandou um coco à cabeça do leopardo».

T: Aparentemente apresenta-se uma situação de igualdade, «o tigre e o macaco estavam à luta...», mas que mantém uma relação perseguidor/perseguido, em que o macaco mais uma vez é a vítima: «... e o macaco coitadinho a fugir...».

Relação com o casal parental

Cartão 2

N: A história é muito restrita, descrevendo apenas o que vê, e numa situação de competição, «a empurrar quem é que ganha». As três personagens - o pai, a mãe e o filho - são apenas nomeadas, não havendo vencedores nem vencidos.

R: O contexto é de competição - «queriam ver quem é o mais forte» - , em que uma das personagens (não nomeada) precisa da ajuda do filho para vencer, mas «mesmo assim não conseguiu e perdeu».

T: História muito restritiva e próxima do tema banal: «Uma vez três ursos estavam a puxar uma corda». Não há identificação das personagens, sendo apenas «três ursos». Ganham os que estão em maioria.

Cartão 5

N: Apesar de não haver uma abordagem do conflito, são referidos os objectos significativos: «uma cama (...) outra cama», dando já conta do reconhecimento da situação, mesmo não sendo possível uma verdadeira elaboração.

R: Para fugir à abordagem directa do conflito, constrói uma história fora do conteúdo manifesto do cartão, e, assim, quando se centra no cartão «... chegam a casa, jantam e foram logo para a cama cheios de sono», já vêm demasiado cansados e adormecem logo para não verem nada do que possa acontecer.

T: Para aliviar a ansiedade face à situação, nega a presença dos pais no quarto «... e os pais estavam a ver televisão». Surge uma situação em que os filhos "enganam" os pais: «...estavam a brincar... e os pais... a pensar que eles estavam a dormir...».

Cartão 6

N: A situação triangular não é reconhecida, sendo apenas referido o casal parental. Não constrói verdadeiramente uma história, havendo, no entanto, alguns elementos com um colorido depressivo: «... lá fora está vento e chuva».

R: A situação triangular é reconhecida, havendo um sentimento de solidão e abandono face ao casal parental. Enquanto os pais «dormiam numa gruta sossegados», o filho está só e desprotegido - «... fazer armadilhas, até que caiu numa porque era descuidado...». Este atributo, "descuidado", apesar de ser dirigido a ele próprio, parece dar conta da forma como os pais cuidam dele (de forma descuidada).

T: A situação triangular é reconhecida. No entanto, o filho aparece afastado do casal parental, o qual possui atributos agressivos - «dois ursos ferozes...», ao mesmo tempo que no filho surgem afectos depressivos - «... a olhar para as folhas que lhe caíam em cima da mão».

Cartão 8

N: História muito descritiva. Desvalorização da figura materna: «... e o macaco está a ouvir o que a avó diz».

R: Há diferenciação das personagens, no duplo eixo da diferença de sexos e de gerações. Evocação do secreto - «dois macacos segredavam...» -, e, ao mesmo tempo, das normas - «... a mãe disse-lhe para não fazer isso porque dava mau aspecto... », que parece interiorizar: «...e então ele não fez mais disso».

T: Há diferenciação das personagens, no duplo eixo da diferença de sexos e de gerações. Há evocação do secreto - «... dois macacos com mais idade estavam a dizer segredos» - e das regras - «... estava a dar ordem ao seu filhinho».

RAPAZES - 9A

Relação com a figura materna

Cartão 1

F: A interacção decorre entre a necessidade de alimento e o terem de se alimentar a si próprios. A mãe não cumpre a sua função alimentadora, sendo, de certa forma, idealizada - «tinham uma mãe muito trabalhadora». Procuram um substituto que também não é suficiente: «deu-lhes de comer (...) não podia ser todos os dias...». A única solução é alimentarem-se a si próprios. É o confronto com o facto de estarem a "crescer" e o terem que ser mais autónomos - «Os pintos decidiram que tinham que ficar... mais inteligentes

e trabalhadores».

T: A figura paterna aparece como impedimento da função alimentadora - «...tinham um pai que nunca os deixava comer» -, mas que eles castigam: «... quando o pai tinha ido ao padeiro, comeram a comida toda do pai».

J: A mãe é vista como figura espectadora - «... e a galinha está a observá-los atentamente, enquanto os filhos esperam para comer».

Cartão 4

F: Dá-nos conta de uma figura materna vista/sentida como irritada, zangada, sem paciência, reagindo mal às brincadeiras/desafios: «...desafiou a mãe para uma corrida. A mãe já estava estafada e zangada». A relação é de dependência invertida - «... a mãe sentiu falta da bolsa, mas teve sorte que o filho trazia-a e ficou-lhe a dever muito» -, o que dá também conta do desejo de ser grande e de substituir a mãe, identificando-se com ela.

T: A acção decorre num contexto de competição, em que a vencedora é a mãe, mas quer partilhar o prémio com o filho.

J: Foge ao conflito proposto pelo cartão. Situa a cena num passeio, embora a mãe vá apressada: «dá pulos e mais pulos para não chegar atrasada ao destino onde quer chegar».

Cartão 9

F: Necessidade de se tornar independente - «...gostava de ir dar a volta ao mundo...», mas sem coragem para o fazer e/ou admitir: «... então o coelho bebé continuava a inventar novos sonhos».

T: Introduce personagens e constrói uma história fora da imagem, na tentativa

de fugir ao conflito proposto, o que, a par de uma certa onipotência, dá conta de uma incapacidade de lidar com a solidão.

J: Muito colado aos elementos do conteúdo manifesto, centrando-se essencialmente na descrição do quarto: «o quarto do Quincas é muito bonito... adorava tê-lo». Denota a presença de certos elementos depressivos.

Cartão 10

F: Relação agressiva e de punição com a imagem materna: «...pegou-lhe ao colo e deu-lhe uma chapada», em que as regras são interiorizadas - «... o cão, a choramingar, nunca mais voltou a gozar nem a pregar partidas».

T: Relação agressiva num contexto de recompensa - «... ela fez bem e a mãe deu-lhe uma prenda... » -, e de punição - «... e a mãe deu-lhe umas palmadas».

J: Contexto anal/agressivo claramente evocado: «... o cão tem que estar a limpar o rabo (...) vai ficar de castigo porque não se limpou».

Relação com a figura paterna

Cartão 3

F: A figura paterna não é sentida como poderosa, pois não consegue resolver a situação sozinha, necessitando de auxílio exterior para o fazer - «se houvesse aqui um tocador de flauta mágica...». Não tendo esse auxílio para resolver a situação, fica impotente perante esta, acabando por ser vencida.

T: O leão começa por ser a personagem mais forte - «... tinha encontrado um rato no seu reino e tinha engolido sem mastigar» -, mas a situação inverte-se,

e o rato, esperto e astuto, não só o salva (omnipotência), como ainda é recompensado por ele, surgindo uma relação de generosidade e amizade entre os dois.

J: O leão é visto como figura de autoridade e poder, havendo uma idealização por parte do rato - «observa-o com um olhar muito deslumbrado...» -, ao mesmo tempo que o receia - «ele, o rato, tem que se meter no buraco porque se não ainda é comido».

Cartão 7

F: O tigre, querendo alcançar uma posição de poder, desafia e ameaça as outras personagens para conseguir os seus objectivos. No entanto, os macacos (mais fortes) atacam-no e o tigre vai-se embora, arrependido.

T: O desejo de conseguir a satisfação das necessidades orais leva o macaco a roubar o alimento (ao tigre). Depois, estabelece-se um contexto de inter-ajuda, em que o mais forte ajuda o mais fraco, acabando numa relação de amizade.

J: A interacção processa-se num contexto de perseguidor/perseguido. O primeiro encontra obstáculos para comer o segundo, enquanto este aproveita e foge. Conflito centrado na agressão.

Relação com o casal parental

Cartão 2

F: Situa a história num contexto de rivalidade entre irmãos, sendo o urso do meio o apaziguador dos desentendimentos, e, ao mesmo tempo, o que convence

os outros a fazerem o que ele quer - «Os dois irmãos zangados, resmungaram ao mesmo tempo: "de acordo"».

T: Nítida diferenciação das personagens em relação ao sexo e à geração. Estabelecimento de uma relação privilegiada com a mãe, contra o pai. Este é sentido como figura poderosa e a mãe muito dependente dele: «... o pai ganhou e depois a mãe achou que preferia não se zangar com ele e ficar do lado dele, para quando precisasse de ajuda o marido ajudá-la». Esta dependência do marido parece funcionar como uma exclusão do filho da relação parental.

J: Situação de competição, em que o filho se alia ao pai para vencer o «outro urso». A culpa por ter deixado a mãe, como terceiro, excluído da relação, associando-se ao pai, leva-o a não diferenciar o sexo.

Cartão 5

F: Não há confronto com o casal parental, mas sim com uma senhora que se mostra acolhedora: «era uma senhora muito amiga (...) levou-os para dentro».

T: Conta uma história fora do conteúdo manifesto do cartão, introduzindo uma série de personagens.

J: A situação triangular é reconhecida. A culpabilidade ligada à curiosidade sexual leva a que o problema seja transferido para a própria criança: «se o bebé tiver algum problema (...) a mãe acende a luz rapidamente, enquanto o pai dorme à vontade».

Cartão 6

F: Utiliza uma estratégia interessante, que é fazer desta história o seguimento da anterior (cartão 5), dando conta de uma possibilidade de autonomia face ao casal

parental - «quando os ursos cresceram foram-se embora (...) um encontrou uma urso e acasalaram-se. Tiveram... a fêmea teve um bebé» -, com possibilidades de constituição de um novo casal parental.

T: A situação triangular é reconhecida. O conflito parece estar organizado em torno da curiosidade sexual: «e o filho ficou a ver o que estava a acontecer lá fora...».

J: Presença de alguns elementos depressivos, talvez ligados ao sentimento de solidão e abandono face ao casal parental: «o pai e a mãe dormem juntos, enquanto o filhote vê a chuva cair na sua cama de palha».

Cartão 8

F: Nítida diferenciação das personagens no duplo eixo da diferença de sexos e de gerações. Parece haver uma desvalorização das figuras parentais, pois, por um lado, quem ensina é a irmã e não os pais: «a irmã mais velha estava-lhe a ensinar a ler e a ter cuidado com os carros»; por outro lado, parece haver uma desvalorização da mãe, já que a avó é escolhida pela mãe como modelo para o filho: «estavam a pensar na avó dos seus filhos que era sábia (...) Quando ficou grande disse que queria ser cientista e foi essa a profissão que escolheu».

T: A figura materna surge desvalorizada e pouco investida, de tal modo que precisa de ir comprar um "filho-fantoches" para mostrar «...ela gostava de ter um filho, mas não há ninguém que goste dela». Por sua vez, com um "filho-fantoches" (desvitalização), a única relação possível é uma relação de extrema dependência: «Ela levou o fantoches e disse que era o filho dela, fazia os gestos com a sua mão».

J: Há uma desvitalização do macaco mais pequeno - «...brinca com o macaco

de plástico...», evitando, assim, o conflito. Por outro lado, parece ainda dar conta de uma relação de dependência.

RAPAZES - 10A

Relação com a figura materna

Cartão 1

J: A história apresenta-nos uma mãe que não cumpre a sua função alimentadora; antes pelo contrário, uma mãe que precisa que os filhos a alimentem - «... a galinha estava triste porque também queria comer...» -, como se os papéis estivessem invertidos, sendo, portanto, os filhos a cumprirem a função que cabe à mãe - «... e os pintainhos como achavam que ela estava triste, deram-lhe comida».

M: Dá-nos conta de uma mãe que "demora" a satisfazer a fome dos seus filhos - «... a galinha estava a demorar-se a arranjar o almoço, os pintos estavam esfomeados...». Apesar de cumprir a função alimentadora, fá-lo de um modo insuficiente: «... eles comeram e no fim... queriam mais mas, a galinha não tinha mais comer, só tinha um bocadinho para ela».

T: A função alimentadora é cumprida pelo pai, que tem uma surpresa para o almoço: «... um galo disse aos três pintainhos que hoje, para eles virem para casa mais cedo que ia haver uma surpresa que eles nunca tinham comido...». Para além desta função, o pai assume ainda a função de protecção: «... caiu no rio e ficou lá (...) o galo foi lá e trouxe o pintainho...».

Cartão 4

J: A figura materna aparece-nos como uma figura que cuida e se preocupa com os filhos: «... e então a mãe como não gostava de os ver zangados, teve uma ideia...». Surge depois um contexto de competição entre a mãe e o filho mais velho: «... um de vocês vai de bicicleta e o outro vem comigo e vamos fazer uma corrida...».

M: A figura materna surge como não protectora e abandonada: «... então a mamã como não tinha espaço para os dois levou só um e o outro foi apanhado e levado para o circo...». Contudo, porque sobrevém a culpabilidade por ter abandonado o filho, vai salvá-lo - «... alguns guardas tentaram deter, mas a mãe foi contra eles e eles conseguiram passar...». De referir, ainda, que esta história é também marcada pelo desejo de autonomia e independência do filho: «quando já estava em casa começou a ficar triste (...) porque tinha saudades do circo, gostava muito, já lá tinha muitos amigos».

T: A história desenrola-se no contexto do nascimento de um novo filho - «... está-me a nascer um filho... ». De referir a insegurança da mãe em tratar sozinha deste filho depois de nascer, mas, no fim, acaba por conseguir: «... preciso de alguém que trate do filho quando nascer (...) o filho nasceu e ela ainda não tinha chegado ao bosque...».

Cartão 9

J: Nesta história o conflito parece estar centrado na culpabilidade, a criança viu algo que não devia e foi castigada por isso: «... então nesse dia, quando se foi deitar deixou a porta aberta e viu o programa todo (...) a professora ralhou com ela e então a coelhinha nunca mais deixou a porta aberta». De referir a interiorização das regras: desobedeceu, foi castigada e nunca mais desobedece.

M: Há uma identificação da criança com a "coelha vaidosa", que, para superar a sua solidão e para se defender dos sentimentos depressivos, arranja umas flores - «... voltou para casa triste e foi buscar muitas flores e decorou...». Mas a defesa mostra-se ineficaz, porque as flores "murcham" - «... como estava um vendaval, as flores voaram e murcharam e depois ficou o quarto mais feio...».

T: Há vários factores a ter em conta: por um lado, a introdução de várias personagens: a mãe e os amigos que vêm preencher a sua solidão; por outro, o pai que morreu mas que deixou a sua marca, os brinquedos - «... perguntar à minha mãe onde estão os brinquedos de madeira que o meu pai quando morreu fez para mim...» -, o que nos dá conta da interiorização da imagem do pai.

Cartão 10

J: Relação agressiva com a imagem paterna, num contexto de punição - «... então o pai ficou zangado de ele nunca lhe obedecer e então bateu-lhe». O filho parece interiorizar as normas: «... o cão nunca mais desobedeceu ao pai nem a ninguém».

M: A história desenrola-se numa relação entre o pai e o filho, havendo uma tentativa de negar a agressividade suscitada pelo cartão - «... o filho gostava muito de gozar e fazer partidas...» -, mas que acaba por surgir: «... então o pai cão ficou muito zangado e também fez uma armadilha (...) começou-lhe a bater».

T: Relação de agressividade com a imagem materna - «... quando a mãe veio, pegou no filho, sentou-se no banco e começou a dar palmadas» -, num contexto de castigo e punição.

Relação com a figura paterna

Cartão 3

J: A figura paterna não é vista como muito poderosa, uma vez que precisa de alguém que o substitua nas suas funções - «... já estava muito velho, estava a pensar num animal para o substituir...». Por outro lado, há uma perspectiva de crescimento do filho, que está em condições de substituir o pai - «... foi pedir ao filho se o queria substituir (...) o leão morreu e ficou o filho a mandar no castelo».

M: Se, por um lado, aparece uma figura paterna que é um pouco desvalorizada - «... um leão já é um bocado velho...» -, por outro lado ele é idealizado - «... era muito sábio...». Esta dupla vertente surge em interacção com um "ratinho" que se posiciona numa dimensão de fraco/forte, face ao leão: «... leão sábio, por que é que tu és tão grande e eu tão pequeno?». Contudo, esta dimensão forte/fraco inverte-se quando o rato, mais esperto e astuto, descobre que o leão é um impostor - «Ah! Então aquele leão sábio não é nada sábio...».

T: A figura paterna não é vista como muito poderosa e necessita de alguém que o substitua - «... acho que está a ficar velho...». O rato é encarregue de arranjar este substituto, aceitando esta substituição com naturalidade: «... o leão morreu e o D. Luís, quando soube, foi logo para o trono e depois quando viu o ratinho (...) conheceram-se e ficaram amigos os dois e viveram felizes para sempre».

Cartão 7

J: A agressividade da relação apresenta-se dissimulada, uma vez que o tigre não entra numa perseguição directa, mas, antes, utiliza uma artimanha para

se aproximar do macaco: «... anda cá abaixo que eu te quero cumprimentar...». O macaco confia nele, mas, quando percebe, consegue fugir, aprendendo a não voltar a confiar em tigres.

M: O macaco aparece como uma personagem corajosa e onnipotente, que desafia o tigre e o vence - «... o macaco saltou para cima do tigre e o tigre caiu dentro de água e como o tigre não conseguia nadar, afogou-se e morreu...». O macaco surge, então, como um herói que estabelece a paz na região: «... os outros animais não tiveram que mudar de sítio, ficaram a viver naquela região».

T: Nesta história, o leão surge como o perseguidor que quer comer o macaco, mas este tenta enganá-lo sem resultado, acabando por ser comido - «"agora é que eu te como", e comeu mesmo...». No entanto, o leão arrepende-se: «... acho que fiz mal porque já não há mais macacos, tenho que ir para outra floresta do Norte».

Relação com o casal parental

Cartão 2

J: A história desenrola-se num contexto de competição - «Era uma vez dois ursos que estavam a medir força...». O urso que perde, pede auxílio ao filho: «... agora ia medir força também com o filho dele a ajudar ... e assim eles já conseguiram ganhar». Este facto parece dar conta de uma idealização do próprio.

M: Reconhecimento da situação triangular: a mãe e o filho juntos, contra o pai - «... o pai urso julgava-se muito forte, dizia que tinha mais força que a mãe e o ursinho juntos...». Uma vez que as forças estão equilibradas, não há

vencedores - «... e assim souberam que o pai urso tinha tanta força como a mãe e o filho juntos».

T: Contexto de competição, em que vencem os que estão em maioria: «... o pequeno e o médio puxam tanto que o maior não aguentou». Há diferenciação das personagens ao nível das gerações, mas não ao nível dos sexos.

Cartão 5

J: Ele identifica-se simultaneamente com o irmão mais novo (parte mais infantil) - «... tem medo do escuro...» -, e com irmão mais velho (vontade de crescer e de se tornar independente) - «... então o mais velho explicou ao mais novo que o escuro não fazia mal...». Perante esta ambivalência, prevalece a parte que quer crescer e ser mais autónoma: «... como o mais velho insistiu muito, ele acreditou... ».

M: Reconhecimento da situação triangular: o afastamento do casal parental é-lhe doloroso - «... ele estava um bocadinho triste (...) estou muito sozinho, não tenho ninguém e tenho medo do escuro...». Contudo, graças à companhia de um objecto transicional, supera a dor e o receio, o que nos dá conta da interiorização de um bom objecto interno: «... deram-lhe dois ursinhos de peluche (...) já tinha muita companhia e já não se sentia tão só e já não tinha medo do escuro, e agradeceu muito aos pais».

T: A história é construída fora da imagem, com introdução de personagens e detalhes. No entanto, é reconhecido o conteúdo latente do cartão: «... de repente vem uma grande ventania e ficam assustados e chamam pela mãe e pelo pai».

Cartão 6

J: Referência à situação triangular. Desejo de se afastar do casal

parental - «... o filho que não gostava de estar assim tanto tempo dentro de uma caverna...».

M: Referência à situação triangular e ao desejo de se afastar de casa - «... e um dia quando o pai e a mãe estavam a dormir ele saiu muito devagarinho pela toca e foi passear».

T: Referência ao casal parental, em que surge uma figura paterna protectora - «... lá ao fundo viram uma luz e o pai disse para ficarem calmos que ele ia ver o que era» -, e uma figura materna cumprindo a sua função alimentadora - «... vou ver se há comida aí no bosque (...) trouxe comida e o bebé começou a comer».

Cartão 8

J: O conflito parece estar centrado no castigo e na repreensão, não só pela mãe, mas também pelos vizinhos - «... puseram-se a dizer que nunca mais iam deixar que o filho deles brincasse com o outro». Verifica-se que há uma interiorização das normas - «o filho ficou triste de nunca mais brincar com os amigos e passado pouco tempo, já não dizia mal de ninguém».

M: A problemática parece girar em torno de um sentimento de ambivalência, face a um desejo de independência - «o macaquinho resolveu-se fugir de casa e fugiu (...) mas sentia saudades da mãe e do pai e então voltou para casa».

T: As personagens são reconhecidas no duplo eixo da diferença de sexos e de gerações. Há evocação do secreto - «... a mãe e o pai começam a segredar...» -, e da transgressão - «... o primo devia estar a exagerar demais a brincar com o pequenino». Há interiorização das normas: «... e a partir daí, o primo soube que o bebé, ele tinha que dormir a sesta».

6.3. FUNÇÃO MATERNA, PATERNA E PARENTAL NAS RAPARIGAS

RAPARIGAS - 6A

Função materna

Cartão 1: Apenas A. atribui à figura materna a sua função alimentadora e, simultaneamente, atribui-lhe características positivas. No caso M., a função é cumprida por um substituto e R., apenas assinala a sua presença.

Cartão 4: Histórias muito próximas do conteúdo manifesto do cartão, não havendo abordagem directa do conflito.

Cartão 9: Incapacidade de lidar com o sentimento de abandono face à figura materna e com a solidão.

Cartão 10: A figura parental escolhida é a mãe, sendo a relação caracterizada por um contexto libidinal.

Função paterna

Cartão 3: A presença do rato é escotomizada (M. e A.), e, quando não o é (R.), aparece numa atitude passiva e sem estabelecer qualquer relação com o leão. A imagem de poder é sentida como só e triste.

Cartão 7: O conflito está centrado numa relação de perseguidor/perseguido, em que, ou não há solução, ou, então o tigre desiste da perseguição.

Função parental

Cartão 2: Não há abordagem directa do conflito. Não há diferenciação das personagens ao nível da diferença de sexos e de gerações. A história desenrola-se num contexto de jogo e brincadeira, negando, deste modo, a agressividade da relação.

Cartão 5: O conflito está centrado, por um lado, na culpabilidade face à curiosidade sexual; por outro, está também em jogo a relação de dependência face à figura materna.

Cartão 6: O pai não é mencionado na relação, sendo apenas a mãe e o(s) filho(s), negando, deste modo, a situação triangular.

Cartão 8: Há diferenciação das personagens no duplo eixo da diferença de sexos e de gerações, sendo a relação entre a mãe e o filho, a mais marcada, num contexto de punição.

RAPARIGAS - 7A

Função materna

Cartão 1: A mãe é reconhecida na sua função alimentadora (excepto J.), mas as associações dão-nos conta de uma figura materna autoritária (Mo.).

Cartão 4: História muito descritiva e colada ao conteúdo manifesto, fugindo ao conflito proposto. No caso Mo., o conflito parece jogar-se mais ao nível da rivalidade fraterna.

Cartão 9: A problemática centra-se numa temática de solidão e abandono face à figura materna. No caso Mo., temos também o problema da rivalidade face à figura materna, identificando-se com ela.

Cartão 10: A relação estabelecida com a figura parental ("mãe" para J. e "pai" para Ma. e Mo., embora esta última introduza também a mãe), é sentida como agressiva.

Função paterna

Cartão 3: Não há qualquer interacção entre as personagens. O rato é mencionado como espectador, ou, então, apenas referido (ou nem isso, no caso Ma.). O leão não é visto/sentido como figura de poder.

Cartão 7: A relação é num contexto de perseguidor/perseguido, em que o macaco acaba sempre por ser mais esperto e consegue fugir, deixando sempre o leão/tigre (que inicialmente era sentido como mais forte), muito triste (excepto J. que não dá solução final).

Função parental

Cartão 2: A situação triangular é reconhecida (excepto J.), havendo uma aliança com o pai, contra a mãe. Mas está também presente a culpabilidade face a esta situação que, de algum modo, elas tentam diminuir e/ou separar.

Cartão 5: O conflito parece estar centrado, por um lado, na curiosidade sexual, e por outro, no sentimento de abandono face às figuras parentais.

Cartão 6: Por um lado, temos o sentimento de abandono face ao casal parental; por outro lado, temos o desejo de independência e autonomia relativamente aos pais. No entanto, não há ainda a "coragem" suficiente para o fazer e/ou admitir.

Cartão 8: As relações estabelecidas com a figura materna são-no num contexto de desobediência (do filho) e de repreensão (da mãe). Excepto Ma., que foge ao conflito proposto pelo cartão.

RAPARIGAS - 8A

Função materna

Cartão 1: A figura materna é sentida como cumprindo a sua função alimentadora (excepto V. que refere a figura paterna). As associações dão-nos conta de uma mãe/pai cujos atributos são positivos.

Cartão 4: Apesar de distinguir todas as personagens - mãe e dois filhos -, não há abordagem do conflito proposto.

Cartão 9: História muito restrita ou uma descrição exaustiva, o que nos reenvia para uma dificuldade em lidar com a solidão.

Cartão 10: A figura parental escolhida é a mãe, com quem é estabelecida uma relação agressiva, num contexto de punição (excepto V. que nos descreve uma relação num contexto mais libidinal).

Função paterna

Cartão 3: Não é mencionada qualquer relação entre o leão e o rato. O rato é apenas referido como observador/espectador (excepto A., que nem o menciona), enquanto o leão é, de certa forma, desvalorizado e descrito numa atitude passiva.

Cartão 7: A relação descrita decorre num contexto de perseguidor/perseguido, em que os finais das histórias são um pouco vagos, não se sabendo quem vence quem (excepto A., em que o macaco, apesar de muito esperto, é comido pelo tigre).

Função parental

Cartão 2: A situação triangular é reconhecida (excepto a A. que não faz a diferenciação dos sexos e das gerações), sendo a associação feita com o pai (V.) e com a mãe (I.), mas sem resolução do conflito.

Cartão 5: Histórias muito coladas ao conteúdo manifesto. Fazem referência às "camas", havendo, portanto, um reconhecimento da situação, embora não seja possível a elaboração do conflito (I. e V.). No caso A., tenta evitar o conflito

situando as coisas no "aconteceu...".

Cartão 6: O conflito parece estar centrado na temática de abandono e/ou na exclusão relativamente ao casal parental.

Cartão 8: Presença de um super-ego materno que a avisa dos perigos (A.); por outro lado, a figura materna é substituída pelo filho mais velho para repreender o filho (V.); enquanto I. não aborda o conflito proposto.

RAPARIGAS - 9A

Função materna

Cartão 1: A mãe é reconhecida na sua função alimentadora, e são-lhe atribuídas características positivas.

Cartão 4: O que parece estar em jogo é uma possibilidade de autonomia e independência (conseguidas) face à figura materna.

Cartão 9: A confrontação com o facto de estar só traz consigo várias disposições: por um lado, a dificuldade em lidar com a solidão; por outro, as formas de a superar e as tentativas de alcançar uma posição de independência.

Cartão 10: A figura parental escolhida é a mãe, e a relação estabelecida com ela decorre num contexto libidinal-agressivo, onde a dimensão agressiva surge um pouco "dissimulada".

Função paterna

Cartão 3: Já é descrita uma relação (de amizade) entre o rato e o leão. No

entanto, o leão não é sentido como uma figura de poder, mas é de algum modo desvalorizado, sendo o ratinho quem o ajuda "a ser feliz".

Cartão 7: O tigre não é sentido como figura forte e ameaçadora, sendo o macaco o mais esperto e até caracterizado por alguma onnipotência. No caso A., estabelece-se uma relação de amizade e inter-ajuda entre o tigre e o macaco.

Função parental

Cartão 2: Reconhecimento da situação triangular, em que o filho se associa à mãe contra o pai. A agressividade da relação é negada, situando a história num contexto de jogo.

Cartão 5: O conteúdo latente do cartão é reconhecido e, se por um lado, há a referência aos fantasmas da cena primitiva, por outro lado há a utilização de estratégias para "negar" o conflito.

Cartão 6: Se, por um lado, parece existir um sentimento de abandono e de exclusão face ao casal parental, ao mesmo tempo parece esboçar-se um desejo de autonomia e independência face a este, mas ainda não assumido.

Cartão 8: A relação estabelecida com a figura parental, a mãe (A. também fala no pai), surge num contexto de repreensão e evocação de regras, que parecem ser interiorizadas.

RAPARIGAS - 10A

Função materna

Cartão 1: A figura materna é reconhecida na sua função alimentadora, mas as associações dão-nos conta de uma mãe que não cuida "suficientemente bem".

Cartão 4: Fogem ao conflito proposto pelo cartão, quer colando-se muito aos detalhes do conteúdo manifesto, quer construindo uma história que não evoca o conteúdo latente do cartão.

Cartão 9: O conflito parece centrar-se na incapacidade de lidar com a solidão e, inclusivamente, com o medo de estar só. No entanto, esta incapacidade é ultrapassada graças à presença de uma figura idealizada e que substitui as figuras parentais.

Cartão 10: A relação estabelecida com a figura parental ("pai" para C. e "mãe" para E. e S., embora S. introduza também o "pai") decorre num contexto de agressividade. Se, por um lado, começa a haver interiorização das regras, por outro lado parece existir uma tentativa de encontrar as estratégias adequadas para fugir ao castigo.

Função paterna

Cartão 3: Por um lado, o rato é escotomizado (excepto S., que o refere); por outro lado, aparece-nos um leão que é sentido como uma figura um pouco desvalorizada e com pouco poder.

Cartão 7: A interacção decorre num contexto de

perseguidor/perseguido, em que as soluções finais são diferentes.

Função parental

Cartão 2: O contexto da relação é lúdico: quem vence o jogo são os que estão em maioria. Não há o reconhecimento da situação triangular (excepto E. que se associa à mãe contra o pai, vencendo este último).

Cartão 5: O conteúdo latente do cartão é reconhecido; no entanto, e porque este lhe provoca ansiedade, há uma tentativa de "deslocar" o conflito, para aliviar esta ansiedade.

Cartão 6: Reconhecimento da situação triangular. O conflito parece centrar-se num desejo de crescer e de se afastar do casal parental, conquistando, deste modo, a sua independência e autonomia. No entanto, estas "conquistas" ainda não estão completamente elaboradas.

Cartão 8: O conflito centra-se na transmissão de normas, que parecem ser aceites e interiorizadas.

6.4. FUNÇÃO MATERNA, PATERNA E PARENTAL NOS RAPAZES

RAPAZES - 6A

Função materna

Cartão 1: A figura materna é vista na sua função alimentadora (excepto P.), e as associações dão-nos conta de um relação com a mãe que parece ser de boa qualidade: a mãe agrada e satisfaz os filhos e estes correspondem às expectativas da mãe.

Cartão 4: A questão parece centrar-se na dependência em relação à figura materna (excepto P., que não a refere).

Cartão 9: A capacidade de lidar com a solidão não parece estar interiorizada; o sentimento de abandono face à figura materna parece estar muito vivo.

Cartão 10: A relação é estabelecida com a figura parental ("pai" para A. e P., "mãe" para F.), num contexto de agressividade, em que o pai/mãe repreendem severamente o filho com punição.

Função paterna

Cartão 3: Há o reconhecimento da diferença grande/pequeno, forte/fraco. O leão é reconhecido como forte.

Cartão 7: A problemática gira em torno de uma relação perseguidor/perseguido, em que surge um leão forte e feroz, mas, ao mesmo tempo, um macaco esperto, que consegue fugir, e, simultaneamente, fazer com que o tigre desista da perseguição (excepto F., em que os leões comem os macacos).

Função parental

Cartão 2: Há o reconhecimento da dimensão forte/fraco, e há diferenciação das personagens no duplo eixo da diferença de sexos e de gerações (excepto P.).

Cartão 5: O conflito evocado é de tal modo difícil de aceitar que utilizam várias formas de negar ou fugir da situação.

Cartão 6: O filho sente-se excluído da relação do casal e tenta afastá-los.

Cartão 8: Surge uma relação mãe-filho em que a mãe é sentida não só como interditora do diálogo, mas também da relação (P. e F.). No caso A., surge a transgressão.

RAPAZES - 7A

Função materna

Cartão 1: A figura materna não é vista como cumprindo a função alimentadora de uma forma "suficientemente boa". No caso de J., ela não é mesmo referida. Quando surge (F. e P.), as associações não nos dão conta de uma relação boa e gratificante com a figura materna.

Cartão 4: Histórias muito coladas ao conteúdo manifesto, onde o conflito não é abordado (F. e J.).

Cartão 9: Não é elaborada uma verdadeira história (F. e J.), havendo uma descrição muito colada ao conteúdo manifesto, o que nos dá conta de dificuldades em lidar com a solidão. No caso P., elabora uma história mas a problemática é a mesma: incapacidade de lidar com a solidão e abandono face à figura materna.

Cartão 10: A figura parental identificada é a mãe (F. e P.); no caso P., não há diferenciação das personagens. A relação estabelecida é mais num contexto de repreensão e mesmo tolerância face às "diabruras" do filho, havendo, neste último caso, interiorização das normas transmitidas pela mãe.

Função paterna

Cartão 3: As histórias são muito descritivas e não há qualquer relação entre as personagens. Ao leão são atribuídas características "viris", e o rato é apenas mencionado. No caso P., surge uma história em que o leão não é sentido como figura de poder, uma vez que não consegue alcançar os seus objectivos.

Cartão 7: A relação surge num contexto de perseguidor/perseguido, em que não há uma solução final (excepto P., cuja história está centrada fora da imagem).

Função parental

Cartão 2: Não há diferenciação das personagens no duplo eixo da diferença dos sexos e das gerações. A agressividade da relação é negada, surgindo uma situação de jogo; nesta situação não há vencedores nem vencidos.

Cartão 5: Evocação da cena primitiva, acompanhada de alguma ansiedade, o que faz com que sejam utilizadas várias estratégias para a aliviar: passagem à descrição, mudança no curso da história, etc.

Cartão 6: As estratégias utilizadas para fugir ao conflito proposto são várias e passam por: fabulação longe da imagem, negação da situação triangular, etc. Apenas J. faz referência à situação triangular e situa o filho num contexto um pouco abandonónico face ao casal parental.

Cartão 8: História muito descritiva, ao nível do conteúdo manifesto. Evocação das regras (F.) e, no caso de J., o conflito não é abordado. No caso P., a situação diferente e remete para a situação triangular e para a dificuldade em estabelecer relações extra-familiares.

RAPAZES - 8A

Função materna

Cartão 1: A mãe é vista como cumprindo a função alimentar (excepto N., que não refere a figura materna).

Cartão 4: Embora identificando claramente as personagens - a mãe e os dois filhos -, todos fogem ao conflito proposto pelo cartão.

Cartão 9: A solidão é um sentimento penoso para qualquer deles e suscita várias reacções. A capacidade de estar só ainda não está integrada.

Cartão 10: A relação com a figura parental ("pai", para N. e T.; "mãe", para R.), é numa dimensão agressiva e num contexto de punição. Contudo, começa a haver uma interiorização das normas.

Função paterna

Cartão 3: O leão não é visto como figura de poder, mostrando-se o rato mais esperto (excepto N., em que o rato é visto como fraco).

Cartão 7: Relação perseguidor/perseguido, em que o macaco consegue sempre fugir e inclusivamente vingar-se (R.) desta perseguição.

Função parental

Cartão 2: O contexto da relação é do tipo perseguidor/perseguido, mas as soluções finais variam muito: para N., não existe vencedor nem vencido; para R., vence o que está só; para T., vencem os que estão em maioria.

Cartão 5: Tentam fugir à abordagem directa do conflito, porque isso lhes traz uma certa ansiedade.

Cartão 6: A situação triangular é reconhecida (excepto N.), parecendo estar presentes alguns afectos depressivos (mesmo em N.), ligados ao sentimento de abandono e solidão face ao casal parental.

Cartão 8: A problemática está centrada numa temática de evocação do secreto e das normas.

RAPAZES - 9A

Função materna

Cartão 1: A figura materna já é mais desinvestida da sua função alimentadora, aparecendo mais como espectadora, ou mesmo sendo substituída pelo pai.

Cartão 4: Verifica-se um certo desejo de autonomia e independência, ainda não completamente assumido.

Cartão 9: A capacidade de estar só ainda não parece estar interiorizada, assim como o desejo de independência (F.).

Cartão 10: A relação estabelecida com a figura parental ("mãe" no caso de F. e T., "cão" no J.), é uma relação agressiva, num contexto de punição.

Função paterna

Cartão 3: A figura paterna já não é sentida como a única poderosa (excepto J.), havendo já uma posição demarcada do rato como uma figura que auxilia o leão e que é, mesmo, mais esperto e astuto.

Cartão 7: A relação estabelecida decorre num contexto de perseguidor/perseguido (excepto T.), em que o macaco é visto como mais forte e/ou mais esperto, conseguindo sempre escapar.

Função parental

Cartão 2: Há diferenciação das personagens e, no caso de T. e J., há a possibilidade de associação a uma das figuras parentais. Em todos, o contexto das histórias é de competição.

Cartão 5: O conflito não é abordado (F. e T.). No caso de J., a situação triangular é reconhecida e o conteúdo latente é evocado.

Cartão 6: Se, por um lado, parece haver um sentimento de abandono face ao casal parental (J.), por outro, parece esboçar-se uma possibilidade de autonomia face a ele (F.).

Cartão 8: Parece haver uma desvalorização das figuras parentais e, ao mesmo tempo, uma relação de independência face a elas. No entanto, há uma tentativa de evitamento do conflito.

RAPAZES - 10A

Função materna

Cartão 1: A figura materna já é mais desinvestida da sua função alimentadora, uma vez que "demora" a satisfazer os seus filhos; é substituída pelo pai, ou ainda, acaba por ser ela dependente dos filhos.

Cartão 4: Verifica-se um desejo de autonomia por parte do filho em relação à figura materna e, ao mesmo tempo, ela própria parece estar mais dependente daquele (T.).

Cartão 9: Por um lado, a introdução de várias personagens dá-nos conta da forma como a criança lida com o sentimento de solidão. Verifica-se que ainda há uma certa dificuldade em lidar com o facto de estar só; no entanto, há já uma procura de soluções para lidar com ela.

Cartão 10: A relação estabelecida com a figura parental ("pai" para J. e M., "mãe" para T.), é de agressividade, num contexto de castigo e punição; contudo, começa a verificar-se a interiorização das normas.

Função paterna

Cartão 3: A figura de poder não é vista como poderosa, uma vez que necessita de alguém que a substitua nas suas funções, porque já está velha. O "ratinho" é sentido como esperto e, ao mesmo tempo, como capaz de assumir as funções do pai, o que revela sinais de projecção no futuro e, portanto, de

possibilidades de crescimento.

Cartão 7: O tigre já não é sentido como uma figura tão forte e ameaçadora (excepto T., em que o leão come o macaco) e, no caso de M., o macaco desafia-o e vence-o.

Função parental

Cartão 2: O contexto é de competição, vencendo os que estão em maior número (J. e T.), ou então, no caso em que há o reconhecimento da situação triangular (M.), não vence ninguém. No caso de J., remete para uma idealização do próprio, em que o filho funciona como "peça" fundamental para ajudar o pai a vencer.

Cartão 5: Verifica-se um desejo de crescer e de se afastar do casal parental, quer pelo simples facto de que está a crescer e a autonomia faz parte do processo normal de desenvolvimento, quer pela presença de um "objecto transicional" que lhe permite superar esse afastamento.

Cartão 6: É reconhecida a situação triangular e verifica-se um desejo de afastamento do casal parental.

Cartão 8: Evocação da transgressão e das regras, que parecem ser interiorizadas (J. e T.). No caso de M., a problemática parece girar mais em torno do desejo de independência.

7. DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS PROTOCOLOS

7.1. RELAÇÃO COM A FIGURA MATERNA, PATERNA E CASAL PARENTAL NAS RAPARIGAS

Relação com a figura materna

A relação da rapariga com a figura materna caracteriza-se, inicialmente, por uma certa ambivalência, evidente no sentimento que ela nutre pela forma como a mãe exerce as diferentes funções. Assim, se por um lado a função materna de protecção é muito valorizada, por outro, a função de prestação de cuidados é pouco valorizada ou não é sequer referida.

Com efeito, a importância da mãe enquanto objecto real é evidente nas dificuldades em lidar com a solidão, surgindo sentimentos de abandono face à figura materna, mas sem apreciável perturbação na dinâmica psíquica da rapariga. Neste sentido, podemos dizer que não há uma suficiente estabilidade do objecto interno, bem como não há ainda uma verdadeira confiança nas suas próprias capacidades.

Por outro lado, as funções mais instrumentais, nomeadamente a de prestação de cuidados relacionados com a alimentação, não é inicialmente reconhecida à mãe ou é desvalorizada a forma como é cumprida, ou ainda, no caso da função relacionada com a prestação de cuidados de higiene (prancha 10), é, por vezes, atribuída ao pai. Contudo, entre os 8 e os 9 anos, a rapariga valoriza muito a forma como a função de prestação de cuidados de alimentação é realizada, aparecendo a figura materna com atributos positivos - idealizada -, o que já não acontece quando a função a realizar é a de prestação de cuidados de higiene, atribuída exclusivamente à figura materna, que aparece desvalorizada, e a relação desenrola-se num contexto agressivo de punição. Este facto, se por um lado se liga à interiorização de normas, por outro dá conta de um desejo de autonomia face à figura materna, desejo este bem presente aos 10 anos. Com efeito, nesta idade, a figura materna aparece como não cumprindo "suficientemente bem" a função de alimentação, não aparecendo já os atributos positivos - idealização - das idades anteriores, ou seja, há uma percepção mais real da figura materna e, simultaneamente, a confiança nas capacidades individuais é muito maior.

Aliás, este aumento de confiança no próprio é evidente quando, a partir dos 9 anos, a necessidade de protecção real da mãe é menor - há maior capacidade de lidar com os sentimentos de solidão -, não aparecendo quaisquer sentimentos de abandono face à figura materna. Este facto, se, por um lado, atesta uma maior confiança nas capacidades individuais e, portanto, uma maior autonomia face à figura materna, por outro, dá conta de uma maior estabilidade do objecto interno, bem adquirida aos 10 anos, onde não há dificuldades em lidar com a solidão.

De sublinhar, finalmente, a importância da dimensão agressiva na relação

com a figura materna - que coexiste com a dimensão mais libidinal, afectiva -, sobretudo a partir dos 7 anos, e que, como atrás referimos, se por um lado se prende com o desejo de autonomia e afirmação, por outro, tem a ver com a transmissão de normas. Assim, no que diz respeito ao "critério moral", este, inicialmente, está muito dependente da presença real da mãe/pai, os quais são sentidos como rígidos e punitivos; a partir dos 10 anos, este "critério moral" já não está dependente da presença dos pais, está perfeitamente interiorizado (internalizado) e já não é tão rígido como nas idades anteriores.

Relação com a figura paterna

A relação estabelecida com a figura paterna é, nos primeiros anos, difícil, particularmente aos 6 anos. Com efeito, nesta idade, o que ressalta mais é a ausência de relação entre ambos, cuja máxima expressão é a escotomia de um elemento - "o rato". Quando não há escotomia, a atitude é de passividade. Por outro lado, embora a figura paterna surja com atributos de poder - o que dá conta de uma certa idealização -, ela é também sentida como "só e triste". Contudo, a partir dos 7 anos, a figura paterna começa a ser desvalorizada, já que, ou é desprovida dos atributos de poder, ou, quando os tem, não os consegue utilizar. Paralelamente, começa a esboçar-se uma idealização do próprio: o "mais fraco" é "mais esperto" e o "mais forte" fica "triste". Como acontecia na idade anterior, não há relação entre as personagens: são apenas referidas, e as atitudes são de passividade.

A ausência de relação é ainda evidente aos 8 anos e a desvalorização da

figura paterna e conseqüente idealização do próprio, iniciadas na idade anterior, continuam.

Aos 9 anos, a mudança atrás descrita - desvalorização da figura paterna/idealização do próprio - é máxima, aparecendo a representação do próprio caracterizada por uma certa onnipotência. Por sua vez, a representação paterna é de tal maneira desvalorizada que dá-se uma inversão de papéis, ou seja, esboça-se uma dependência invertida: é o "mais forte" (agora fraco) que necessita do "mais fraco" (mais esperto e, portanto, mais forte) para poder "ser feliz". Contudo, esta mudança inaugura a relação entre ambas as personagens, culminando com o estabelecimento de uma relação de cordialidade e cooperação.

Aos 10 anos, este modo de funcionamento volta a sofrer alterações, diminuindo não só a idealização do próprio, como também o grau de desvalorização da figura paterna. Este facto dá-nos conta de uma avaliação da figura paterna (e também do próprio) de uma forma mais próxima da realidade; daí, tudo ficar mais lógico e real.

Relação com o casal parental

Inicialmente, a rapariga relaciona-se preferencialmente com a figura materna - de quem mantém uma grande dependência -, excluindo, por vezes, o pai da relação. Deste modo, nega o reconhecimento de que os pais têm necessidades sexuais e, ao mesmo tempo, dá conta da pouca capacidade de se afastar em

relação ao mesmo casal, podendo, portanto, manter uma ligação estreita com o casal, principalmente com a mãe (denegação da situação triangular).

Aos 7 anos, a ligação face ao casal parental ainda é muito estreita, tanto mais que o que ela tentou denegar na idade anterior agora já não é possível. Isto é, a criança sente que a relação que os pais estabelecem entre ambos é diferente da relação que estes estabelecem com ela.

Contudo, o reconhecimento desta evidência só é feito quando a criança é confrontada com a situação triangular - ou melhor, quando ela reconhece as necessidades sexuais dos pais -, já que, antes disso, ela de algum modo tenta recusar este facto, aliando-se ao pai contra a mãe. Mas esta situação traz-lhe culpabilidade, donde a necessidade de reparar as "coisas". Daí que o reconhecimento da diferença de relação, embora lhe provoque alguns sentimentos de abandono, conduza, ao mesmo tempo, ao esboçar do desejo de autonomia e independência. Esta não é, no entanto, ainda conseguida.

Esta temática - diferenciação da relação - mantém-se durante os 8 anos, mas a rapariga evita pensar muito nisso, usando, para isso, estratégias defensivas: não elaborando o conflito, ou, então, situando este conflito no passado. A capacidade de se afastar em relação ao casal ainda não é conseguida. Esta dificuldade mantém-se aos 9 anos, já que o desejo de autonomia esboçado aos 7 anos, embora surja agora com mais intensidade, ainda não é assumido. Diferentemente dos 7 anos, agora a rapariga associa-se à mãe "contra" o pai, isto é, identifica-se à mãe, situação que se mantém aos 10 anos.

Nesta idade (10 anos), a aceitação da diferença da relação não lhe traz

"conflito", já que o desejo de crescer e de se afastar do casal parental, conquistando deste modo a sua independência e autonomia, é muito forte.

Portanto, a maior confiança do próprio, nas suas capacidades, leva ao afastamento da relação, embora a conquista de independência e autonomia não se encontre suficientemente "firmada".

De referir um último aspecto, que é o da transmissão de normas e regras. Assim, a figura parental que cumpre predominantemente esta função é a mãe. Também aqui há uma evolução: inicialmente, o "critério moral" está muito dependente da presença real da mãe e, gradualmente, começa a ficar menos dependente, até que aos 10 anos há uma interiorização total.

7.2. RELAÇÃO COM A FIGURA MATERNA, PATERNA E CASAL PARENTAL NOS RAPAZES

Relação com a figura materna

A relação estabelecida entre o rapaz e a figura materna caracteriza-se, inicialmente, por uma relação de dependência. A mãe assume uma função de prestação de cuidados, de protecção, no fundo de "contenção". Por sua vez, esta função é muito valorizada pela criança, sendo a presença real do objecto sentida como muito importante, o que dá conta de uma escassa capacidade de autonomia e, ainda, de que não há uma verdadeira estabilidade do objecto interno. Contudo, gradualmente, ao mesmo tempo que a figura materna começa a ser desvalorizada/desidealizada e as eficiências próprias aumentam, a função da figura materna é desinvestida, aparecendo mais como espectadora do que provedora de cuidados. Assim, embora a dependência ainda se faça sentir (7/8 anos), esta gradualmente cede lugar a um desejo progressivo de autonomia e independência face à presença real da mãe (9/10 anos), procurando soluções para lidar com a solidão. Esta situação dá conta de uma estabilidade do objecto interno, de um aumento da confiança no próprio e de um crescimento real das capacidades individuais.

De referir, ainda, a função importante que a mãe tem na transmissão de regras e normas, as quais, inicialmente (6/7 anos), ainda não estão interiorizadas - o "critério moral" está muito dependente da presença das figuras parentais, sentidas como rígidas. Contudo, e decorrente do facto de a criança obedecer aos pais e os imitar, começa a haver, gradualmente, a sua interiorização (8/9 anos) e aos 10 anos já estão perfeitamente interiorizadas e a rigidez é muito menor.

Relação com a figura paterna

A relação estabelecida com a figura paterna caracteriza-se por ser, no início, essencialmente assimétrica: a figura paterna é reconhecida como forte e possuindo atributos de poder, ao passo que a criança é sentida como fraca e sem poder. Contudo, esta última, apesar de fraca e sem poder, tem também alguns atributos positivos, tais como o ser "esperta" e "astuta". Aos 7 anos, esta dicotomia continua a ser a tónica, embora haja, da parte da criança, um certo evitamento em confrontar-se com esta relação assimétrica. É assim que as histórias aparecem como muito descritivas e sem relação entre as personagens.

Aos 8 anos, a figura paterna, anteriormente idealizada, surge agora desidealizada/desvalorizada, ao mesmo tempo que há uma idealização do próprio: o "mais fraco" (o rato e o macaco) é "mais esperto" do que o "mais forte" (o leão e o tigre).

Esta dualidade de atributos acentua-se ainda mais aos 9 anos, idade em que as

qualidades atribuídas ao "mais fraco" se revelam como atributos de poder, o que dá conta de uma demarcação do próprio em relação à figura paterna. Ocorre, então, uma inversão da relação assimétrica, cuja máxima expressão surge no facto de o "mais forte" necessitar do "mais fraco".

Finalmente, aos 10 anos, a desvalorização da figura paterna e a consequente idealização do próprio é ainda mais acentuada, uma vez que, para além do primeiro já não conseguir desempenhar as funções de poder, é ainda substituído pelo segundo, agora capaz de assumir as funções do primeiro. Este facto, se nos dá conta de uma identificação com a figura paterna, revela ainda sinais de projecção no futuro e, portanto, de possibilidades de autonomia e individualização, numa palavra, de crescimento.

Relação com o casal parental

A dependência face ao casal parental é a tónica dominante durante os primeiros anos do período de latência.

Assim, aos 6 anos, esta dependência faz-se sentir, em primeiro lugar, na negação do reconhecimento de que os pais têm necessidades sexuais, ou seja, o reconhecimento de que os pais têm uma relação entre ambos diferente da relação que têm com ele, não pode ser assumido, uma vez que isso o faz sentir excluído da relação com o casal parental. Daí, o separar ambos os elementos do casal parental, negando, portanto, a diferença de relação entre eles e entre eles e a criança.

Aos 7 anos o reconhecimento da relação entre os pais ainda não pode ser assumido, pela ansiedade que isso lhe traz, donde as estratégias defensivas utilizadas: descrição do conteúdo manifesto e mudança do curso da história.

Aos 8 anos, o reconhecimento da relação entre os pais faz ainda surgir sentimentos de abandono e solidão face ao casal parental, o que dá conta da grande dependência e da pouca capacidade de autonomia e independência.

Contudo, aos 9 anos, este sentimento de abandono face ao casal parental já é muito menor, facto para que contribui o esboçar do desejo de autonomia e independência face a ele. De referir que este desejo é correlativo com a desvalorização das figuras parentais.

Finalmente, aos 10 anos, a maior confiança nas suas próprias capacidades - por vezes assumindo aspectos de uma idealização do próprio -, leva a que o desejo de se afastar do casal parental e a consequente viragem para o exterior sejam muito fortes. Contudo, esta independência e autonomia ainda não estão suficientemente "firmadas", o que é evidente quer no uso do que se poderia designar por um "objecto transicional", objecto que lhe permite superar este afastamento, quer na necessidade de idealização do próprio.

De referir um último aspecto que é o da interiorização das normas. Assim, se inicialmente o "critério moral" está muito dependente da presença real do objecto parental, havendo uma submissão à "lei", gradualmente começa a haver pequenas transformações, ao mesmo tempo que há uma interiorização da "lei".

7.3. EVOLUÇÃO DA FUNÇÃO NAS RAPARIGAS

Função materna

A figura materna é, inicialmente, desvalorizada, não lhe sendo reconhecida a função de prestação de cuidados (6 anos), para, a partir dos 7 anos, esta função já ser cumprida. Entre os 8 e os 9 anos, a forma como cumpre esta função é muito valorizada - a figura materna aparece com atributos positivos. Contudo, aos 10 anos, a figura materna surge como não cumprindo "suficientemente bem" esta função, o que dá conta, por um lado, de uma valorização do próprio, e, por outro, de uma percepção mais real da figura materna, que já não é tão idealizada.

Uma outra função muito importante prende-se com a protecção. Com efeito, as dificuldades em lidar com a solidão provocam sentimentos de abandono face à figura materna, o que dá conta da importância da mãe enquanto objecto real. Logo, não há uma suficiente estabilidade do objecto interno. Contudo, a partir dos 9 anos, ao mesmo tempo que há tentativas de alcançar uma posição de independência face à figura materna, a dificuldade "em estar só" começa a ser também ultrapassada e, aos 10 anos, parece haver

já uma estabilidade do objecto interno - a dificuldade em lidar com os sentimentos de solidão é ultrapassada graças ao recurso a uma figura idealizada.

De referir, ainda, a importância da dimensão agressiva na relação com a mãe a partir dos 7 anos (surge um pouco mais "dissimulada" aos 9 anos), dimensão esta que, aos 10 anos, parece prender-se com a transmissão de regras e normas que, nesta idade, parecem começar a ser interiorizadas.

Função paterna

A figura paterna, embora começando por ser reconhecida como forte e detentora do poder, é, ao mesmo tempo, desvalorizada ("só e triste"), desvalorização esta que se acentua aos 8 anos. Simultaneamente, deixa de haver, a partir dos 7 anos, um reconhecimento do poder, o que coexiste com a atribuição de características positivas ("o mais esperto"), ao pólo mais fraco (o rato e o macaco).

De referir, ainda, a ausência de relação entre as personagens, relação apenas presente aos 9 anos, mas onde se esboça uma dependência invertida, uma vez que o "mais forte" necessita do "mais fraco" para "ser feliz". Contudo, nos cartões onde a relação é fortemente sugerida (cartão 7), esta é do tipo perseguidor/perseguido - aparecendo-nos um macaco mais esperto e um tigre que não é sentido como ameaçador -, mas a solução final não é explícita.

Função parental

Inicialmente, não há reconhecimento da diferença de sexos e de gerações, o que parece ligar-se a uma culpabilidade face à curiosidade sexual, por um lado, e por outro, a uma dependência face à figura materna. Contudo, a partir dos 7 anos, há já um reconhecimento da diferença de sexos e de gerações, mas este reconhecimento parece dever-se a um sentimento de exclusão e abandono face ao casal parental. Simultaneamente, esboça-se um desejo de independência e autonomia, desejo este que se torna bem patente (interiorizado) aos 10 anos, quando, coexistindo com o desejo de crescer, há também o desejo de se afastar do casal parental (e já não o sentimento de abandono por este). Este facto leva a que a relação com o casal parental se inscreva num contexto lúdico - por oposição ao contexto agressivo de idades anteriores, particularmente aquando da transmissão de normas, agora perfeitamente interiorizadas.

7.4. EVOLUÇÃO DA FUNÇÃO NOS RAPAZES

Função materna

A figura materna assume inicialmente uma função de prestação de cuidados, de protecção, no fundo, de "contenção". Por sua vez, esta função é muito valorizada pela criança, sendo a presença real do objecto sentida como muito importante - há uma grande dependência face à mãe -, o que dá conta de que ainda não há uma clara estabilidade do objecto interno.

Contudo, gradualmente, ao mesmo tempo que a figura materna começa a ser desvalorizada, a sua função é desinvestida, aparecendo mais como espectadora do que como provedora de cuidados. Assim, embora a dependência ainda se faça sentir (7/8 anos), esta cede lugar, pouco a pouco, a um desejo gradual de autonomia e independência face à presença real da mãe (9/10 anos), procurando soluções para lidar com a solidão, o que denota uma estabilidade do objecto interno.

De referir, ainda, a função importante que a mãe tem na transmissão de regras e normas que, se inicialmente não estão interiorizadas (6/7 anos),

sê-lo-ão gradualmente.

Função paterna

A figura paterna é reconhecida inicialmente como forte e detentora do poder, ao passo que a criança é reconhecida como fraca e sem poder. Contudo, a criança, apesar de fraca e sem poder, tem alguns atributos positivos, já que é reconhecida como "esperta" e "astuta" (6 anos). Aos 7 anos, esta dicotomia não aparece, até porque não há elaboração do conflito. Por sua vez, aos 8 anos, a figura paterna começa a ser desvalorizada, ao mesmo tempo que há uma idealização da criança, facto que se acentua mais aos 9 anos, quando as qualidades atribuídas ao "mais fraco" se revelam como atributos de poder, o que dá conta de uma demarcação da criança em relação à figura paterna.

Finalmente, aos 10 anos, a desvalorização da figura paterna ainda é mais acentuada, pois não consegue já desempenhar as funções de poder, sendo substituída pelo "mais fraco" (agora "mais forte"), o que dá conta de uma identificação com a figura paterna.

De referir, ainda, o papel perturbador que a figura paterna tem inicialmente: é fonte de conflito e possuidora da lei e dos interditos. Contudo, ao longo da evolução torna-se menos perturbadora, para se tornar numa figura "amiga".

Função parental

Há reconhecimento da diferença de sexos e de gerações ao longo da evolução (com excepção aos 7 anos), sendo identificada a situação triangular. No entanto, inicialmente (6/7 anos), o conflito não é elaborado pela ansiedade que este lhe provoca, donde os mecanismos de defesa usados: negação e fuga. A criança parece sentir-se excluída da relação do casal parental, o que faz surgir alguns afectos depressivos, mais característicos aos 8 anos.

Contudo, aos 9 anos, se por um lado se sente excluída da relação do casal parental, por outro, coincidindo com o início da desvalorização das figuras parentais, há já um desejo de afastamento e autonomia face ao mesmo casal. Este desejo é assumido aos 10 anos, em que, para além de uma viragem para o exterior, há também um reconhecimento e valorização das suas próprias capacidades.

7.3. SÍNTESE

A análise dos vários tipos de relações ao longo da latência tornou evidente algumas diferenças entre as raparigas e os rapazes.

Contudo, antes de nos centrarmos sobre as principais diferenças, com vista a uma maior sistematização, importa fazer referência aos papéis materno e paterno, cuja separação nos parece, agora, desprovida de significado. Com efeito, ambos os papéis aparecem de tal forma imbricados no decurso da latência que não possível diferenciá-los claramente, tornando-se, deste modo, as diferenças insignificantes.

Este facto, verificado já nas funções instrumentais e expressivas, ainda é mais evidente quando o que está em jogo é a transmissão de normas e regras, numa palavra, a formação e firmação do Super-Ego.

Se nos centrarmos agora nas relações estabelecidas com as diferentes figuras - materna e paterna - e com o casal parental, algumas diferenças surgem

no decorrer do desenvolvimento.

No que diz respeito à relação com a figura materna, a primeira diferença que nos surge relaciona-se com a forma e o tempo em que se dá a passagem de uma relação marcada pela dependência e, portanto, pela necessidade da presença real do objecto materno, para uma relação marcada por uma maior autonomia e independência.

Assim, nos rapazes, este desenvolvimento é linear: as funções instrumentais perdem importância por volta dos 7/8 anos, e as funções expressivas, nomeadamente a função de protecção, decresce de importância por volta dos 9/10 anos.

Nas raparigas, esta linearidade é perdida: por um lado, se a função de protecção segue um curso semelhante à dos rapazes, as funções instrumentais passam por uma desvalorização inicial para, por volta dos 8/9 anos, a função de alimentação ser valorizada e depois voltar a ser desvalorizada aos 10 anos, enquanto que a que se liga com a prestação de cuidados de higiene permanece sempre desvalorizada ao longo da latência.

Esta diferença, se por um lado parece dar conta de uma valorização das capacidades do próprio e, portanto, do esboçar do desejo de autonomia e independência face à figura materna, mais cedo nas raparigas do que nos rapazes, por outro lado, parece atestar a presença de uma dimensão mais agressiva na relação com a mãe (também indispensável à distanciação do objecto), mais notória no exercício da função de prestação de cuidados.

É claro que, tanto nos rapazes como nas raparigas, a mudança de relação com a figura materna está relacionada com a mudança dos atributos: com a desvalorização/desidealização da figura materna, ocorre uma valorização/idealização do próprio. Mas, mais uma vez há uma diferença entre ambos os sexos, já que, enquanto nos rapazes, aos 10 anos, esta dicotomia continua presente de forma acentuada, nas raparigas há já uma percepção mais real da figura materna e, simultaneamente, do próprio.

Esta dicotomia torna-se ainda mais evidente na relação estabelecida com a figura paterna. Mas, também aqui há diferenças importantes. Assim, nas raparigas, a desidealização da figura paterna e a consequente idealização do próprio inicia-se mais cedo do que nos rapazes. Contudo, enquanto nas raparigas esta desidealização é gradual, ao longo dos anos, nos rapazes é abrupta e o grau de desidealização é maior, bem como o grau de idealização do próprio.

Esta ocorrência inaugura, então, novas diferenças: em primeiro lugar, a desidealização surge por intermédio dos afectos atribuídos à figura paterna - afectos de solidão e tristeza -, mas esta não perde, contudo, os atributos de poder.

O que ocorre então é uma "dependência invertida", necessitando o "mais forte" do "mais fraco" para poder ser feliz (novamente os afectos). Por sua vez, esta mudança de relação dá origem a uma relação de cordialidade e cooperação, culminando com uma avaliação da figura paterna (e do próprio) mais lógica e real.

Nos rapazes, a desidealização/idealização liga-se mais às qualidades de poder atribuídas à figura paterna e, posteriormente, ao próprio. Surge, então, uma inversão das funções de poder: a figura paterna - anteriormente a mais forte -, torna-se incapaz de exercer o poder, sendo substituída pelo mais fraco, agora mais forte.

No que diz respeito à evolução da relação com o casal parental, a única diferença entre os rapazes e as raparigas prende-se com a idade em que a criança não consegue mais denegar o facto de que a relação estabelecida entre ambos os elementos do casal é diferente da relação que estes estabelecem com ela, reconhecendo, portanto, que os pais têm necessidades sexuais.

Nas raparigas, este reconhecimento ocorre por volta dos 7 anos, ao passo que nos rapazes ocorre por volta dos 8 anos. Em ambos, é este facto que dá origem ao desejo de autonomia e independência face ao casal parental (ou a um dos elementos deste casal), desejo este que é, como já atrás referimos, simultâneo com um aumento de confiança nas capacidades do próprio.

CONCLUSÕES

A centração do nosso estudo sobre as transformações das *imagos* parentais no decurso da latência permite-nos não só afirmar o nosso postulado inicial - a inter-relação/intersecção entre as transformações das *imagos* parentais e o processo de construção da autonomia e independência -, como ainda conferir-lhe uma grande pregnância.

De facto, o processo de construção da autonomia e independência, que constitui um dos elementos centrais da latência, desenvolve-se numa relação estreita com os objectos parentais, objectos que, no decurso da latência, se humanizam e se complexificam. Com efeito, se o início da latência aparece muito marcado por uma estrutura infantil onde dominam umas *imagos* materna/paterna arcaicas (idealizadas e onnipotentes), gradualmente, acompanhando o movimento de autonomia e expansão, vai ocorrer a (des)mistificação e (des)mitificação destas *imagos*, tornando-se, no final da latência, mais próximas da realidade. Mas vejamos como decorrem estes movimentos que se imbricam uns nos outros.

Na análise dos protocolos dos diferentes grupos destaca-se, em primeiro lugar, uma grande dependência em relação às figuras parentais (maior nos mais novos), dependência esta não só ligada ao preenchimento das necessidades biológicas, mas também, e fundamentalmente, às necessidades de *protecção e contenção* - expressões que revelam a fragilidade do movimento de expansão e autonomia. E, porque as figuras parentais se mostram prestáveis, disponíveis psicologicamente - o verdadeiro alimento do Self é a atenção afectiva, a atenção psicológica -, estas expressões revelam ainda, na relação estabelecida com a figura materna e também com a paterna, uma ligação conseguida, isto é, *recíproca e partilhada*.

Observámos, contudo, que as *imagos* materna e paterna apresentam diferenças importantes, não só entre elas, mas, também, nos dois sexos e nas diferentes idades.

Nos **rapazes**, a percepção de uma "boa mãe" testemunha uma vivência de uma *relação positiva com a imago materna*. Assim, inscrevendo-se numa lógica de dependência em relação à *imago* materna, esta é percebida como gratificante e contentora. E, embora cumpra um papel importante na transmissão de regras e normas, não é percebida como punitiva e ameaçadora, nem como abandonica. A percepção do pai - *imago* paterna - é também, a nível global, positiva, se bem que apareçam, por vezes, sentimentos edipianos de rivalidade, de agressão recíproca (mais evidente aos 8/9 anos), mas que um "Eu adequado" não deixa passar do estado de ameaça, não havendo, portanto, submersão pela angústia. Assiste-se, então, a uma oscilação em que,

se por um lado o "agressor", como elemento activo, defende o seu poder, por outro lado, as necessidades e imperativos identificatórios podem levá-lo também a aparecer como "aliado", e, tal como a *imago* materna, ser protector, justo e aberto, surgindo então os sentimentos de admiração e idealização que, de novo, conduzem à dependência.

Fica, assim, evidente que nos rapazes, enquanto a *imago* materna apresenta características mais estáveis e discretas, a *imago* paterna apresenta características mais ambivalentes e conflitualizadas.

Nas **raparigas**, a nossa análise mostrou que, para além de também haver uma relação positiva com uma *mãe gratificante e contentora*, há, por vezes, no início da latência, uma relação muito próxima e demasiado exclusiva com esta, marcando, portanto, uma dificuldade em aceitar a intrusão das outras personagens, nomeadamente, do outro diferente. Mas, se nos rapazes surgiam sentimentos de competição edipiana em relação ao membro do casal parental do mesmo sexo, nas raparigas isso não acontece. Contudo, por vezes a relação é marcada por uma certa ambivalência no duplo eixo de gratificação e agressão, parecendo esta última inscrever-se mais num contexto de transmissão de normas e regras, representando a mãe uma *autoridade* à qual a rapariga decide obedecer.

Por sua vez, no que se refere à *imago paterna* na rapariga, esta caracteriza-se por uma certa *ambivalência*: o pai ou possui o poder, ou está triste "porque se sente só". Parece-nos que esta dupla expressão não é mais do que a projecção de

um desejo que, porque não pode ser assumido, obriga à *distância nostálgica* - o Édipo não é abordado (tal como nos rapazes em relação à mãe), donde a agressividade ressentida mas não assumida, donde a *desvalorização* da figura paterna e a ausência de relação. Contudo, embora estes aspectos estejam presentes na relação, o pai não é sentido como uma ameaça; antes pelo contrário, a evolução da relação ao longo da latência vai originar uma relação de cordialidade e cooperação, se bem que antes se esboce uma "dependência" invertida: é a rapariga que vai passar a ajudar o pai, protegendo-o, o que é outra forma de calar o desejo, pelo reinvestimento numa função mais materna. Aliás, este desejo de protecção, que aparece nas raparigas, distingue-as claramente dos rapazes, onde ocorre o inverso - o desejo de ser protegido.

É, assim, que vemos surgir nos protocolos uma *conquista de independência e de autonomia mais cedo nas raparigas do que nos rapazes*, os quais se mostram sempre mais dependentes do que as raparigas, isto é, na dinâmica da vinculação as raparigas investem mais no pólo da protecção do que no pólo de ser protegido.

Este desejo de protecção das raparigas vai a par com um maior desejo de conquista de independência e autonomia, desejo este que aparece mais cedo do que nos rapazes, que se mostram mais dependentes. É, aliás, para esconder esta dependência que interpretámos, nos protocolos dos rapazes, o aparecimento de uma maior agressividade, a necessidade de competir com o outro, não tolerando a agressividade deste, o que lhe dá uma aparência de força, que só pode ser

falsa, daí o maior investimento no poder.

De referir, no entanto, que quando vemos surgir *agressividade* nos protocolos, esta nunca contém a dimensão de destrutividade ou violência. É uma agressividade ligada à afirmação de si, prendendo-se, portanto, com o desejo de autonomia. Todavia, a tónica dos protocolos não é a agressividade, mas antes a *docilidade*, os *sentimentos de ternura*; o que predomina é a dimensão libidinal, afectiva.

Ora, se ao longo da latência a rapariga investe mais a protecção e o rapaz investe mais o poder, isto é devido aos processos de identificação que ocorrem desde o nascimento e que, como se observa nos protocolos, se enriquecem e diversificam nas suas referências, durante a latência.

Este enriquecimento e diversidade decorrem de uma assimilação (interiorização), mas também de uma aprendizagem indirecta, por imitação ou modelação. Com efeito, os protocolos dão conta deste facto, já que a transmissão de normas e regras, no fundo, a *função socializante*, está inicialmente muito dependente da presença das figuras parentais. A criança faz o que os pais (idealizados) lhe exigem - obedecendo-lhes sem questionamento -, pois tem necessidade de preservar o amor destes, necessário ao seu narcisismo. Há, assim, um esforço de adaptação à realidade, adaptação que também advém da acção conjugada das defesas secundárias (neuróticas), que surgem reforçadas neste período, tais como a formação reactiva, o evitamento (do conflito), o isolamento dos afectos e representações.

E se há, como dissemos, adaptação, não há nunca submissão infantilizante nem inibição da fantasia. Aliás, a fantasia mantém-se no decurso de toda a latência, embora com uma expressão algo diferente: enquanto nos protocolos dos sujeitos mais velhos o pensamento lógico é polvilhado pela riqueza fantasmática, nos protocolos de crianças mais novas assiste-se, por vezes, a uma oscilação entre a colagem à realidade do cartão, com descrição, e a referência ao mundo fantasmático.

Importa agora aqui fazer referência ao facto de a nossa análise não estar de acordo com a literatura clássica revista, relativamente à distinção entre a função materna e a função paterna. Com efeito, se a literatura aponta diferenças claras entre as duas funções, os nossos resultados esbatem estas diferenças, conferindo às duas funções uma relação de continuidade e ligação. É o caso da função socializante e interditora do pai - fonte da lei e da ordem, "Lei do Pai" (Lacan). Com efeito, a nossa análise mostra, em primeiro lugar, que a figura paterna não é a única interditora, nem a função socializante é exclusivo paterno, mas, antes, são veiculadas por ambos os pais. Assim, a função de «consciência da criança» (A. Freud), o Super-Ego, desenvolve-se e consolida-se numa ligação estreita com as figuras parentais. A nossa análise mostra, também, que o pai tem, tal como a mãe, um papel importante na contenção dos afectos, das angústias e dos medos da criança.

Neste sentido, o processo que ocorre e que decorre da relação com os pais, e que conduz ao enriquecimento das identificações, não deve centrar-se unicamente na separação de funções, pois, como vimos, estas, para além de

serem veiculadas por ambos os pais, são ainda, e fundamentalmente, complementares e indissociáveis, formando um processo dinâmico, dialéctico.

Interessa-nos, contudo, salientar que um dos aspectos mais importantes a que conduz o processo identificatório e que leva ao aumento das competências do próprio e à maior estabilização narcísica, é o facto de o sujeito não precisar de ser valorizado pelos pais, até porque estes, correlativamente com a auto-valorização, vão sendo cada vez menos idealizados.

Também em relação à forma como os pais vão sendo desidealizados se notam algumas diferenças no decorrer da latência, quer entre os pais dentro do mesmo grupo, quer entre os dois grupos em relação a cada um dos pais. Em relação à representação do pai, esta é mais rapidamente desidealizada do que a da mãe, em ambos os grupos; por sua vez, o grupo das raparigas desidealiza mais cedo o pai do que o dos rapazes, mas estes, quando o fazem, é com maior intensidade. Em relação à mãe, não aparece tanto a desidealização, mas, antes, é a mãe que deixa de cumprir certas funções, passando, portanto, a criança a fazer coisas sem necessitar do desempenho e apoio da mãe - "sem utilizar o objecto" (Winnicott). É o início do processo de autonomização e independência em relação aos objectos parentais, processo que traz a marca de uma representação de si sólida, até porque, concomitantemente, a criança passa a compreender e a aceitar o facto de que os pais têm uma relação entre ambos diferente da relação que estabelecem com ela, sem que isso traga sentimentos de exclusão, de perda.

De referir, contudo, que a vivência deste processo passa também por duas fases: uma, centrada na vivência passiva de separação, com o aparecimento de alguns sentimentos de abandono; a outra centrada no desejo activo de separação, a partir do qual se organiza uma exuberância criadora - aumenta a confiança do próprio e, portanto, desenvolve-se o narcisismo. Embora a vivência deste reconhecimento seja semelhante em ambos os grupos, algumas diferenças podem ser apontadas, nomeadamente na transição de uma fase para outra. Assim, nos rapazes, o reconhecimento da relação do casal é mais tardia (denegação da solidão e abandono) e a autonomização é precedida por uma desvalorização do casal parental, única via para manter uma afirmação de si estável. Nas raparigas, assiste-se ora a uma aliança com o pai contra a mãe, ora a uma aliança com a mãe contra o pai, facto que, por originar uma certa culpabilidade, leva ao desenvolvimento da autonomia - reparação.

Neste sentido, se por um lado os nossos resultados dão conta de que o desejo de autonomização e independência traz consigo alguns sentimentos de abandono face às *imagos* parentais, por outro lado, nunca se vivenciam sentimentos de falta, de perda. De facto, no decorrer de toda a latência, não se vivenciaram perdas nem mudanças bruscas, mas sim, *evolução relacional*.

Podemos, assim, afirmar que, no “bom” desenvolvimento afectivo, o indivíduo não perde os objectos de amor infantis - nem como objectos externos, nem como objectos internos -, mas modifica, progressivamente, a sua relação com eles. E é porque essas *imagos* se transformaram - se (des)mitificaram e (des)mistificaram, isto é, se humanizaram e ficaram mais próximas da

realidade -, que foi possível uma modificação da relação com esses objectos. E, de caminho, firmam-se as vias para novas relações com objectos extra-familiares, conciliando, portanto, diferentes investimentos objectais, o que implica conciliar as diferenças de sexo e de geração, conciliando, também, os modelos do passado com os modelos do presente. Mas, para isto, é necessária a manutenção de pontos de referência estáveis. E voltamos às *imagos* parentais. *Imagos* que, na diversidade, conferem ao Eu uma maior unidade e coesão.

Por tudo o que dissemos atrás, é possível concluir que estes diversos movimentos - movimentos que se interpenetram, se imbricam, se conjugam uns com os outros -, só foram possíveis de realizar devido a previamente se ter estabelecido uma activa e consistente vinculação com os pais. Vinculação que permitiu a introjecção da função continente (Bion) - por identificação à função continente da mãe (Bick; Meltzer). Vinculação que abriu as vias ao desenvolvimento que passa pela activação dos processos de "integração", de "personalização" e de "adaptação à realidade" (Winnicott), ao desenvolvimento do processo de "separação-individualização" (Mahler). Vinculação que, por tudo isto, tornou possível controlar e elaborar as grandes ansiedades do passado precoce, as angústias esquizoparanóides e depressivas (Klein), e do passado próximo edipiano (Freud); que levou, portanto, à gradual consolidação do Eu - traduzida pela coerência do seu modo de funcionamento e por uma coesão do seu mundo interior. Vinculação que, porque levou à constituição de representações distintas e separadas dos pais, na criança, mas também porque levou à formação de uma representação deles capaz de a conter a ela própria, em pensamento, como distinta e separada, conduziu à formação e

firmação, no final da latência, de uma relação recíproca e partilhada entre a criança e os pais, uma relação de cooperação.

Em conclusão, se as *imagos* se elaboram na infância a partir das relações intersubjectivas estabelecidas com as personagens significantes do mundo relacional da criança, resultando, portanto, da identificação subjectiva (afectiva) da identidade do outro, opera-se, ao longo do processo de autonomia e expansão - processo que caracteriza a latência -, uma diferenciação entre esta imagem interior que é a *imago* e o objecto (exterior), do qual deriva e sobre o qual é projectada, num processo de identificação objectiva e subjectiva da realidade humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alexandre, M. F. (1993). A Relação Transferencial/Contratransferencial no Processo Terapêutico na Fase da Latência. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 5, 51-60.

Becker, T. (1974). On Latency. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 29, 3-11.

Bégoïn-Guignard, F. (1985). À propos de l'identification projective. *Adolescence*, 3 (2), 295-307.

Bellak, L. & Adelman, C. (1966). El Test de Apercepción infantil (C.A.T.). In *Técnicas Proyectivas para niños* (pp. 65-90). Buenos Aires: Editorial Paidós.

Bellak, L. & Hurvich, Marvin S. (1966). Test de apercepción infantil com figuras humanas. In *Técnicas Proyectivas para niños* (pp. 91-101). Buenos Aires: Editorial Paidós.

Bick, E. (1968/1991). A experiência da pele em relações de objecto arcaicas. In E. B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein Hoje: Desenvolvimentos da teoria e da técnica*, 1, (pp. 194-198), (2ª ed.). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Bion, W. R. (1962/1987). *Aprendiendo de la experiencia*. México: Paidós.

Bion, W. R. (1962/1991). Uma Teoria do Pensar. In E. B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein Hoje: Desenvolvimentos da teoria e da técnica*, 1, (pp. 185-193), (2ª ed.). Rio de Janeiro: Imago Editora.

- Bion, W. R. (1970/1991). *A Atenção e Interpretação: o acesso à intuição em psicanálise e grupos*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Bleichmar, N. & Bleichmar, C. (1989/1992). *A Psicanálise depois de Freud, Teoria e Clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Blos, P. (1962/1985). *Adolescência. Uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Ed. Martins Fontes.
- Boekholt, M. (1993). *Épreuves Thématiques en Clinique Infantile – Approche psychanalytique*. Paris: Dunod.
- Bornstein, B. (1951). On Latency. *The Psychoanalytic Study of the Child, VI*, 279-285.
- Bornstein, (1953). Masturbation in the latency period. *The Psychoanalytic Study of the Child, VIII*, 65-78.
- Bower, T. (1977/1983). *Uma Introdução ao Desenvolvimento da Primeira Infância*. Lisboa: Moraes Editores.
- Brazelton, T. B. & Cramer, B. G. (1990/1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, Ltda.
- Brusset, B. (1988). *Psychanalyse du lien – La relation d’object*. Paris: Éditions du Centurion.
- Caper, R. (1988/1990). *Factos imateriais*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Chabert, C. (1980). Contenu manifest et contenu latent au children aperception test (C. A. T.). *Psychologie Française, 25(2)*, 115-124.
- Denis, P. (1979). Du traitement analytique a la période de latence. *Revue Française de Psychanalyse, 33*, 697-706.
- Denis, P. (1993). Le psychanalyste devant la période de latence. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria, 5*, 61-65.
- Dias, C. A. (1988). *Para uma psicanálise de relação*. Porto: Afrontamento.

Ferreira, T. (1993). O período de latência na criança. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 5, 73-91.

Freud, A. (1947/1985). *Psicoanálisis del desarrollo del niño y del adolescente*. Barcelona: Paidós.

Freud, S. (1895/1969). Fragmentos de uma análise de um caso de Histeria. In *Obras completas*, (Vol. VII, pp. 15-116). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1900/1969). A Interpretação dos Sonhos. In *Obras Completas* (Vol. IV e V). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1905/s.data). *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil.

Freud, S. (1914/1969). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. In *Obras Completas*, (Vol. XIV, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1917/1969). Luto e Melancolia. In *Obras Completas*, (Vol. XIV, pp. 245-266). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1921/1969). Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In *Obras Completas*, (Vol. XVIII, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1923/1969). O Ego e o Id. In *Obras Completas*, (Vol. XIX, pp. 15-80). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1933/1969). Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In *Obras Completas*, (Vol. XXXX, pp. 13-177). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Grinberg, L., Sor, D. & Bianchedi, E. T. (1973). *Introdução às ideias de Bion*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Grotstein, J. (1981/1985). *A Divisão e a Identificação Projectiva*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Grunberger, B. (1980). L'antagonisme narcissisme-pulsions. In *Le narcissisme, L'amour de soi* (pp.229-249). Paris : Tchou.

Hinshelwood, R. D. (1991/1992). *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Kaplan, E. (1965). Reflections regarding psychomotor activities during the latency period. *The psychoanalytic Study of the Child*, 20, 220-238.

Klein, M. (1929/1992). Personification in the Play of Children. In *Love, Guilt and Reparation and Other Works, (1921-1945)* (pp. 199-209). London: Karnac Books.

Klein, M. (1932/1986). *The Psycho-analysis of Children*. London: The Hogarth Press.

Klein, M. (1935/1992). A Contribution to the Psychogenesis of Maniac-Depressive States. In *Love, Guilt and Reparation and Other Works (1921-1945)* (pp. 262-289). London: Karnac Books.

Klein, M. (1937/1992). Love, Guilt and Reparation. In *Love, Guilt and Reparation and Other Works (1921-1945)* (pp. 306-343). London: Karnac Books.

Klein, M. (1945/1992). The Oedipus Complex in the Light of Early Anxieties. In *Love, Guilt and Reparation and Other Works (1921-1945)* (pp. 370-419). London: Karnac Books.

Klein, M. (1946/1987). Notes on some Schizoid Mechanisms. In *Envy and Gratitude and Other Works (1946-1963)* (pp. 1-24). London: The Hogarth Press.

Klein, M. (1952/1987). Some Theoretical Conclusions Regarding the Emotional Life of the Infant. In *Envy and Gratitude and Other Works (1946-1963)* (pp. 61- 93). London: The Hogarth Press.

Klein, M. (1955/1987). On Identification. In *Envy and Gratitude and Other Works (1946-1963)* (pp.141-175). London: The Hogarth Press.

Kohut, H. (1978/1984). *Self e narcisismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1967/1985). *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa: Moraes Editores.

Laufer, M. & Laufer, M. E. (1984). *Adolescence and developmental breakdown*. New Haven and London: Yale University Press.

- Lemaire, A. (1977/1982). *Jacques Lacan. Uma Introdução*. Rio de Janeiro: Campus.
- Mahler, M. (1965 /1984). Psicosis infantil temprana: los síndromes simbiótico y autístico. In *Estudios I. Psicosis infantiles y otros trabajos* (pp. 133-142). Buenos Aires: Paidós.
- Mahler, M. (1979/1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Malpique, C. (1986). Valor das latências na construção da identidade (1ª parte). *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 4, 87-97.
- Malpique, C., Cabral, F., Flores, F. & Soares, I. M. (1988). Psicoterapia de Grupo no período de latência (2ª parte). *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 6, 69-96.
- Malpique, C. (1990). *A ausência do pai*. Porto: Edições Afrontamento.
- Mancia, M. (1987/1991). *O sonho como religião da mente*. Lisboa: Escher
- Marques, M. E. (1998). *Modelos de Observação e teorias das transformações em Psicologia Clínica*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia Clínica. Faculdade de Psicologia de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Matos, A. C. (1986). O primeiro amor. *Psicologia*, V(1), 39-43.
- Matos, A. C. (1989). O inconsciente primário ou virtual e a psicossomática. In *Psiquiatria de Ligação e Psicossomática* (pp. 309-315). Lisboa: Lab. Delagrance.
- Matos, A. C. (1993). Em redor da latência sexual. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 5, 7-14.
- Matos, A. Mota. (1993). Desenvolvimento normal da criança na Segunda infância. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 5, 15-32.
- Mazet, Ph. & Houzel, D. (1979/1986). *Psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent*. Vol. I. Paris: Maloine S. A. Editeur.

- Meltzer, D. (1984). Concepts d'«identification projective» (Klein) et de «contenant-contenu» (Bion) en relation avec la situation analytique. *Revue Française de Psychanalyse*, 48 (2), 541-550.
- Meltzer, D. (1975/1991). *Explorations in Autism. A psycho-analytical study*. Oxford: Clunie Press.
- Montagna, M. E. (1989). *Análise e Interpretação do C.A.T. (Teste de apercepção temática infantil)*. São Paulo: E.P.U.
- Pedro, J. C. Gomes (1985). *A Relação mãe-filho: influência do contacto precoce no comportamento da díade*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Rausch de Traubenberg, N. & Chabert, C. (1982). Tests de projection de la personnalité chez l'enfant. *Encycl. Méd. Psychiatrie*, 37190 B, 10.
- Shentoub, V. (1983). Teste de Apercepção Temática: teoria e método. *Análise Psicológica*, 4 (1), 23-30.
- Shentoub, V. & Al. (1990). *Manuel d'utilisation du T.A.T (Approche psychanalytique)*. Paris: Dunod.
- Stern, D. (1985/1989). *Le monde interpersonnel du nourrisson*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Thibaudier, V. (1986). Les imagos du psychopathe: approche clinique. *Annales de Vaucluse*, 25, 39-62.
- Tustin, F. (1986/1990). *Barreiras autistas em pacientes neuróticos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. W. (1971/1975). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
- Winnicott, D. W. (1979/1988). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Zimmermann, D. E. (1995). *Bion: Da teoria à prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

ANEXO I

ÍNDICE DE GRAFFARD

CLASSIFICAÇÃO SOCIAL INTERNACIONAL ESTABELECIDA PELO PROFESSOR GRAFFARD *

Este método baseia-se no estudo, não apenas de uma característica social da família, mas num conjunto de critérios, a saber:

1. A profissão
2. Nível de instrução
3. Fontes de rendimento familiar
4. Conforto do alojamento
5. Aspecto do bairro onde habita

Numa primeira fase, deverá atribuir-se a cada família observada, uma pontuação para cada um dos cinco critérios enumerados e, numa Segunda fase, obter-se-á com a soma destas pontuações o escalão que a família ocupa na sociedade.

1. A PROFISSÃO

Classificar-se-ão as famílias em cinco categorias, segundo a profissão exercida pelo pai. Se a mãe exercer uma profissão de nível mais elevado do que a do pai, neste caso, servirá de base para a classificação da família.

1ºGrau: Directores de bancos, directores técnicos de empresas, licenciados, engenheiros, profissionais com títulos universitários ou de escolas especiais e militares de alta patente.

2ºGrau: Chefes de secções administrativas ou de negócios de grandes empresas, subdirectores de bancos, peritos, técnicos, técnicos e comerciantes.

3ºGrau: Ajudantes técnicos, desenhadores, caixeiros, contra-mestres, oficiais de primeira, encarregados, capatazes e mestres de obras.

4ºGrau: Ensino primário completo. Motoristas, polícias, cozinheiros, etc. (operários especializados).

5ºGrau: Jornaleiros, mandaretas, ajudantes de cozinha, mulheres de limpeza, etc. (trabalhadores manuais ou operários não especializados).

* In Pedro, J. C. Gomes (1985)

2. O NÍVEL DE INSTRUÇÃO

As categorias são as seguintes:

- 1ºGrau:** Ensino Universitário ou equivalente (+ 12 anos de estudo).
- 2ºGrau:** Ensino médio ou técnico superior (10 a 11 anos de estudo).
- 3ºGrau:** Ensino médio ou técnico inferior (8 a 9 anos de estudo).
- 4ºGrau:** Ensino primário completo (6 anos de estudo).
- 5ºGrau:** Ensino primário incompleto ou nulo.

Exemplos de graus de instrução

- 1ºGrau:** Catedráticos a assistentes, doutores ou licenciados, títulos universitários ou de escolas superiores ou especiais, diplomados, economistas, notários, juizes, magistrados, agentes do Ministério Público, militares de Academia.
- 2ºGrau:** Técnicos e peritos.
- 3ºGrau:** Cursos de liceu, industrial ou comercial, militares de baixa patente ou sem academia.
- 4ºGrau:** Ensino primário completo.
- 5ºGrau:** Um ou dois anos de escola primária, saber ler e escrever ou analfabetos.

3. FONTES DE RENDIMENTO FAMILIARES

Segundo a principal fonte de rendimento da família, adoptam-se as cinco categorias seguintes:

- 1ºGrau:** A fonte principal é fortuna herdada ou adquirida.
- 2ºGrau:** Os rendimentos consistem em lucros de empresas, altos honorários, lugares bem remunerados, etc.
- 3ºGrau:** Os rendimentos correspondem a um vencimento mensal fixo. Tipo funcionário.
- 4ºGrau:** Os rendimentos resultam de salários; ou seja, remuneração por semana, por jorna, por horas ou por tarefa.
- 5ºGrau:** O indivíduo ou família são sustentados pela beneficiência pública ou privada. Não se incluem, neste grupo, as pensões de desemprego ou de incapacidade para o trabalho.

Exemplo de rendimentos familiares

1ºGrau: Pessoas que vivem de rendimentos, proprietários de grandes indústrias ou grandes estabelecimentos comerciais.

2ºGrau: Encarregados e gerentes, lugares com adição de rendimentos igual aos encarregados e gerentes, representantes de grandes firmas comerciais. Profissões liberais com grandes vencimentos.

3ºGrau: Empregados do Estado, Governo Civil ou Câmaras Municipais, oficiais de primeira, subgerentes ou cargos de responsabilidade em grandes empresas. Profissões liberais de médio rendimento. Caixeiros-viajantes.

4ºGrau: Operários, empregados de comércio e escriturários.

5ºGrau: Sem rendimentos.

4. CONFORTO DO ALOJAMENTO

Trata-se de dar uma impressão de conjunto, ainda que um pouco subjectiva. Estabelecem-se cinco categorias:

Grupo 1º: Casa ou andares luxuosos e muito grandes, oferecendo aos seus moradores o máximo conforto.

Grupo 2º: Categoria intermédia: casa ou andares que, sem serem tão luxuosas como as da categoria precedente, são, não obstante, espaçosas e confortáveis.

Grupo 3º: Casa ou andares modestos, bem construídos e em bom estado de conservação, bem iluminadas e arejadas, com cozinha e casa de banho.

Grupo 4º: Categoria intermédia entre 3 e 5.

Grupo 5º: Alojamentos impróprios para uma vida decente, choças, barracas ou andares desprovidos de todo o conforto, ventilação, iluminação ou também aqueles onde moram demasiadas pessoas em promiscuidade.

5. ASPECTO DO BAIRRO HABITADO

Grupo 1º: Bairro residencial elegante, onde o valor do terreno ou os alugueres são elevados.

Grupo 2º: Bairro residencial bom, de ruas largas com casas confortáveis e bem conservadas.

Grupo 3º: Ruas comerciais ou estreitas e antigas, com casas de aspecto geral menos confortável.

Grupo 4º: Bairro operário, populoso, mal arejado ou bairro em que o valor do terreno está diminuído como consequência da proximidade de oficinas, fábricas, estações de caminho de ferro, etc.

Grupo 5º: Bairros de lata.

CLASSIFICAÇÃO SOCIAL

A soma total dos pontos obtidos na classificação dos cinco critérios dá-nos uma pontuação final que corresponde à classe social, conforme a classificação que se segue:

- Classe I** Famílias cuja soma de pontos vai de 5 a 9.
- Classe II** Famílias cuja soma de pontos vai de 10 a 13.
- Classe III** Famílias cuja soma de pontos vai de 14 a 17.
- Classe IV** Famílias cuja soma de pontos vai de 18 a 21.
- Classe V** Famílias cuja soma de pontos vai de 22 a 25.

ÍNDICE

I. Protocolos C.A.T. - Raparigas

Mariana 6A	5
Raquel 6A	7
Ana 6A	8
Joana 7A	10
Márcia 7A	12
Mónica 7A	14
Andreia 8A	18
Inês 8A	20
Vanda 8A	21
Diana 9A	23
Ana Carina 9A	26
Catarina 9A	29
Catarina 10A	33
Susana 10A	35
Elsa 10A	39

II. Protocolos C.A.T. - Rapazes

André 6A	44
Pedro 6A	46
Fernando 6A	48
Francisco 7A	50

João 7A	52
Pedro 7A	54
Nelson 8A	58
Rodrigo 8A	60
Teófilo 8A	62
Francisco 9A	64
Telmo 9A	67
João Daniel 9A	72
João 10 A	74
Marcos 10A	76
Tiago 10A	80

I. PROTOCOLOS C.A.T. – RAPARIGAS

Mariana 6A

1. Era uma vez três pintainhos que eram muito malandros, e um dia perguntaram à mãe se podiam ir à floresta, e a mãe disse que sim, mas eles depois perderam-se e foram a casa de outra senhora e esta senhora deu-lhes sopa e eles voltaram para casa. E eles depois pediram muitas vezes à mãe para ir à floresta para ir a casa da outra senhora.
2. Eram uns ursos que viviam na floresta e depois uns queriam que houvesse muitas casas e outros não queriam e depois fizeram um jogo a ver quem ganhava. E depois se ganhasse... queriam muitas casas, havia muitas casas. Se fosse os outros não havia. Depois ganharam os dois, e houve as duas coisas.
3. Era uma vez um rei que era um leão. Depois um dia, ele mandou ir lá muitos leões a ver se algum queria ser rei. E queriam ser dois reis. Depois votaram e ganhou um e o outro não queria que ele ganhasse. Depois o rei verdadeiro disse assim: " vamos fazer outra vez e se ganharem os dois, fica um em cada terra". E depois, fizeram outra vez, e ganharam os dois, e ficou um numa terra e outro noutra.
4. Era uma vez uma cidade de cangurus e havia uma feira, era a ver quem tinha os melhores bolos. E depois era uma família de cangurus, foi à feira, tinha um bolo e não ganhou e nenhuma ganhou. Depois foi uma atrasada a correr e foi essa que ganhou e as outras ficaram tristes, mas depois os outros foram para outra terra e ganharam todos, e ficaram muito felizes.
5. Era uma senhora que estava grávida, ia ter bebé e depois calhou uma menina e a menina não queria ficar sozinha. E depois a mãe pôs lá no quarto, mas depois o bebé chorava muito e a mãe não se importava. E depois o bebé quando cresceu já foi para um quarto sozinho... e teve também um bebé quando já era crescido, teve também um bebé e pôs lá no dele.
6. Eram os caçadores que queriam matar os pássaros, mas os pássaros fugiram e um dia o rei soube e não queria e disse ao caçador para matar outra coisa e eles não sabiam o quê. Depois havia lá uma gruta que tinha ursos e eles acordaram com o barulho dos tiros e disseram para matar a eles.

7. Eram os tigres que viviam numa floresta e não tinham nada para comer e só caçavam cabritos que havia lá. Mas depois um tigre que nasceu, quando cresceu só via os macacos quando era pequenino e pensava assim: "Oh pai, eles são tão engraçados, quando crescer vou comer um". E depois quando foi crescido deu aos filhos e comeu ele... foi caçar e comeu.

8. Uma família de macacos que viviam numa casa e depois convidam os amigos para ir lá e o filho dos amigos portava-se muito mal e depois a mãe ralhou com ele e depois os macacos que tinham convidado a outra família mandou-os embora. E depois a mãe um dia passou lá para pedir desculpa e eles já não quiseram falar com aquela família de macacos.

9. Era uma família de coelhinhos que vivia também numa casa e depois quando se separaram, o pai e a mãe... Depois a mãe teve um filho e pôs no quarto sozinho e ele chorou muito e a mãe foi lá para o pé mas quando cresceu já ficou sozinho no quarto.

10. Era uma senhora e um senhor que tinham uns filhos e os filhos foram um dia a um bosque e viram lá uns cãesinhos e depois levaram para casa e a mãe ouviu a ladrar e disse: "que é isto?... coitadinhos", eles estavam cheios de fome e deram-lhes comida e trataram-nos bem.

Raquel 6A

1. (ri) Os patinhos estão à mesa a comer (ri)... com a mãe... Cada um deles tem um babete...
2. Os ursinhos... estão a brincar... (ri)... são amigos, senão não estavam a brincar... a puxar cordas.
3. O leão é velhote... parece que é um velhote, tem bengala... estava zangado... e o ratinho (ri) estava a ver o leão zangado.
4. Os cangurus foram às compras... a mãe comprou um balão para o bebé... a mãe parece que está zangada... se calhar as compras saíram-lhe muito caras...
5. (Olha com uma cara admirada) Os ursinhos são irmãos... (ri) estão a dormir... devem estar a dormir sozinhos... não vejo aqui a mãe nem o pai... Eles tinham medo do escuro... depois acenderam a luz. E acabou.
6. Dois ursos estão na gruta... estão a dormir, pelo menos parece... talvez mãe e filho.
7. Eu estou a pensar como é que este animal se chama... tigre, quer apanhar o macaco, se calhar... o macaco pendura-se nas árvores... e o tigre foi atrás do macaco...
8. Estou a tentar descobrir qual é a mamã, se é esta ou esta... esta está com brincos e esta com a flor na cabeça. É esta (brincos) porque esta está a ralar com o filho e se fosse esta, era esta que ralhava. Os macacos parecem que têm umas mãos aqui (pés). Os filhos crescidos estão a beber chá e a conversar, enquanto a mãe bate no bebé... Tem o retrato da avó... Eles estão todos na sala. E acabou.
9. Do coelhinho... O coelhinho estava na cama e não tinha sono... Depois não sabia o que havia de fazer... para o sono vir (ri e tapa a boca)... Depois deitou-se porque ele estava sentado e depois adormeceu sem dar por isso. E acabou.
10. É a cadela que está a pegar ao colo no cachorrinho... o cachorrinho está com fome... porque já é hora do almoço... a cadela e o cachorrinho estavam em casa do dono... o cachorrinho branco... a mãe estava sentada... E acabou.

Ana 6A

1. Era uma vez uma galinha que teve três filhos... E um dia fez um bolo... para os pintainhos comerem, e eles gostaram muito... comeram o bolo todo... e os pintainhos a seguir foram brincar... no jardim.
2. Era uma vez um urso que andava a brincar com uma corda e um dia veio outros dois que também queriam brincar com a corda e começam a puxar a corda... e partiram a corda e um urso ficou muito zangado (esquerda) e disse: "a corda era minha e vocês puxam a corda e a corda partiu-se. E os outros dois ursos foram-se embora muito zangados, e o outro urso com metade da corda ficou a brincar com ela. Acabou.
3. Era uma vez um leão que era muito bonito e tinha também uma casa muito bonita mas um dia ele não tinha ninguém para brincar com ele e ficou muito triste... e ficou a pensar: "se eu pudesse brincar com alguém... era muito bom"... (olha para o rato). Mas como ele não tinha ninguém para brincar... adormeceu...
4. Era uma vez um canguru que tinha dois filhos, um era pequenino e o outro tinha já 8 anos e um dia a mamã foi dar um piquenique e ofereceu uma bicicleta ao mais velho e um balão ao mais pequenino. A bicicleta era para o filho mais velho não se cansar e um balão era para o mais pequenino não ficar chateado... A mãe é que já estava cansada de ir a saltar... Quando chegaram... ao sítio onde iam fazer o piquenique, o filho mais pequenino tinha adormecido e a mãe ficou a pensar: "será que ele tinha fome?" E o filho mais velho dizia para a mamã: "não, ele não tem fome, ele ficou com muito sono". E assim, o filho mais pequeno acordou e foram todos lanchar.
5. Era uma vez dois ursinhos que estavam a dormir e os pais estavam na sala a conversar. De repente, eles acordam e um ursinho tinha medo do escuro e disse ao irmão: "eu tenho medo do escuro". E o irmão disse: "porque é que não vais chamar os pais?" E ele disse assim: "eu não vou dizer aos pais porque depois eles ralham de nós estarmos acordados". E o outro irmão (mais velho) disse: "então vai dormir". E o irmão mais novo disse assim: "eu não sou capaz de adormecer". E o outro contou uma história e assim adormeceram os dois.
6. Era uma vez três ursos, a mãe mais os filhos, que moravam numa gruta. E a mãe estava a dormir e o ursinho mais novo, que se chamava Eddie, disse para

o irmão mais velho: "tenho fome". O irmão mais velho disse assim: "mas tu já jantaste". E ele disse assim, o ursinho mais novo: "eu comi pouquinho e ainda tenho fome". E o irmão mais velho disse para ele ir à cozinha comer mel, e assim o ursinho mais novo foi à cozinha e comeu o mel, voltou para o quarto e adormeceu.

7. Era uma vez uma macaca que tinha um filho e quando a macaca morreu o filho já era crescido e andava a passear. Um dia à noite um tigre apareceu e andava a correr atrás do macaco e o macaco com medo, subiu a uma árvore e o tigre ficou cá em baixo e pensou: "se eu pudesse subir as árvores é que era bom". E o tigre foi-se embora à procura de mais macacos, e o macaco lá em cima da árvore, muito contente desceu e foi para casa ter com os filhos e disse o que se tinha passado e daí nunca mais saiu de casa.

8. Era uma vez uma macaca que vivia sozinha com o seu filhote, e um dia convidou uns amigos e disse assim ao filho: "agora tens de te portar bem". E o filho respondeu: "está bem". E a mãe disse assim para o filho: "vens comigo ajudar-me a fazer um bolo? e a pôr a mesa?" E o filho disse assim: "está bem". Quando as visitas chegaram, o filho estava a brincar no jardim e foi chamar a mãe: "mãe, as visitas já chegaram". E a mãe disse assim: "está bem, já está tudo em ordem". E assim estiveram todos a almoçar e a lanchar.

9. Era uma vez um coelhinho que morava sozinho... e todas as noites só pensava: "se eu amanhã convidasse todos os meus amigos era bom". E assim convidou uns amigos e fez um doce delicioso e pôs-se à espera das visitas. Quando as visitas chegam para ir almoçar, já o coelhinho estava à espera e disse para as visitas se sentarem na mesa e conversaram, e a seguir foram almoçar. À noite, o coelhinho foi-se deitar na cama a pensar que qualquer dia ia convidar mais amigos.

10. Era uma vez uma cadela que tinha uma filha muito malandra, e um dia, deu um banho à filha, mas como a filha era muito malandra e salpicou o chão todo porque estava farta de estar em casa e disse à mãe: "mãe, porque é que não vamos à praia?" E a mãe disse assim: "boa ideia". E assim, lá foram à praia. A mãe comprou um balde, uma pá e também um gelado e quando foram para casa a filha disse: "mãe vamos tomar banho". E a mãe disse assim: "está bem". E foram tomar banho. Quando a mãe acabou de tomar banho disse à filha: "amanhã queres ir outra vez à praia?" E a filha disse que estava bem.

Joana 7A

1. Era uma vez três pintainhos que estavam a comer a sopa. A sopa era muito boa...
2. Era três ursinhos a puxar a corda... de um lado tinha dois ursinhos e o outro tinha um. Um era mais pequeno, outro era maior e outro era também maior.
3. Era uma vez um leão que era muito velhote e a casa tinha ratos, tinha uma bengala e um cachimbo, e no chão tinha uma carpete e um cadeirão que tinha quatro pernas. Não me lembro mais.
4. Era uma vez uma mãe canguru que tinha dois filhotes. Ela ia muito apressada e levava um filhote na bolsa e o outro ia de bicicleta e ia para o bosque...
5. Era de noite e dois ursinhos estavam a dormir... um já estava a dormir e outro estava acordado porque tinha medo. Os pais não estavam lá na cama. Eles dormiam juntos. A cama era branca. Na cabeceira do pai tinha um candeeiro, tinha um tapete.
6. Era uma vez dois pais e um ursinho. Os pais e o filho viviam numa toca. O filho estava acordado e os pais estavam a dormir. A toca era muito grande e cheia de folhas.
7. Era uma vez um tigre que queria apanhar o macaco. O macaco ia nos ramos e o leão ia a saltar. Era de noite... o leão tinha uns dentes muito grandes... não sei mais.
8. Era uma vez uma família de macacos (ri). O filho não queria ir para a cama e a mãe estava a ralhar com ele, enquanto o pai e a tia estavam a falar. O macaco era pequenino. A tia estava a beber o café e o pai.
9. Era uma vez um coelhinho branco. Era de noite e ele estava a dormir. Ele... tinha um espelho e um candeeiro, tinha uns cortinados brancos. Ele estava sozinho e a porta estava aberta e ele tinha muito medo... não sei mais.
10. Era uma vez um cãozinho que tinha portado mal. E a mãe deu uma

palmada e ele ficou a chorar. A mãe sentou-o ao colo e deu-lhe uma palmada e o cãozinho estava a chorar muito.

Márcia 7A

1. Três passarinhos e uma galinha. A mamã disse: "vão todos para a mesa comer a papa". E eles lá foram os três. Depois comeram todos e depois a mãe disse: "agora vão brincar". E eles lá foram.
2. Havia três lobos e um era o mais pequenino... os grandes. Um estava a puxar para um lado e o outro para o outro... o pequeno estava a puxar pelo pai, e depois o outro tirou-lhe a corda.
3. Era uma vez um leão que tinha muitos filhos e filhas e ele gostava muito das filhas e dos filhos. Mas depois já era muito velhinho e os filhos já tinham crescido muito e daí adiante ele morreu e depois os filhos ficam muito tristes.
4. O que é isto? Como é que isto se chama?... Ah! era uma vez três cangurus. A mãe e os filhinhos foram às compras. O filhinho pequenino ia com a mãe, e o mais velho a de bicicleta. A mãe comprou um balão para os dois, e depois eles foram para casa e eles viveram muito felizes.
5. Ah! era uma vez dois gatinhos que estavam muito felizes a brincar na cama. Os pais estavam também a dormir. Eles levantaram-se da cama e foram para debaixo da cama dos pais e assustaram-nos quando eles acordaram. O mais velhinho assustou a mãe e o mais pequenino o pai. Depois lá foram todos comer. Depois quando era mais tarde eles foram almoçar. Depois, à tarde estavam com muita fome e veio de noite e começaram a dormir outra vez e viveram muito felizes.
6. Os três ursinhos... o filhinho estava ainda acordado. O pai e a mãe estavam a dormir na grande toca. Mas o filhinho gostava tanto do pai e da mãe, tanto, tanto, que nunca fugia de casa. Depois ele viu folhas no chão e disse: "queridos papás, deixam-me ir para a rua?". "Deixamos sim". E ele lá foi, encontrou um amigo muito giro e ele foi brincar com ele. Depois foi para casa, muito, muito contente. E eles viveram tão felizes, e tão felizes.
7. Era uma vez um leão e um macaco. Depois o leão era mais forte do que o macaco e ele estava numa árvore, o leão. Mas depois lá foi o leão todo, todo atarefado. Ele queria ir à procura de comer e depois ele viu o macaco. Ele

estava tão, tão nervoso que até disse que comeu o macaco. A seguir nasceu outro macaco e esse é que não escapou porque a mãe segurou... Mas o leão estava tão triste, tão triste que não tinha que comer e então ficou tão triste... E não viveu feliz para toda a vida.

8. Os 4 macacos (conta) era o tio, a mãe e o pai, eles conversam todos. A tia começou a conversar com o primo e depois o primo disse à prima: "prima, eu quero muitos livros porque já não tenho quase nada". Ele disse: "está bem". Depois a mãe aos segredos ao pai disse: "sabe que eu queria também ter livros". E o pai foi a correr e trouxe muitos livros. De repente, apareceu a avó e trazia tantos livros que já não foi preciso comprar. Depois foram almoçar. E depois viveram tão felizes, tão felizes, que o filho viveu sempre a ler livros.

9. Era uma vez um coelhinho que estava sozinho... ele queria ter uma mamã. De repente apareceu a mãe dele e disse: "desculpa de te deixar sozinho mas tive que ir às compras". O pai ainda estava na cama mas o filhinho não sabia. A mãe perguntou por ele. Está sim Sra, muito obrigado, agora temos que ir almoçar. Então lá foram os 3 almoçar. Depois almoçaram e depois de repente apareceu a avózinha: "meu neto, queres vir comigo às compras?". "Está bem, mas tens que me arranjar". Depois os pais ficaram sozinhos e sós. Mas depois eles vieram e ficaram felizes... Só falta uma?

10. Havia um pai e um filho que eram os dois cães. Depois eles os dois... o pai brincava muito com o filho mas depois o filho queria fazer chi-chi. O pai disse: "está bem, vai lá, depois continuamos a brincar". O pai saiu da casa de banho e deixou lá o filho sozinho e quando o filho ia a sair, o pai assustou-o e disse: "desculpa, era só a brincar". Depois lá foram brincar outra vez. "Vamos para a sala" - disse o filho. E lá brincaram mais a jogar um jogo. O filho tinha um balão e com uma agulha rebentou o balão do pai. Mas depois o pai viu a agulha e também rebentou o do filho. Já não vamos brincar mais, vamos jantar. E viveram felizes.

Mónica 7A

1. Era uma vez uma galinha que tinha três filhinhos e os filhos estavam a comer. Um chamava-se Pata Choca, e outro, Pateta, e outro, Baixote. O comer deles era... massa, e eles gostavam muito. Então eles comeram tudo o que estava na mesa. Depois a mãe foi sentar-se à mesa a comer e já não tinha lá comer nenhum. E perguntou aos filhos o que tinha acontecido à massa e os filhos disseram: "está aqui na nossa barriga". E então a mãe quando soube ficou tão admirada que disse aos filhos: "vou fazer mais massa". E os filhos disseram: "então vai à mamã, a gente fica aqui à tua espera. E a mãe disse: "está bem, esperem aí que a mãe já volta e depois a mãe foi fazer mais massa enquanto eles estiveram a falar todos juntos o que iam fazer massa que a mãe estava a cozinhar. Então quando resolveram tudo disseram assim os três: está bem, vamos fazer isso. Quando a mãe chegou disse: "filhinhos já fiz a massa e depois os três filhinhos disseram: "mãe, estão a tocar à campainha, vai abrir a porta e enquanto a mãe deles foi abrir a porta eles comeram a massa. E quando a mãe voltou viu que já não havia mais massa e perguntou aos filhinhos o que tinha acontecido, os filhinhos não tinham arranjado uma desculpa e fugiram todos a correr.
2. Era uma vez três ursos, pai, mãe e o bebé. Eles queriam fazer uma casa mas tinham-se zangado os dois. Então eles queriam fazer uma casa separada, duas casas. E então, os três precisavam de uma corda e então começam todos à briga. O pai com o filho e a mãe sozinha, e ficam a puxar a corda, a puxar, a puxar, até que a corda arrebentou. Quando viu que a corda tinha arrebentado, ficam tão tristes que voltam a ficar juntos.
3. Era uma vez um senhor que era um leão, era o rei da selva, mas não tinha mulher. Ele queria ter uma mulher e então abriu o castelo e foram lá muitas leas para ele ver se queria alguma. Um rato estava na parede a ver e começou a contá-las: a primeira era gorda, a segunda era magra, a terceira era feia, a quarta era bonita mas também não servia, a quinta era magra, a sexta era pobre e a sétima, era rica e já servia. Então ele ficou tão contente e começou a sorrir e casaram-se os dois e viveram felizes para sempre.
4. Era uma vez uma cangurua que tinha dois filhotes. Mas como a bolsa dela era muito pequenina, ela levou um na bicicleta e outro na bolsa. Ela tinha de

entregar o leite e não podia deixar os dois sozinhos em casa porque eles eram muito marotos. Então levou os dois e foi entregar o leite. O que ia na bicicleta já ia a chorar porque tinha de esticar as pernas que doíam muito. O que ia na bolsa, ia contente porque a mãe lhe tinha comprado um balão e não precisava de andar. A mãe ia aos saltinhos, a pular, a pular e ia entregar o leite ao canguru chamado Dorminhoco.

5. Era uma vez um menino que tinha muito medo do escuro e tinha um irmão bebé. E então o bebé, nesse dia à noite tinha sido levado por uma pessoa e o menino como tinha medo do escuro começou aos gritos: "mamã, papá, mamã, papá, avô, avô". E nunca mais se calava. Mas como aquela casa era já velha e arruinada e os pais tinham abandonado ele, então não resultou nada os gritos e então ele pôs-se debaixo da cama a tremer. Foi lá um gato e perguntou: "miau, miau, o que tens?" Ele deu um pulo logo assustado e bateu com a cabeça na cama e partiu a cabeça, coitado. O gato disse: "o que te aconteceu?" E o menino disse: "foram os meus pais que me abandonaram quando eu era pequenito, quando eu tinha 3 anos, mas deixaram também o bebé. E o gato era assim: "miau, miau o que te aconteceu?". "Raptaram o meu irmão bebé". E o gato disse: "sim, sim, então eu vou tentar encontrá-lo". O gato não era um gato, era a pessoa que tinha raptado o bebé e então raptou também o menino.

6. Era uma vez três ursos: mãe, pai e filho. O pai chamava-se Grandalhão, a mãe Gordinha e o filho, Trapalhão. Um dia a mãe e o pai do Trapalhão estavam a dormir mas como o filho não sabe nada o que há-de fazer, foi lá para a rua e começou a olhar para os montes e disse: "quem me dera ir para aqueles montes". Chegou lá uma aranha e disse: "porque é que não vais? Tu podes ir, os teus pais não mandam em ti". E o urso levantou-se e disse: "como é que sabes?" "Sabendo" - disse a aranha. E o urso assim foi para os montes. Depois mais tarde, os pais dele acordaram, primeiro a mãe e depois o pai. A mãe levantou-se, não sabia do urso que se chama Trapalhão e então chamou o pai e disse: "marido, marido, o nosso filho fugiu". E o urso levanta-se, abre a boca e disse: "não acredito ele é trapalhão mas não havia de fugir". E a mãe disse: "então porque não olhas para aqui para a cabana". E o urso olhou e disse: "tens razão, ele fugiu". Chega lá a aranha e disse: "ele foi para o monte, para aqueles ali à frente". E o urso perguntou "como é que sabes?". E disse assim: "fui eu que disse para ele ir, ele é tão trapalhão que acredita nas coisas que eu digo". Quando o urso pai soube, esmagou a aranha. Quando ela já estava morta disse: "malvada, nunca mais te perdo". E foi à procura do filho. Quando estava à

procura, ouviu ele a gritar: "papás, papá, mamã...". E o pai ficou logo todo contente a ouvir o som e foi logo atrás do som. Quando encontrou o ursinho trapalhão, ficou tão contente que disse: "filho, és tão trapalhão que até acreditaste na parva da aranha e então o filho: "era, era". E o pai perguntou "porque é que já não és?". E o filhinho disse: "porque eu comi daquelas amoras e souberam-me tão bem". E o pai levou-o para casa e quando a mãe viu ficou logo toda contente. Viveram os três felizes para sempre.

7. Era uma vez um macaquinho que estava a passear pelo mato e encontrou o tigre e ficou tão arrepiado, que pôs-se logo a fugir. O tigre tinha os dentes tão afiados e tão branquinhos, até parecia que lavava os dentes. O macaco ainda conseguiu fugir porque é muito trepadeiro. Andou a saltar pelos ramos das árvores e pôs-se a fugir, quando o tigre viu, já não tinha mais hipótese para apanhar o macaco para ficar para o almocinho dele porque ele tinha muita fome. Mas como não conseguiu apanhar, já não tinha mais forças para apanhar outras coisas e ficou tão magro, que morreu cheio de fome.

8. Era uma vez um baile de macacos e macacas. Lá foram muitos macacos dançar e fazer macaquices. Uma senhora tinha um filho que era muito distraído, teve sempre a dar lições: "filho, cala-te, tens que portar bem". E o filho disse: "está bem mamã, está bem". E então o filho assim fez. Mas viu um macaquinho do tamanho dele, ficou tão contente que foi atrás dele. Cresceu, e a macaca também. Foram os dois crescendo e namorando. E então tiveram filhinhos, um rapaz e uma rapariga como eles queriam. E então os filhos cresceram, tiveram um filho e nunca faltou uma coisa: um filho trapalhão como o pai dele. E então foi sempre assim que aconteceu. E assim viveram sempre, sempre, na terra e no céu, todos felizes.

9. Era uma vez um coelhinho que vive numa casa sozinho, tinha um quarto e uma caminha muito fofinha. Era uma rapariga e gostava de um coelhinho muito bonito que era cinzento e branco. Ela não, era amarela, cinzenta e branca. Era tão bonita, tinha patinhas fofinhas e era tão queridinha que não demorou lá muito a ter um marido. Cinco dias depois casou-se com um coelhinho e teve filhinhos. Ficou tão feliz que até fugiu por felicidade, mas quando o coelho viu foi atrás dela e perguntou: "porque é que fugiste?" "Eu não quero que tu brigues comigo só porque eu tive filhinhos". E ele disse: "não interessa, vem". Ela foi e disse: "obrigado". E viveram felizes para sempre.

10. Era uma vez uma família de cães, o pai, a mãe não havia, tinha morrido, e o filho que era muito maroto. E então um dia o filho tinha estado a matar moscas e a encher a sanitas com moscas. Quando o pai viu que a casa de banho estava cheia de moscas, ficou tão zangado que começou a dar tau-tau. Ele riu-se: "já estou como a mamã, agora vou-me embora". E o filho ficou tão triste que matou-se como a mamã.

Andreia 8A

1. Era a galinha que tinha três pintainhos e um dia ela fez uma salada e os pintainhos gostavam muito de salada. E eles estavam na escola e ela foi lá buscá-los. E quando eles chegam a casa perguntaram à mãe o que era o jantar e a mãe disse-lhes que era salada. E eles ficaram todos contentes.
2. Eram dois ursos... uma família onde havia um urso bom e um urso mau e um dia... eles eram muito bonzinhos. Um dia, decidiram fazer um jogo a ver quem ganhava. Então, o urso melhor e o outro urso foram jogar e quem ganhou foi o urso melhor. No outro dia, perguntaram ao urso que não era bom quem é que tinha ganho e ele disse: "fui eu, fui eu". Depois foram perguntar ao outro urso e ele disse que tinha sido ele. "Mas não pode ser, o urso mau disse que tinha ganho". "Então vamos fazer outro jogo para ver quem ganhou". E fizeram esse jogo que depois ganhou o urso bom.
3. Era uma vez um leão que morava numa casa muito grande. Um dia quando ele já estava velho, sentou-se na sua cadeira de cachimbo na mão e começou a pensar: "eu queria tanto ter uma companhia para me divertir. Como é que eu hei-de arranjar isso?" - disse o leão. Demorou um dia, dois dias, três dias e no quarto dia pensou, disse aos amigos da cidade para virem. Depois convidou-os para ficarem com ele e ele foi muito feliz até ao fim da vida.
4. Era uma vez uma senhora canguru que tinha dois filhinhos e um dia foi às compras... e levou os dois filhos. O mais velho ia de bicicleta e o mais novo ia dentro da bolsa da mãe. Quando voltou, a senhora canguru encontrou um lobo que disse: "dá-me o canguru bebé". E ela respondeu: "não dou". E foi a correr para casa.
5. Dois ursinhos... muito amigos. Eram irmãos e o pai disse para irem dar um passeio. Depois viu que estava a chover. Almoçaram, brincaram um bocadinho e depois chegou a hora de jantar. E a seguir ao jantar foram dormir.
6. Era uma vez um urso que vivia numa caverna na montanha. Ele vinha muitas vezes à aldeia para arranjar comida. O Inverno chegou. Depois ele foi para a montanha e ficou até à Primavera. Quando chegou a Primavera, veio à aldeia, espreguiçou-se e disse: "que bom voltar a vir à aldeia". Pronto.

7. Era um tigre que vivia na selva e queria apanhar um macaco, mas o macaco era muito esperto. Sempre que o tigre chegava, subia para cima das árvores. O tigre ficava sempre chateado e cheio de galos na testa porque batia com a cabeça na árvore. O tigre apanhou o macaco e comeu-o e nunca mais, nunca mais, apareceu macaco tão esperto como aquele.

8. É uma família de macacos que os avós tinham ido visitar o neto, e o macaquinho tinha saído para brincar com os amigos e foi dar à caverna do tigre, do urso, e começou a chamar pelos amigos. Quando entrou e viu o urso, desatou a correr dali para fora e foi directo para casa. Quando chegou, a mãe perguntou-lhe o que é que lhe tinha acontecido para ele vir tão assustado e cansado e ele disse: "mãe, é que eu dei de caras com um urso gigante". E a mãe: "nunca mais saís de casa sem avisar a mãe porque pode ser perigoso para ti".

9. É um coelho ou pessoa?... Era uma vez um coelho que estava a dormir e sonhou que um dia havia de aparecer um fantasma. Ora, como o tempo passa depressa, não tardou muito a aparecer o fantasma e o coelhinho ficou todo assustado. Viu a porta a abrir-se mas não viu ninguém, levantou-se e disse a gritar: "quem está aí? quem está aí". E o fantasma respondeu: "sou eu o fantasma dos teus sonhos". E o coelhinho disse: "não pode ser". E o fantasma respondeu: "tu não me querias ver?" "queria". "Então anda comigo". E o coelhinho foi.

10. Ah! do cãozinho... Um cãozinho... que tinha ido brincar e tinha partido muitas coisas. O outro dia... a mãe soube de tudo e o cãozinho ficou muito atrapalhado e a mãe... bateu-lhe.

Inês 8A

1. Vejo uma galinha a dar de comer aos pintainhos e eles com a colher virada para cima a ver, e a mãe a ver... Estão mais a olhar.
2. Vejo um urso e a mãe e filho, para ver quem é que tem mais força. A mãe e o filho de um lado e o pai está do outro a ver quem tem mais força.
3. Vejo um leão assim com mais idade com o cachimbo na mão, com a bengala encostada à cadeira e ele a pensar. E aqui, um ratinho a olhar para o rei.
4. Vejo a mãe canguru com uma mala às costas, com um chapelinho todo florido e o mais bebé, um cesto na mão com produtos... E o maiorzinho a andar de bicicleta, a andar atrás da mãe. Eles vão para um pinhal... para casa, que é num pinhal.
5. Vejo uma cama toda arrumadinha, uma janela e essa cama tem uma mesa de cabeceira com um candeeiro. E uma caminha de bebé que tem dois ursinhos e eles estão com uma almofada, ali deitadinhos.
6. Vejo um pai e uma mãe urso numa caverna com um filhinho deitado com os olhos abertos a olhar para as folhas e para o dia que está ... e os pais estão a dormir.
7. Vejo um tigre na selva e um macaco a subir as árvores. O macaco vai escorregar as mãos e ele vai cair e o tigre está a ver e pensa que ele vai comer.
8. Numa casa, vejo uma avó e o avó macaco a conversarem, com a chávena na mão, e vejo uma senhora, que é a mãe do macaquinho, a falar com ele e o macaquinho a olhar para a mãe, a ouvir o que ela está a dizer.
9. Vejo uma coelhinha deitada... sentada na cama a olhar... e o quarto tem a porta aberta e ela está a olhar para o que está fora, sem ser no quarto dela. E está lá um cortinado, um espelho...
10. Vejo a mãe cadelinha sentada num banco e a dar algumas palmadas ao filho, e o filho está a ladrar... e eles estão numa casa de banho. Vejo uma sanita, uma caixinha para pôr a roupa suja... a toalha.

Vanda 8A

1. Vejo três pintainhos... estão a comer e têm pratos para comer... têm uma colher... têm um guardanapo aqui à frente... estão sentados. Estão com uma toalha na mesa e têm uma taça com o comer e estão a rir os três pintainhos... porque estão contentes que vão comer... Está aqui um galo...
2. Vejo três ursos... a pegarem numa corda... O filho está a puxar do lado esquerdo mais o pai... e a mãe está a puxar do lado direito... Estão a puxar numa montanha a corda... estão a segurar na corda os três ursinhos... Têm duas orelhas, uma boca, dois olhos e nariz... e têm as mãos para puxar a corda.
3. Vejo uma cadeira... uma bengala... um leão... vejo aqui um rato dentro de um buraquinho pequenino... o leão está de perna cruzada... tem unhas... olhos e... tem nariz. O leão está sentado e o ratinho está a ver o leão e está com os pés no chão.
4. Vejo três cangurus... uma é a mãe e os outros são os filhinhos. O grande vai de bicicleta, o outro vai na barriga da mãe. A mãe leva um chapéu na cabeça, uma mala no braço... Vejo um cesto, um balão, tem comer dentro do cestinho... tem duas pernas... um corpo, duas mãos: uma a segurar na cabeça, outra no cestinho. O menino está a segurar no balão... o mais velho está a segurar na bicicleta e a dar ao pedal e tem um banco para sentar-se, duas rodas... uma grande e outra pequena.
5. Vejo uma cama grande... outra pequena, três janelas, um candeeiro, mesa de cabeceira, um tapete, uma cama que estão com dois filhos, com uma almofada... e os dois estão agarrados... um cortinado, o chão.
6. Vejo dois ursos... um pequeno e um grande e o pequeno está a comer... o grande está a dormir... O pequeno está com os olhos abertos... a comer... Um é a mãe, outro é o filho. Tem um buraco para eles dormirem, os dois ursinhos. Não sei mais.
7. Vejo um tigre... o macaco está segurado a uma árvore, vejo duas árvores, muitas folhas no chão, as árvores estão com folhas... o tigre está a fazer mal ao macaco... O macaco quer-lhe dar uma chapada... depois vejo uma montanha... depois vejo cordas... vejo o tronco das árvores, o tigre vai com os dentes à

mostra para morder ao macaco... não sei mais.

8. Eram quatro macacos, um era o pai, outro era a mãe, e os outros eram... os filhinhos, um era maior e outro era pequeno. A mãe e o pai estavam sentados a tomar café. A mãe tinha uma rosa na cabeça, estava a dizer segredinhos ao marido e o irmão (maior) estava a dizer qualquer coisa. O maior estava sentado e o pequeno estava a ouvir ele e não estava sentado. O mano mais velho tinha um brinco na cabeça... tinha o dedo apontado para ele e tinha a mão a segurar nele. Ele estava a olhar para o irmão... o macaco estava com os dentes à mostra para o irmão... Vejo um retrato... a avó macaca com uns óculos, boca, depois um lenço ao pescoço, depois tem um chapéu na cabeça, depois tem um fato.

9. Vejo uma porta, uma cama, uma janela, um cortinado, um espelho, um candeeiro, uma almofada... Vejo o chão, o tecto, vejo... um colchão... Vejo um coelho deitado na sua caminha, tem um colar ao pescoço, depois está a olhar para a porta... Ele está com as mãos em cima da colcha... tem duas orelhas grandes, tem dois olhos, uma boca e o nariz... tem aqui uma almofadinha pequenina, depois tem um boneco ali ao pé do candeeiro. Tem um corpo, os pés estão tapados... tem pelinho nas orelhas, no corpo, nos pés e nas mãos e nos braços.

10. Vejo dois cães: um é a mãe, outro é o filho. A mãe está sentada num banco, está triste e o filho está em cima da mãe a rir-se com a boca à mostra. Tem dois olhos, tem cara de fofinho... Vejo uma toalha, uma sanita, a banheira... O filho está com os dois pés em cima da mãe e frente está com os pés no chão. Tem o corpo cheio de pelinhos brancos. Uma mão, outra ao pé da cabeça do filho e muito séria porque não gosta que o filho esteja em cima dela... o nariz, a boca... tem os olhos muito tristes... orelhas que parecem tótós...

Diana 9A

1. Como é que começo?... Há um jantar, a mãe galinha foi fazer o comer, pôs a mesa e sentou os três pintainhos a jantar. O pintainho do meio não quis comer e fez uma grande birra. A mãe galinha disse se ele não comesse, não podia ir brincar, depois os dois irmãos despacharam-se mais rápido e foram brincar. O do meio ficou na mesa a comer sozinho e depois os irmãos chegaram ao pé da mesa e disseram: "porque é que estás assim?" E o pintainho disse que não tinha vontade de comer e queria ir brincar com eles, com os irmãos. Depois a mãe disse: "está bem, podes ir brincar com eles, mas quando fores para a cama tens que beber um copo de leite". E assim foi.

2. Era uma vez três ursos que estavam a passear e então disseram se queriam ir jogar... agora o problema, não me lembro do jogo... o mais velho disse assim: "vamos jogar ao jogo da corda". Os dois ursos disseram que estava bem. "Então eu fico de um lado porque sou o mais velho, tenho mais força do que vocês os dois e vocês ficam do outro. Depois, no fim temos um grande prémio". Assim foi, quem ganhou foi o mais velho, pois os outros dois ficaram muito tristes, mas o urso mais velho disse: "não se preocupem, eu vou-vos dar também o mesmo prémio do que eu, vou-vos dar dois potes de mel e um para mim".

3. Era uma vez um palácio que era muito, muito longe e nesse palácio vivia o rei leão. Ele andava sempre muito sozinho porque não tinha ninguém com que falar. A única pessoa que ele gostava mais era do ratinho que tinha uma toquinha debaixo da mesa da sala. Ele todos os dias se levantava, ia dar-lhe um bocadinho de queijo, ele comia tudo e andava sempre a pedir mais. Certo dia, o ratinho fugiu, o leão ficou muito preocupado e ficou sempre ao pé da casota à que ele viesse. Passado muito tempo, o ratinho voltou e trouxe uma ratinha e disse assim: "estás a ver, trouxe-te uma ratinha como tu querias e agora pode ficar para tua mulher". E assim foi. O leão foi ao quarto dele e disse: "toma lá esta ratinha que te ofereço de prenda de me teres dado o ratinho".

4. Numa tarde, a mãe canguru foi com os seus dois filhos fazer um piquenique ao campo. O mais velho ia de bicicleta e o mais novo ia na bolsa da mãe porque ainda era muito pequenino. A mãe comprou um balão vermelho mas levantou-se muito vento e então ela já não pôde fazer o piquenique. A mala tinha voado, mas ela apanhou-a, o mais novinho estava a agarrar o balão com a força toda dele e o mais velho estava a tentar andar de bicicleta contra o vento.

A mãe canguru avistou uma cabana ao longe e foi em direcção a ela. Bateu à porta e perguntou se estava alguém em casa. Ninguém respondeu, ela entrou e abrigou-se lá por uns tempos porque tinha havido um ciclone muito grande e a casa dela tinha caído. Depois os filhos dela foram crescendo e tornaram-se uns grandes construtores de casas.

5. Num dia de chuva, no quarto da Manuela, estavam dois ursinhos muito doentes porque tinham apanhado uma constipação muito grande. Ela tinha que tratá-los muito bem porque senão eles ficavam ainda mais doentes e aqui nesta vila não havia nenhum médico. Todas as manhãs ela dava um copo de leite a cada um a ver se eles melhoravam, mas estavam ainda mais constipados, cada vez que ela dava o copo de leite. Um dia, ela levou-os a passear a ver se eles respiravam ar puro, eles melhoraram muito e ficaram bons. Depois ela disse: "vão pôr um chapéu para não ficarem constipados e vistam um casaco". Quando eles voltaram para casa já era noite e então foram para a cama e antes beberam um copo de leite.

6. Numa caverna viviam três ursos, a ursa mãe, o urso pai e o urso filho. Eles estavam a dormir. Quando o filho mais novo acordou, foi acordar os pais porque estava com fome. Abriu a porta da casa e foi-se embora, mas começou a sentir frio e voltou a casa e pôs-se na cama. Quando a mãe acordou, sentiu uma corrente de ar e fechou a porta e pensou: "quem terá saído daqui?". Acordou o marido e perguntou-lhe "tu saíste daqui?" E ele com um ar muito ensonado disse que não. O filho estava a ouvir a conversa e fechou logo os olhos. A mãe chegou ao pé do filho e perguntou-lhe: "Saíste daqui?". "Não". "Então porque é que estás de casaco vestido?". "Porque eu senti frio e vesti o casaco". "Ah! está bem". E foi-se deitar outra vez. O filho saiu outra vez e desta vez foi buscar um ramo de flores para a sua mãe, pôs junto da cabeceira dela e quando ela acordou sentiu um cheirinho de flores e foi perguntar ao filho se tinha sido ele que tinha apanhado as flores e ele disse que sim.

7. Na selva, o tigre às riscas pretas estava a passear e encontrou o macaco. Como ele não gostava dele, disse assim: "porque é que estás aqui no meu terreno?". "Esta selva é de todos, não há ninguém que tenha um único pedacinho dela, só a nossa casa". "Está bem, mas eu agora estou a substituir o rei leão". "Mas ele não te deu ordens, senão ele tinha-nos dito para irmos fazer uma reunião na casa dele". "Mas não foi preciso". O macaco foi-se embora e o tigre ficou muito arreliado e foi atrás dele a correr, tropeçou numa pedra e o macaco subiu para cima de uma árvore. O tigre nunca mais voltou a se meter com o macaco.

8. No dia 20 de Agosto era a festa de anos do Chita. O Chita convidou muitos amigos. Estava na festa a brincar muito bem quando chutou com uma bola no vidro da casa do quarto dele. A mãe foi à varanda e disse: "o que é que aconteceu?". E o macaco disse assim: "não aconteceu nada, foi só a bola que caiu". A mãe foi ao quarto dele buscar a prenda que lhe tinha oferecido, para mostrar aos colegas e quando viu vidros no chão, foi à varanda e disse: "Oh Chita, tu partiste o vidro do teu quarto?" Ele disse que sim. A mãe ralhou muito com ele e ele nunca mais jogou à bola porque tinha medo que partisse outro vidro. Quando ia toda a gente embora, ele ficou triste porque a sua festa tinha acabado. "Mas no outro ano, terei outra festa e convidarei mais amigos".

9. O coelhinho Pompom estava a dormir. Quando acordou, a porta estava aberta e olhou para fora. Depois ouviu os passarinhos a cantarem e pensou "gostava tanto de ser passarinho para estar em cima das árvores e para voar no céu. Mas também é bom ser coelho, assim posso saltar nas pedras, comer cenouras e fazer muitas mais coisas". A mãe coelhinha entrou no quarto e disse "olha o que eu achei, um passarinho". E ele disse: "que bom!... pode ficar no meu quarto?" E a mãe disse: "pode, mas tens que ter muito cuidado com ele". Acabou.

10. Ah!... a mãe cadela estava na cozinha a fazer o comer, quando ouviu um barulho na casa de banho. Era o cãozinho a ir buscar remédio para pôr na sua ferida na pata. A mãe viu sangue no chão e foi seguindo os bocadinhos de sangue que estavam no chão da casa de banho e quando viu... estava o seu filho a mexer nos remédios. A mãe pegou nele ao colo e tratou dele. Depois sentou-se e disse: "não devias mexer nisso porque é muito perigoso, podes meter a mais e fazer-te mal, agora vais merecer umas belas estaladinhas". E assim foi, a mãe deu-lhe e meteu-lhe na cama. Depois de estar na cama a mãe foi limpar o sangue que estava lá no chão da casa de banho.

Ana Carina 9A

1. Era uma vez uma mãe que tinha feito um bolo muito bom que os filhos gostavam. Eles diziam assim: "Oh mãe, faz aquele bolo". "Espera aí que eu já te faço". E depois ao jantar a mãe fez aquele bolo e começaram todos a gritar: "que bom, o bolo. Oh mãe, obrigado por teres feito o bolo". E comeram todos e até se lamberam de tanto gostarem do bolo.
2. No monte, a mãe e o pai e o filho tentam puxar uma corda. O pai era sozinho e a mãe e o filho eram os dois. "Puxa filho". "Oh mãe, não posso mais". "Ai, ai, agora que eu tenho que andar sempre a puxar a mãe e o filho". "A corda é minha". "Não, é minha"...
3. Um rei muito triste no seu reino, no sofá. Num buraco que ele tinha lá, ele não sabia que o estava a ver, era um ratinho que lhe disse: "Alegra-te". "Não posso". E de repente o leão viu de onde estavam a falar. "Onde estás?" "Estou aqui no buraco". "Qual buraco?". "Este aqui ao pé de ti". E então o rato começou a fazer cócegas e o leão começou a rir.
4. A família canguru decidiu ir dar um piquenique. O filho mais velho ia de bicicleta, a mãe é que ia carregada e lá levava o filho na bolsa dela com um balão. Chegaram ao pé do pinheiro e disseram assim: "aqui bom". O mais velho disse: "Ai mãezinha, estou com tanto sono". "Primeiro vais comer". O mais novo já estava a dormir. A mãe toda atrapalhada ouviu o balão a rebentar e depois saltou e o pequenino disse assim: "mãe, não te assustes, foi o meu balão. Estou com fome". Comeram todos, foram dormir e depois foram para casa. Em casa, disseram ao pai: "pai, foi tão bom o piquenique".
5. Numa noite, os dois irmãos dormiram juntos porque estava muita trovoadas e eles tiveram medo e disseram um para o outro: "Ai, tenho tanto medo". Os pais ouviram e disseram: "não tenham medo que isto não faz mal". E dormiram descansados. De manhã, eles acordam com um trovão e os dois dizem ao mesmo tempo: "Ai!". Depois os pais levantam-se rapidamente e foram ver o que tinha acontecido. Os dois estavam levantados na cama e com a luz acesa e os pais disseram assim: "não faz mal, agora vamos comer o pequeno almoço".
6. Um ursinho muito triste estava ao pé da porta a olhar para o tecto: "está

tão a chover". Os pais estavam a hibernar. "Está tão a chover e eu não posso ir para a rua. Vou acordar o meu pai. Oh pai!, leva-me rua". O pai não acordou e o filho deu um berro. Acordaram os dois e o filho disse assim: "Oh pai, leva-me à rua". "Não, não, agora estava a hibernar". E o filho de repente teve tanto sono que dormiu o Inverno todo. E chegou a Primavera. O filho acordou antes dos pais e disse: "Oh pai! Olha tantas flores". E o pai: "é Primavera, filho". E foram os dois ver as flores.

7. Um leão feroz estava na casa dele e disse: "Ah! tenho tanta fome. Mas agora é Inverno quase não há nada". Ele foi ver e disse: "Ai tão bom, aquele que está ali". E ele saltou e agarrou a cobra e disse: "agora vai para dentro da minha boca"... "Não, não vai". O macaco viu e disse assim: "olha que a cobra é venenosa". E o leão disse: "não é nada". "Experimenta abri-la". E o leão abriu e disse: "ai, tanto veneno". E o leão foi para a sua casa e tinha lá muitas cobras e viu o macaco e disse: "gostas?" "Gosto". "Então dá-me uma banana". E o leão deu-lhe. O leão e o macaco ficaram todos felizes. O macaco, por ter comido a banana, e o leão, por ter comido as cobras.

8. Os tios vinham visitar a casa dos seus irmãos. Disseram assim: "olha, eu vou lá visitar o meu irmão". "Está bem, eu vou contigo". Chegaram lá e o macaquinho estava a fazer diabruras e a macaca chamou-o e disse: "está quietinho, que estão aí os teus tios". "Que tios?" "Então vê lá". Enquanto a senhora estava a falar, o pai já tinha dado dois cafés aos tios e disse, começou a falar baixinho: "olha, ele estava a fazer diabruras". "Quer apostar que ele não estava a fazer diabruras?" "Está bem, meia dúzia de bananas". E depois o pai foi dizer: "estavas a fazer diabruras?" "Estava, estava". Depois o pai foi muito triste e disse: "já ganhaste meia dúzia de bananas". "Dá as bananas". "Agora não tenho aqui". "Dá as bananas". "Agora não tenho aqui"...

9. Um coelhinho estava no seu quarto muito tristonho, porque ele disse assim: "Oh mãe! compra-me um boneco". "Oh filho! espera, amanhã eu compro". Ele foi para a cama muito tristonho e não se deitou e disse assim: "eu não quero dormir porque não tenho o boneco, o cão roeu-o todo". Já era de manhã, quando ele acordou estava sentado e a mãe disse assim: "como é que tu dormiste sem o teu boneco?". "Dormindo". E a mãe deu-lhe o boneco e ele disse: "que bom!" E foi ter com o cão e disse que se ele roesse, ele levava tau-tau. E o coelhinho foi mostrar ao pai e ele disse: "que bonito, toma também este, se o cão te roer o boneco".

10. A mãe estava com o filho a ver se ele tinha pulgas e o filho disse: "Oh mãe! eu quero à de banho". "Espera, espera". "Oh mãe! olha que eu vou fazer em cima de ti". E foi à casa de banho. E depois ele veio e a mãe disse: "tantas pulgas que tu tens". "É os meus amigos que me põem". "Tu tens que tomar banho, tu andas sempre ao pé dos teus amigos". Ele foi tomar banho. "Ai que cheirinho, eu estou a cheirar bem, não estou?" "Estás, mas agora não vais lá para fora". "Mas, eu tenho fome". "Está bem, já vamos almoçar". "Sim mãe, tenho fome". "E peixe cozido com batatas". "Que bom! E a sobremesa?" "Já vais ver..." "Ai tão bom! gelatina de morango".

Catarina 9A

1. Era uma vez uns pintainhos que estavam a comer e a mãe estava a observá-los... parecia que não gostavam da comida porque estavam todos de boca fechada... A mãe estava muito triste e ficou a pensar "o que ser que faltava na comida? Será que era sal? Ou pimenta?", (suspiro) "Vou fazer outra vez..." (suspiro) "Já acabei..." Parece que desta vez gostaram. Bom apetite!..." Acabou.
2. O pai e a mãe urso estavam a fazer um jogo, o pai estava sózinho a puxar uma corda de um lado e a mãe do outro, com o seu filho para a ajudar. Parece que já estão zangados. Quem será que vai ganhar? Vamos lá ver. Será o pai ou a mãe? Deve de ser o pai porque tem mais força. Ah! Mas o filhinho está a ajudar a mãe... Oh! Caíram os dois. Então quem será que vai ganhar? Ganham os dois. Cada um puxa o seu mas, esperem... a mãe ficou um bocado em pé... deve de ser a mãe... e foi mesmo. Mas todos ficam felizes. Já acabei.
3. Olha o rei leão!... está sentado no seu trono. O que será que vai fazer? Está com um ar de sono, parece estar zangado ou então esfomeado, será que está esfomeado? Deve de ser porque está assim com um ar... tão rude, parece que foi ralar com o cozinheiro porque não lhe traz nada para comer. Finalmente... já era sem tempo, pensou em ir caçar alguma coisa, mas desistiu dessa ideia, já era muito velho para ir caçar. "Apetece-me estar aqui a fumar o meu cachimbo... Ah! estou ali a ver um ratinho, vou chamar o meu cozinheiro. Será que eu o posso comer vivo? ou então vou chamar o padeiro para fazer o pão e depois entalo-o entre duas sanduíches. Não, vou desistir, a minha barriga já parou de dar horas. O melhor é eu ir dormir... Aqui no trono? Não faz mal, da maneira que eu estou cansado...". Acabou.
4. Olhem a mãe canguru a levar o seu bebé. Deve de estar muito apressada, da maneira que vai a correr. Se calhar é para o filho aprender a andar de bicicleta mais rápido. Mas não deve ser, ela deve é estar com pressa para entregar cartas ou encomendas. Parece estar com um ar muito rude porque o filho não a deixa correr em paz, está sempre a brincar com o balão. "Parece que está ali um incêndio, tenho uma garrafa de água mas não deve chegar. Vou telefonar para o 112. Será 112 o número de telefone ou que número será? Não me lembro. Acho que vou a pé, demora mais tempo, mas paciência. Pronto, já cheguei. Ah, ah,

estou mesmo cansada... Vai chamar um bombeiro que eu quero falar com ele. Não, é melhor levar um carro de bomba que assim apaga logo o incêndio? Será melhor levar também uma ambulância, pode haver feridos". Quando ela chegou ao local de incêndio que não era incêndio nenhum, viu apenas uma fogueira a deitar fumo. Ela primeiro, antes de lhes dizer, foi ver melhor e já estava apagado. Depois disse para não deitar água porque era apenas uma fogueira. "Ai que bom, já consegui andar de bicicleta" - disse o filhinho. E a mãe então disse: "pois, mas agora estou muito apressada, tenho de entregar algumas encomendas". Acabei.

5. A mãe e o pai urso foram passear e deixam os dois ursinhos sozinhos em casa. Será que eles estão com medo? Os dois dizem assim um para o outro: "estás com frio?" E o outro... ao mesmo tempo, também diz: "estás com frio?" E o outro por sua vez responde: "eu estou". E o outro: "eu também". "O que será que vamos fazer? Já sei, vamos acender a luz. Ah! assim já está melhor, podemos dormir em paz e sossego". "Ah! mas a mãe esqueceu-se de fechar a janela" - disse o mais novo. O mais velho, armando-se em esperto disse assim: "não tenhas medo, eu vou-te proteger". "Ai sim? então fecha lá a janela". Ele tentou, tentou, só que não lá chegava. Os dois estavam com muito medo. Só que o mais novo teve uma ideia e disse ao outro em segredo: "vamos pular na cama do pai porque ele não está cá e assim podemos chegar à janela para a fechar". "Boa ideia...". Só que não conseguiram. O irmão mais velho deu uma cambalhota e foi parar na rua e começou a chorar, só que os pais chegaram e ele não queria que ralhassem com ele. Então teve uma ideia, viu uma corda e como os pais tinham uma trepadeira pensou, como ele era muito leve, podia subir pela trepadeira e conseguiu. Só que não conseguiu subir pela janela. Tentou, tentou, até que conseguiu, mas faltava fazer uma coisa mais difícil: fazer a cama. "Mas como é que eu vou fazer isto se eu nem sei fazer a cama?..." "Ih! que lindo serviço! Está tudo desarrumado" - disse a mãe. E a mãe suspirou: "Uf, ainda bem que estão a dormir sossegados. Só falta fechar a janela, eu agora vou fechar" - disse a mãe. E o pai disse assim: "Oh, faz tu a cama melhor porque eu estou cheio de sono e não me apetece fazer nada". Então a mãe fez a cama e dormiram todos... muito contentes, mas o pai não ficou nada, nada contente porque a mãe tinha feito mal a cama, mas mesmo assim, dormiu muito bem. Acabei.

6. Chegou o Inverno, os pais ursos e os filhos ursinhos vão hibernar na gruta. O filho não achou nada boa ideia porque era a primeira vez que hibernava e disse

ao pai: "Oh pai, e se nós fizéssemos uma casa com lareira e tudo". "Não filho, não pode ser porque o pai e a mãe há muitos, muitos anos têm de hibernar. É uma coisa que nós os ursos temos de fazer, dá-nos cá um certo sono". E a mãe concorda e diz ao filho: (suspira) "nós não podemos fazer uma casa, a mãe vai-te contar uma história, se calhar até adormeces". A mãe, ao fim da história, não foi bem ao fim, foi quase ao principio, adormeceu e o filho muito triste ficou a pensar como seria se ele estivesse o tempo todo a dormir, o Inverno todo, se calhar um bocado da Primavera. "Mas eu não tenho lá muita experiência". Mas a pouco e pouco, foi fechando os olhos e adormecendo. Acabei.

7. Ih!... parece que o tigre está com fome. "Aquele macaquinho é que me convinha". Mas o macaco com os seus malabarismos, consegue escapar. Passa por cima de uma árvore e de outra, ih!... está cansado. Como ele era novo, foi-se queixar à mamã: "Oh mãe, eu estava a brincar e um tigre ia quase me comendo". E disse armando-se em bom: "... eu como sou o maior malabarista cá da selva, consigo escapar sempre, sempre, só que desta vez arranharam-me aqui. Isto não foi nada, foi só um arranhãozinho, se calhar ele não estava com fome, só me quis arranhar de propósito para eu me queixar e se calhar amanhã vai-me chamar de queixinhas". "Não faz mal filho, o importante foi que não te magoaste e que o tigre não te comeu, mas fiquei admirada, como é que tu conseguiste trepar às árvores? Quando eu quero te ensinar, tu não consegues". "Ah, foi apenas uma coisinha de nada, porque eu estava com medo e se calhar com tanto medo que subi sem dar por isso". "Não faz mal, já conseguiste não foi?" "Foi, mãe". E a mãe disse: "não faz mal, se calhar até subiste muito mal, mas eu vou-te ensinar melhor". Acabei.

8. Desta vez, a mãe foi com o filho ao médico, não parece que foi ao médico, parece mais que foi a uma festa. Parece que os senhores ao lado estão a conversar sobre ele, porque ele tem feito umas macaquices que só a mãe sabe. A mãe agora está-lhe a explicar que como ele está numa festa, não se pode fazer macaquices, as pessoas só podem comportar-se muito, muito, muito bem. Então, ele seguiu as instruções, não, como se diz... os conselhos da mãe, e mais ninguém ficou a falar assim dele e toda a gente ficou admirada. Ele, quando era mais pequeno fazia muito barulho a andar, se estivesse num prédio, os vizinhos de baixo estavam sempre a ralar e se estivesse numa vivenda, eram os vizinhos do lado. Mas agora já se sabe comportar bem, seja num prédio ou numa vivenda. A mãe desta vez ficou contente e deixa-o ir passar um fim-de-semana a casa de um amigo. Acabou.

9. "Ai, ai..." diz o coelhinho deitado na sua cama. "Hoje acordei mais cedo e estou cá com uma fome. O que será que vou fazer para o pequeno almoço? Logo se vê, conforme o que estiver na cozinha... Ih!... não há quase nada, o melhor é voltar outra vez para a cama, mas onde será que se meteu a empregada?... Ah! verdade, hoje dei-lhe um dia de folga. Um dia de folga? Porque será que eu lhe dei um dia de folga?... Ah! já me lembro, tenho de ir a uma festa, ainda estou na cama, mas que coisa. Tenho de me despachar imediatamente, está quase na hora, só falta 15 minutos. Pronto, já me vesti, será que este vestido fica mal? Acho que o outro ficava melhor, porque o outro é azul, eu sou um rapaz. Se calhar era melhor o outro, porque o outro é cor de rosa, mas é Carnaval e ficava melhor o amarelo, é esse mesmo que eu vou levar. Ih!... mas o meu relógio de pulso está adiantado, vou ver ao outro que horas são... Ih!... São três horas da manhã, é melhor dormir mais um bocadinho. Vou voltar a vestir o pijama e ir para a cama...". Acabei (ri).

10. O que será que a mãe está a fazer ao filho?... Deve de lhe estar a bater. Na casa de banho? Na casa de banho não é um lugar habitual, não é um lugar adequado para estarem a bater uns aos outros. Devem estar a enxugá-lo, não, não deve ser... enxugá-lo sem toalha? Não pode ser... deve estar a despir para ir para a banheira... desta vez é que acertei. Foi mesmo isso, ele está tão contente! Parece que quer sujar a casa de banho toda de água. Já foi para a banheira, a mãe disse-lhe para se comportar como deve de ser e não molhar nada, porque senão já não lhe dava um chupa-chupa. Ele pensou bem mas não conseguiu resistir, ele gostava tanto com o seu patinho de borracha e o barquinho à vela e ainda mais com o peixinho vermelho. Ih!... Ele molhou a casa de banho toda. A mãe deu-lhe tau-tau porque se comportou muito mal e ele disse assim para a mãe: "oh mãe, não me batas, eu não fiz nada por mal, está bem? eu nunca mais faço isto, não me batas, está bem?" - todo cheio de medo. "Está bem, não te bato, mas para a próxima vez porta-te melhor". E a mãe acabou por lhe comprar um chupa, porque ele não se esqueceu de arrumar o seu quarto e ficou muito contente.

Catarina 10A

1. Era a mãe que estava a dar o comer aos pequeninos e eles estavam cheinhos de fome, a mãe pôs a tigela à frente e ia servi-los e eles pareciam estar com bastante fome... não sei mais.
2. Eram uns ursinhos que estavam a brincar com uma corda a ver quem tinha mais força, só que um tinha um amigo para ajudar, para eles ganharem esta brincadeira...
3. O leão estava a pensar o que é que havia de fazer naquela tarde. Ele estava tão pensativo que nem deu pelas horas. Quando resolveu ir passear no campo, a criada foi-o chamar para irem comer e o leão ficou todo triste. Mas à noite foi dar o passeio pelo campo, de novo, e viu muitos animais.
4. A mãe canguru ia muito apressada pôr os seus dois filhos escola e também entregar-lhes o lanche. O mais velho ia de bicicleta e o mais novinho ia com um balão na mão... Tiveram que atravessar um bosque para chegar à escola. Já está.
5. Os ursinhos estão a dormir na sua caminha, no quarto dos pais, aos pés da cama... mas os pais não estão lá... e eles os dois estão a brincar. Já está.
6. Dentro de uma caverna... estão dois ursos que devem de ser os pais do mais pequenino. Eles estão a aconchegar-se do frio, pois ali estão mais quentes do que cá fora, ao vento e chuva.
7. O tigre está com fome, por isso está a tentar apanhar o macaco que salta aflito de ramo em ramo, para ver se escapa do tigre, mas pelos vistos o macaco caiu e o tigre irá apanhá-lo e comê-lo ou então leva para os seus filhos, para eles o comerem também.
8. A família macaco está a beber chá num confortável sofá na sala de estar, mas a mãe do pequeno macaquinho está a dizer para ele não andar a correr tanto ao pé de todos, para ele se portar bem, senão parece mal ele andar ali a correr para trás e para a frente ao pé das pessoas.
9. O coelhinho bebé está à espera que a sua mãe o vá adormecer ao seu colo e depois deitá-lo na sua caminha confortável e fofa. O quarto do coelhinho é muito grande, por isso ele tem medo que alguém entre lá e que lhe meta

medo.

10. O pai do cãozinho está a tentar agarrá-lo para ele ir tomar banho porque há muito tempo que não toma banho e como está muito calor ele está com tanto, tanto calor, que não pára de ganir. Então o pai resolve metê-lo dentro da banheira para ele se refrescar e aproveita e leva-o e lava o pêlo.

Susana 10A

1. Era uma vez uma galinha que tinha posto os seus pintainhos a comer. Pôs a mesa, os pratos, os talheres e depois disse aos pintainhos para irem comer. E os pintainhos como eram muito gulosos queriam logo experimentar a comida que a mãe tinha feito mas a mãe disse que era ela a servir mas que primeiro tinha que ir comprar pão porque o pai gostava muito de acompanhar o comer com o pão. Então os pintainhos esperaram muito e aborreceram-se e começaram logo a servir. Quando a mãe chegou, eles tinham já rapado o prato todo e parecia limpinho. Então a mãe serviu-lhes de novo mas não sabia que os pintainhos já tinham comido e então os pintainhos ficaram muito contentes porque tinham comido logo duas pratadas.

2. Era uma vez três irmãos que estavam a brincar e o irmão mais novo teve uma ideia que era ir brincar com uma corda. Mas, como eles eram só três, zangaram-se, e então o mano mais velho e o mano mais novo ficam de um lado e o irmão do meio ficou noutra lado. Então, os dois irmãos, o pequenino e o mais velho, queriam a corda só para eles, mas o irmão do meio também queria a corda só para ele. Então, puxaram a corda com muita força e ganharam os dois irmãos, o mais velho e o mais novo, porque eram dois.

3. Um leão muito velho que já era avô e tudo, ficou sentado no seu cadeirão à espera que o ratinho malandro saísse. Fingia que não estava atento para o ratinho sair. Com a sua bengala e o seu cachimbo estava muito contente. Ele já tinha armado uma confusão na cozinha, aonde estava o queijo do vizinho. A vizinha era muito amiga dele e tinha-lhe emprestado um queijo porque ele não tinha nenhum e como o rato às vezes andava na vizinha, ela quando viu a geringonça do leão pensou que trabalhava muito bem e era verdade. O leão no seu cadeirão esperou, esperou, esperou até que o ratinho saiu mas não foi para a cozinha. Sentiu o cheiro do queijo que estava na cozinha e em vez de ir para a sala correu logo para a cozinha. Foi logo apanhado pela geringonça do leão. E assim, ele e a vizinha ficaram muito contentes.

4. Era uma vez uma mãe canguru que tinha ido às compras. O canguru mais velho não gostava nada de ir aos saltinhos e por isso pegou na sua bicicleta e lá foi com a mãe e o irmão mais novo. O irmão mais novo não se cansava nada porque estava na bolsa da mãe. A mãe deles tinha comprado um banco novo para a bicicleta do irmão mais velho porque o banco da bicicleta já estava estragado. Para o irmão mais novo, comprou um balão e, para ela, um grande

chapéu com muitos enfeites e era muito grande. Levou o seu cestinho com as compras todas que precisava lá para sua casa e foi-se embora com os seus filhinhos todos contentes porque tinha uma coisa nova.

5. Um dia um menino chamado João não se queria levantar e a mãe estava-lhe sempre a chamar. Ele só saía da cama de vez em quando para ver se estava tudo bem com os seus ursinhos, os bonecos mais bonitos que ele achava. A mãe continuava-lhe a chamar. Chateou-se e foi ao quarto dele. Ele tapou com o lençol e cobertor a cabeça e ficou todo escondidinho, esticou-se bem e a mãe nem notou que ele estava lá. Foi ver casa de banho, ele podia lá estar a tomar banho, foi ver cozinha, ele podia lá estar para tomar o pequeno almoço, foi ver sala, ele podia estar a ver os desenhos animados e não dizer nada à mãe. A mãe chateou-se e foi ver à dispensa, ele não lá estava. "Então para onde ele terá ido?" - perguntou a mãe a si própria. Foi então outra vez ao quarto do João, tirou os lençóis, o cobertor e viu que lá estava o João muito esticadinho sem se poder mexer. Então perguntou: "João, eu fui-te procurar à sala, à dispensa, à cozinha e era para ter ido ao quintal, mas não fui porque estranhei porque tu não costumavas estar lá no quintal. O quintal é pequeno, parece só uma varanda e tu não lá foste, meu malandro". E o João respondeu: "Oh mãe, como tu dizias para eu me levantar e eu não queria fiquei aqui na cama para ver se tu me encontravas, era só a brincar, desculpa se eu te magoei". E então saiu da cama, foi ver como estavam os seus ursinhos, os bonecos preferidos dele e tapou-os melhor e disse assim: "vocês têm mais sorte do que eu, podem ficar aqui na cama mais horas do que eu". E então foi sair, vestiu-se, tomou o pequeno almoço e foi sair com a mãe. Como ele gostava tanto dos seus bonecos foi ver de novo se eles estavam bem e disse-lhes: "Vocês podem ficar aqui, porque são mais novos do que eu...". Esta já foi grande.

6. Era hora de hibernação e os ursos foram todos hibernar. Uma família de ursos também foi, é claro. Só que o ursinho pequenino não queria hibernar e então foi lá para fora. Era Inverno. Ele gostava muito de brincar na neve e então brincou, brincou muitas horas até que chegou à hora de dormir. A mãe do ursinho costumava-lhe sempre tapar para ele ficar quentinho, mas como a mãe dele estava muito sossegadinha a dormir e o pai também, ele deitou-se sozinho. Ele tinha apenas 4 anos e no outro dia, quando ia brincar para a neve encontrou um caçador que aproveitava a hora da hibernação para ir matar os ursos e tirar-lhes a pele para fazer casacos muito quentinhos. O caçador quando viu o ursinho perguntou-lhe: "ursinho, o que é que andas aqui a fazer? devias estar a hibernar". E o ursinho disse: "eu não tenho sono nenhum para estar a dormir como a minha mamã e o meu papá". O caçador ouvindo isso, quis logo

ir ver nas cavernas todas onde é que estava a mãe dele e o pai dele e perguntou-lhe: "Ursinho, aonde é que tu moras?" "Eu moro naquela caverna, agora como estou perdido não sei se é aquela, não sei qual é e como o meu papá e a minha mamã são parecidos a todos os ursos e como eu só tenho 4 anos... ainda não os conheço bem, ainda não sei como é que é bem a cara deles". E o caçador teve muita pena do ursinho e disse: "Eu vou agora ajudar-te a encontrar o teu papá e a tua mamã para tu tentares hibernar". Então lá foram. Como o caçador sabia que o ursinho não conhecia bem os pais dele teve uma ideia e disse: "Os teus pais devem ser parecidos contigo, por isso eu vou tentar descobrir em todas as cavernas e depois nunca mais vou caçar ursos porque sei que eles já são poucos". E então eles lá foram. Encontram, finalmente, a caverna e o caçador deitou o ursinho. Depois foi-se embora, disse adeus ao ursinho e foi para sua casa descansar e pensar naquele ursinho tão brincalhão e divertido.

7. Um leão muito resmungão encontrou um tigre e disse para ele ir caçar macacos que era muito engraçado. Ele disse que já tinha experimentado mas que não achava graça. Então como o tigre disse isso, o leão quis mostrar que era muito bom e conseguiu. O tigre lá foi muito devagarinho, com cautela para não assustar os macacos. Encontrou uma árvore cheia de macacos empoleirados, só a brincar, eram todos pequeninos e o leão rosnou. Os macacos fugiram todos a 100 à hora. Só um macaco, que era o mais pequenino de todos, não conseguiu fugir. O leão foi a ele muito de repente. O macaco pediu: "por favor, por favor, não me mate que eu ainda sou muito pequenino". E o leão assim fez tendo muita pena dele. Foi conversar ao leão e disse-lhe que era uma estupidez andar a caçar macacos. O leão como era o rei dos animais e de toda a selva disse-lhe: "se não vais tu, vou eu ou mando um empregado meu caçar macacos". E mandou mesmo. Mas o tigre com tanta pena dos macacos disse ao rei para não fazer isso, insistiu tanto, tanto, tanto, e o leão lá aceitou. Então, viveram os macacos e todos os animais em paz.

8. Era uma vez um menino macaco que gostava muito de fazer diabruras e a mãe estava sempre a ralhar com ele. A mãe tinha convidados, e os convidados era a tia e o tio dele. A tia não gostava nada de ver aquele menino porque pregava-lhe sempre partidas e a mãe ralhava muito com ele. A tia também era muito vaidosa e andava sempre a dizer segredos ao seu marido. Andava principalmente a dizer que aquele menino era muito feio, não devia ser irmão dele. O tio ouvia aquelas coisas para ir logo contar à irmã dele. A mãe do menino um dia chateou-se mas estava tão chateada que ralhou com o irmão. A irmã disse logo com um ar muito aborrecido: "com que então é assim mano". E assim ficam para toda a vida zangados. O menino disse à mãe para

ficar de bens com a tia e assim foi. Toda a vida eles ficam muito bonitos, a tia já não dizia mal do filho dele e o filho dele portou-se muito bem desde esse dia.

9. Era uma vez um coelhinho que estava doente e essa doença não tinha cura. Mas o tio dele que era cientista. Um dia, voltou, porque ele tinha estado na América. A seguir, no outro dia em que ele veio, o coelhinho ficou muito, muito contente e disse ao tio para ver se aquela doença não tinha cura. O tio disse que talvez até tinha. O coelhinho ficou muito contente e disse para ele começar já com a experiência para ver se aquela doença tinha cura. E teve cura porque o tio dele conseguiu arranjar um remédio para aquela doença traiçoeira. O menino ficou todo contente e bebeu logo o remédio. O tio disse-lhe que este remédio era para não ter mais nenhuma doença e assim o menino coelhinho nunca mais teve doenças e viveu muito feliz para sempre.

10. Era uma vez uma mãe cão que tinha um filho que se portava muito mal. Um dia, o filho partiu a jarra que a mãe gostava mais e levou uma grande tarefa da sua mãe. Quando o pai chegou a casa, ficou muito zangado e deu-lhe logo outra tarefa muito grande. O filho chorou, chorou, mas como ele queria ser cientista começou logo a fazer experiências para ver se aquela jarra se arranjava. E conseguiu fazer a experiência. Era uma cola automática que colava tudo muito bem. Desde então, quando ele partia alguma coisa ia logo às escondidas pôr aquela cola nova e nunca se notava. No dia seguinte, ele riscou a banheira toda, o que se podia fazer? Com cola não dava. Arranjou uma tinta e pintou aquilo muito bem. E foi inventando coisas para se fizesse mais alguma diabrura, arranjar facilmente. Mas ele continuava sempre a fazer diabruras, mas assim a mãe nunca mais lhe ralhava nem o pai.

Elsa 10A

1. Era uma vez três pintainhos que estavam cheios de fome e então pediram mãe para ir comer e a mãe fez-lhes o comer. Depois meteu o comer na mesa, as tigelas e os babetes. Começam a comer e estavam com tanta fome que comeram tudo e pediram à mãe para fazer mais. Depois comeram tanto que estava na hora de ir para a cama. A mãe mandou-os e eles foram. No outro dia acordaram e doía-lhes muito a barriga e a mãe levou-os ao médico e ele perguntou o que eles tinham comido e a mãe disse : "muitos grãos". E o médico disse que deviam ter comido demais e agora estavam com dores de barriga e receitou-lhes remédios. A mãe levou-os para casa, deu-lhes os remédios e eles melhoraram e não voltaram a comer tanto para não ficarem outra vez doentes.

2. Era uma vez três ursos: era o urso pai, urso mãe e o urso filho e então eles resolveram ir fazer um jogo que era ver quem é que conseguia ganhar. O jogo era puxar a corda. Ficou o pai de um lado e a mãe e o filho do outro e então eles puxaram, puxaram, puxaram, mas ninguém conseguia ganhar e eles já estavam muito cansados mas continuavam a puxar. Mas eles não conseguiam e desistiram. Então, no outro dia tentaram e não conseguiram. No outro dia voltaram lá e ninguém ganhou. Até que no último dia, o pai puxou, a mãe e o filho puxaram e eles já estavam muito cansados. E o pai puxou e a mãe e o filho caíram e o pai continua a puxar e teve que ganhar porque eles já não conseguiam puxar.

3. Era uma vez um... havia um rei e ele queria mandar em tudo mas as pessoas não gostavam muito dele. Mas ele queria mandar sempre em tudo e em todos... Um dia, ele chamou um empregado e... disse-lhe para ir fazer a cama porque ele tinha-se levantado, mas o empregado já estava muito farto de todos os dias fazer a mesma coisa e disse ao senhor leão. E ele disse: "mas eu mandei". "Não, mas eu não faço porque eu já estou farto de fazer isso". Depois o rei chamou outro empregado e disse para ir fazer a cama dele e o empregado disse: "mande-me fazer outra coisa". E o rei mandou-o ir lavar a loiça. Então o empregado foi. Acabou de lavar a loiça e foi lá outra vez ao rei dizer que já tinha acabado. "Agora vai fazer a minha cama". E ele disse: "a cama não faço". E o rei chamou outro empregado e disse ao outro para ir fazer a cama e o outro empregado foi fazer a cama e foi lá ao rei dizer que já tinha feito. "Agora vai à rua fazer as compras". Mas encontrou muita gente pelo caminho que lhe perguntou se o rei ainda mandava fazer as pessoas fazer as coisas, e ele disse

que sim e voltou para casa e foi dormir. No outro dia de manhã, quando o empregado foi abrir a porta viu que estava muita gente à volta do palácio e o leão disse para ir ver o que se estava a passar. Chegou lá e perguntou e eles disseram que vinham reclamar porque o rei fazia o que queria e nunca ouvia a opinião dos outros e o rei ficou muito chateado porque era a primeira vez que lhe diziam isso. E nos outros dias, já fazia aquilo que os outros queriam e ele com aquilo, aprendeu a lição.

4. Um dia a mãe canguru foi fazer um piquenique com os dois filhos. O mais velho ia na bicicleta e o mais novo ia dentro da bolsinha. E o filho mais velho que ia na bicicleta. A mãe ia a saltar e ele a andar e chegaram ao sitio do piquenique e o filho deixou a bicicleta. Depois foram almoçar mas quando a mãe foi buscar a bicicleta ao filho mais velho, não encontrou. Andou à procura e não encontrou e depois o filho mais novo saltou-lhe da bolsa e foi a saltar para trás de uns arbustos e estava lá um dos pneus da bicicleta. Então a mãe foi atrás dele e seguiu o pneu e atrás de um árvore estava a bicicleta. Levou a bicicleta e pôs o pneu na bicicleta e então voltou para casa e em casa a mãe disse ao filho mais velho onde é que ele tinha posto a bicicleta, porque achava muito esquisito a bicicleta ter ido parar a outro sitio. E o filho disse que pôs onde eles estavam a almoçar e a mãe achou muito esquisito. No dia seguinte, voltou lá e pôs o balão do filho mais novo atado a uma árvore e desapareceu. E eles voltaram a procurar e encontraram-no atado a outra árvore. No outro dia, fizeram a mesma coisa, só que estavam de olho a ver quem que tirava e deixaram o cesto do piquenique ao lado dela e então estavam sempre a olhar a ver se alguém tirava o cesto, quando viram a mexer atrás dos arbustos, as folhas. E foram ver o que era, era uma lebre que estava lá e ela ficou muito aliviada pois julgava que fosse uma raposa ou outro animal feroz. E a partir daí, tiveram sempre muito cuidado quando iam fazer piquenique.

5. Era uma vez uma família de ursos, havia dois ursinhos gémeos que gostavam muito de quando se iam deitar, porem-se a brincar. Então eles brincavam de noite e a mãe e o pai ouviam barulho e não sabiam de onde vinha. E então eles andaram à procura e não encontravam donde o barulho vinha. Depois, no outro dia continuava, e os pais continuavam e não sabiam, mas um dia eles fizeram barulho e a mãe foi ver se eles estavam acordados. E eles estavam a falar e a mãe disse para eles dormirem. No outro dia de manhã, perguntou se eram eles que todas as noites se punham a brincar, a conversar, a fazer barulho. E eles disseram que todos os dias eram eles que brincavam e a mãe ralhou-lhes porque eles faziam muito barulho e não os deixavam dormir. Na noite, eles como a mãe lhes ralhou, ficaram muito caladinhos e a mãe de manhã

ficou muito contente com eles porque eles não tinham feito barulho e a partir daí, eles dormiam sempre sossegados porque senão a mãe ralhava com eles.

6. Os ursos viviam numa caverna e então um dia, o urso bebé fugiu de casa e a mãe e o pai andaram procura dele por todo o lado e não o encontraram. Perguntaram a toda a gente mas ninguém o tinha visto. Até que a senhora rã, que vivia num lugar perto da gruta, disse que o tinha visto passar a correr atrás de uma borboleta e que tinha ido para o lado do bosque. E então a mãe e o pai foram a correr ver se o encontravam. Procuraram no bosque e não o encontraram. Estiveram lá mais dias e, um dia, ouviram um barulho e foram ver o que era e viram que era o filho dele a chorar porque não sabia o caminho de volta a casa. E desde aí não se afastou mais porque senão perdia-se outra vez.

7. Havia um tigre que gostava muito de espantar os outros animais pois ele gostava que a selva fosse só para ele. Então, o macaco gostava muito de o ir chatear mas sabia que corria perigo pois o tigre podia atacá-lo. Um dia, o macaco foi acordá-lo e o tigre ficou furioso e correu atrás dele mas o macaco como sabia que o tigre não conseguia subir a uma árvore subiu para cima de uma e não podia sair de lá pois o tigre estava cá embaixo e teve de passar lá uma noite. No outro dia de manhã, quando acordou, o tigre estava lá e ele esperou, esperou mas o tigre não se foi embora e dormiu lá mais uma noite. Mas, no outro dia, acordou bem cedinho e desceu pelo outro lado das árvores. Mas, quando o tigre acordou e viu que o macaco não estava lá em cima, achou que já não tinha hipótese de o apanhar. Então foi para casa mas esteve a primeira noite a ver se o macaco ia lá acordá-lo. Mas o macaco não foi pois estava cheio de medo que acontecesse o que aconteceu outra vez. Ele nunca mais foi lá acordá-lo.

8. Houve uma festa de macacos e então havia um macaquinho bebé que gostava muito de pregar partidas e os convidados foram para casa da mãe dele, foram para a festa, e o macaquinho andava só a pregar partidas aos convidados e os convidados ficaram muito chateados e foram dizer à mãe do macaquinho. Ela ficou muito chateada e foi falar ao macaquinho e ele disse que não tinha feito nada e depois pregaram uma partida ao senhor, ao macaco que era o macaco mais rico dali daquela aldeia. E o senhor ficou muito chateado e foi dizer à mãe do macaquinho e a mãe foi dizer ao macaquinho, a ver se ele tinha dito e ele continuava a dizer que não. E então, foi pregar outra partida mas desta vez a mãe estava a ver se ele pregava mesmo ou se estava a mentir. A mãe viu que ele estava a preparar uma partida e foi falar com ele e o macaquinho ficou muito envergonhado e chateado porque a mãe tinha

descoberto o que ele andava a fazer. E desde aí, aprendeu a lição, não pregar partidas a pessoas maiores que ele.

9. O coelhinho costumava-se ir deitar cedo mas houve uma noite em que estava frio e chuva e ele teve medo de se ir deitar mais cedo e então ficou em pé até muito tarde. E a senhora da casa ao lado que estava de pé, viu que a luz da sala estava acesa e foi ver o que se estava a passar. E então o coelhinho mandou a senhora entrar e ela disse que não havia razão para ter medo porque no Inverno isto ia acontecer muitas vezes. O coelhinho ouviu isto e disse à senhora que ia ver se conseguia dormir. Então, ela foi-se embora e ele foi para a cama mas estava com tanto medo que não conseguia dormir nada e pôs-se a ler. A senhora de manhã disse-lhe se ele tinha dormido bem, e ele disse que não tinha dormido nada e que tinha estado a noite toda. A senhora no outro dia, estava só chuva e vento não, e ela foi para casa do coelhinho, pôs um colchão no chão e dormiu ali para ver se ele ao pé dela não tinha tanto medo. E ele deitou-se e adormeceu. E ela no dia seguinte disse-lhe que ele ao pé de outra pessoa não tinha medo, porque é que ele sem uma pessoa ao pé tinha medo? E ele disse que talvez fosse porque se acontecesse alguma coisa estava lá uma pessoa ao pé e não era ele sozinho. Ele, no outro dia, a senhora foi-se deitar lá num colchão mas de noite acordou e foi-se embora para casa e ele dormiu a noite toda. Ao acordar viu que estava sozinho e foi a casa da senhora. Ela disse que, logo depois de ele adormecer foi para casa e ele ficou muito assustado pois tinha ficado sozinho e não tinha tido medo e então, desde aí, ficou a dormir sozinho sem medo nenhum.

10. Havia um cãozinho que era muito maroto e gostava de andar sempre a atirar tudo para o chão. Até que um dia foi para a casa de banho e abriu a torneira da banheira e então, quando a mãe deu por isso, estava o cão todo salpicado e ele não podia tomar banho pois estava com um penso e não podia molhá-lo e a mãe zangou-se com ele. No outro dia, voltou a fazer o mesmo e aí é que a mãe ficou mesmo furiosa e deu-lhe umas palmadinhas que não doem muito... E desenrolou o rolo de papel higiénico todo e aí a mãe ficou mesmo, mesmo zangada, e bateu-lhe a sério, deu-lhe castigo e ficou muito zangada com ele. Como isto aconteceu, o cãozinho nunca mais fez o mesmo.

II. PROTOCOLOS C.A.T. – RAPAZES

André 6A

1. Está na hora do almoço e os patinhos vão todos almoçar e a mãe disse: "hoje é empadão". E os patinhos disseram todos: "mãe gosto tanto de empadão" ("isso também eu gosto"). Depois foram todos almoçar, almoçaram muito bem e depois foram ver televisão.
2. Todos os ursos querem uma corda e depois vão lutar. Quem tiver mais força fica com a corda. Dois contra um, a mãe e o filho e do outro lado, o pai, e quem tem mais força é o pai. E o pai fica com a corda. Acabou.
3. O leão é o rei da selva e tem um castelo muito grande feito de pedra. Lá dentro tem um trono, com um buraquinho, com um ratinho a espreitar e o leão nem notava que ele estava a espreitar. Acabou.
4. Como a mãe canguru não tem sítio para todos os filhinhos, um vai de bicicleta, outro vai na bolsa, porque ela vai às compras de mala e chapéu. Acabou.
5. No quarto da mãe tem uma cama de um bebé que tem lá um ursinho e o bebé tinha ido com a mãe passear e o quarto ficou sem ninguém e o ursinho ficou na cama do bebé. Acabou.
6. Era uma vez dois ursos que foram para a praia depois foram para o mar. Lá muito longe encontraram uma coisa a rolar: "o que isto? É um remoinho", e caíram lá dentro. Acabou.
7. Na selva há muitos animais ferozes. Um dia, o leão estava esfomeado e encontrou um macaco. "Hum... que belo almoço", e foi atrás dele e o macaco fugiu pelas árvores da selva e acabou.
8. As pessoas são muito parecidas com os macacos, um dia resolveram trocar, as pessoas foram para a selva e os macacos foram para casa das pessoas e ficou tudo sujo com os macacos que eram muito porcalhões.
9. Era uma vez um quarto que estava vago, e entrou um menino que foi logo para a cama. Não conseguiu adormecer durante tantas horas, depois abriu a porta e foi dizer à mãe: "não consigo adormecer". E foi-se deitar e fechou os

olhos e conseguiu adormecer.

10. O cãozinho bebê foi à casa de banho do dono e depois foi lá o papá e disse assim: “não voltes a ir para aí”. E deu três palmadas no rabo do cãozinho e acabou”.

Pedro 6A

1. Acho que já sei... tem uma galinha grande e são três..., não dá..., com 4 também dá. Era uma vez uma menina que ia à floresta trazer umas flores para a mãe e viu uma casinha, depois bateu à porta e ninguém estava, foi ver as janelas e estavam fechadas e foi dar à cozinha e estava lá uma tigela grande, outra pequena e outra pequena. Primeiro foi à grande que estava quente, mas viu que estava fria e a mais pequenina estava quentinha... bebeu e comeu, bebeu todas. Depois viu umas escadas e foi lá e viu quatro camas: uma grande, outra assim média, e outra mais média e outra pequenina... Foi à grande, a almofada estava grossa, não gostou e depois foi para a outra que estava média e estava dura e depois foi para a mais pequenina e estava boa. Depois ele dormiu na pequenina. Depois veio uma galinha e três pintainhos e foram comer a sopa e a galinha disse: "alguém comeu um pouco da minha sopa"... e todos disseram: "a mim também". Depois foram para o quarto e viu... a galinha grande disse que "alguém foi para a minha cama". O médio e o pouco mais médio também, e o pequenino: "está uma menina a dormir na minha cama". Acabou, não... acordaram a menina, ela apanhou um susto e fugiu para fora da casa.

2. Era uma vez uns ursos que queriam uma corda e puxam, puxam, até que ela estava quase a romper-se, e rompeu-se e caíram. Acabou... isto é uma montanha.

3. É o rei? não sei se é o rei... deixa cá pensar... já sei. Era uma vez um coelho que estava a jogar às escondidas com um leopardo e depois o coelho ficou a tapar e o leopardo escondeu-se num buraco com os dentes à mostra e depois o coelho andou e viu um buraco com uns dentes e foi avisar um leão que é um rei e disse: "eu vi um monstro, em baixo da terra". E o leão... "com uns dentes". E o leão ficou muito admirado e ficou a pensar dois dias sobre a coisa... e depois o leão foi à procura e não viu, e o leão ficou outra vez admirado e disse a toda a selva para terem muito cuidado, porque há um monstro em baixo da terra. E depois veio o leopardo e queria interromper a conversa mas o rei não deixava e depois o leopardo ficou espera e quando o rei ficou à espera que alguém soubesse quem era o monstro, o coelho não sabia, porque não mostrou a cara. E depois veio o leopardo e disse que foi ele. E acabou.

4. Esta pequenina é como a dos ursos. Era, é sempre, uma vez três cangurus que iam fazer um piquenique, e o mais novo tinha um balão e deixou ele voar e

acabou... tem aqui um balão.

5. Esta aqui é que é difícil. Ah!... Era uma vez... uma trovoada que era muito grande e os pais dos ursos não estavam lá e os ursos ficaram muito assustados... e não conseguiram dormir e vem um fantasma, e depois deixou cair a cama abaixo e fugiram e fugiram, fugiram até que ficaram cansados e adormeceram na floresta, e depois ficou de dia e ficaram muito contentes. E acabou.

6. Só de ursos... já sei. Era uma vez uns caçadores que mataram o pai do urso e a mãe, e o urso ficou muito triste e pôs eles em casa, e um dia eles estavam na casa escondido a espiar onde os caçadores iam e viu eles a caçarem mais ursos e depois os ursos mais novo foi a correr e saltou por cima deles, ficaram todos arranhados e foram para o hospital. E acabou.

7. Ah! era uma vez um tigre que ia atacar uma macaco e o macaco saltou para uma árvore muito grande e o tigre ficou sempre a saltar e cansou-se e foi para casa. E acabou.

8. Ah! era uma vez um menino que queria que viessem visitas e veio, e a mãe do macaco diz: "faz pouco barulho". E o macaco... queria falar com eles e eles só falavam com a mãe... e ele não queria e então perguntou umas coisas mas eles não respondiam só queriam falar com a mãe. E disse assim a mãe: "vais de castigo porque não interrompesses". E foi de castigo. E acabou.

9. Era uma vez um coelho que ia dormir e fechou tudo para a raposa não entrar. E depois, de manhã, a coelha apanha um grande susto porque a porta estava aberta e pensava que os filhos estavam mortos por causa da raposa e foi lá ver a correr. E eles não estavam, estavam a brincar, e o que abriu a porta foi o vento. Acabou.

10. (ri) Ah! já sei... Era uma vez um cachorro que fez cócó nas calças e disse que se faz na sanita e depois levou tarefa do pai. E acabou.

Fernando 6A

1. Era uma vez três passarinhos que estavam a comer e a mãe estava a vê-los e a mãe não deixou brincar. Ela só queria que eles gostem do comer mas eles tinham... e a mãe respondeu, disse assim para dizer aos miúdos para comerem: "assim ficam como os bebés, uns anões. Se comerem é que ficam com a barriga cheia, se comerem muito é que ficam grandes". E a galinha gostou de ver que eles já são grandes.

2. Era uma vez que estavam a treinar, a tirar a corda, e depois aquele bebé não sabia tirar e portanto foi brincar a outra coisa e ele disse assim aos outros ursos, à mãe e ao pai: "olha vês que não tenho força pá, eu sou tão pequeno que não tenho força". Depois foi treinar outras coisas mas não gostou tanto... Se tu treinares tantas coisas e a corda, ainda ficas com os músculos fortes. Mas a mãe disse: "ei, eu é que tenho força pai." "Mas tem cuidado filho ainda podes cair da montanha". Já acabou.

3. Ah!... era uma vez o leão rei e estava muito zangado e o rato saiu dali do buraquinho e o leão estava com o cachimbo. Depois põe a mão na bengala, chegou no buraquinho, viu um rato, queria apanhar mas não conseguiu, mas chamou os guardas: "guardas, guardas". Mas eles disseram que não podiam porque o rato era muito forte: "guardas, guardas, põe uma armadilha". E ele respondeu outra vez: "põe uma armadilha, guardas, guardas...".

4. Era uma vez três cangurus que tinham muita pressa. Ele diz assim: "tem cuidado mãe, estou na bolsa, não vês que eu caio". Ele ficou lá e ficou triste, este (grande), porque havia um lobo, e o lobo ficou zangado porque queria comer aqueles cangurus.

5. Não há nada... Ah!... Era uma vez... o pai e a mãe dormiram, e o filho e a filha. E depois começaram... abriram os olhos e depois os miúdos começam a lutar e o pai e a mãe acordam e dizem: "miúdos dormem". "Não vês que o sol já está a ir para cima" - dizem os filhos. Mas a mãe e o pai não queriam levantar e depois a mãe e o pai queriam sair da cama, e eles não queriam.

6. Era uma vez três ursos e gostam de dormir lá no buraco. O ursinho pequeno, o pai e a mãe gostavam de viver numa casa. Ele disse assim ao pai: "Oh pai, eu não gosto de dormir aqui". "Se não gostas vai para outro lado". E

ele ficou triste. Ele estava a pensar, tinha medo, gostava de ficar ao pé dele mas... eles não gostam de viver lá... ele fechou os olhos, eles não estavam lá e eles estavam a comer cerejas. O pai e ele teve um susto: "não te assustes que nós não fomos embora". Acabou... esta foi grande.

7. Era uma vez um leão que estava a andar, a andar... e o macaco viu o leão e depois ele tinha medo e fugiu à pressa toda. Deu uma dentada e ele morre. Depois chegou outro macaco que era o macaco pai, um gorila muito grande, depois matou o leão e depois vinha outro leão, havia cinco leões e depois também havia cinco macacos e depois apanhou outro leão e depois... O leão foi raptado e deu uma dentada ao macaco e depois ficou dois macacos e ficam... chegou outro macaco deu uma dentada ao outro, ficou um e depois deu uma dentada e ficaram zero (macacos). Os leões não morrem porque são muito fortes.

8. Era uma vez o avô, a avó e a mãe e o filho. Ele queria conversar com o avô, e a avó e a mãe. Mas ele queria dizer qual é as coisas mas ela (mãe) não queria.

9. Era uma vez uma coelha que era uma menina: estava a dormir e deu uma dentada nos dentes porque ela tinha medo de quem abriu a porta. Mas era a mãe a dizer: "dorme filha, que não é horas para acordar e se tu gostas de acordar vai brincar". "Mãe, quero brincar no meu quarto". "Mas não faz barulho". O barulho dos pés dos fantasmas (a mãe disse), mas não existia, era só a palavra da mãe. O filho andava e foi atrás da porta. O coelhinho foi para baixo e ele viu umas coisas estranhas com olhos e era um gorila tão grande e perguntou: "Quem és tu?" "Sou um gorila fantasma". Ela foi logo para casa. Quando fechou a porta do quarto havia tanta gente de fantasmas a falar assim: "Quem és tu? Sou o fantasma" ... Era o gorila fantasma.

10. Era uma vez a mãe que estava zangada e ele tinha medo porque deu uma chapada porque ele fez mal. O que aconteceu? Sentou-o e deu uma chapada. Que fizestes ao meu irmão? Eu não fiz nada, eu prometo, não fiz nada. Estava tão zangada. Ele queria fazer cócó mas ele não podia e dizia: "eu prometo, eu não fiz nada ao meu irmão" (imita a boca do cão mais pequeno), e repetiu outra vez; e a mãe ficou zangada porque ele disse pá. "Está bem, não fizestes nada?" Sim, pronto, e ele ficou em pé porque ele tinha muito medo. Acabou.

Francisco 7A

1. São os pintainhos a comer a sopa... e a galinha a vê-los e depois está aqui a sobremesa (aponta) para eles comerem. São 3 pintainhos, comem à mesa. Têm bancos para todos. As tigelas são iguais à toalha. Têm guardanapos. A mesa e os bancos são de madeira. Estão os três a olhar para a sobremesa.
2. São os ursos a fazer uma competição, com uma corda a puxar... dois para um lado e um para outro. São três ursos e estão a puxar por uma corda. Têm terra por baixo dos pés. Têm os pêlos, parecem muito arrepiados.
3. É um leão numa cadeira com uma bengala, encostado à cadeira e a fumar cachimbo. E depois tem aqui um ratinho na madeira da parede. Tem a perna cruzada, está sentado, tem o chão às flores e tem a cauda a bater no chão... E a madeira está assim rachada. O sofá da cadeira preto.
4. É um canguru com um filhote na bolsa, um balão na mão, um chapéu na cabeça, uma mala, tem um cesto com leite e com outras coisas mais. E depois vem atrás outro canguru a andar de bicicleta. E vai para um sitio onde há muitas árvores e uma casa, e está um homem ao pé da casa. E tem uma árvore muito direita.
5. É um ursinho a dormir no quarto e está a rebolar... e depois tem uma cama maior e duas mesas de cabeceira, um candeeiro, três janelas e o chão de madeira e a cama é enfeitada e a cama do ursinho é pequenina e toda branca. E a parede tem um bocado de madeira e outra parte é branca.
6. São dois ursinhos, num buraco, a escorregar mas estão com medo de cair lá para baixo porque deve ser muito perigoso, e o buraco tem folhas à volta, paus e raízes, e é muito escuro.
7. É um tigre que está na selva a querer atacar um macaco. Mas o macaco está a passar por cordas e o leão, o tigre, não consegue apanhar, mas o macaco está com muito medo porque o tigre está a saltar de uma árvore, com folhas e muitos paus.
8. Isto é uma família de macacos, que estão a conversar uns com os outros e está a mãe do macaco a falar com ele e os amigos a conversar uns com os outros. O

sofá que a mãe do macaco está sentada é pequenino, branco e com risquinhas pretas, o que os amigos estão sentados, é branco, com risquinhas pretas e com flores, os amigos estão a beber café. A mãe está a falar com o filho para ele não fazer nada. Está um quadro na parede com uma senhora macaca.

9. Isto é um coelhinho assentado na sua cama e a porta é branca, a cama também é branca e o cortinado é branco, o candeeiro está apagado e a parede é de madeira. A cama do coelho é branca, e tem uma janela aos tracinhos, e à saída do quarto, uma madeira às riscas.

10. Isto é a mãe do cãozinho a puxá-lo para ele não ir fazer coisas mal feitas, porque ele quer fugir da mãe. Ele quer ir para a casa de banho. A casa de banho é feita de tijolo, uma parte e a outra parte está pintada. Tem uma sanita com a tampa aberta e suporte para pôr a toalha... e lavatório para lavar as mãos... Já chega.

João 7A

1. Era uma vez três pintainhos que iam almoçar... estavam à mesa sentados... que tinham colheres na mão e pratos à frente... não me lembro de mais nada.
2. Era uma vez três ursos que estavam a fazer ginástica a puxar uma corda. Dois de um lado e um do outro, estavam na montanha, havia dois grandes e um pequeno... o mais pequenino estava do lado de trás e o maior estava à frente, e o outro não tinha par... lá na montanha havia pedras e relva... e eles estavam a fazer ginástica.
3. Era uma vez um leão que estava sentado numa cadeira que estava a segurar um cachimbo. Lá na parede estava um rato... e tinha uma bengala ao pé da cadeira, ele estava de perna cruzada... ele tem juba e é um animal.
4. Era uma vez um esquilo que ia a saltar, tinha um na bolsa, tinha um chapéu e levava uma cesta. O bebé levava um balão e o grande na bicicleta. Havia lá uma casa ao fundo e estava a deitar fumo e havia muitas flores... havia um homem lá ao pé da casa... o canguru estava a saltar... o canguru tinha lá compras. O chapéu tinha flores...
5. Era uma vez dois ursinhos bebés que estavam numa cama pequenina lá em casa e havia uma cama grande que não estava ninguém e havia lá uma mesa de cabeceira que tinha um candeeiro e as janelas estavam abertas... e era noite... e havia um tapete por baixo do chão... ao lado da cama tinha um sofá.
6. Era uma vez três ursinhos que estavam a dormir, dois grandes e um pequeno. O pequeno estava a dormir lá nas folhas e estava numa gruta que tinha pedras lá por dentro e muita terra. O ursinho pequenino ainda estava um bocadinho acordado. Lá na gruta tinha ramos, lá em cima. Os grandes estavam a dormir um do lado do outro e estavam de lado e o ursinho de lado estava em frente... a gruta tinha relva e ramos ao lado das folhas.
7. Era uma vez um leão que ia atrás do macaco. O macaco ia a subir a árvore. A árvore tinha cordas e havia muitas folhas e pedras. Havia três árvores, uma era palmeira. Havia uma pedra grande. O macaco ia a fugir do leão... e havia relva e folhas e areia e pedras... o leão tinha os dentes muito grandes e lá nas árvores tinha muitas folhas...

8. Era uma vez quatro macacos. Havia dois que estavam a tomar café num sofá, três grandes e um pequeno. Tinha lá uma fotografia da avó e um grande estava a brincar com o pequenino. O sofá era às flores... O que estava a brincar com o pequenino, tinha brincos e estava num banco. O retrato da avó tinha óculos e tinha um chapéu... os macacos estavam de perna cruzada, um macaco tinha uma flor ao pé da orelha.

9. Era uma vez um coelho que estava deitado na cama. A porta estava aberta e havia uma mesa de cabeceira que tinha um candeeiro e outras coisas. Ao pé da mesa de cabeceira, havia janelas que tinham cortinados e estavam abertos, o coelho estava acordado... havia lá uma caixa em cima da mesa de cabeceira.

10. Era uma vez dois cães que estavam na casa de banho sentados, havia lá uma toalha e havia lá um banco e havia um caixote do lixo e uma sanita. Havia um cão que estava deitado no grande... a toalha estava pendurada.

Pedro 7A

1. Já sei!... Era uma vez três pintainhos, dois eram pastelões e um acabava sempre a comer e o que acabava sempre a comer, era um comilão. Depois quando a mãe foi pôr o comer, os dois pastelões começaram a conversar. "Filhos estejam calados e comam, à mesa não se fala", e o outro disse assim: "nhanhanha... vocês são pastelões e eu já comi". Depois eles disseram "tu és um comilão por isso nós somos pastelões porque gostamos de conversar". Depois foi para a cama e o comilão disse: "vocês são pastelões e depois eu disse ao nosso pai galo o que vocês fazem, pastelões". Depois à noite ele disse ao pai e depois os pastelões foram embora de casa sem avisar e depois o outro ficou com pena... e quando eles chegaram outra vez a casa, e depois os comilões ficaram pastelões e os pastelões, comilões. E depois o galo disse assim, ralhou com o comilão e depois expulsou-o de casa e ele nunca voltou a casa e só voltou um dia e ficou muito magrinho e sem penas. Depois a senhora da quinta matou o pintainho que era comilão e cozeu-o e depois comeu-o e acabou a história.

2. Já sei!... Era uma vez um lobo e dois lobinhos e depois fizeram um jogo de corda... um puxava e os dois puxavam do outro lado e depois como os dois tinham muita força e ninguém podia cair ao chão. Depois apareceu o sol e começou a queimá-los e as mãos escorregavam, e o pequenino caiu, depois o outro e este foi a rebolar numa bola de neve. Depois eles discutiram e já não foram amigos. O gordo foi para casa e os magros foram também. Contaram às mães e elas estiveram a ralar com um e outro. Depois começaram a discutir e a cidade ficou a saber a notícia. A cidade ralhou com eles e depois o chefe começou a entender, vamos unir todos, se ninguém quer ser amigo vão embora desta cidade. Todos os homens e mulheres e os filhos. E ficaram todos amigos para sempre.

3. Já sei. Era uma vez um senhor leão que queria mandar na cidade e depois havia uma senhora leão que chamavam Maria e depois o sr. leão expulsou a Maria da terra e depois foi para a terra das leas, e ela ganhou muito dinheiro. E o senhor leão que queria mandar na terra estava espera do senhor leão para ele ficar rico. E não chegou o cheque. Ficaram aborrecidos. E foram para a terra das leas e lutaram todos contra a terra das leas. E ele não se conseguiu defender. Depois a leoa Maria voltou para a terra cheia de dinheiro. Depois havia a leoa Ana... E depois o senhor leão... queria ser o dono das terras.

Depois acabou.

4. Era uma vez um canguru e uma senhora canguru e um bebê canguru. Estavam a dormir. A senhora canguru queria ir à feira que fechava ao almoço e eles estavam atrasados. Depois a senhora canguru acordou ela e foram para a feira. Depois na feira brincavam com o bebê da senhora canguru. E depois foi perdido e foi apanhado por um lobo. E o mais crescido foi procurar na bicicleta e viu e foi contar mãe. A mãe foi a correr e queria matar o lobo, mas não conseguiu porque o lobo dava dentadas na mão dela. Depois a senhora canguru chamou todos os habitantes da terra e não conseguiram apanhá-lo porque ele era frágil e conseguiu defender-se. Depois chegou um dia, o lobo foi pedir ao mau mágico e depois o mau mágico deu uma poção para ele ficar forte. Mas a senhora canguru foi ao castelo do senhor mau e bebeu a poção e ficou mais forte do que o lobo. E foi assado e a senhora canguru comeu-o. E depois foi buscar o bebê que estava enterrado numa bola de neve, e comeram o resto do lobo. E depois a senhora canguru foi à feira pedir obrigado aos senhores habitantes. E depois acabou.

5. Era uma vez um marido e uma marida que andavam sempre a namorar e chegou o tempo de eles casarem. Depois uma urso fez o casamento e cangalhar-se, mas depois, eles ficaram casados para sempre e tiveram dois filhos. E os ursos não tinham dinheiro para comprar uma cama e ficaram na cama deles e só depois arranjaram a cama para eles. Depois o pai e a mãe ficaram escondidos debaixo da cama por causa da trovoadas. Depois o lobo apareceu e roubou um ursinho e o urso mais bebê gritou. A mãe ouviu e foi a correr, mas o lobo não quis dar. Mas a mãe foi presa numa prisão de fogo e o pai tinha muita coragem e com um martelo matou o lobo. A mãe na prisão já estava quase a morrer e o bebê também e depois o pai tirou a mãe e o bebê da prisão de fogo e foram felizes para sempre. Os ursinhos cresceram e a cama já não servia e depois compraram outra e ficaram mais felizes.

6. Era uma vez uma senhora urso que andava sempre na casa dela de pedra e gostava muito, lá era muito quentinho. Depois teve dois filhos e depois o lobo matou a senhora urso. Depois o lobo fingiu que era a urso e os dois ursinhos cresceram e lutaram contra o lobo, viram logo as orelhas e o nariz. Depois lutaram para o resto da vida. Veio um habitante e disse: "o que é que vocês estão a fazer aqui?", "um lobo". Depois veio um galo: "que é que vocês estão a fazer?" "um lobo que quer comer e fugir." A abelha picou o lobo e cortou a barriga e tirou a mãe dos ursinhos, e depois fez uma papa de mel para pedir

obrigado. E a abelha ficou toda a vida em casa da urso a comer mel e a casa ficou toda suja de mel. E depois a abelha foi embora. Depois o ursinho sentiu falta dela e foi brincar com as borboletas e com o ursinho. E foram muito felizes: a mãe, os ursinhos, a abelha e as borboletas.

7. Era uma vez um leão que queria brincar com um macaco, só que o macaco andava pelo ar. O macaco era muito forte, ele tinha asas, nasceu com asas e só depois é que se tornou macaco. O tigre vivia cheio de fome, andava sempre a emburrar mas não conseguia comer. Depois vem um furacão e levou o macaco à terra das asas (macacos que voavam com asas), que era igual a este. Depois eles vivem felizes, depois o macaco teve uma menina macaca e namoraram. Depois havia uma escola e andavam no recreio a beijar e os colegas gozaram e contaram à professora macaca e ela não gostava disso para os meninos da 1ª, e o macaco foi de castigo. Depois o macaco fugiu a voar, depois o macaco entrou no furacão e foi para a terra do tigre que já tinha morrido, e o macaco foi sempre feliz; e tinha levado a namorada, casaram e tiveram filhos e foram felizes para sempre.

8. Era uma vez um macaco e uma macaca e tiveram um filho. Depois a avó achou que o filho era muito feio. A avó andava sempre a discutir com o filho. Depois a avó não deixava brincar e escorraçou ele de casa dela e o macaco foi ao cabeleireiro e ficou todo bonito. A avó disse: "ai que bonito". Depois ele começou a namorar com uma macaca. Depois a avó morreu e o macaco sentiu falta dela. Depois o pai e a mãe, o filho e a macaca namorada, foram felizes. Até que um dia, o macaquinho discutiu com a macaquinha e não foram felizes, o pai e mãe é que foram. Depois o macaquinho já era grande e queria namorar com a mãe. Depois foram felizes.

9. O que é este bichinho?... Era uma vez uma coelhinha que ninguém queria namorar com ela. Então ela ficou sozinha até que arranjou uma criada. Depois com a criada ficaram felizes, ela ficou feliz... Depois a criada andava sempre a limpar e a coelhinha foi à feira e depois na feira havia muitos lobos e queriam comer a coelhinha. Depois a coelhinha foi-se embora da feira e foi também embora de casa. Foi para uma terra cheia de lindo, cheia de flores, de árvores, a casa era mais linda: espelho, cama, uma... e uma porta. Depois tinha um jardim à volta da casa. Namorou com um coelhinho e tiveram dez filhos e duas filhas e viveram felizes até que um dia resolveu ir para lá para a terra dos lobos e o coelhinho não queria: "fica aqui, aqui tens flores mais giras"; "Está bem, eu fico". E ficaram lá felizes para sempre.

10. Era uma vez uma cãozinha. O cãozinho foi fazer chi-chi à casa de banho e depois caiu na sanita e ficou todo sujo, e a mãe deu-lhe banho e a banheira ficou a cheirar a chi-chi. Depois a mãe teve que arranjar uma criada que desinfectou tudo. Depois chegou outro dia e o cãozinho fez outra vez, e a mãe limpou com uma toalha e ficou a cheirar a chi-chi, e deitou a toalha fora para o caixote do lixo. Era a última toalha, as outras já tinham ido para o caixote. Depois não havia mais nenhuma toalha e a mãe foi às compras. Depois o cãozinho nunca mais voltou a fazer aquilo e a mãe já não queria fazer nada e a criada foi expulsa de casa. E a mãe ficou feliz com o cãozinho por ele não fazer aquilo.

Nelson 8A

1. Posso?... As galinhas estão a comer a sopa... estão a comer na mesa e estão a comer com uma colher, com um guardanapo para não se sujar, com tigelas, com salada e com um pano para não haver micróbios. A mesa é de madeira... os bancos... estão a comer, a almoçar.
2. É os ursos que estão a fazer, a empurrar quem é que ganha. São três... um numa corda, dois na outra. O pai e a mãe e o filho... a corda para eles puxarem.
3. O leão está com o cachimbo, a bengala, na cadeira de madeira, o encosto para se encostar... o chão... está dentro de uma casa... Um ratinho aqui... um buraquinho, a casa dele.
4. É o canguru que está a andar de bicicleta. A mãe leva uma mala, um chapéu às flores, com o canguru bebé... com um balão, com uma garrafa de leite. Leva as coisas das compras, um cesto. A mãe vai a pé e o canguru vai de bicicleta. Árvores (aponta)... erva... o céu, as nuvens e um eucalipto. Acabou.
5. Uma cama... as janelas, cortinados, candeeiro, outra cama, o chão... e está aqui um bicho a deitar-se na cama mais pequenina... O chão é de madeira, tem dois móveis pequeninos, a parede.
6. Posso começar?... dois ursos que estão na gruta (aponta), aqui estão raízes e isso, e aqui, é o chão com coisas. Aqui é a mãe, aqui o pai... e está a chover... erva... lá fora está vento e chuva e acabou.
7. É o leão, quer morder o macaco... o macaco está a fugir, o leão está com a boca aberta para apanhá-lo, para comê-lo. Plantas, árvores, cordas, as folhas das árvores, os buraquinhos dos esquilos e uma rocha aqui e o leão quer morder o rabo... e o macaco está a fugir muito depressa. Acabou.
8. Está aqui... o pai e a mãe sentados num sofá e a avó. Aqui, está um retrato, a avó está sentada num banco e o macaco está a ouvir o que a avó diz. Ele está a dizer uma coisa e estão a tomar uma bica... Estão sentados numa esponja e depois está forrado. Acabou.
9. É a coelha que está na cama, que está a porta aberta. Está aqui um

candeeiro, a janela, cortinados e está aqui o cabo da porta para fechar. Depois é a terra lá fora... e os outros coelhos também estão a dormir. Um armário... aqui está uma luz pequenina, e acabou.

10. É o pai que está a brincar com o filho, e está a dar festinhas no filho na casa de banho. O pai está sentado num banco e o cão quer fugir. A toalha, sanita... e aqui para entrar o cão... tinha fugido e aqui há umas escadas para subir para o quarto ou casa de jantar... O pai... está a puxar o filho para ele ir tomar banho... e acabou.

Rodrigo 8A

1. Uma galinha tinha três filhos e chegou a hora de almoçar. Eles foram almoçar. Um chamava-se João, outro Miguel e outro Pedro. Um era muito malandro, outro era brincalhão e outro era bem comportado. A comida que eles gostavam mais era cereais e farinha. E era a comida que eles hoje gostavam mais... não me lembro mais.

2. Dois ursos queriam ver quem é que era o mais forte. Então um disse assim para o outro: vamos ver quem é que é o mais forte e pegaram numa corda e cada um puxou para o seu lado e quem puxasse mais era quem ganhava. Então, um dos ursos tinha medo que não ganhasse e então pediu ajuda ao filho e mesmo assim não conseguiu e perdeu.

3. Era um leão que pensava que podia fazer tudo sozinho e um dia foi passear e andavam a caçar leões e fizeram uma armadilha e ele caiu. Cada vez que se mexia mais se enrolava e apareceu um rato e disse: eu sou capaz de te tirar dessa armadilha. "Ai és? então vê lá". Ele roeu algumas cordas, e conseguiu sair. E depois o leão nunca mais achou que não era útil aos amigos.

4. A mãe canguru e os seus dois filhos foram fazer um piquenique. Então a mãe canguru levava um bebé canguru na sua bolsa e o outro irmão mais velho ia na sua bicicleta e chegam e fizeram o piquenique... No bosque... encontram amigos, e de volta encontram muitos bichinhos que até levaram um para casa... que era um coelho.

5. Isto são dois?... Dois ursos muito brincalhões que andavam na escola, o seu dia foi muito cansativo porque tiveram que fazer ginástica, tiveram que estar com atenção nas aulas e brincaram muito nos recreios, por isso quando chegam a casa jantam e foram logo para a cama cheios de sono.

6. Dois ursos dormiam numa gruta sossegados e o filho brincava com folhas e bichinhos... com os paus construía cabanas para os seus bichinhos e com folhas, o telhado. Escavava e fazia buracos para fazer armadilhas até que caiu numa porque era descuidado, mas não se aleijou porque o buraco era pequenino... subiu a uma pedra e pôs-se a dormir.

7. Um leopardo esfomeado tentando caçar alguma coisa, alguns animais para o seu almoço até que de repente encontrou um macaquinho também a fazer o mesmo. O leopardo... baixo, pôs-se em posição de atacar nas ervas altas que, até quando o macaco estava a passar de liana, o leopardo saltou, mas o macaco escapou, mas foi por pouco e então, o macaco subiu a um coqueiro e amandou um coco à cabeça do leopardo.

8. Num casamento de um macaco e de uma macaca, duas macacas segredavam porque o macaquinho andava... partiu um prato e andava a subir às paredes e a mãe disse-lhe para não fazer isso porque dava mau aspecto. E então ele não fez mais disso.

9. Um coelhinho estava a dormir e ouve a porta a abrir-se e não viu ninguém a abrir a porta. Olhou, olhou, arrebitou as orelhas mas pareceu-lhe que tinha sido o vento. Saltou da cama e foi ver quem estava lá, mas não viu nada. Voltou outra vez para a cama. De repente, a janela abre-se e os cortinados abanam. Ele arrebita outra vez as orelhas e vê o que se passa. Foi à janela, olhou para um lado e para outro e não viu nada e voltou para a cama. Depois passou um bocado e viu isto: a porta está aberta e a janela também, deve estar a fazer corrente de ar. Então pôs-se para cima e viu que havia vento, fechou a porta e voltou para a cama e continuou a sua sesta.

10. Um cãozinho não queria tomar banho, então a mãe pegou nele e disse: "vai para a banheira", e ele não foi. Então disse de novo: "vai para a banheira", e ele não foi. Pegou nele e pôs a tomar banho. Então ele estava a chamar...depois salpinhou a mãe, e a mãe bateu-lhe e ele nunca mais fez isso.

Teófilo 8A

1. Era uma vez uma galinha que estava a dar comer a três filhos e estavam todos na brincadeira em vez de comer a sopa... Já não sei mais.
2. Uma vez três ursos estavam a puxar uma corda. Um de um lado e dois do outro, para ver quem é que ganhava... e ganharam os dois ursos... Já não sei mais.
3. O rei dos animais estava sentado numa cadeira e um ratinho estava a fazer pirraça dele e o leão estava saturado do ratinho lhe fazer pirraça... Com esta já não sei mais... Se calhar comeu-o...
4. Estavam três cangurus a fazerem uma corrida. Um canguru ia de triciclo e o outro ia a saltar com um filhinho na bolsa a brincar com um balão. Quando chegaram à meta, ganhou o canguru maior... Com estes, já não sei mais.
5. O que é que é isto aqui?... Dois bebés ursinhos estavam na caminha e estavam a brincar, já estava de noite e os pais estavam a ver televisão a pensar que eles estavam a dormir... Com esta aqui, também já está...
6. Dois ursos ferozes estavam na sua caverna e o seu filho a brincar com as ervas e com os paus... estava deitado a olhar para as folhas que lhe caíam em cima da mão... Com esta...
7. Um tigre e o macaco estavam à luta. O tigre ia atrás do macaco e o macaco coitadinho, a fugir... O macaco ia-se pendurar nas folhas de uma árvore... Com esta, também já está...
8. Numa festa de macacos, dois macacos com mais idade estavam a dizer segredos enquanto bebiam o chá. Um macaco que parece com mais idade estava a dar ordem ao seu filhinho... Com esta, já está...
9. Um coelho doente estava numa cadeira deitado... A porta do seu quarto estava aberta para se ouvir alguma coisa que ele chame... os coelhos mais novinhos vão ver o que aconteceu... Com esta, também já está...

10. (Sorri) O pai cão estava na casa de banho a bater no filho que tinha chegado do banho... o cão pequenino tinha estragado... o shampoo e roído o sabonete... Também já está...

Francisco 9A

1. Posso começar?... Era uma vez três pintainhos que tinham uma mãe muito trabalhadora. Certo dia a mãe cansou-se de estar sempre a trabalhar e disse: "você têm de ser mais trabalhadores, estou-me sempre a cansar". Os pintainhos ficaram tristes e foram à procura de quem lhes fizesse como a mãe. Encontraram um lavrador que era muito simpático e deu-lhes de comer. Mas ele disse-lhes que aquilo não podia ser todos os dias pois o trabalhador também ficava cansado de tanto trabalhar. Os pintos decidiram que tinham que ficar... mais inteligentes e trabalhadores. Então, começam a trabalhar. Quando acabam olham para o trabalho e tinham feito uma casa, uma horta e um quintal. Então foram para dentro de casa e disseram: "a vida não é tão fácil assim como nós pensávamos".

2. Era uma vez três ursos que andavam a brincar no alto de uma montanha. Um dia ficaram cansados da mesma brincadeira. O mais pequenino disse assim: "podíamos ir brincar às escondidas ou jogarmos às escavadoras e o mais velho resmungou: "isso aí é para pequenos". O do meio disse assim: "deixem-se de brigas. Podemos brincar a uma brincadeira que seja bom para todos". E os três concordaram e começam a pensar. Cismaram ao mesmo tempo: "mas qual há-de ser?". O pequenino disse assim: "podia ser às escondidas". E o grandalhão disse: "podia ser era aos cowboys". E o médio voltou a interferir: "tem que ser um que dê para todos". Estão todos os dias a discutir... vamos inventar um e disse: "Já sei! Podemos brincar aos cientistas". Os dois irmãos zangados, resmungaram ao mesmo tempo: "de acordo". Acabou.

3. Era uma vez um leão que estava preocupado, pois a sua casa estava cheia de ratos e disse: "se houvesse aqui um tocador de flauta mágica, como diz na história, como na lenda... ia à procura dele. E chamou um dos ratos... "vamos fazer um contrato" - disse o rei leão - "você vão à procura do tocador de flauta e eu dou-vos a minha casa". E o rato disse: "nós os ratos, não confiamos em ti". O rei zangado chamou os seus guardas e disse: "dêem-me um aspirador para eu aspirar estes ratos". Os ratos, a tremer fugiram logo de casa e disseram ao seu rei para levar o exército, mas o rei já tinha uma arma secreta. Quando chegou lá o exército, o rei ligou o aspirador e todo o exército foi para dentro do aspirador.

4. (Sorri) Era uma vez uma canguru que tinha dois filhos, um com 6 anos e outro com 2 anos. Tinham ido à feira dos animais pois não tinham que comer. O irmão mais velho pegou na bicicleta e desafiou a mãe para uma corrida. A mãe já estava estafada e zangada... quando o filho de 6 anos... disse assim: "se quisesses eu arranjava-te uma bicicleta". O bebé mais novo estava com um balão na mão, na bolsa da mãe. Queria chegar ao leite, pois estava com muita fome... A mãe irritada deu um grito e os outros dois calaram-se. A mãe já irritada ia tão depressa que até deixou cair a bolsa. O filho de 6 anos avisou a mãe, mas a mãe não ligou. Quando chegam a casa, a mãe sentiu a falta da bolsa, mas teve sorte que o filho trazia-a e ficou-lhe a dever muito. E todos os dias, era o filho que ia à feira. Acabou.

5. Que animais são estes?... Era uma vez dois ursinhos que saíram de casa, perderam-se, viram uma luz ao longe e disseram um para o outro: "vamos?" E foram. Quando chegam lá, puseram-se a pensar para que serviria um botão... tentaram, tentaram, mas não conseguiram chegar lá. E um deles disse assim: "põe-te às minhas costas". O ursinho de cima chegou ao botão e carregou. Abriu-se a porta... era uma senhora muito amiga e quando viu os ursinhos cheios de frio e de fome, levou-os para dentro. Os ursinhos estavam tão cansados que adormeceram mal entraram, a senhora pôs numa cama que tinha na arrecadação e os ursinhos ficaram lá a viver. Acabou.

6. É pá! É tudo de ursos... Pode ser a continuação desta? Quando os ursos saíram mais crescidos, foram-se embora à procura de uma caverna, pois estava aí o Inverno, precisavam de hibernar. Quando encontram a caverna... um separou-se do outro. O que ficou lá na caverna encontrou uma urso e acasalaram-se. Tiveram... a fêmea teve um bebé. Quando começou o Inverno, estavam todos a hibernar mas o bebé não conseguia dormir e perguntou ao pai: "como é que se faz para hibernar?" E o pai respondeu: "pergunta à tua mãe". Foi perguntar à mãe e a mãe disse: "É preciso dormir". "Mas eu não consigo", respondeu o bebé. "Conta carneiros, talvez te ajude"... O bebé urso experimentou e passado algumas horas estava a dormir. Acabou.

7. Ah! era uma vez um tigre muito vaidoso, queria ser melhor que o rei leão, e se o rei leão não lhe desse o trono, o tigre jurava que ameaçava toda a selva. O rei leão mandou chamar os membros do trono e pediu-lhes a opinião. Depois da reunião, o rei pediu aos guardas que vigiassem sempre o tigre. O tigre ouviu aquilo e voltou a fazer uma promessa, mas desta vez foi ao rei dos macacos...

se os macacos não lhe ajudassem a esconder, ele prometia que comia todos as bananas... os macacos disseram que não, o leão ameaçou-os logo, mas os macacos eram mais fortes do que ele (tigre) e saltaram-lhe para as costas. Arranharam o tigre por toda a parte. O tigre arrependido foi-se embora da selva. Foi para uma cidade, apanharam-no e levaram-no para o jardim zoológico.

8. Eh! Macacos... Era uma vez uma família de macacos que vivia na cidade. Era um casal feliz, tiveram uma filha e depois um filho. A irmã mais velha estava-lhe a ensinar a ler, a escrever e a ter cuidado com os carros, enquanto o pai e a mãe segredavam um para o outro: "achas que a nossa filha vai ensinar tudo? Estavam a pensar na avó dos seu filhos, que era sábia e queriam que o filho também fosse assim. O filho cresceu, cresceu... Quando ficou grande disse que queria ser cientista, e foi essa a profissão do macaco. Inventou muitos remédios para curar doenças graves. Acabou.

9. Era uma vez um bebé coelho, tinha nascido há pouco tempo. Ele gostava muito da sua cama. Um dia viu a porta do quarto aberta e pensou: "se eu pudesse ir ver onde é que estão os meus pais para comunicar com eles, que gostava de ir dar a volta ao mundo". Os pais estavam a subir as escadas e ouviram tudo... e disseram: "continua a sonhar, talvez um dia isso possa ser realidade". Então, o coelho bebé continuava a inventar novos sonhos.

10. Era uma vez um cãozinho muito matreiro e reguila, pois estava sempre a pregar partidas a todos os outros animais da aldeia. A cadela, que era a sua mãe, já estava a ficar preocupada, pois todos os dias via que ele trazia uma nódoa negra, perguntou assim: "quem é que te fez isso?" e o cãozinho respondeu: "são os outros animais para se vingarem". A mãe fez cara de zangada e disse: "Sabes que acusar é muito feio", pegou-lhe ao colo e deu-lhe uma chapada. O cão, a choramingar nunca mais voltou a gozar nem a pregar partidas.

Telmo 9A

1. Os 3 pintainhos.

Era uma vez três pintainhos que tinham um pai que nunca os deixava comer. Só comia aos fins-de-semana. E um dia, eles, quando o pai tinha ido ao padeiro, comeram a comida toda do pai, depois o pai também só passou a comer aos fins-de-semana. Acabou.

2. A guerra entre os três ursos.

Havia uma família de ursos em que o pai e a mãe estavam sempre a discutir e o filho estava sempre do lado da mãe. E um dia, eles começaram a lutar, o pai e a mãe, e o filho deu a ideia de puxarem uma corda e ver quem era mais forte, se era a mãe e o filho, ou se era o pai. Depois, no dia seguinte, fizeram isso e o pai ganhou e depois a mãe achou que preferia não se zangar com ele e ficar do lado dele para quando precisasse de ajuda, o marido ajudá-la. Acabou.

3. O leão... A história do leão e do rato.

Era uma vez um leão que tinha encontrado um rato no seu reino e tinha engolido sem. E o rato no estômago do leão fez-lhe umas coceguinhas e o leão riu tanto que acabou por deitá-lo fora. Depois no outro dia, o leão foi preso numas grades de pau e o rato entrou lá para dentro e disse ao leão que arranhasse os paus e o leão fez isso e partiu os paus. Depois, quando estava solto, o rato como tinha muito jeito para fazer dessas grades... fez umas e pôs lá os homens, e o leão disse que ele também ia ser rei. Acabou.

4. Corrida entre a mãe canguru e o filho canguru.

Há muito tempo não se conheciam os cangurus e houve um homem que viu os primeiros cangurus e disse para fazerem umas corridas, para o que fosse primeiro a chegar, ganhava um prémio que era ficar com uma casa e com as coisas que os homens usam. Depois, na corrida ganhou a mãe e o caçador deu-lhe a tal casa mas ela disse que só aceitava se deixasse o filho, que tinha perdido a corrida, ir para lá. Acabou.

5. Hi pá!... (fala baixinho)... Os dois ursos doentes.

Um dia a mãe e o pai urso tinham deixado o filho deles ficar com a responsabilidade de tomar conta do seu primo, porque eles e os seus irmãos iam para África, Depois, o filho dos dois ursos disse ao primo: "vamos passear ao

campo, para ver que animais há lá". E o primo concordou. Quando chegaram lá, apareceu um bicho esquisito que mordeu aos dois e o mais velho levou o primo às costas e pô-lo na cama onde ele se também deitou. Depois, quando o pai e os tios dele tinham chegado, eles tinham dito que queriam ficar bons e ficaram. Depois, quando eles entram em casa, eles estavam a sair da cama mas preferiram fingir que estavam a dormir. O pai acordou-os e disse ao sobrinho: "vai com os teus pais para casa". Ele foi e contou a história toda. Depois o urso mais velho ficou chateado e ralhou com ele, e ele disse: "desculpa", e depois o mais velho desculpou-o. Então nunca mais foram para o campo e ficaram amigos para sempre.

6. São ursos não é? Os dois pais toupeiras e o seu filho. O pai e a mãe toupeira tinham tido um filho e disseram: "quando tiver 5 meses, vamos ensiná-lo a fazer túneis". Depois, quando ele teve um mês foi para a escola das toupeiras, era o mais esperto da aula. Um dia, quando já tinha dois meses, perguntaram-lhe: "como se fazem os túneis para casa?" E ele disse: "cavando com as patas". A professora disse que estava certo e também disse para ir demonstrar isso ao recreio e ele demonstrou e a professora disse: "agora esta é a tua casa e a dos teus pais". Depois os pais foram para lá e disseram: "que confortável". E o filho disse: "não exagerem". Depois os pais adormeceram e o filho ficou a ver o que estava a acontecer lá fora e viu uma formiga. Depois comeu-a, avisou os pais que havia ali um formigueiro e depois de terem comido as formigas todas, adormecem todos e nunca mais precisam de comer.

7. A confusão entre o tigre e o macaco.

Na África do Sul havia só um tigre e um macaco e o macaco não conseguia ir buscar comida ao pântano, enquanto o tigre conseguia. E ele roubava-lhe sempre a comida e o tigre dizia: "não faças isso, qualquer dia ainda te aleijo". E o macaco dizia sempre assim: "eu armo-me em Tarzan e dou-te um pontapé na cabeça". Depois, no outro dia, o macaco roubou-lhe outra vez a comida e aí o tigre disse: "vamos ver quem é que se arma em Tarzan e dá-me um pontapé na cabeça". Então, o macaco atirou-se e disse: "Tarzan...". E o tigre disse: "ai é Tarzan, então já vais ver" e tirou-lhe os pêlos todos. Depois no Inverno o macaco disse: "devolve-me lá os meus pêlos" e o tigre disse: "só no Verão". Depois o macaco prometeu ao tigre que não lhe voltava a roubar comida, ia ser corajoso e ia ao pântano tirar a comida. O tigre deu-lhe a comida, os pêlos todos e depois no Verão, o tigre ensinou-lhe a ir ao pântano e disse-lhe que tinha que saltar em cima do pântano com muita velocidade, ia-se a correr muito depressa

e depois saltava-se, era assim. O macaco primeiro teve medo mas depois foi com tanta velocidade que conseguiu saltar até ao outro lado. "Prefiro viver aqui do que estar sempre a saltar de um lado para o outro". E o tigre concordou e também foi para lá viver. Depois lá o tigre fazia de cavalo enquanto o macaco dizia que era um cowboy. Depois o tigre disse "já chega, quero ir comer". E foram comer. E assim, ficaram amigos para sempre. Acabou.

8. A partida da senhora macaca ao macaco e à macaca.

Era uma vez uma senhora macaca que gostava de ter um filho e foi loja dos fantoches e pediu: "Oh senhor Zé, dê-me aí um fantoche de macaco bebé". E ele deu e disse: "são mil escudos", mas ela preferiu dar o seu outro brinco que valia a mesma coisa. Depois houve um jantar muito importante e tinham de levar os filhos, quem tinha. Ela levou o fantoche e disse que era o filho dela, fazia os gestos com a sua mão. Mas houve uma macaca muito esperta que viu que aquilo era tudo uma brincadeira dela e que era mentira. O marido deu opinião: "vamos também lhe pregar uma partida a ela, pomos picante no chá dela e aí toda a gente vê que ela não tinha filho nenhum, largava o boneco e toda a gente via que era mentira. Fizeram isso e toda a gente começou a ver o boneco a voar pelo ar e disseram a toda a gente: "senhora macaca, olhe o seu filho". E o senhor macaco e a senhora macaca, que sabiam que aquilo era um boneco, disseram assim: "aquilo é só um fantoche, não é preciso assustarem-se, é que ela gostava de ter um filho mas não há ninguém que goste dela". Ela pediu desculpa a toda a gente. Toda a gente desculpou menos o senhor macaco e a senhora macaca. Então, todas as pessoas não ficam de acordo com eles e dizem que tinham de ficar um dia presos. Ela ficou e depois disseram: "está bem, também aceito, vamos desculpar, mas não volte a fazer isto outra vez". "Está bem, não volto". E acabou.

9. O coelho que partiu a cama.

Um dia um coelhinho tinha uma cama novinha em folha e achou que tinha que pintá-la era de cor de rosa, claro, porque era menina. Depois de ter pintado, chamou o primo dela e pediu-lhe para fazer algumas coisas sobre Karaté. Ele fez e a coelhinha disse: "ensina-me como se parte um bocado de tábua". E o primo disse: "pegas na tábua e onde vês o risco bates lá com o dedo mindinho e a tábua parte-se". A coelha no outro dia faz isso na tábua da cama dela e disse: "deu resultado". E foi chamar o primo e perguntou: "É assim?" "É, mas olha o que fizeste à cama". Ela disse: "não faz mal, eu dou dez contos ao carpinteiro e ele arranja-me isto", e o primo perguntou-lhe: "onde vais arranjar tanto

dinheiro?", "não sei, vou juntando todo o dinheiro que o meu pai e mãe me dão e também os meus avós". Mas no dia em que ela juntou os dez contos, o pai e a mãe abriram a porta do quarto e viram a cama partida e então eles é que deram os dez contos para arranjá-la e a coelhinha disse assim, sem os pais ouvirem: "tive tantos dias para ficar com o meu dinheirinho todo junto para quê? Para agora ter de os gastar numa coisa que eu já tenho cá em casa. Porque todas as coisas de dez contos que eu tenho aqui, não há outras iguais e também para os ter repartido, não servia de nada". O pai e a mãe, depois de terem pago tudo, ralharam e ela desculpou-se dizendo: "foi o primo que ensinou". E o pai e a mãe foram chamar o primo e perguntaram-lhe: "vê o que tu ensinaste e vê o que ela depois fez". "Mas foi ela que me pediu para ensinar. Depois fez aquilo à cama, quando fez aquilo, foi-me chamar e disse-me: "olha estás a ver? era assim". E eu disse-lhe quando é que ia arranjar os dez contos e ela disse que ia arranjar com o dinheiro da avó" e do pai e parece que ela já tinha os dez contos. Vocês descobriram tudo e pagaram vocês. Foi o que aconteceu". O pai e a mãe acreditaram no primo e nela e ele nunca mais partiu a cama. Acabou.

10. A cadelinha que se portou mal.

No futuro, houve uma cadelinha que disse: "eu não sei utilizar estes utensílios do homem". Mas a mãe disse que ele tinha de saber e ensinou-lhe. Principalmente, como se abria a torneira. Depois a mãe, quando chegou à casa de banho viu que ele tinha aberto a torneira tanto, que tinha ficado todo molhado. E desculpou-lhe porque tinha sido a primeira vez que ele tinha feito isso. Depois, na segunda vez, ela fez bem e a mãe deu-lhe uma prenda que foi uma boneca tão grande que ela para pegar nessa boneca tinha que se pôr em cima da cadeira para pegar na boneca. Mas, da terceira vez, fez tudo como na primeira e a mãe deu-lhe umas palmadas. A cadelinha tanto chorou e tanto gritou que até na próxima vez fez como tinha feito na segunda vez. Aí, a mãe não lhe deu nenhuma prenda porque achou que a boneca já era muito. Então a filha perguntou-lhe: "Oh mãe! e a prenda?" e a mãe disse-lhe: "já gastei cinquenta contos na boneca, não ia gastar mais cinquenta noutra". E a cadelinha disse: "mas eu quero outra coisa". E a mãe cadela disse: "pensas que o dinheiro cai do céu?" "Não, mãe". "Então vê lá se queres mais coisas ou não", "Não, não quero mãe, tens razão. O dinheiro não cai do céu, tens de o arranjar trabalhando que é o que tu fazes". Então, a cadelinha também disse: "agora também tenho direito a trabalhar". E a mãe disse: "Como? Tu ainda andas na escola e és muito esperta e só falta mais um ano de idade e depois já podes trabalhar comigo"... Depois, passado um ano, ela foi trabalhar com a mãe e disse: "é tão

maçador". E a mãe respondeu: "se queres ganhar dinheiro, faz isso". E ela disse: "é verdade, ainda me lembro do que tu me disseste quando eu era mais nova, o dinheiro não cai do céu". E foi assim que a cadelinha aprendeu a trabalhar todos os dias e só ao domingo é que descansava.

João Daniel 9A

1. A família dos pintainhos estão à mesa à espera de comer... isto aqui é a galinha?... E a galinha está a observá-los atentamente... Este pintainho aqui (direita), não tem guardanapo... acho que mais nada.
2. O pai urso e o ursinho estão a puxar uma corda com outro urso... O pai urso já está muito cansado e o outro urso também... O ursinho faz força para ganhar... e se calhar até vai ganhar... Acabou.
3. O rei leão com as suas enormes barbas fuma o seu charuto sentado no trono com a bengala ao lado. O ratinho observa-o com um olhar muito deslumbrado... Ele, o rato, tem que se meter no buraco porque senão ainda é comido... acabou.
4. Na floresta a mãe canguru com o seu cesto cheio de comida e o filho metido na bolsa e com a sua mala ao ombro... Vai passear mais o canguru no triciclo. O canguruzinho não pode ir no triciclo porque ainda é pequenino. A mãe canguru dá pulos e mais pulos para não chegar atrasada ao destino onde quer chegar. Acabou.
5. Este é o quarto... dos pais e de um bebé. Tem um cortinado, um candeeiro e uma mesa de cabeceira do lado da mãe, pois se o bebé tiver algum problema, a mãe acende a luz rapidamente, enquanto o pai dorme à vontade... Acabou.
6. A família urso hibernou pois é Inverno. O pai e a mãe urso dormem juntos enquanto o filhote vê a chuva cair na sua cama de palha. A toca tem raízes de árvores que estão por cima da toca. Ela, a toca, é muito larga porque senão os ursos não se conseguiam mexer. Acabou.
7. Na selva, o tigre mauzão ataca o macaco... inocente. O macaco quer fugir do tigre que tem riscas castanhas... pelas lianas das árvores... se conseguir. Coitado do tigre, pois vai bater com a cabeça no tronco da árvore, enquanto o macaco já lá está em cima. Acabou.
8. A família macaco quando acaba de jantar, toma o café e conversa sobre o dia, enquanto o macaco mais velho brinca com o macaco de plástico... os pais estão sentados num sofá às flores muito bonitas e o irmão mais velho que é o

macaco, está sentado num banco a condizer com o sofá. Acabou.

9. (Suspira) Este o quarto do Quincas, o coelho. Ele está deitado a olhar para a porta... com a sua mesa de cabeceira com gavetas, com um candeeiro em cima, um boneco e um espelho metido na parede ao lado da janela com cortinados. O quarto do Quincas é muito bonito... adorava tê-lo. Acabou.

10. O cachorro não se limpou ao sair da sanita portanto, o cão tem que estar a limpar o rabo e depois vai ficar de castigo porque não se limpou. A casa de banho tem uma toalha ao lado do autoclismo e um armário em baixo, com os rolos de papel higiénico e medicamentos. Acabou.

João 10A

1. Era uma vez três pintainhos que estavam a comer... Como é que isto se chama?... milho. Uma mesa... estou a pensar uma coisa da galinha... a galinha estava a vê-los comer... a galinha estava triste porque também queria comer... e os pintainhos, como achavam que ela estava triste, deram-lhe também comida, deixaram-lhe um bocadinho para ela comer... estou aqui a pensar num final... E assim todos ficaram contentes e...
2. Era uma vez... já sei. Era uma vez dois ursos que estavam a medir força num monte. Um, como tinha muita força ganhou ao outro, o outro ficou triste e foi chamar o filho para o ajudar e depois foi ter com... o que lhe tinha ganhado há pouco tempo e disse que agora ia medir forças também com o filho dele a ajudar... e assim eles já conseguiram ganhar.
3. Um leão... é difícil... Era um vez um leão que era... era o rei daquele castelo, mas como já estava muito velho estava a pensar num animal para o substituir, mas não sabia quem haveria de ser... Então, foi pedir ao filho se o queria substituir, o filho aceitou e passado um tempo, o leão morreu e ficou o filho a mandar no castelo.
4. Era uma vez uma mãe canguru que tinha dois filhos... Ao fim de semana, como não tinham nada para fazer, os filhos zangavam-se e então a mãe como não gostava de os ver zangados teve uma ideia... disse que ia fazer uma visita à tia. Foi às compras, comprar leite para oferecer tia e disse aos filhos... "um de vocês vai de bicicleta e outro vem comigo e, vamos fazer uma corrida até casa da vossa tia. Os dois concordaram, a mãe pegou no chapéu e na mala e no cesto das compras e foram a caminho... A mãe, como dava saltos muito grandes, ganhou ao filho que ia na bicicleta. O que ia na bicicleta, a principio ficou chateado porque queria ser ele a ganhar a corrida, mas quando foram para casa, a mãe deixou-o, o que ia na bicicleta, ganhar. E assim ficaram todos contentes e felizes.
5. Era uma vez quatro ursos. À noite, um dos filhos tinha... medo do escuro, o outro como era mais velho não tinha medo... Então o mais velho explicou ao mais novo que o escuro não fazia mal... A principio o mais novo não acreditou mas como o mais velho insistiu muito, ele acreditou... então o mais novo ficou feliz por ter um irmão que lhe ensinava muitas coisas.
6. Isto também são ursos... Era uma vez dois ursos que tinham um filho...

estavam a hibernar numa caverna... o filho que não gostava de estar assim tanto tempo dentro de uma caverna... ficou sempre acordado. Quando chegou a Primavera, o filhote ainda estava a dormir, assim, os pais tiveram que o acordar, mas o filho não gostava nada de ser acordado. Quando chegou ao Inverno outra vez, não ficou acordado.

7. Era uma vez um tigre que estava na selva esfomeado, até que encontrou o macaco em cima de uma palmeira. O tigre, como estava cheio de fome disse ao macaco: "anda cá abaixo que eu te quero cumprimentar"... O macaco como não percebeu a artimanha do tigre, desceu, o tigre quando viu que o macaco já estava no chão, saltou para cima dele, para o comer. O macaco ainda teve tempo de fugir e nunca mais, quando lhe pediram para ir ao chão, para lhe cumprimentar, ele nunca mais foi.

8. Era uma vez uma macaca que tinha um filho, um dia convidou dois vizinhos para ir a casa dela beber chá... o filho da macaca como não gostava nada dos vizinhos pôs-se a dizer mal deles. Os vizinhos como não gostaram daquilo, puseram-se a dizer que nunca mais iam deixar que o filho deles brincasse com o outro... enquanto a mãe ralhava com o filho. E assim, o filho ficou triste de nunca mais brincar com os amigos e passado pouco tempo já não dizia mal de ninguém.

9. Era uma vez uma coelhinha que andava num colégio onde as aulas começavam muito cedo. Então os pais quando iam trabalhar diziam-lhe sempre: "quando chegares do colégio, tomas banho e pões a mesa"... A filha fazia sempre o que os pais lhe mandavam. Quando a mãe chegava a casa, era só fazer o jantar e pôr na mesa... Mas um dia havia uma programa de televisão que a coelhinha gostava muito, então nesse dia quando se foi deitar deixou a porta aberta e viu o programa todo. No outro dia acordou tarde e chegou atrasada ao colégio. A professora ralhou com ela e então a coelhinha nunca mais deixou a porta aberta.

10. Agora é mais difícil... Era uma vez um cão que tinha um filho muito traquina... que nunca fazia o que o pai mandava. O pai dizia-lhe sempre para que quando fosse brincar com as coisas dele, depois deixasse tudo arrumado e ele nunca deixava nada arrumado. O pai mandou-lhe ir tomar banho e ele não quis. Então o pai ficou zangado de ele nunca lhe obedecer e então bateu-lhe. Assim, o cão nunca mais desobedeceu ao pai nem a ninguém.

Marcos 10A

1. Era uma vez uma galinha que tinha três pintainhos. Um dia, já era hora do almoço mas a galinha estava a demorar-se a arranjar o almoço, os pintos estavam esfomeados e estavam sempre a pedir comida. A galinha acabou e disse: "aqui está o vosso comer, comam à vontade". Eles comeram e no fim... queriam mais mas a galinha não tinha mais comer, só tinha um bocadinho para ela. Os pintainhos ficaram tristes mas entenderam que não podiam comer mais e foram brincar.

2. Era uma vez três ursos: a mãe, o pai e o filho. Então o pai urso julgava-se muito forte, dizia que tinha mais força que a mãe e o ursinho juntos, mas a mãe e o ursinho não pensavam assim. E então um dia, agarraram numa corda e deram ao pai e disseram: "então vamos pegar nesta corda e vamos ver se tens tanta força como dizes". Então, a mãe e o filho urso começam a puxar, o pai urso também. Uma vez ia o pai urso atrás da corda, outra vez a mãe e o filho, só que a corda começou a partir-se e então a mãe urso e o filho urso começam a conseguir mais força mas o pai aguentava. A mãe e o filho urso puxam muito, a corda partiu-se e caíram os três e assim souberam que o pai urso tinha tanta força como a mãe e o filho juntos.

3. Havia um leão já um bocado velho que era muito sábio, então um dia, um rato foi-lhe perguntar: "Leão sábio, porque é que tu és tão grande e eu tão pequeno?". O leão ia-lhe responder mas não conseguiu... então o leão para não parecer mal disse: "hum... não sei bem isso, ainda tenho que consultar os meus livros" e o rato disse que esperava mas que o sábio leão se despachasse o mais depressa possível, o rato dirigiu-se para a toca. O leão não sabia o que havia de fazer e então "vou matar o rato e então já não tenho que dizer nada", mas havia uma leoazinha que era muito amiga do rato e então foi dizer ao rato. E o rato quando soube disse assim: "Ah! então aquele leão sábio não nada sábio", e então o leão que não sabia que o rato já sabia, fez muitas armadilhas e então o rato saiu daquela toca. Primeiro, o leão atirou uma bomba de gás mal cheirosa para ver se o rato saía, mas o rato não saiu. Depois, pôs queijo e preparou-se com um martelo para lhe dar, mas o rato pôs um rato robot com um alarme e com uma bomba que adormece. Então, quando ele bateu com um martelo naquilo, saiu um gás que o fez adormecer e fez um barulho que todos os outros leões vieram ver o que tinha acontecido. Quando os outros chegam, o rato disse tudo o que tinha acontecido e eles foram ver a sua cadeira e tinha lá uma espécie de rádio que dizia assim coisas. E então, eles descobriram que o

leão era uma pessoa que enganava, que não sabia nada e então expulsaram-no de lá daquele sitio. Aquela coisa estava avariada e ele não conseguiu responder pergunta do rato.

4. Era uma vez uma mamã canguru fêmea, teve dois filhotes e então como não cabiam na sua bolsa os dois, não sabia o que havia de fazer. Não podia levar um e deixar o outro, mas ela não lhe vinha nenhuma ideia e então teve que ser. Vieram os caçadores para apanhar animais para o circo e então a mamã como não tinha espaço para os dois, levou só um e o outro foi apanhado e levado para o circo. Passado meses, a mamã queria recuperar o seu filho e um dia foi ao circo mascarado de senhora e tentou recuperar o seu filho. O seu filho fazia um número de bicicleta e ela quando viu que ele estava lá, fez um sinal e ele reconheceu a mãe. A mãe fez-lhe uns gestos e ele percebeu o que queria dizer, quer dizer, quando ela assobiasse, que era para fugir. A mamã passado poucos momentos assobiou e então o filho virou a direcção e foi em direcção à porta. Alguns guardas tentaram deter, mas a mãe foi contra eles e eles conseguiram passar. Depois foram fugir mas os cães continuavam atrás deles. Então, quando conseguiram livrar-se deles... Mas o bebé canguru passado poucos dias, quando já estava em casa começou a ficar triste e a mãe perguntou-lhe "porquê" e o bebé canguru disse-lhe, porque tinha saudades do circo, gostava muito, já tinha muitos amigos. "Está bem, eu digo-te, se quiseres ir vai, que eu autorizo-te a ir mas com uma condição, vens cá nos visitar de vez em quando". Então o canguru prometeu que assim o faria e então, todos os meses, uma vez por mês ele ia visitar a mãe e o irmão, até ganhar a reforma.

5. Era uma vez uma senhora e um senhor que já eram casados há muito tempo e que nunca tinham um filho mas gostavam muito de ter. Um dia a senhora foi ao médico, porque estava a engordar e sentia-se mal disposta às vezes. Então o médico fez-lhe exames e disse-lhe que ela estava grávida... Passado nove meses teve um filho. Então, mas ele no principio como não tinha nenhuma cama puseram-no na cama que tinham. Um dia, o marido disse: "mulher temos que comprar uma cama para o nosso bebé, ele não pode ficar sempre aqui na nossa cama". A mulher concordou e um dia foram a uma loja e compraram uma cama. O bebé como já tinha dois anos, já gostava muito dele, só que ele estava um bocadinho infeliz e a mãe perguntou: "filho, porque estás assim infeliz?". "Estou muito sozinho, não tenho ninguém e tenho medo do escuro". Então, mas eles não sabiam o que haviam de fazer, então quando já estava mais perto do aniversário do bebé, o marido lembrou-se de lhe dar como presente, um ou dois ursinhos de peluche. Podia ser um da mulher e outro dele.

Podia ser que ele ficasse mais alegre, e contou à mulher e ela achou muito boa ideia. E então, quando foi os anos do bebé deram-lhe dois ursinhos de peluche. O bebé perguntou o que é que era e eles disseram: "É para te fazer companhia quando fores para a cama e assim já não tens medo do escuro". O bebé foi experimentar e então nessa noite. E depois, de manhã, o pai e a mãe foram lá perguntar: "então, tiveste medo do escuro?" e ele disse que não porque já tinha muita companhia e já não se sentia tão só e já não tinha medo do escuro, e agradeceu muito aos pais.

6. A mamã e o papá urso tinham um filho que era muito rezingão e que nunca ouvia o que o pai e a mãe diziam. O pai e a mãe diziam-lhe sempre: "não vás lá para fora porque há feras ou então os homens podem-te matar". Mas ele não quis ouvir e um dia quando o pai e a mãe estavam a dormir ele saiu muito devagarinho pela toca e foi passear. Então quando ele chegou ao alto de um monte viu assim uma coisa preta que era um tubo. De repente, apontou para si. Ele pensou que fosse qualquer animal e quis brincadeira com ele e então chegou lá e quando vinha a correr e ouviu um barulho grande e ao mesmo tempo um bocadinho de terra ao pé dele a levantar-se, ele assustou-se. Mas ia para recuar mas também queria brincadeira. Mas esteve receoso, podia ser para lhe fazer mal, lembrou-se do que o pai lhe disse, podia ser um homem. Então, vinha a fugir e ouviu outra vez barulho e caiu e doeu-lhe uma pata e quando olhou, viu que tinha sangue na perna. O pai e a mãe urso, que tinham acordado com o primeiro tiro e conseguiram, quando o urso foi atingido, conseguiram tirar o urso do caçador, e então levaram-no para casa e trataram dele, e ele recuperou depressa mas quando já estava recuperado ouvia sempre as coisas do pai e nunca saía, pois aquele susto tinha modificado a vida dele.

7. Havia um tigre na selva que era muito mau e muito feroz e não gostava nada de outros animais e dizia que havia lá um sítio na floresta que era só dele e quem entrasse matava-o, pois tinha lá um lago que era um dos únicos das redondezas, que os outros eram muito longe e só ele que podia beber daquela água, mais ninguém. Os animais tinham que fazer uma viagem muito grande para ir beber, iam já mudar de terra. Até que o macaco disse: "não podemos sair assim da nossa região", então ele foi lá ao sítio do tigre e pôs-se à beira do lago e chamou o tigre. Quando o tigre veio, viu e atirou-se ao macaco. O macaco rapidamente atirou-se a agarrou-se num ramo, enquanto o macaco fugia o tigre tentava apanhá-lo, até que o macaco ficou mesmo encurralado. Então, o tigre atirou-se ali, mas no último momento, o macaco saltou por cima do tigre e o tigre caiu dentro de água e como o tigre não conseguia nadar, afogou-se e morreu. E assim, já os outros animais não tiveram que mudar de sítio, ficaram a viver

naquela região.

8. Havia um senhor e uma senhora macaca que eram muito ricos mas tinham uns amigos que eram pobres, que eram muito amigos deles. Um dia houve uma festa lá em casa e convidaram pessoas amigas, convidaram uma senhora que era essa amiga pobre. Havia lá muito comer e durante o jantar foi lá o filho da senhora pobre e pediu à mãe um pouco de comer. A mãe disse: "não, não, lá para fora que não és convidado". E o macaco ficou muito triste. O pai estava a ler o jornal em casa e viu lá um artigo, um anúncio, que dizia sobre um sítio onde os macacos eram felizes e havia lá pouca falta de comer e então o macaquinho resolveu-se fugir de casa. E fugiu e então foi para lá para aquele sítio, mas sentia saudades da mãe e do pai, e então voltou para casa.

9. Uma coelha?... Havia um coelho lá na aldeia que tinha um quarto muito bonito e dizia que era o quarto mais bonito das redondezas e achava-se muito vaidosa. E um dia, mudou-se para lá uma família rica. E então, uma filha dessa família rica convidou uma amiga daquele sítio. Quando a amiga viu o quarto dela achou-o muito bonito e disse que era mais bonito do que o do coelho vaidoso e foi dizer a todos. Mas a coelha vaidosa disse: "não, não pode ser". Quando foi lá ver também achou, e voltou para casa triste, e foi buscar muitas flores e decorou, e como era muito vaidosa, disse que era o mais bonito. Mas como estava um vendaval, as flores voaram e murcharam e depois ficou o quarto mais feio de lá e todas as pessoas gozavam com ela e diziam: "olha, olha, a senhora com o quarto mais bonito do mundo".

10. Era um vez uma família de cães que vivia numa casa e então um dia o pai, o filho gostava muito de gozar e fazia partidas, e uma vez o pai foi à casa de banho e ele pôs um balde de água, uma maquina que accionava aquilo e quando estava na sanita e a parte de cima do autoclismo abria e saía água. Então quando o pai estava na sanita, ele carregou num botão, saiu muita água, e molhou o pai. Então o pai cão ficou muito zangado e fez também uma armadilha, uma partida. Chamou o filho e disse-lhe assim: "tens tantas pulgas, põe-te aqui nos meus joelhos para eu tas tirar". Então ele disse: "está bem pai" e pôs-se lá. Quando ele se deitou lá nos joelhos, ele começou-lhe a bater e depois o cãozinho ficou muito zangado com o pai porque bateu-lhe e mentiu-lhe. Um dia começaram a falar e fizeram as pazes e o pai disse: "não faças aos outros o que não gostas que te façam a ti".

Tiago 10A

1. Era uma vez uma galinha, um galo que disse aos seus três filhos pintainhos que hoje, para eles virem para casa mais cedo que ia haver uma surpresa para eles, um comer que eles nunca tinham comido. Então o galo disse para eles estarem em casa ao meio-dia para irem comer. "Vamos que estamos desejosos de saber qual o comer novo". E eles lá foram brincar perto do rio. Mas houve um que viu que estava lá um peixe e disse: "Ah! se calhar vou levar este peixe para casa". Saltou para o rio para apanhar o peixe e depois ele caiu no rio e ficou lá. Os outros dois foram chamar o galo para o ir buscar. O galo foi lá e trouxe o pintainho, depois foram comer e brincar e acabou.

2. Um dia de manhã, os três ursos irmãos decidiram ir brincar para o rio. Então o maior disse: "vamos jogar ao jogo da corda a ver quem é que puxa mais". Mas o pequenino e o médio disse: "mas nós somos pequeninos". Então o maior ficou de um lado e o pequeno e o médio do outro e o maior começou a dizer: "pomos aí um pau para ver quem chega primeiro a esse sítio. Então o pequeno e o médio puxam tanto que o maior não aguentou. Aquilo era um monte, estava inclinado e vieram todos ter cá abaixo. Começam a ralar uns com os outros, não sabiam quem tinha tido a culpa, e o médio e o pequeno disseram que tinha sido o grande. O grande ficou todo chateado porque era ele que tinha perdido. Depois o pequeno disse que haviam de fazer este jogo outra vez. Foram para casa comer e acabou.

3. Um dia tarde, um leão disse para um ratinho que vivia com ele: "acho que estou a ficar velho". E o rato disse: "acho que vou ver se há algum leão aqui na selva que possa ficar no trono". Então o leão escreveu uma carta: "Rato, vais até ao bosque ver se encontras um leão meu amigo". O rato lá foi ver se encontrava o amigo para ficar no trono porque o leão já não aguentava muito tempo. Então o rato foi lá entregar a carta a outro leão que estava no bosque, e à direita viu logo o primeiro leão e disse... mostrou-lhe a carta e disse que o rei já não aguentava muito tempo. "Está bem, diz que hoje vamos fazer um jantar para combinar isso e eu chamo amigos também". E combinaram para estarem todos juntos em casa do leão no palácio às 11 horas da noite. Então, passado 3 horas, lá estavam eles. Ficou combinado que o mais velho, D. Luís, que podia ficar no trono, e assim foi. No dia seguinte, o leão grande decidiu partir para outra terra e o barco bateu numa rocha e o leão morreu. E o D. Luís quando soube, foi logo para o trono e depois o D. Luís quando viu o ratinho perguntou como se chamava e donde tinha vindo. Ele disse que já há muitos

anos que vivia com o leão e quando viesse um amigo haviam de se conhecer. E assim conheceram-se, e ficaram amigos os dois e viveram felizes para sempre.

4. Um dia, a mãe canguru disse para o filho que costumava andar de triciclo: "eu acho que tu tens de ir ao bosque contactar com o médico que está-me a nascer um filho e eu preciso de alguém que trate do filho quando nascer. E o pequenino disse: "mas para isso eu tenho que demorar quase um dia e assim não dá". "Por isso eu vou lá ver se encontro o médico e tu ficas aí a andar de bicicleta". E assim foi, a mãe foi a correr. Mas na altura que estava a correr, o filho nasceu e ela ainda não tinha chegado ao bosque. Ela continuou a correr a ver se ainda dava tempo. Logo que chegou à cidade viu logo um médico: "nasceu quando eu vinha e não posso demorar muito tempo porque tenho o meu outro filho". E assim, o irmão, quando viu o irmão, o bebé, ficou muito contente. E o médico disse que o filho não podia andar fora da bolsinha que os cangurus têm porque ficava doente. A partir desse dia, convidaram amigos, foram passear e fazer piqueniques e a partir daí, ficou uma família feliz.

5. Num feriado chuvoso, os ursinhos disseram para a mãe e para o pai: "estou cheinho de frio". E a mãe disse: "então dorme mais um bocadinho que depois o pai faz brinquedos de brincadeira e vocês brincam no vosso quarto". E assim foi, dormiram mais cinco horas e os pais ficaram descansados. Depois quando os ursos acordaram começaram a dizer: "pai, vai fazer brinquedos para nós". O pai levantou-se e foi fazer. Dez minutos depois, já os tinha feito. Os dois ursinhos começam a brincar, mas depois olham lá para fora e viram que já não estava a e chover, foram jogar ao berlinde. De repente, vem uma grande ventania e ficam assustados e chamam pela mãe e pelo pai. Então a mãe levou o Manuel e o pai levou o Luís, o Tiago. Quando chegam a casa, a mãe disse: "É melhor não irem lá para fora, o tempo não está bom, fiquem aqui a brincar, que logo temos visitas, vêm cá os teus amigos, tu fazes anos (Tiago), e o pai foi de carro até à cidade comprar a prenda para o Tiago". Quando ele chegou, estavam os meninos a brincar, a comer bolos, a beber sumos e a mãe ficou muito contente. O Manuel estava triste porque não fazia anos e a mãe disse: "está descansado que a tua festa ainda vai ser mais bonita, é no Verão". Às oito horas, os pais foram buscar os meninos, "É melhor irem-se deitar porque amanhã há escola". Os meninos deitaram-se e depois estavam bem dispostos para ir para a escola.

6. São lobos. Um dia, os lobos vieram para um bosque ver se encontravam um

sítio de abrigo. Começaram a procurar e o pequenino disse para a mãe: "estou com fome". E o pai disse: "está descansado que já vou procurar comer". Depois encontraram uma gruta sem ninguém e lá ao fundo viram uma luz e o pai disse para ficarem calmos que ele ia ver o que era. Não era nada, era só o sol que tinha passado ali. Depois a mãe disse: "Jorge, ficas aqui que eu vou ver se há comida aí no bosque". Foi, trouxe comida e o bebé começou a comer. Ficou cheio de força. "Vamos dormir para amanhã ver se encontramos outro sítio. Uma gruta não é segura, podem cair as pedras...". Jantaram e foram para a cama. No dia seguinte, a mãe, o pai e o filho foram à procura de casa que ficava mesmo na cidade, mesmo boa para eles. A partir daí, ficaram todos felizes e a brincar muito uns com os outros.

7. Era uma vez um leão que gostava muito de comer macacos. Começou a ver que estava a ficar com fome: "aqui há muitos macacos, vou ver se apanho um". Andou, andou, nada. "O que aconteceu ao macaco, que não há nenhum?". De repente, viu um pendurado numas cordas e começou a dizer para o macaco: "vou-te comer". O macaco ficou cheio de medo e disse: "não me comas que a espécie de macacos está a acabar". "Mas estou cheio de fome". "Então vai à cidade e pede comida". O macaco ficou descansado porque isso era mentira e quando o leão chegou à cidade, procurou, procurou e não achou nada. No dia seguinte, encontrou o mesmo macaco e disse: "agora é que eu te como". E comeu mesmo. Levou para a sua toca e começou a comer. Depois o macaco já estava morto e o leão começou a pensar: "acho que fiz mal porque se já não há mais macacos, tenho que ir para outra floresta do Norte". Quando chegou lá, viu outros leões e ficaram amigos e começaram a brincar.

8. Era uma vez uma família de macacos, o filho chamava-se Macacão, o primo Leonardo, a mãe Rosinha e o pai Alberto. Era uma família muito grande. "Olhem para a figura da avó", que estava num quadro e disse: "gostava tanto que a avó estivesse cá, que não tivesse morrido, para brincar com eles". A mãe e o pai começam a segredar a dizer que o primo devia estar a exagerar demais a brincar com o pequenino. O pai disse à mãe a segredar: "vem ali à cozinha para ver se ele desiste". Quando lá chegou viu que ele estava bulha e disse: "nada de andarem à guerra". E a mãe disse: "eu não fiz nada para ver o que ia acontecer". E o pai disse: "porquê? não devias ter feito isso porque o bebé agora está aleijado". Eles disseram ao primo para ir lá fora porque o bebé tinha que ir dormir a sesta. A mãe e o pai foram levar o primo lá fora e disseram: "já está livre hoje do primo". O primo: "vocês não gostam de mim e eu vou para minha casa". E a mãe e o pai ficaram a olhar para o primo, não sabiam o que haviam de dizer: "amanhã, ele já está outra vez nosso amigo".

No dia seguinte fizeram um lanche, fizeram as pazes com eles e ficaram amigos e a partir daí, o primo soube que o bebé... , ele tinha que dormir a sesta. Fizeram um lanche e dançaram e fizeram muitas coisas.

9. Um dia de tarde (Primavera), um coelho estava desejoso de ir brincar. A mãe disse que chamava os amigos porque ele tinha tido muita febre. O coelho disse: "vai chamar o Manuel, o João e o Ricardo". E a mãe disse: "está bem mas eu digo a eles para trazerem uma bola e vocês têm aqui este espaço para brincar". O Manuel não estava, só o João e o Ricardo "somos três, não faz mal". Brincaram, depois chatearam-se de brincar à bola: "vou lá abaixo à cozinha perguntar à minha mãe onde estão os brinquedos de madeira que o meu pai quando morreu fez para mim". A mãe disse que estavam arrumados no sótão. Foram brincar, fizeram estradas e brincaram o dia todo. Depois a mãe disse: "vamos lanchar", e eles foram. À noite, a mãe disse: "Acho que o filho está a ficar outra vez com febre, vocês vão para casa que eu vou dar banho e depois ele vai dormir". Ele jantou, dormiu e no dia seguinte já estava bom. Foi para a escola, a professora ficou muito contente quando ele veio e até fizeram uma festa. E a mãe veio e estiveram lá a brincar.

10. Era uma vez uma família de cães, era a mãe e o filho, a mãe disse para o filho: "filho, ficas aqui na casa de banho que eu tenho que ir lá abaixo". O filho começou a partir as sanitas e a gastar água. Quando a mãe veio, pegou no filho, sentou-se no banco e começou a dar palmadas. "Agora tenho que chamar um canalizador". "Também só parti a sanita". "Ai queres levar mais". O filho ficou de castigo, a mãe foi chamar o canalizador. "Quanto é que custa uma sanita destas?". "Aí uns cinco contos e depois mais a mão de obra, mais um conto, por isso fica em seis contos". "Eu vou pagando em prestações, agora dou dois contos e depois mais dois, por isso daqui a quatro meses já tenho a conta paga". Ele arranjou, pagou os dois contos do mês de Janeiro, "vá lá, agora também não te portaste mal, se a conta fosse maior, não ficas de castigo uma semana, só uns dias". E assim foi. Brincou, mas a mãe disse: "vais fazer os trabalhos e depois é que brincas". Ele fez os trabalhos e depois foi brincar para a rua. Fizeram equipas e atiraram bolas de neve. A mãe ficou em casa, fez a comida e eles comeram. A mãe disse: "vocês podem ficar cá em casa que eu só tenho ele". Depois ficaram lá em casa, e ficou uma família feliz com seis cãesinhos.